2,058,01,01

REALIDADE

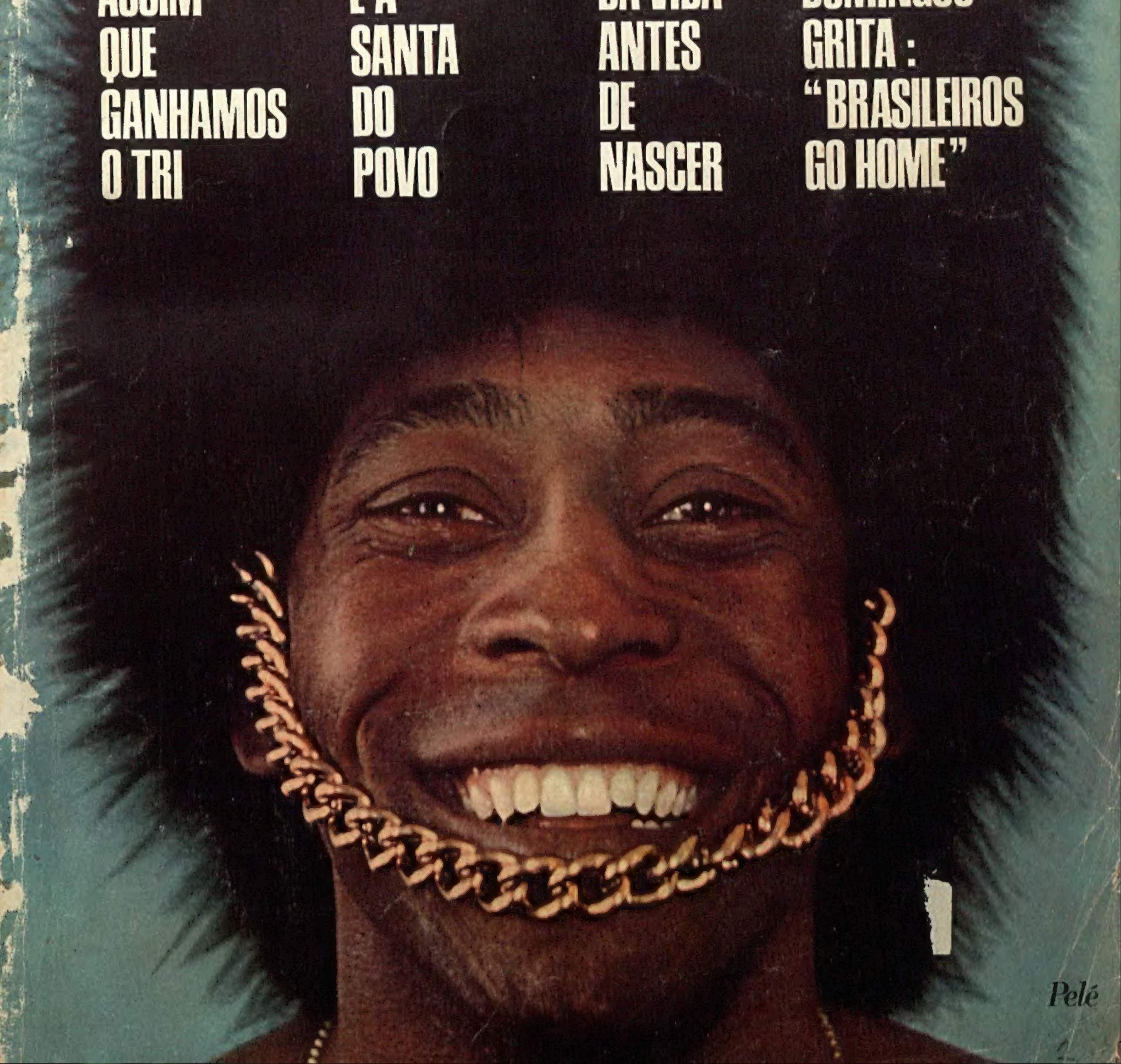
UMA PUBLICAÇAO DA EDITORA ABRIL • ANO I • NUMERO 1 • ABRIL DE 1966 • Cr$ 700

FOI ASSIM QUE GANHAMOS O TRI

APARECIDA É A SANTA DO POVO

AS FOTOS DA VIDA ANTES DE NASCER

SÃO DOMINGOS GRITA: "BRASILEIROS GO HOME"



Pelé

Homens que vencem em tôda a linha usam

perVinC-70

VINCO PERMANENTE — LEVE — AGRADÁVEL DE VESTIR — AREJADO

Quem sabe o que quer escolhe um tecido de características únicas: climático, de caimento impecável, de côres e padrões atualizados.

TERGAL® LA

SANTISTA

na confecção ou a metro, exija a marca na ourela

BNMG

O Banco Nacional saúda o nascimento de Realidade e sente-se bem à vontade ao fazê-lo. Êle e a Abril têm muita coisa em comum.

O negócio do Banco Nacional é emprestar dinheiro.
O negócio da Editôra Abril é editar revistas.
Mas a explicação para o sucesso dos dois é pràticamente uma só.
Foi a vontade de tornar-se um banco moderno e atualizado, identificado com o progresso brasileiro, que levou o Banco Nacional a ser o pioneiro em muitos setores da atividade bancária.
Uso de computadores eletrônicos, introdução de recepcionistas do sexo feminino, criação de cheque de viagem, valorização do homem através do crédito pessoal, criação do crédito profissional.
Assim também, foi a vontade de satisfazer um nôvo tipo de leitor, exigente e sofisticado, que levou a Abril a fazer uma revolução editorial. Construiu um parque gráfico igual aos melhores do mundo. Contratou a melhor equipe de jornalismo ilustrado no País. Fundou as melhores revistas brasileiras.
Faltava uma, para pessoas inteligentes.
Faltava "Realidade". Feita para um público que gosta de exigir o melhor.
Um público que deve ser cliente do Banco Nacional, por exemplo.

BANCO NACIONAL
DE MINAS GERAIS S. A.

o banco que está a seu lado

Carta do Editor

Temos o prazer de apresentar o primeiro número de REALIDADE, nôvo lançamento da Editôra Abril. Há 16 anos vimos editando revistas para o público brasileiro, acompanhando a extraordinária evolução do País. O Brasil vai crescendo em tôdas as direções. Voltado para o trabalho e confiante no futuro, prepara-se para olhar de frente os seus muitos problemas a fim de analisá-los e procurar solucioná-los. E é por isso que agora surge REALIDADE. Será a revista dos homens e das mulheres inteligentes que desejam saber mais a respeito de tudo. Pretendemos informar, divertir, estimular e servir a nossos leitores. Com seriedade, honestidade e entusiasmo. Queremos comunicar a nossa fé inabalável no Brasil e no seu povo, na liberdade do ser humano, no impulso renovador que hoje varre o País, e nas realizações da livre iniciativa. Assim é com humildade, confiança e prazer que dedicamos REALIDADE a centenas de milhares de brasileiros lúcidos, interessados em conhecer melhor o presente para viver melhor o futuro.

Victor Civita

REALIDADE

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL - ANO 1 - NÚMERO 1 - ABRIL 1966

BIBLIOTECA BRASIL NACIONAL
I 00000 12306 DL
2,058,01,01
C+. 878923 B. 213659.

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Redação

Redator-Chefe: Paulo Patarra
Editor de Texto: Sérgio de Souza
Redatores: Carlos Azevedo,
Micheline Gaggio Frank,
Narciso Kalili, José Carlos Marão,
Luiz Fernando Mercadante,
Hideo Onaga
Pesquisa: Duarte Lago Pacheco
Secretário Gráfico: Woile Guimarães
Chefe de Arte: Eduardo Barreto Filho
Diagramadores:
Jaime F. Figuerola, Rubem B. Moraes
Fotógrafos: Roger Bester,
Walter Firmo, Lew Parrella
Sucursal, Rio: Alessandro Porro,
Milton Coelho, Nélson di Rago

Administração

Diretor: J. Natale Netto
Diretor Comercial: Alfred Nyfeller
Vice-Diretor de Publicidade:
Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo:
Rubens Molino
Representantes, São Paulo:
Luiz Celso Faria do Amaral,
Pérsio Pisani

Representantes, Rio: Kleber V. Buhr,
Álvaro Ceciliano Filho
Pôrto Alegre: Jesus C. Ourives
Belo Horizonte: Afonso Tôrres
Curitiba: Edison Helm
Diretor Administrativo de
Publicidade:
Antônio Cioccoloni
Diretor do Escritório do Rio:
André Raccah

Diretor Editorial: Luís Carta
Diretor Comercial:
Domingo Alzugaray
Diretor de Publicidade:
Paulo Funke
Diretor Responsável:
Edgard de Sílvio Faria

Realidade é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação, Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º, São Paulo / Administração: Rua Álvaro de Carvalho, 48, 6.º e 7.º andares, São Paulo / Sucursal, Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 18.º, fone: 23-8913 / Sucursal, Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 134, 6.º, fone: 4778 / Sucursal, Belo Horizonte: Av. Goitacazes, 43, cj. 301-2, fone: 4-7146, Sucursal, Curitiba: Edifício Galeria Tijuca, Rua Cândido Lopes, 11, 15.º and. cj. 1516 — C. Postal 3.121,, Tel.: 4-5937 - 4-9427. Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preços: exemplar avulso Cr$ 700. Assinatura semestral Cr$ 4.200. Assinaturas anual Cr$ 8.400. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, Rua República do Líbano. 19; São Paulo, Rua Martins Fontes, 163-165. Pelo Correio: Caixa Postal 7901. / Todos os direitos reservados. / Impressa em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. Soc. Anônima Impressora Brasileira, São Paulo. As opiniões que aparecem nos artigos assinados não representam necessàriamepte o ponto de vista da revista, podendo até ser contrárias a êste.

Capa

Pelé, tendo na cabeça o **busby** usado pelos guardas da rainha Elizabeth. É uma antecipação do final da Copa. Pelé sorriu 92 vêzes para o nosso fotógrafo.

Espaço	18	**O preço da Lua é a vida de um homem.** Se um ser humano fôsse lançado hoje para a Lua, a ciência ganharia 4 anos na corrida espacial. Mas, vale a pena?
Futebol	23	**Foi assim que ganhamos a Copa.** Uma reportagem-sonho que se passa em julho de 1966, na Inglaterra. E que esperamos venha a se transformar em fato.
Documento	30	**As revoluções que eu vi.** O repórter é Carlos Lacerda, narrando como foram as revoluções brasileiras a que assistiu, desde quando usava calças curtas.
Internacional	38	**Brasileiros, go home.** Dois repórteres viveram 20 dias com nossos pracinhas em São Domingos. E sentiram o ódio dos dominicanos pelos soldados "invasores".
Problema	51	**Linha, faz favor.** Um pouco da história, muitas informações e também alguma esperança, pois parece que há, finalmente, um telefone em seu futuro.
Religião	58	**A bênção, Senhora!** Um dos maiores cultos católicos do mundo: Nossa Senhora de Aparecida. A cidadezinha e os milagres da santa padroeira do Brasil.
Ciência	66	**Os dias da criação.** Por 7 anos, um fotógrafo sueco documentou, nos hospitais de Estocolmo, tôdas as fases de desenvolvimento do embrião humano.
Aventura	82	**Êste petróleo é meu.** Quando jorra o óleo da terra, êsse é o grito do herói anônimo que sofre, ama, ri e chora nos campos da Petrobrás, em Sergipe.
Mulher	94	**Ensaio em côr mulata.** Uma série de fotos acompanhadas de depoimentos de gente entendida para tentar definir a beleza e o encanto da mulata brasileira.
Perfil	101	**Eis Roberto Campos.** Êle quase foi padre e queria ser papa. Como pensa, trabalha e se diverte o homem mais combatido e menos conhecido do Brasil.
Depoimento	110	**As suecas amam por amor.** A atriz Ingrid Thulin fala com franqueza e coragem de liberdade, sexo, amor e igualdade entre o homem e a mulher de hoje.
Pesquisa	120	**Haja pinga.** Um ensaio sério, porém divertido, sôbre a bebida nacional. O que existe em tôrno dos 300 milhões de litros de cachaça que bebemos por ano.
Dinheiro	126	**O que você tem a declarar.** O fisco quer saber, pois está chegando a hora do impôsto de renda. Aprenda a declarar corretamente. E até a pagar menos.
Mistério	132	**Onde está o corpo de Eva Peron?** Uma pergunta que o mundo vinha fazendo há 13 anos. Uma equipe de jornalistas conseguiu a resposta, que é espantosa.

p. o. nascimento - ocar

A Sudene escolheu êste — para capacidade de 3,5 m³

O problema era selecionar o basculante mais adequado à abertura de milhares de quilômetros de novas estradas no Norte-Nordeste. Especificações, performances e qualidades foram comparadas. Venceu o LK 1111, basculante de cabina semi-avançada Mercedes-Benz. Seguindo rumo Rio-Recife está em marcha a "caravana do progresso". São os 90 primeiros LK 1111 de um total de 246 veículos, que estamos entregando à SUDENE com aplicação de meios de financiamento fornecidos pela USAID.

O LK 1111 reúne as vantagens de fácil acesso ao motor, grande capacidade de carga útil resultante da favorável distribuição do pêso sôbre os eixos, e maior comodidade para o motorista. Chassi com 3.600 mm de distância entre eixos. Econômico motor Diesel, 6 cilindros, 120 HP a 3.000 rpm. Eixo traseiro "322" de grande resistência, freio-motor e tôdas as características Mercedes-Benz de alta qualidade.

MERCEDES-BENZ DO BRASIL S.A.

cartas

Em fins do ano passado, REALIDADE saía da rotativa pela primeira vez. Foram impressos cinco mil exemplares de uma edição experimental, o chamado número zero. A pequena tiragem foi distribuída entre autoridades, anunciantes e um grupo-amostra de leitores em potencial. Abaixo, como REALIDADE vai fazer em todos os números (pois esta é a seção do leitor), reproduzimos trechos de algumas das cartas recebidas, comentando a edição-pilôto:

Sr. Diretor: Recebi o número de pré-lançamento da revista REALIDADE. Impressionou-me a esmerada qualidade do conteúdo e a apresentação da referida revista.

Rubens Jorge Montesano
São Paulo — SP

Sr. Diretor: REALIDADE deverá, sem dúvida, representar uma nova conquista no setor das atividades brasileiras.

Celso Mello de Azevedo
Presidente
das Centrais Elétricas
de Minas Gerais S.A.
Belo Horizonte — MG

Sr. Diretor: Parabéns pelo lançamento do número zero da nova revista REALIDADE. Pelo dedo se conhece o gigante. Felicidades.

Antônio Sílvio da Cunha Bueno
Deputado Federal
Brasília — DF

Sr. Diretor: Gostei muito da variedade de assuntos publicados. Faço votos de pleno êxito.

General Costa e Silva
Ministro da Guerra
Rio de Janeiro — GB

Sr. Diretor: A falta de uma boa revista de texto no Brasil é um fato. E REALIDADE vem preencher o vazio.

Hilcar Leite
Diretor-Técnico do Instituto
Verificador de Circulação
Rio de Janeiro — GB

Sr. Diretor: Felicitações pelo lançamento da revista. Terá seguro lugar na preferência do público.

Sebastião Dayrell de Lima
Presidente da Simca do Brasil
Santo André — SP

Sr. Diretor: Tenho em mãos o número zero da revista REALIDADE. Ao manifestar-lhe o meu agradecimento, desejo cumprimentá-lo pelos artigos abordados — honesto e seguros — que bem retratam o dinamismo dessa valorosa equipe. Parabéns portanto, por mais êste importante lançamento editorial.

Murillo Leite
Diretor-Superintendente
Rádio Bandeirantes S.A.
São Paulo — SP

Sr. Diretor: REALIDADE, a nova revista que se lança no cenário brasileiro, com o objetivo de retratar com fidelidade o que acontece em nosso país, é uma iniciativa das mais louváveis. Felicito-o por ela.

Ruben Berta
Diretor-Presidente da Varig
Rio de Janeiro — GB

Sr. Diretor: A apresentação da revista REALIDADE marca uma nova época de profissionalismo no campo editorial brasileiro.

J. H. Garner
Willys Overland do Brasil S.A.
São Bernardo do Campo — SP

Sr. Diretor: O número zero foi ótimo. Continue.

M. F. do Nascimento Brito
Diretor do Jornal do Brasil
Rio de Janeiro — GB

Sr. Diretor: Desejamos externar nossos efusivos cumprimentos pela iniciativa da Editôra Abril em lançar uma revista mensal, dirigida especialmente ao homem inteligente, à mulher moderna.

Ernesto Alves do Rêgo
Diretor Comercial
da Argos Industrial S.A.
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Apresento-lhe as minhas congratulações não sòmente pelo ótimo trabalho redacional exibido em REALIDADE, como também pela magnífica disposição e impressão tipográfica com que os assuntos são apresentados ao leitor.

Artur S. Amorim
Chefe do Gabinete
do Ministro Roberto Campos
Rio de Janeiro — GB

Sr.. Diretor: Quero cumprimentar a Editôra Abril por êsse feliz lançamento. Tenho a certeza, pela excelente amostra, que essa publicação se colocará entre as de maiores preferências dos leitores.

Jayme Rodrigues
Vereador
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Muito me entusiasmou a nova publicação, especialmente no que se refere ao formato. A grande variedade de artigos permite manter um alto grau de interêsse. Aguardo com bastante interêsse o número 1 de REALIDADE.

Niles W. Bond
Ministro, Consul Geral
dos Estados Unidos
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Congratulações pelo lançamento de REALIDADE que prenuncia — através da excelente apresentação e primorosa escolha de palpitantes temas — plena aceitação por parte do público.

José Tostes Alvarenga Filho
Presidente do Banco de Crédito Real
Juiz de Fora — MG

UM CRIADO
"ELETRÔNICO"
AS SUAS ORDENS

EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS PARA PORTAS E PORTÕES que permitem a abertura dos mesmos de dentro do seu automovel
e ainda
ALARMES ELETRÔNICOS CONTRA ROUBO

APARELHOS ROTATIVOS PARA ANTENAS DE TV.
PROTEÇÃO ELETRÔNICA CONTRA ACIDENTES
AUTOMATIZAÇÃO MECÂNICA, ELETRICA, E ELETRÔNICA, PARA INDÚSTRIAS EM GERAL

SESAMO

Consulte-nos sem compromisso

Indústria de Telecomandos
SÉSAMO LTDA.
Rua João Ramalho, 1.398
Fone: 62-6608 - São Paulo

"infelizmente, esgotou-se o primeiro número de Realidade"

É bem possível que isso aconteça, dentro de poucos dias. Portanto, depois de ler êste exemplar, guarde-o com cuidado. E guarde os outros, de todos os meses, para formar a coleção de REALIDADE. Ou você ainda não havia pensado em colecionar a mais importante revista brasileira?

pão propaganda

Salvador

tem um amigo no

BANCO LAR BRASILEIRO S/A

Dr. Manoel Villas-Bôas Machado, nosso Gerente-Coordenador em Salvador, conhece bem o comércio, a indústria, a agricultura e o comércio internacional do Estado da Bahia. Estamos orgulhosos do papel que vimos desempenhando no financiamento útil da produção e das exportações da Bahia.

O Dr. Machado e sua eficiente equipe estão às ordens dos clientes e amigos de nossas duas Agências em Salvador, como também de nossos clientes em todo o país, para ajudá-los a realizar mais e melhores negócios na Bahia e no mundo. E lhes oferecem, também na Bahia, a tradicional segurança, a conhecida cortesia e os serviços completos do Banco Lar Brasileiro.

IA-2.160

Há futuro em ser cliente do

BANCO LAR BRASILEIRO S/A

Associado ao THE CHASE MANHATTAN BANK New York

Fortaleza • Recife • Salvador • Belo Horizonte • Niterói • Rio • São Paulo
Santos • Campinas • Santo André • Curitiba • P. Alegre • Brasília • Goiânia

cartas

Sr. Diretor: A Editôra Abril e o Brasil estão de parabéns. Trata-se de uma publicação, no gênero, de alto nível gráfico, cultural e informativo.

Jorge Sawaya
Diretor-Presidente
da Sawaya, Pexton S.A.

São Paulo — SP

Sr. Diretor: Meus cumprimentos por mais esta realização, que vem confirmar a liderança da Editôra Abril no gênero, colaborando decisivamente para um maior conhecimento de nossa terra e nossa gente, bem como para o aprimoramento da cultura do nosso povo.

Alberto Bonfiglioli
Diretor da Cica
e do Banco Auxiliar

São Paulo — SP

Sr. Diretor: REALIDADE é uma boa realidade. Gostei da revista e felicito-o pelo trabalho. Parcimonioso na adjetivação, limito-me à afirmativa de que, continuando no roteiro estabelecido e na qualidade demonstrada, a revista terá êxito certo. Siga certo no rumo traçado e receba a certeza de que, entre seu público, aqui fica o torcedor e amigo.

José Bonifácio Coutinho Nogueira
do Conselho Nacional de Economia

São Paulo — SP

Sr. Diretor: Parabéns pelo lançamento de REALIDADE. Faltava no Brasil uma publicação do seu naipe. A mocidade brasileira, os homens de negócio e as mulheres dêste País poderão afinal contar com uma publicação viva e informativa, como a época exige. Será mais uma notável contribuição da Editôra Abril para todos os brasileiros.

Geraldo Alonso
da Norton Publicidade S.A.
Diretor Presidente

São Paulo — SP

Sr. Diretor: O êxito da revista servirá para aferir o nível de civilização da nossa gente.

Eudoro Villela
Diretor Presidente
do Banco Federal Itaú S.A.

São Paulo — SP

Sr. Diretor: Nossas congratulações e admiração pelo que REALIDADE representará entre nossos periódicos.

F. P. Garcia
Diretor da Shell

São Paulo — SP

Sr. Diretor: A nova revista está excelente. REALIDADE vai ser, melhor, já é, um sucesso. Formato, paginação, conteúdo editorial, tudo escolhido com cuidado e o sentido especial do que agrada.

Décio de Abreu
Diretor da Distribuidora Récord

Rio de Janeiro — GB

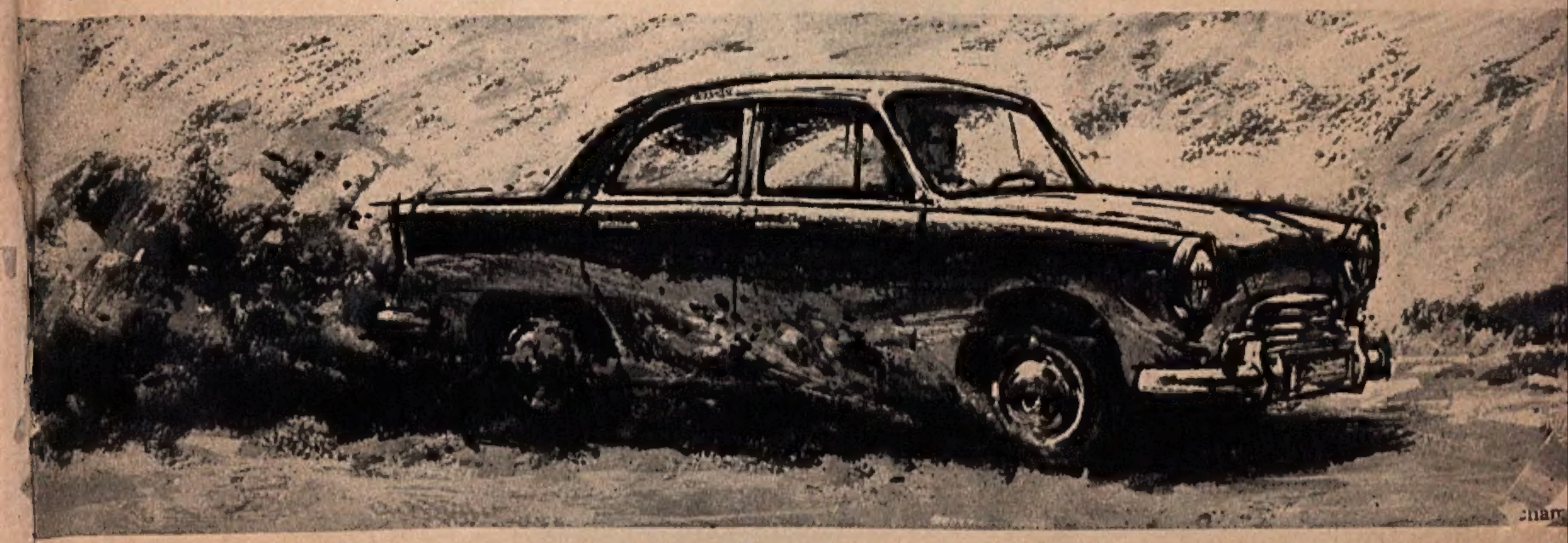
Cartas para REALIDADE: Rua João Adolfo, 118, São Paulo.

Quanto tempo vai durar esta "geral"?

Você tinha razão: esta lubrificação Marfak não dura apenas dois ou três dias. Valeu a pena mudar para Marfak - meu carro permanece mais macio e silencioso até a próxima "geral"!

O trabalho que recai nas articulações da suspensão é pesadissimo. Marfak forma uma película resistente e durável que "agarra" firmemente aos mancais e pontos de atrito.

O chassi sofre verdadeira "lavagem" pela água espirrada pelos pneus, além do "bombardeio" incessante da poeira. Marfak protege o chassi com uma camada impermeável e impenetrável, graças à excepcional qualidade dos óleos minerais e ingredientes que o compõem.



Marfak é um lubrificante de chassi que, devido às suas características incomuns, permite que seu carro permaneça mais silencioso ate a próxima lubrificaçao - mesmo sob o frio ou o calor mais intenso.

PEÇA UMA LUBRIFICAÇÃO MARFAK HOJE MESMO E RODE MACIO POR MAIS TEMPO

Prefira sempre os serviços do seu Revendedor Texaco - o melhor amigo do seu carro

TEXACO BRASIL S. A.

FÁBRICA EM SÃO CARLOS, SP.

Lembra como eram gostosos os lápis Johann Faber?

Ainda são. Não mudaram desde que você os conheceu. Ou melhor, há mais de 200 anos, desde que a Johann Faber existe, êles continuam da mesma forma: na ponta de lá, os melhores para escrever e na ponta de cá, a maior invenção do mundo para puxar pela cabeça. Bem, não podemos esconder o fato de as esferográficas e canetas-tinteiro Johann Faber também estarem caminhando para a mesma situação. Não que elas sejam mais gostosas que os lápis! É que tudo que traz o nome Johann Faber tem sempre a ponta de lá e a ponta de cá, uma para escrever e a outra para pensar. Daí, por mais que você tente evitar, um dia a ponta de pensar acaba ficando com essas duas marcas, inconfundíveis: Johann Faber e a sua, pessoal e intransferível. Diga que não!

Johann FABER

Lápis, canetas e esferográficas

pdp propaganda

panorama

televisão

100 bandidos morreram esta semana

Setenta foram mortos a tiros (12 por rajadas de metralhadora); 10 enforcados; 4 caíram em precipício; 8 atropelados; 3 afogados; 5 desintegrados por pistola atômica; 30 foram para a cadeia com ferimentos diversos; 22 se entregaram depois de violenta surra e um conseguiu fugir (mas deve estar sendo prêso agora). O balanço é de uma semana comum de lutas (61 filmes) nas 10 emissoras de televisão do Rio e de São Paulo, sem contar com a liquidação sumária de alguns vilões das telenovelas e das histórias especiais para crianças. Há semanas extremamente desfavoráveis. Nesta, por exemplo, um dos mocinhos saiu bastante ferido e sòmente poderá salvar-se no próximo capítulo. A briga, porém, foi boa: os combates duraram, ao todo, mais de 80 horas e morreram exatamente 100 bandidos.

Enquanto Ben Cartwright, em **Bonanza,** com suas longas melenas brancas, procurava conciliar as desavenças entre criadores de boi e de carneiros, Elliot Ness e seus Intocáveis massacravam, numa cervejaria de Chicago, 12 capangas de Al Capone. E quem olhava outra estação viajou durante horas num submarino atômico — **Viagem ao Fundo do Mar** — e viu oficiais norte-americanos estabelecendo um diálogo de paz com agentes de Marte. Êstes, pouco depois, numa terceira estação, tramavam com um cientista maluco a destruição da Terra, em **Quinta Dimensão.**

Na vigésima quinta hora os bandidos sumiram: em ação fulminante os mocinhos se uniram à polícia e prenderam todos. Para reunir todos êsses bandidos numa só semana, os canais de TV do Rio e de São Paulo tiveram de transmitir 32 horas e meia de aventura (57 filmes), 23 horas de bang-bang (36 filmes) e 27 horas de policiais (36 filmes).

Mas uma coisa ficou bem clara. Se fôsse possível assistir à programação dos 10 canais de TV das duas cidades na mesma semana, se veria que os bandidos só perdem mesmo para os comerciais: são 24 mil anúncios, que ocupam 200 horas de programação.

Os intocáveis: *tiros garantem o sucesso na tv.*

livros

Revolução não é mais assunto

— O assunto já está esgotado. Com essa razão comercial e sucinta, o editor Ênio Silveira explica o fim do ciclo dos livros sôbre a revolução de 31 de março de 1964. Um ciclo que — em apenas dois anos — compreendeu pelo menos 42 livros, com 6.827 páginas e cêrca de meio milhão de exemplares lançados no mercado. E que o veterano livreiro Carlos Ribeiro, da Livraria São José, no Rio, assim definiu:

— Nunca se escreveu e se vendeu tantos livros sôbre um só assunto em tão pouco tempo.

Ênio Silveira e Carlos Ribeiro podem falar de cadeira. O editor comeu a parte do leão nesse extraordinário fenômeno editorial provocado pela revolução, pois lançou, pela Editôra Civilização Brasileira, 10 títulos e vendeu quase 150 mil exemplares. Carlos Ribeiro vendeu em um só dia 2 mil exemplares de **O Ato e o Fato,** de Carlos Heitor Cony e provàvelmente passaram por suas estantes uns 20 mil volumes sôbre a revolução de março.

Dos 42 livros editados, 16 defendem o movimento de março de 1964, 15 o condenam e 11 procuram analisá-lo ou documentá-lo imparcialmente. Nas vendas, os defensores foram batidos pelos críticos. Mas um livro a favor da revolução conseguiu realmente ser um **best-seller — Brasil, 1.º de Abril,** de Araken Távora — graças ao faro comercial do autor (que também o editou por conta própria), lançando-o no mercado dias antes da eleição do presidente Castelo Branco.

O Ato e o Fato, de Cony, foi o campeão absoluto com mais de 50 mil exemplares.

Também chegaram à parada de sucessos **Os Idos de Março e a Queda em Abril,** uma análise e relato de autoria de 8 jornalistas; **1.º de Abril, Estórias Para a História,** de Mário Lago; **Hay Gobierno?,** de Jaguar, Claudius e Fortuna; **Eu, Réu sem Crime,** de Seixas Dória, e alguns outros. Em compensação, nenhum livreiro carioca ou paulista se recorda de haver vendido um volume sequer de **Conspiração das Ilhas, Os Ladrões da Liberdade** ou **Corinto na Revolução de 31 de Março: Subsídios Para a História.** O primeiro é um livro de poemas do baiano Raimundo Schaun, exaltando em tom épico o movimento revolucionário; o segundo foi anunciado pelo seu autor, o paranaense S. L. Ruas, como "um romance inspirado na dramática situação brasileira"; e o terceiro, com apenas 12 páginas, constituiu um "esfôrço" de Joel Ayres Bezerra para demonstrar o importantíssimo papel desempenhado pela cidadezinha mineira de Corinto na derrubada do govêrno João Goulart.

Embora tenham ocorrido algumas apreensões, em uma ou outra cidade, por autoridades excessivamente zelosas, todos os livros contrários à revolução puderam ser vendidos livremente, com exceção de um: **O Golpe em Goiás,** do ex-governador Mauro Borges, que foi apreendido em todo o País após terem sido vendidos uns 3 mil exemplares.

Livreiros e editôres acham enfim que só dois assuntos poderão vir a ser um filão tão rendoso como o movimento de 31 de março: a conquista da Copa ou a chegada do homem à Lua.

pintura

Agarre o seu primitivo

É possível haver ingênuos numa época em que até a ingenuidade se aprende? Esta é a pergunta que críticos de muitos países estão fazendo a respeito de seus pintores **primitivos,** têrmo que define o artista sem nenhuma técnica, afastado das modas, de pintura inocente, que transpõe para a tela apenas a sua necessidade de comunicação. Sem artifícios e sem preocupação estética.

No Brasil, onde há muita gente que não sabe ler e nunca viu uma cidade grande, quando aparece um artista nessas condições, êle geralmente é autêntico. Daí o prestígio crescente dos primitivos brasileiros no País e no exterior.

descoberta a cura da esquistossomose,
mal que aflige seis milhões de brasileiros.

você acha isso extraordinário?

Se a possibilidade de cura de 6 milhões de brasileiros é algo de extraordinário, como você classificaria a cura de 250 milhões de pessoas em todo o mundo? Veja bem: a cura de uma doença que vem perseguindo a humanidade desde o tempo dos faraós. Milhares de drogas foram experimentadas em vão, na ânsia de destruir o parasito. A esquistossomose, quando não mata, faz as pessoas arrastarem, pelo resto da vida, a febre, as hemorragias, a fadiga, os distúrbios nervosos que as consomem lentamente. Coube o privilégio da descoberta do nôvo medicamento aos Drs. Lambert, Schmidt e Wilhelm, do centro de pesquisas farmacêuticas da Ciba (Suíça), sendo devida a cientistas brasileiros uma parte importante nas pesquisas clínicas e de laboratório. Mais do que uma vitória da Ciba, êste descobrimento tem o sentido universal de uma vitória da Ciência, na busca de criar soluções melhores para os males da humanidade.

CIBA

proesc

Valdomiro de Deus: cada quadro é uma história.

A história de um pintor primitivo brasileiro pode ser assim: com 19 anos, Valdomiro de Deus, do interior da Bahia, fugiu de casa. Era analfabeto, pensava que televisão fôsse brincadeira e não acreditava em arranha-céu. Chegando a São Paulo, foi garçom desastrado, mau engraxate e depois jardineiro numa mansão, recebendo cama e comida como salário. Aí começou a pintar. Achou papel e tinta abandonados no quintal e, à noite, se distraía reconstituindo com figuras as histórias de sua infância. Fazia de 3 a 5 quadrinhos por noite e não dormia mais. Acabou sendo demitido. Pôs os quadrinhos debaixo do braço e foi vendê-los no Viaduto do Chá. Aceitava qualquer dinheiro. Ali um jornalista o descobriu, Valdomiro virou notícia e o físico Mário Schenberg, que ajuda os artistas novos, emprestou-lhe dinheiro para continuar pintando.

Isso foi há 8 meses. Desde então, Valdomiro pintou uns 500 quadros, vendeu muitos, deu alguns de presente e ainda tem 80 em seu poder. Conseguiu 300 mil cruzeiros por uma tela grande e pelas menores pede, em média, 100 mil. Mas, em geral, vende-as por 50 a 80 mil cruzeiros. Tudo o que já ganhou — perto de 5 milhões — gastou em material de pintura, numa vitrolinha e em discos de Vicente Celestino. Assim, para comer, Valdomiro trabalha como jardineiro e toma conta do macaco, do sapo rajado e do tucano de um antiquário rico.

A pintura primitiva brasileira é relativamente barata sem contar os quadros de Djanira, cuja cotação é de 4 a 5 milhões de cruzeiros. Os alegres sambas de Heitor dos Prazeres custam de 500 mil a 1 milhão; as flôres e as aves da velha Grauben, 500 mil; e as florações de Niobe Xandó, de 200 a 300 mil cruzeiros. José Antônio da Silva tem sido muito valorizado: seus quadros custam de 300 a 500 mil. E Francisco da Silva, cujos bichos coloridos foram descobertos primeiro em Paris, está vendendo suas telas a 500 mil, em média. Pedro Paulo Leal, Teresa D'Amico e o falecido Raimundo de Oliveira, que, juntamente com Heitor dos Prazeres, Niobe e Grauben, expuseram em Paris, também estão bastante valorizados, assim como o cantador de emboladas, agora pintor, Manèzinho Araújo.

E há os primitivos menos conhecidos. Com êles pode-se começar uma boa coleção em têrmos de arte e de negócio: Aloísio, Isabel de Jesus, Cirso, Raquel Trindade, o negro Tomás, Américo, Neuton de Andrade, João Alves, por exemplo, conforme a situação de suas bôlsas, vendem um quadro até por 10 mil cruzeiros. O preço de suas obras varia muito, mas pode-se falar numa média de 80 mil cruzeiros.

Assim, pode-se comprar quadro de primitivo pouco conhecido, pelo simples prazer de tê-lo em casa. E isto, afinal, é o que se quer de uma obra de arte. E — não faltando sorte — o primitivo barato de hoje pode valer uma pequena fortuna amanhã.

cinema

Quanto mais sangue melhor

— Esses americanos são muito chegados à literatura: **Bend of the River** pode ficar muito bem nos letreiros da Broadway, mas quem no Brasil vai ver um filme com o título **Curva do Rio?** Brasileiro gosta é de violência, terror, sangue. Nesse filme morre muito índio, não é? Pois vamos meter sangue no título. Que tal: **E o Sangue Semeou a Terra?** Não faz mal que seja um pouco ridículo. A bilheteria é o que verdadeiramente interessa.

O quase discurso é do diretor de uma emprêsa cinematográfica. Êle define as razões por que, entre nós, alguns títulos de filmes são completamente diferentes dos originais e, em muitos casos, nada têm a ver com as histórias. Sangue, morte, pistolas são algumas das palavras consideradas "chaves de bilheteria" pelos nossos distribuidores. Há companhias que têm como política traduzir literalmente os títulos, sempre que êles tenham significação para o público

SEGUE

CRXCRXCRXCRXCRXCRXCRXCRXCRXCR

Por que mais de 70.000 pessoas já investiram em Crescinco?

Porque Crescinco é uma das mais sólidas instituições financeiras da América Latina.

Porque Crescinco dispõe de dezenas de anos de experiência em investimentos: a experiência dos técnicos da Crescinco é a sua garantia de fazer o melhor negócio possível.

Porque Crescinco tem, para cada tipo e tamanho de economia, a fôrma mais adequada de investimento: Cotas do Fundo Crescinco, Letras de Câmbio, Debêntures, Obrigações do Tesouro Nacional, Certificados de Aplicação Fixa Crescinco, Ações de cias. selecionadas.

Porque os inversores do Fundo Crescinco se tornaram co-acionistas de 100 das melhores emprêsas e bancos brasileiros.

Porque você não nos consulta, sem nenhum compromisso?

A CRESCINCO
Depto. A-38 - C. Postal 8245 - S. Paulo - Brasil

Desejo receber, sem compromisso, informações sôbre os bons negócios Crescinco

Nome: .....
Endereço .....
Cidade .....
Estado: .....
Profissão .....

Cia. Empreendimentos, Administração e Investimentos IBEC
Capital e Reservas: Cr$ 539.535.813
Carta de Autorização do Bco. Central da Republica n.º 116

Abril/66

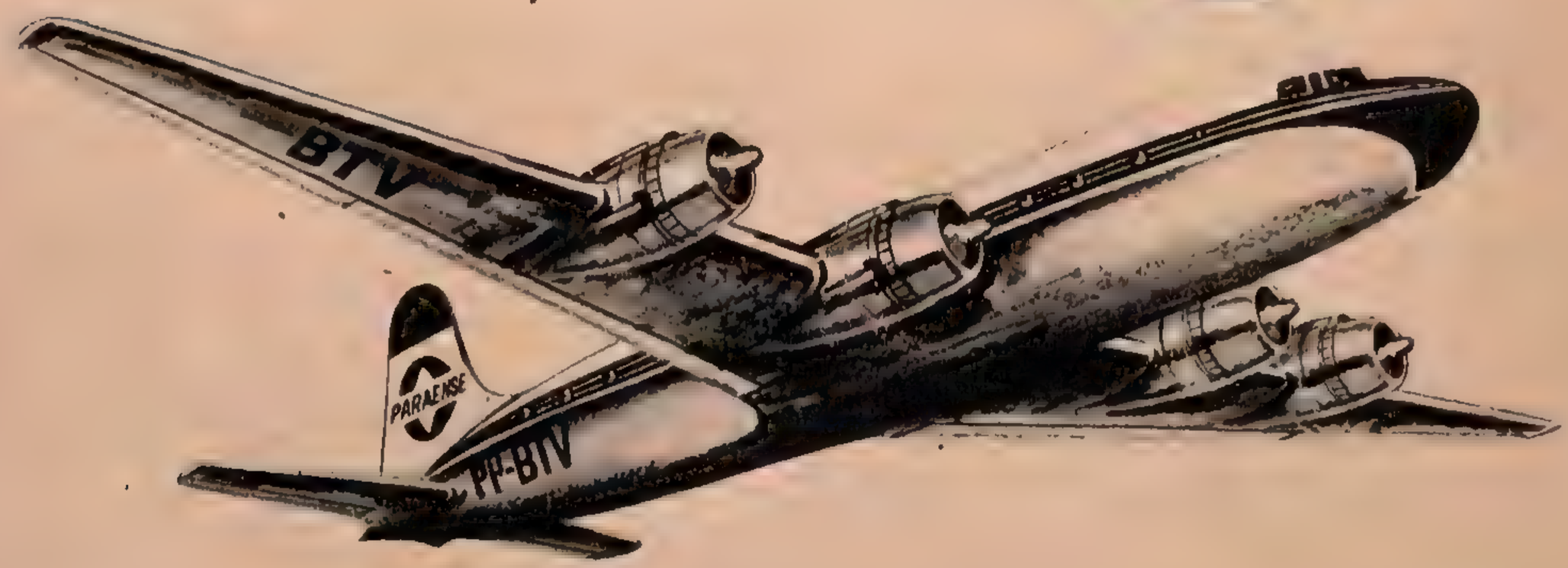
CRXCRXCRXCRXCRXCRXCRXCRXCRXCR

45% menos que os jatos -é o preço da PARAENSE

45% menos é uma diferença que conta. É o luxo que Você suprime. É dinheiro vivo que Você "embolsa", para aproveitar melhor a viagem, fazer mais compras e desfrutar o prazer de um hotel melhor. E as viagens nos possantes Quadrimotores Douglas da sua Paraense são confortáveis mesmo, e quase tão rápidas - êles pousam no Santos Dumont (Rio) e em Congonhas (SP), ganhando tempo e dinheiro para Você também em terra! Vá, e volte, pela Paraense!

PARAENSE

- boa viagem em boa companhia.



MENDES 6034

Belém
- Rua 13 de Maio, 228 - Tel. 4547

Santarém
- Rua Siqueira Campos, 413 - Tel. 523

Manáus
- Rua Guilherme Moreira, 312 - Tel. 2563

Pôrto Velho
- Rua Jose de Alencar, 2230 - Tel. 251

Rio Branco
Rua do Estado S/N, Distrito

Cuiabá
- Rua Pedro Celestino, 72 - Tel. 2951

Campo Grande
- Rua Pernambuco, 284 - Tel. 3409

São Paulo
- Rua Xavier de Toledo, 137 - Tel. 32-0860

Rio de Janeiro
- Av. Beira Mar, 406-C - Tel. 42-4933

Brasília
- Av. W 3 Quadra 6-B, Loja 5 - Tel. 2-7679

São Luiz
- Praça Benedito Leite, Loja 1 - Tel. 2100

Parnaíba
- Av. Presidente Getúlio Vargas, 106 - Tel. 1330

Fortaleza
- Rua Duque de Caxias, 354 - Tel. 11-589

Recife
- Rua Siqueira Campos, 279 - loja 27 - Tel. 4-1559

VISITE BELÉM NO SEU 350.° ANIVERSÁRIO
vá, e volte, pela
PARAENSE
boa viagem em boa companhia

MENDES 8038

O título original do filme era apenas A Turma.

brasileiro. Mas existem casos em que isso seria impossível: **The Slender Thread** (A Linha Fina), **Family Jewels** (Jóias de Família), e **Patsy** (Patrícia), por exemplo, foram traduzidos como **Uma Vida em Suspenso, Uma Família Fulêra e O Otário,** a fim de oferecer o necessário "apêlo" ao nosso público.

Em outras companhias, entretanto, a política é exatamente a oposta: tradução literal só é feita em casos excepcionais e a regra geral é sempre dar títulos com palavras "chaves".

Assim que um filme começa a ser rodado em qualquer ponto do mundo, a distribuidora no Brasil recebe um resumo do argumento, o elenco e o título original. É então escolhido o título em português e, embora duas ou três pessoas em cada emprêsa sejam chamadas a dar sugestões, a última palavra é sempre do diretor-gerente.

A necessidade de arrancar o máximo na bilheteria vai produzindo um vasto anedotário dentro das emprêsas cinematográficas. O filme **Six Black Horses** (Seis Cavalos Prêtos) não foi traduzido ao pé da letra porque o público poderia pensar que a história fôsse sôbre cavalos de corrida, assunto que exerce pequena atração.

— O povo precisa saber, de longe, que se trata de bang-bang — disse o diretor-gerente. E a tradução foi **Gatilhos em Duelo.**

O título do filme argentino **Maria M** virou **Perdidas da Noite; Electra,** extraído do clássico grego, passou a ser **Electra, a Vingadora;** o francês **Les Ennemis** (Os Inimigos) transformou-se em **O Agente de Moscou;** o inglês **East of Kilimanjaro** (A Leste de Kilimanjaro) ficou **As Feras de Kilimanjaro.**

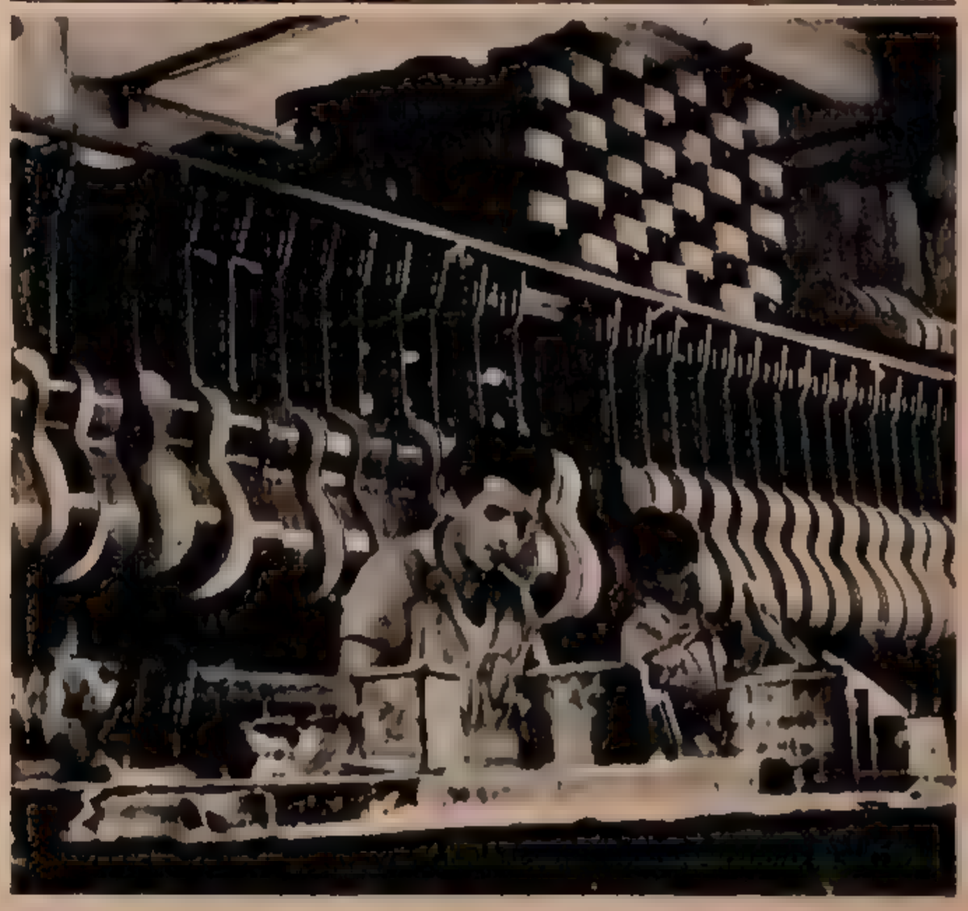
Às vêzes há coincidências. A Paramount está em palpos de aranha para arranjar o título em português para **Bitter Victory,** porque **Vitória Amarga** já foi utilizado anos atrás para outra fita. E, depois de usar **A Hora Final** para **On the Beach** (Na Praia), a Universal teve de fabricar **Valentes em Fúria** quando chegou **The Final Hour.**

Vários diretores de emprêsas cinematográficas compram religiosamente tôdas as revistas policiais. Mas nenhum dêles lê as histórias. Apenas mandam as secretárias anotar os títulos dos contos e arquivá-los.

— Êste **Assassino da Máscara Negra** é lindo — disse um dêles ao folhear uma revista. Qualquer dia vamos usá-lo num filme do Marcello Mastroianni.

música

Agora violão tem bossa



Violões: o Brasil já fabrica 30 mil por ano.

De repente, muito brasileiro começou a tocar violão. Diminuiu o interêsse pelo violino e pelo piano, enquanto milhares de pais passaram a ensinar música

SEGUE

adquira sua asahi-pentax

(a última palavra em matéria de câmara fotográfica)

pelo plano cooperativo Fotoptica-Foto Cine Clube Bandeirante

O plano cooperativo Fotoptica-Foto Cine Clube Bandeirante é simples, interessante e ao alcance de todos. Tem por finalidade financiar, para grupos de 20 pessoas, a aquisição de câmaras Asahi-Pentax, modêlo SV. A entrega se fará dentro de um prazo máximo de 12 meses, e os pagamentos em 20 prestações, pelo preço de tabela, sem juros.

Os grupos são organizados pelo FCCB. A entrega das máquinas e o preço são garantidos pela Fotoptica. V. pagará a quantia de Cr$ 35.000 durante 18 meses e mais 2 quotas adicionais do mesmo valor: uma em dezembro e outra quando V. fôr contemplado, completando assim as 20 prestações.

Para seu govêrno: câmaras fotográficas usadas, dos participantes, serão aceitas como valor de antecipação, após avaliação feita pelos técnicos da Fotoptica.

Para maiores infomações sôbre distribuição das câmaras, inscrição no plano, reuniões, entrega, vantagens e disposições gerais, dirija-se à Fotoptica, ao FCCB ou remeta o cupom abaixo devidamente preenchido a um dêstes endereços:

FOTO CINE CLUBE BANDEIRANTE
Rua Avanhandava, 316

FOTOPTICA
Rua Cons. Crispiniano, 49 - Rua São Bento, 294
Rua Direita, 85 - Rua Barão de Itapetininga, 200
Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 283 (Cidade)

Favor enviar folheto explicativo do Plano Fotoptica-FCCB a respeito de financiamento de câmaras Asahi-Pentax.

Nome .....

Enderêço: .....

Cidade: ..... Estado: .....

aos filhos através do violão e ficar horas ouvindo solos de clássicos ou da nova batida do samba.

A luta para que o violão fôsse adotado pela família vem desde os tempos de Catulo da Paixão Cearense, o autor de **Luar do Sertão.** Era o comêço do século e o violão não passava de instrumento de boêmios, mas Catulo conseguiu fazê-lo entrar em festas nas casas de pessoas importantes do Rio. Na verdade, êle é que era aceito, o violão não. Nessa luta, até uma revista, chamada **Violão,** foi editada, para promover o instrumento.

Como é que agora, sem campanha nem revista, o violão venceu?

Entre 1953 e 56, um grupo de artistas jovens começou a tocar samba em violão com uma harmonia nova. Tocavam só para êles, em bares vazios, no fim da madrugada. Até que veio João Gilberto **(Desafinado, Deixa de Saudade)** marcando oficialmente o comêço da bossa nova, com violão. Vieram Baden Powell, Paulinho Nogueira e até Vinícius de Morais, de violão.

O nôvo movimento musical atingiu principalmente os jovens: 80% dos copradores de violão são menores de 21 anos. As fábricas tiveram de aumentar sua produção às pressas.

Nos últimos 5 anos, a produção de violões quase dobrou. Hoje, 4 fábricas brasileiras (Del Vechio, Di Giorgio, Gianini e Rei do Violão) estão produzindo, por mês, cêrca de 30 mil instrumentos. Dêsses, cêrca de 10 mil são exportados, pois a bossa nova fêz o nosso violão criar fama e colocou o Brasil entre os maiores fabricantes do mundo.

Os preços vão desde 13 mil a um milhão de cruzeiros, mas os mais procurados custam entre 90 e 110 mil. E, para comprar, não é preciso fazer fôrça: qualquer loja de eletrodomésticos vende violões em **suavíssimas** prestações.

fābula

O tamanho do Sol

Ao entardecer, a borboleta procurava cobrir o Sol com suas grandes asas.

— Que está fazendo você aí, tão imóvel? perguntou o tico-tico.

— Estou fazendo um eclipse do Sol, respondeu a borboleta.

Moral: Quem se imagina importante demais, nem pensa no tamanho do Sol.

Todo mundo diz que a Rural é carro para trabalho pesado.

É mesmo.

A Rural 66 é o carro que trabalha com você a semana inteira. Chega o fim de semana, e a Rural ajuda você a descansar. Bom, não é?

A Rural tem resistência Jeep. Tem versão com tração nas quatro rodas: o dôbro de tração, o dôbro de segurança, o dôbro de confiança. É o carro brasileiro para todo serviço. Na cidade e no interior. Com qualquer tempo. Qualquer estrada.

A Rural 66 está com o carburador calibrado para economizar mais 20% de combustível. O dinamo foi substituído pelo alternador que carrega a bateria mesmo em marcha lenta. Suspensão aprimorada faz a Rural rodar macio. Marchas totalmente sincronizadas.

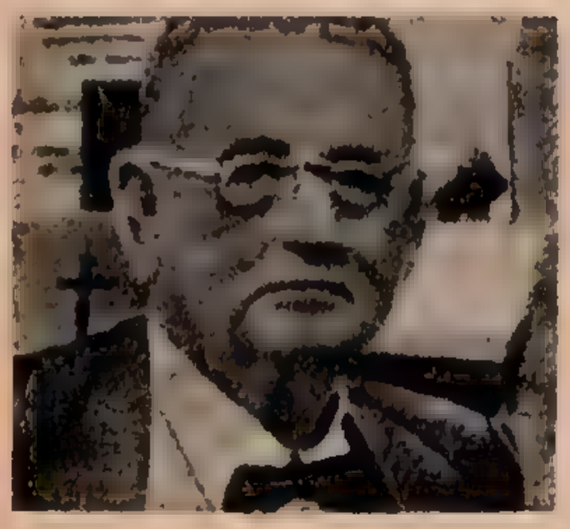
RURAL '66

Produto da Willys-Overland
Fabricante de veículos de alta qualidade.

©Willys-Overland 66-1010-RJ

Se um homen fôsse enviado hoje à Lua, estaria condenado à morte. Os russos já conseguiram fazer com que um satélite artificial pousasse na superfície lunar, mas ninguém sabe ainda como trazê-lo de volta. Para a ciência, a ida de um ser humano à Lua imediatamente representaria um avanço de 4 anos na conquista do espaço. Vale a pena sacrificar essa vida? Do mundo todo, humanistas e cientistas dos mais conhecidos respondem à pergunta.

O PREÇO DA LUA É A VIDA DE UM HOMEM



MIKHAILOV

78 anos, o mais célebre astrônomo soviético, diretor do Observatório de Pulkovo, em Leningrado:

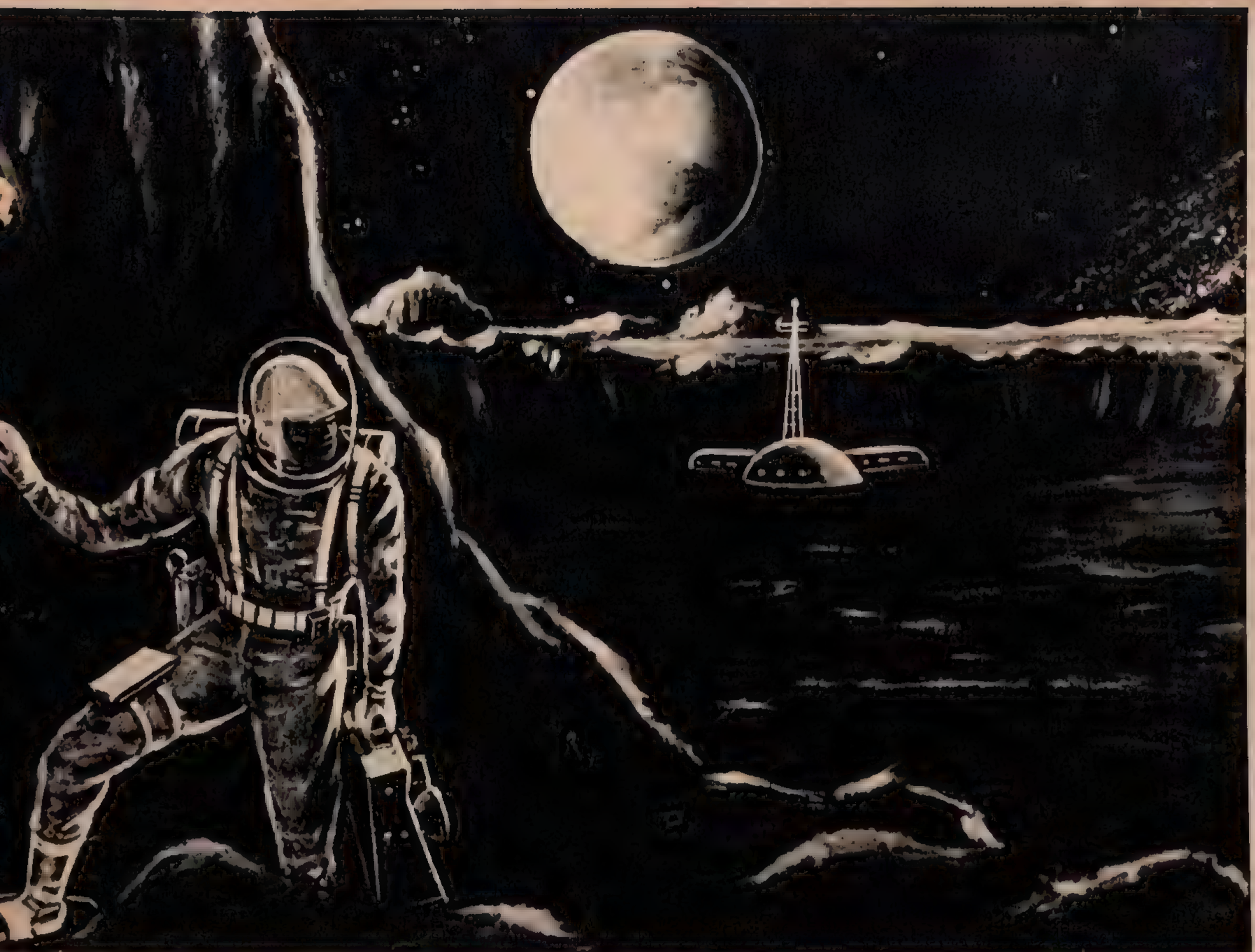
— Um homem cobaia na Lua? Já tínhamos pensado nisso. Voluntários soviéticos não faltam. Jovens estudantes querem sacrificar suas vidas pela ciência. Nosso observatório já recebeu uma dezena de oferecimentos. Mas isso tudo cria um terrível caso de consciência.

— Dois dias de neve, uma cortina de nuvens, e nossos telescópios perdem a Lua de vista. Um homem à Lua para fazer um progresso de 3 ou 4 anos em apenas alguns dias... Não deixa de ser interessante.

— Atualmente, a União Soviética é a única que pode fazer isso e penso que ela pode colocar um homem na Lua com 100% de possibilidades de êxito. Chegando lá, o homem encontraria um oceano de problemas. Primeiro, êle precisaria manter-se vivo o mais que pudesse. Êsse homem-suicida não resistiria mais de um mês. Teria de proteger-se contra os perigos ambientes e reaprender a caminhar: o menor impulso lhe daria asas, pois seu pêso seria 6 vêzes menor que sôbre a Terra. Andaria a passo de gigante, cobriria sem fadiga grandes distâncias e saltaria os obstáculos e relevos lunares. Suas proezas reduziriam a pó os mais belos recordes olímpicos.

— Quanto aos perigos, haveria ao menos 4 grandes: a falta de atmosfera e, em conseqüência, de ar e umidade; a dificuldade de se alimentar; as diferenças fantásticas de temperatura; as radiações lunares. A falta de atmosfera o obrigaria a viver dentro do macacão hermèticamente fechado. Fornecimentos de oxigênio poderiam ser enviados por foguetes, mas a verdade é que o menor rasgo na vestimenta, ou um simples defeito no equipamento, privaria o homem das condições artificiais de vida e êle morreria asfixiado. Teriam de ser adaptados tubos permanentemente fechados para que êle pudesse comer e evacuar.

— Êle precisaria resistir às violentas mudanças de temperatura, que vão dos 100 graus acima de zero durante o dia a 130 abaixo, à noite. O homem poderia sair da nave ao nascer ou ao pôr do sol. Mas assim disporia apenas de algumas horas para construir seu abrigo. Certamente, seu macacão poderia estar munido de um sistema de refrigeração e aquecimento. O padeiro trabalha diante do forno a temperaturas muito superiores a 100 graus sem por isso morrer, mas êle não fica ali mais de alguns segundos. E tem a umidade de seu organismo para protegê-lo. Lá em cima, não há nada disso. Não há umidade. Tudo se evaporou. Por isso, o primeiro trabalho do homem, ao desembarcar na Lua, será construir um iglu, tal como um esquimó, donde êle sairá sòmente quando a temperatura estiver suportável. Existe ainda uma solução técnica. Aqui em Pulkovo temos feito algumas experiências e sabemos que a 25 metros terra a dentro, sob esta sala, a temperatura não varia senão um grau, do inverno para o verão. Mesmo com menos 30 graus na superfície, ou mais 40 graus no verão, a temperatura — aqui, a 25 metros de profundidade — não vai abaixo de 7 graus nem acima de 8. O mesmo se dá na Lua. Nós sabemos que a uma profundidade de 4 metros o homem solitário da Lua encontrará, tanto



de dia como de noite, uma temperatura invariável em tôrno de zero grau.

— Mas existem as radiações. É uma ameaça que o Lunik 9 mediu em tôda a sua extensão. O homem não receberia dose diária maior que a suportada pelos cosmonautas terrestres. Mas a soma das radiações o enfraqueceria cada dia mais, atacando seu organismo, seu sangue, acabando por matá-lo.

— Os sábios, cada um em sua especialidade, teriam evidentemente muitas perguntas a fazer a êsse homem condenado. Num mês, êle não trabalharia senão alguns dias, tendo de dedicar a maior parte do tempo à sua sobrevivência. Uma longa preparação seria indispensável, pois o enviado teria de ser um super-homem, capaz inclusive de dominar os conhecimentos de várias disciplinas científicas. E um treinamento de meses será necessário, a fim de prepará-lo para o cruzeiro espacial. Se eu tivesse de dirigi-lo pessoalmente, lhe pediria que estudasse 3 grandes mistérios. Primeiro, a composição exata do solo lunar (testes mecânicos, análises químicas). Em segundo lugar, a luz zodiacal (que circunda o Sol), de que conhecemos pouco. Em terceiro, desejaria que nos enviasse indicações sôbre uma mancha clara que se encontra no céu, do outro lado do Sol em relação à Terra. Para alguns, seria uma porção de meteoritos. Para outros, a Terra seria dotada de uma cauda como um cometa. Da Lua, poderíamos ser informados com muita precisão sôbre isso. O voluntário precisaria saber muitas outras coisas, pois teria de preparar o caminho para outros homens, que vão para voltar. Experiências de decolagem da Lua poderiam ser tentadas. A biologia espacial também realizaria um grande avanço.

— Mas a escolha dêsse homem — é preciso não esquecer — apresenta dois grandes problemas. O escolhido teria de ser um cérebro privilegiado, para poder assimilar ràpidamente as noções precisas das diferentes disciplinas, e teria de ser uma espécie de campeão em perfeitas condições físicas.

Falei, no início, em caso de consciência. Isso significa que admito cientìficamente que um homem possa sacrificar sua vida. Mas, moralmente, o problema é muito diferente. Teria de ser estabelecido, em primeiro lugar, que êsse homem é psicològicamente voluntário ao vôo suicida. Significa que êle teria de assumir a inteira responsabilidade de seu ato. Estar perfeitamente consciente de que o objetivo de sua viagem é a missão científica e não a sua morte certa. O problema não é o mesmo dos milhões de homens que morrem todo ano. Êste voluntário escolherá a morte, e muitos homens terão de prepará-la. Não há dúvida de que a causa é nobre, mas o ato é cruel.

— Não é um só homem que pode tomar esta decisão. Precisam ser consultadas tôdas as autoridades do país, tanto do terreno moral como do político e científico.

STERNFELD

Membro da Academia Russa de Ciências, possuidor de dois prêmios internacionais de Astronáutica:

— A presença de um homem a bordo de uma nave permitiria pousá-la sôbre o satélite natural da Terra com o máximo de segurança. O voluntário poderia desempenhar um papel essencial: aju-

SEGUE

dar a corrijir a trajetória dos foguetes abastecedores. A meu ver, o primeiro homem teria principalmente de criar condições favoráveis à existência da espécie humana no astro. Tudo isto é importante para o progresso humano; mas terá de ser já? O mundo tem necessidade de um tal sacrifício humano? Seguramente, não. Seria naturalmente um ato desumano, e além disso um ato de aventureirismo numa tão nobre coisa como é o conhecimento de outros mundos. Sou contra.

— Não está longe o dia em que as condições de vôo e aterragem na Lua serão bastante boas para garantir uma permanência sem perigo e o retôrno do astronauta. Esperemos, pois, que o nosso satélite seja domesticado por um grupo de terrestres capazes de trocar sorrisos e piadas que tornarão a vida agradável, mesmo na Lua.

RYLE

47 anos, um dos mais célebres físicos inglêses, professor de Cambridge:

— Um homem na Lua não traria nenhuma grande novidade à ciência. Os aparelhos modernos podem fazer seu trabalho tão bem quanto êle e ninguém precisa se inquietar por sua segurança. Já pensaram no drama do homem encarregado de apertar o botão do foguete que transportaria um cosmonauta voluntário para uma morte certa? Eu vejo nisso um grave perigo, pois os soviéticos e os americanos começam a lutar pela rapidez, numerosas e delicadas investigações serão feitas com precipitação. Disso resultará um risco, não só para o êxito da experiência como também para o cosmonauta.

— Se eu fôsse incumbido do projeto **Lua,** demoraria todo o tempo necessário. Sem a garantia de que o cosmonauta chegará ao destino e poderá voltar são e salvo, é impossível enviá-lo, mesmo que isso signifique perda de mais alguns anos. O tempo não é importante para os sábios.

T. WILLIAMS

51 anos, dramaturgo americano, autor de **Panorama Visto da Ponte:**

— Permitam-me, desde logo, citar uma frase que será considerada uma piada: "Esteja certo de que há muita gente na Terra que preferiria estar na Lua neste momento a estar no nosso globo... e não são apenas aventureiros." Há muita gente que sofre de doenças incuráveis e que veria como uma libertação a ida à Lua a serviço do progresso da ciência, da humanidade. Em todo caso, como intelectual, eu não protestaria por certo se qualquer das duas potências espaciais enviasse alguém à Lua sem esperança de volta. Tomaria eu tal decisão se fôsse o responsável pelo programa? Bem, se entre os voluntários houvesse realmente um ou vários empenhados, eu acho que sim, estaria pronto para dar o sinal verde. Pessoalmente, porém, eu me interesso muito mais por outros planêtas do que pela Lua. O que vi até agora sôbre a superfície lunar não apresenta maior interêsse. A Lua me decepcionou. Quero acrescentar que sou profundamente contrário às gigantescas despesas que são feitas para a guerra, mas estou de acôrdo em espalhar êsse dinheiro no céu para exploração da Lua, dos planêtas e de todo o universo visível e invisível.

OPPENHEIMER

61 anos, físico, um dos inventores da bomba atômica, companheiro de Einstein:

— Não quero comentar a pergunta que ameaça gerar uma controvérsia violenta, não por motivos científicos, mas por se tratar de um problema de consciência de cada um. Levaria muito tempo para pesar os prós e os contras, mesmo que fôsse apenas do ponto de vista filosófico. Prefiro não dizer nada neste momento.

B. RUSSELL

93 anos, filósofo e escritor inglês, Prêmio Nobel de Literatura de 1950, pacifista militante:

— Cada dia, milhares de pessoas morrem de fome para satisfazer a ambição dos ricos do Ocidente. No entanto, essa nova forma de assassínio deve obedecer a certas condições: 1 — Êsse homem deve estar disposto a correr o risco. 2 — É preciso que êle seja um cientista capaz de fazer um relatório válido do ambiente em que vai ser colocado. Êle não deve levar nenhuma arma e, de qualquer maneira, a América, a União Soviética e a China devem contribuir para as despesas dessa experiência. O importante é que êle não seja o primeiro de uma expedição militar enviada por uma das potências existentes. Se essas condições forem preenchidas, não tenho nenhuma objeção.

ROSTAND

72 anos, membro da Academia Francesa, o mais célebre biologista francês:

— Não tenho dúvida em responder: nas condições atuais da astronáutica, seria inadmissível, seria escandaloso, enviar um homem — mesmo um voluntário — à Lua. A ciência não pode aceitar sacrifícios dessa ordem, e muito menos tornar-se cúmplice disso. Ela se renegaria e se desonraria imitando os ídolos sanguinários.

GAMOW

62 anos, professor de Física da universidade americana de Colorado:

— Sou contra a idéia de se enviar agora um homem à Lua, sem esperança de volta. Não tanto por causa da perda de um só ser humano (sei muito bem que haveria milhares de voluntários, mesmo entre os mais competentes, para aceitar a missão), mas por achar que com o mesmo pêso pode-se enviar imediatamente instrumentos científicos suficientes para apreender tudo quanto um ser humano poderia eventualmente ver.

Nessas condições, o envio de um homem à Lua deixaria de ser uma façanha, para se tornar um gesto **sensacional** com fins publicitários.

— Estou certo de que se os russos decidissem enviar um homem, hoje, tentando abastecê-lo em tôda a medida e conservando sua vida por um período prolongado, isso causaria sensação no mundo. O grande público, de um modo geral, e principalmente as grandes massas dos países subdesenvolvidos, ficaria impressionado. Mas essa façanha pouco ajudaria na exploração do universo, que deve ser o objetivo de todos os grupos científicos do mundo.

— Voltando aos instrumentos: é preciso saber que cientistas, como o professor Tourkevitch, da Universidade de Chicago, para mencionar apenas um, estudam a criação de instrumentos-robô miniaturizados, do tamanho de um cinzeiro e pesando em geral algumas centenas de gramas. Êsses instrumentos poderão fàcilmente ser colocados às dúzias num foguete não tripulado que desceria suavemente sôbre a superfície lunar, para escavar as rochas, por exemplo, e enviar informações.

— Assim, para que sacrificar uma vida humana (mesmo existindo bilhões sôbre a Terra) por algo que nada mais trará senão a publicidade? De qualquer maneira, a exploração do universo não é coisa para amanhã. Um avanço de alguns anos não significa mais que um grão de areia no infinito. Marchemos, pois, seguindo o plano previsto.

LOWELL

53 anos, diretor do Observatório de Jodrell Bank, que interceptou as primeiras fotos transmitidas pelo Lunik 9:

— Nenhum cientista do mundo aceitaria enviar um cosmonauta à Lua sem garantir prèviamente o seu retôrno. Isso levantaria contra êle a opinião pública do mundo inteiro. Mas o verdadeiro problema não é êste. A ciência nada ganharia com o envio de um espião humano. Além disso, é inconcebível no plano moral e humano que uma nação decida enviar intencionalmente um voluntário para a morte certa. O abastecimento por foguetes é uma possibilidade temporária, pois o cosmonauta teria de lutar permanentemente contra um calor e um frio espantosos. Mesmo com suas vestes de proteção, êle não poderia resistir por muito tempo. E mais: a técnica dos encontros no espaço não está ainda bastante desenvolvida para garantir o sucesso dos foguetes abastecedores.

— Se eu tivesse a possibilidade de dirigir o programa lunar, continuaria as experiências russas e americanas previstas. A corrida entre êsses dois países se desenrola há muito tempo. Não se pode prever o vencedor. Penso que os russos tentarão a grande operação em 1969.

ALCEU AMOROSO LIMA

(Tristão de Athayde), 73 anos, pensador católico, catedrático (aposentado) de Literatura Brasileira na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro:

— Primeiro não se tem, em hipótese alguma, o direito de sacrificar intencionalmente uma vida humana, mesmo que seja para o progresso da verdade. Mas se tem, sem dúvida, o direito de arriscar a vida humana para êsse fim. De modo que, embora haja risco, mas não certeza, de perder uma ou mais vidas para enviar um homem à Lua, é perfeitamente lícito fazê-lo.

— Segundo, embora seja moralmente lícito fazê-lo nessas condições — já que dentro de poucos anos êsse risco pràticamente desaparecerá — sou de opinião que deve ser adiada a ida de um ser humano à Lua enquanto não houver segurança maior. A vida humana nunca pode ser considerada um meio, nem mesmo para o progresso da ciência. E a ciência só terá a ganhar com êsse adiamento, pois se concentrarão os esforços para ser alcançada, mais ràpidamente, a segurança necessária a um vôo tão arriscado.

MARIO SCHENBERG

52 anos, catedrático de Física da Universidade de S. Paulo:

— Sempre houve missões de sacrifício na história do homem. Principalmente nos tempos de guerra. Por exemplo, o fenômeno dos **kamikazes**, pilotos-suicidas do Japão, durante a última grande guerra. Moços voluntários eram enviados em aviões carregados de explosivos, para destruir objetivos inimigos, apenas com combustível de ida. Não vejo, porém, no caso da Lua, necessidade que possa justificar tal sacrifício.

— Como princípio moral, o sacrifício de uma vida humana só pode ser justificável se levar à salvação de outras vidas humanas. Não vejo qualquer motivo pelo qual o envio de um homem à Lua determinasse o salvamento de vidas humanas sôbre a Terra. Mòralmente, portanto, sou contrário a isso.

— Não posso excluir o fato de que as potências empenhadas nessa corrida decidam mandar voluntários-suicidas para adquirir a prioridade de fazer chegar um homem à Lua. Talvez pensem que com isso ganhariam título de domínio do território lunar. Na minha opinião seria um êrro político grosseiro, porque não creio que os demais interessados na corrida à Lua reconheçam o monopólio ao que lá chegar primeiro. Nem sequer assegurando a volta à Terra. A História mostra que o domínio efetivo de um território em geral não ficou com os primeiros que lá chegaram, mas com os que tiveram condições de nêle se manter. Basta ver a história do Império Colonial Português.

FIM

Advertência:

Os consumidores estão recusando enèrgicamente as imitações do Salto Amazonas

Incrível como êsse pessoal não tem imaginação! Estão imitando o Salto Amazonas. Imitando!!! Quase conseguiram. Mas sòmente na aparência. Infelizmente (para êles) é proibido colocar a marca Amazonas. Mas os consumidores sabem ler. E sabem que não é possível imitar o Salto Amazonas na qualidade. Felizmente (para os consumidores) é mais do que conhecida a qualidade do Salto Amazonas. Resultado: os consumidores estão recusando enèrgicamente as imitações. Quem quer imitações?

PUCCI s.a.
Artefatos de Borracha
A maior indústria de saltos e solados de borracha do Brasil - Franca - S. Paulo

Lembre-se: Só Amazonas tem a legítima plaqueta branca.

1958

1962

1966

GANHAREMOS EM LONDRES?

O mundo todo pergunta quem erguerá a Taça Jules Rimet, em Londres, no final da Copa. Milhões de brasileiros, nos próximos meses, estarão discutindo a convocação dos jogadores, a escalação, a escolha do técnico e do chefe da delegação, a tática a ser empregada e até a influência do clima inglês na luta pelo tricampeonato. REALIDADE prefere mostrar como seria a Copa, se tudo desse certo. As páginas seguintes trazem a reportagem com que, desde hoje, o Brasil inteiro está sonhando.

BRASI

TRICAMPEÃO

(Foi assim que ganhamos a taça)

Londres, julho de 1966 — Quando o estádio de Wembley ouviu o apito final do juiz, Abel, o mais jovem dos jogadores da seleção brasileira, desmaiou em campo. Os outros 10 não perceberam nada. Saltavam e gritavam como loucos, aos abraços e beijos. Com os braços apontando o céu, os punhos cerrados, Gilmar berrava, chorando:

— Ganhamos! Ganhamos!

Não se sabe de onde apareceram tantos brasileiros. O campo se encheu dêles: os reservas, os *civis* da delegação, torcedores, repórteres, fotógrafos que não sabiam se deviam tirar fotos ou festejar. Orlando e Carlos Alberto correram para Abel e levantaram o *menino* que agora ria, com os olhos cheios de lágrimas.

Os jogadores ingleses procuravam cumprimentar os brasileiros em meio à confusão. Jimmy Greaves conseguiu alcançar Pelé que fêz questão de lhe entregar a camisa número 10, aquela camisa amarela que nunca mais ia sair da história do futebol.

— Thank you. Thank you, very much!

A frase de Greaves para Pelé era talvez a frase que tôda a torcida que lotava Wembley queria dizer ao Rei depois dêsse espetáculo inesquecível em que êle fôra a maior estrêla.

E aquêles 100 mil torcedores que até o último minuto do jôgo — quando os 3 a 2 ainda poderiam ser transformados num empate — se mantinham calados, a respiração suspensa, acabaram aplaudindo os brasileiros. Principalmente quando do centro das arquibancadas um grupo que destoava de todo o resto da torcida passou a gritar em coro como se tivesse ensaiado para a Inglaterra inteira ouvir:

— Brasil! Brasil! Brasil!

Daquele mesmo ponto do estádio, caiu uma chuva de serpentinas e confetes que os ingleses receberam na cabeça esportivamente, sorrindo e batendo palmas. Simultâneamente, Wembley foi sacudido por um pequeno bombardeio de *cãrimãrus*.

Depois de entregar a taça a Orlando, capitão da equipe, a rainha Elizabeth cumprimentou os jogadores um a um. Na hora de Pelé, o aperto de mão da rainha foi um pouquinho mais demorado.

Êle era, de fato, o símbolo da grande conquista.

Pouco antes, durante a volta olímpica, suada apesar da temperatura amena do verão londrino, um mundo de coisas passava pela cabeça de Pelé. Uma carreira completa! Em 1958, com apenas 17 anos, disputara sua primeira Copa, na Suécia. Fôra a consagração, no primeiro título mundial do Brasil. Garôto ainda, era um dos jogadores mais caros e comentados do mundo. Nem bem começava, já tinha um título muito importante: artilheiro do time campeão. Quatro anos mais tarde, no Chile, a distensão muscular que estremeceu o Brasil. Ficara de fora depois do segundo jôgo, mas viu o time ganhar o bicampeonato, sofrendo de outro lado do campo e vibrando com os dribles de Mané Garrincha.

Agora, com 25 anos, voltava a ser artilheiro, mas não só do time brasileiro. Nove gols em 6 partidas, atuações decisivas, dono de tôdas as manchetes desde a estréia contra a Bulgária. Enquanto pensava que aquela era a consagração que pedira a Deus, e na espôsa esperando o primeiro filho em Santos, pensou também que talvez fôsse hora de encerrar a carreira. Uma Copa como a que acabara há poucos minutos, o gol da vitória contra a própria Inglaterra e em Wembley, valiam como fim de carreira até para um Pelé.

E seria por tôda a sua vida a melhor recordação dessa carreira vivimentada como poucas. [illegible] tricampeonato mundial [illegible] A grande Copa.

COMEÇA A GUERRA DOS VINTE DIAS

Tudo começou em Liverpool. Depois da temporada na Suécia — a doce concentração de Atvidaberg — Liverpool podia n~o ser o ideal, mas foi uma semana boa para os 44 homens da delegação brasileira. Pôrto importante do norte da Inglaterra, com 750 mil habitantes, Liverpool tinha um dos melhores estádios reservados para a Copa: o Goodison Park, com capacidade para 66 mil espectadores.

Mais do que isso, porém, Liverpool era para os brasileiros uma cidade agradável pelo seu **charme** e em grande evidência depois que revelou os Beatles. Aqui os brasileiros puderam ver o difícil, quase impossível, lado liberal dos britânicos. Os magistrados fecharam os olhos para as transgressões às leis tradicionais, transgressões inadmissíveis em outras épocas, e os brasileiros, turistas ou jornalitas, não tinham nenhuma dificuldade para tomar um uísque depois das 11 da noite, hora em que cessa a venda de bebida em tôda a Inglaterra, rotineiramente.

O espírito brincalhão dos jornalistas do Brasil contagiava a delegação, pois eram sempre horas do melhor bom-humor as horas de visita à concentração. Os jogadores ouviam com inveja, mas curiosos, a história daquele repórter tímido que teve um encontro marcado à sua revelia com uma **dancing-girl.** Era tão fácil, o telefone da **Littlewood Pool Firm** andava de mão em mão e atendia em qualquer idioma — até em português! Depois, todo mundo ficou rodeando o bar onde o encontro fôra marcado, rindo à sôlta, enquanto o mêdo do repórter, com seu inglês da praça Mauá, demorava a ceder diante do desembaraço profissional da **girl.**

Por muito tempo, êsse foi o prato preferido dos rapazes da imprensa brasileira. Pelo menos até à noite daquilo que muitos chamavam de "o primeiro combate da Guerra do Tri".

No começo foi a Bulgária

Com o espírito descontraído, às 7 h 30 da noite do dia 12 de julho (15 h 30, hora do Brasil), pisou a grama fôfa do Goodison Park para a estréia contra a Bulgária. Mesmo a emoção de ouvir o hino nacional em posição de sentido, e a vista da bandeira brasileira, não influiram naquele estado de espírito com que os jogadores tinham entrado no Campo, de pé direito e todos fazendo o sinal da cruz. E essa tranqüilidade valeu, pois a Bulgária é que abriu a contagem. Foi aos 20 minutos de jôgo: uma falta no bico da área brasileira, no setor de Carlos Alberto; Jekov bateu sem violência, a bola fêz uma curva ao lado da barreira, Gilmar se espichou o quanto pôde, mas não deu. Ela entrou no cantinho, quase raspando o pau da trave.

O 1 a 0 abalou a torcida de quase 500 brasileiros em Liverpool e mais ainda os 80 milhões que estavam lá longe, ouvidos colados no rádio. Mas, antes que o primeiro tempo terminasse, Gerson ia sossegar todo mundo. Aos 40 minutos, Jairzinho enganou dois búlgaros de uma vez e levantou a bola para a área; Pelé subiu mais que o goleiro e enfiou a cabeça. Bola na trave, Gerson pega o rebote: gol.

O primeiro tempo chegou ao fim com aquêle placar não muito animador: 1 a 1.

Liverpool, 12 de julho. Primeiro gol do Brasil, Gerson aos 40 minutos de jôgo.

No segundo tempo, as coisas ficaram mais fáceis. Lima acertou o passo no meio do campo e o Brasil passou a dominar a partida. Aos 5 minutos, veio o segundo gol. Desta vez Pelé vibrou como não fazia há muito tempo, esmurrando o ar numa pirueta, pois tudo saiu como êle queria: recebeu a bola na linha média, levou seu marcador na corrida, na entrada da área driblou o beque que fazia a cobertura e quando o goleiro saiu para voar a seus pés, cutucou levemente a bola que foi morrer mansa na barra da rêde. O terceiro gol foi de pênalti — Pelé de novo, sem a **paradinha,** aos 28 minutos: 3 a 1, primeira vitória do Brasil que Feola e os dirigentes preferiram não festejar com muito estardalhaço. Dali a 3 dias iam enfrentar uma seleção bem mais forte, a da Hungria. E o estado psicológico dos jogadores, ótimo àquela altura, devia permanecer inalterado.

Uma coisa que levou tranqüilidade à seleção foi a vitória da Inglaterra sôbre o Uruguai por 2 a 1, na véspera, em Londres, na inauguração da Copa. O Uruguai era um dos 3 times — junto com Brasil e Itália — que podiam levar a Jules Rimet definitivamente. E para os brasileiros não seria interessante ver o Uruguai crescendo na Copa.

No dia seguinte ao da vitória do Brasil, Manchester, pertinho de Liverpool, assistia à vitória de Portugal diante da Hungria por 2 a 1. Portugal começava bem. Depois de 6 tentativas para classificar-se, conseguiu sua participação êste ano, exibindo no primeiro jôgo um futebol rápido e perigoso.

Hungria, a segunda vitória

A Hungria não tinha o grande futebol que mostrou em 1954, mas seu time atual treinava desde 1962, assim que acabou a Copa do

Liverpool, dia 15. Brasil 2, Hungria 0.

Liverpool, dia 19. Brasil 3 x Portugal 0. Os gols foram de Gerson, Jairzinho, Pelé.

Chile. Os brasileiros sabiam tudo isso de cor. E, naquele início de noite de sexta-feira, 15, foi o nôvo futebol da Hungria que apareceu diante do Brasil.

Misturado aos novos, havia o veterano Albert, que ia dar muito trabalho à defesa brasileira. Nessa noite a estrêla de Gilmar brilharia mais uma vez: uma bola na trave e duas defesas espetaculares pondo para escanteio um tiro violento de Bene e uma cabeçada venenosa de Albert.

Como no primeiro jôgo, os 45 minutos iniciais foram de sofrimento para o Brasil, terminando no empate de 0 a 0. As coisas não iam bem. Enquanto Gilmar se desdobrava, o ataque não conseguia nada diante da dura defesa húngara. No vestiário, na hora do intervalo, Feola mostrava uma calma que o time não tinha. E isso era bom. Mário Américo massageava as pernas de Pelé com carinho:

— Como é meu chapa, vamos entortar êsses gringos?

Para Pelé aquêle era o pedido de 80 milhões de brasileiros. E a sua genialidade atendeu-o logo aos dois minutos do segundo tempo. O goleiro húngaro pegou e largou um chute forte de Lima, de fora de área. Pelé apareceu à sua frente como o diabo e desta vez chutou com raiva, estufando as redes. Foi a festa. Orlando, o capitão, pediu calma.

— Agora vai, pessoal. Mas devagar, que ainda tem muito tempo.

O gol brasileiro, porém, pareceu esfriar os húngaros. O Brasil dominava, Jairzinho e Abel eram um pesadelo pelas pontas, enquanto pelo meio Pelé e Coutinho acertavam tabelinhas que arrancavam demorados aplausos da torcida. Numa delas aos 22 minutos, Coutinho driblou até o goleiro e entrou de bola e tudo. Era o fim da Hungria.

O mesmo time que batera Bulgária e Hungria partia agora para a partida final dessa primeira parte da guerra que é a Copa, enfrentando Portugal: Gilmar, Carlos Alberto, Brito, Orlando e Rildo; Lima e Gerson; Jairzinho, Coutinho, Pelé e Abel. Com Lima, o meio de campo não mostrava ainda total segurança, mas Dudu se contundira no último treino e estava em tratamento.

O terceiro jôgo seria no mesmo Goodison Park, de Liverpool, a irreverente Liverpool que parece querer deixar de ser britânica.

Final das oitavas

Depois de vencer a Hungria, Portugal repetira a dose contra a Bulgária, desta vez por 1 a 0, no dia 16 de julho, em Manchester. Jogando pela primeira vez em Liverpool, classificados, os portuguêses entravam de alma limpa em campo para enfrentar o Brasil.

O jôgo pesado da defesa portuguêsa se definiu aos 15 minutos. Vicente, o carrapato de Pelé, levou 3 dribles seguidos e apelou para a rasteira. Gerson bateu a falta, quase da entrada da área, cobriu bem a barreira e lá estava o 1 a 0, mostrando a superioridade brasileira manifestada desde o início.

Num **rush** característico, Jairzinho fazia 2 a 0, aos 40 minutos. Não havia mais o que temer. Os portuguêses ameaçaram duas ou três vêzes, através de Eusébio, mas quem marcou de nôvo foi o Brasil. Só faltava mesmo êsse gol de Pelé para que a vitória ficasse completa.

E o Brasil partiu para as quartas-de-final mais respeitado do que quando chegou à Copa — e já chegara como o mais respeitado dos 16 participantes.

No dia seguinte, em Manchester, a Hungria conseguia sua única vitória, derrotando a Bulgária por 2 a 0. Mas os dois já estavam de fora.

Mr. Joseph Legge — responsável pela organização da Copa em Middlesbrough — desesperou-se antes mesmo do fim das oitavas-de-final. Se os ingêses de sua pacata cidade falharam na tradicional organização britânica, o que êle faria, sòzinho? Não gostava mesmo de futebol; que todo mundo dormisse nos bancos de jardim. Middlesbrough ia receber uns 10 mil hóspedes, mas com apenas 6 hotéis não conseguiria alojar mais que 3 mil pessoas.

Bem que **mr.** Legge tentou desviar alguns turistas para Sunderland, a outra subsede da chave 4, mas Sunderland estava ainda mais lotada. A Itália ia fazer suas partidas lá e italianos eram maioria nas cidades dessa chave.

Junto com as partidas da Copa, Middlesbrough tinha o Festival Industrial de Eisteddfod. E as autoridades municipais deram-lhe mais importância que à Copa. **Mr.** Legge não podia fazer nada. O único consôlo é que em Sunderland as coisas não andavam melhores. Muitos italianos tiveram que se ajeitar mesmo nos bancos de jardins.

Rússia e Itália para as quartas

Quanto aos jogos, a chave 4 andou dentro do esperado pelos entendidos. Classificaram-se Rússia e Itália. O Chile, apesar de sua boa classificação na Copa de 1962 (terceiro lugar), não pôde fazer nada. Ficou à frente apenas da Coréia do Norte.

Uma goleada dos russos diante dos coreanos abriu os jogos da chave, às 7h30 da noite de 12 de julho, em Middlesbrough: 5 a 0. Os soviéticos fizeram 4 a 0 no primeiro tempo e depois se pouparam, aumentando o marcador apenas graças a um **frango** do goleiro coreano.

Jôgo duro aconteceu no dia seguinte. Itália e Chile fôra uma guerra na Copa anterior. Os pontapés se repetiram em Sunderland e um jogador de cada lado acabou expulso, mas os italianos foram melhores: 3 a 2. A rodada seguinte, a 15 e 16, teve a vitória do Chile por 4 a 0 sôbre a Coréia do Norte, em Middlesbrough, e o passo decisivo da Rússia, vencendo a Itália por 2 a 0, em Sunderland.

Os italianos, entretanto, iam garantir sua classificação no dia seguinte, quando a Rússia bateu o Chile por 2 a 1. Aquêle segundo lugar na chave era uma classificação enjoada, pois significava que seu primeiro adversário, nas quartas-de-final, seria o Brasil, o bicampeão do mundo e favorito da Copa. Já os russos estavam bem mais confiantes. Nas quartas pegariam Portugal, segundo colocado na chave 3, o grupo do Brasil.

A chave inglêsa e a outra

Uma segunda-feira nem mais nem menos cinzenta que as outras daquele verão londrino — pífio verão para quem vem do trópico — marcou com tôda a solenidade a abertura da Copa, dia 11 de julho.

Depois da festa, a batalha. Uruguai e Inglaterra, pela chave 1, davam início aos jogos da VIII Copa do Mundo, no estádio de Wembley.

Primeiro tempo, 1 a 1. Os inglêses, no entanto, mostravam uma estrutura de equipe muito mais organizada que os sul-americanos

A BATALHA FINAL FOI A MAIS DURA

e foi isso que os levou à vitória. Aos 20 minutos do segundo tempo, Jimmy Greaves desempatou. O jôgo pesado e o entusiasmo dos uruguaios não bastavam para mudar o placar. Final: 2 a 1.

Londres teve naquela noite uma alegria rara na discrição da cidade. A Copa começava com festa em casa.

O mesmo estádio de Wembley, quase às môscas, viu no dia seguinte a França passar apertada para ganhar do México por 2 a 1. Na segunda rodada os franceses ganhariam de nôvo, quase uma surprêsa, batendo os uruguaios por 1 a 0 na única partida da chave disputada em White City. Depois, a 16 de julho, a Inglaterra voltava a ter uma boa vitória, derrotando o México por 3 a 0, jogando fácil. México e Uruguai, eliminados, empataram 3 dias depois, sem abertura de contagem.

No dia 20 os dois invictos da chave se enfrentaram: França e Inglaterra. Os francêses marcaram o primeiro gol logo no início do jôgo. A torcida teve um choque e ficou muda até o final da partida que não saiu daquele magro 1 a 0. A Inglaterra jogara a sua pior partida em Wembley. Mas havia um consôlo: o segundo lugar era mais vantajoso, pois o primeiro colocado da chave 1, se passasse pelas quartas-de-final, pegaria nas semifinais o ganhador do jôgo Brasil e Itália ou Brasil e Rússia. E os inglêses estavam longe de querer enfrentar os brasileiros na semifinal. Queriam chegar às finais.

A chave 1, nas oitavas-de-final, tinha então classificadas a França, campeã invicta (com 3 vitórias apertadíssimas: 2 a 1, 1 a 0 e 1 a 0) e a Inglaterra em segundo lugar. Seus adversários para as quartas sairiam da chave 2, que jogava em Birmingham e Sheffield.

Alemanha Ocidental e Espanha foram êsses adversários, classificados respectivamente em primeiro e segundo lugar. A Alemanha fêz uma linda campanha, ganhando da Suíça por 3 a 0, no dia 12, em Sheffield; dia 16 bateu a Argentina brilhantemente por 2 a 1, fechando a série com 3 a 1 sôbre a Espanha, no dia 20.

A infelicidade dos argentinos

A Espanha, fora a derrota com a Alemanha, teve duas vitórias: na primeira, sôbre a Argentina, mais difícil, depois de um empate por 2 gols nos 90 minutos normais, conseguiu marcar 1 a 0 na única prorrogação de tôda a Copa. Foi em Birmingham, no dia 13. Sôbre a Suíça, a vitória foi fácil: 2 a 0, dia 19, em Sheffield. No dia 15, a Argentina obteve sua única vitória, vencendo a Suíça por 3 a 0.

Se os jogos foram bons nesta chave, foi aqui que os hóspedes mais sofreram. Principalmente em Birmingham. Parece que os inglêses, pelo menos os do interior, não ligaram muito para a Copa. Esmeraram-se em promover festivais na mesma ocasião do campeonato mundial. Não bastasse o de Middlesbrough, que deu tantos aborrecimentos a mr. Legge, Birmingham também teve o seu: o **Festival de Concertos**, realizado nos porões do Town Hall. Certo que se trata de um acontecimento anual, sempre em julho. Mas os estrangeiros, principalmente os latinos, esperavam que os inglêses transferissem para outra época êsses festivais. Provàvelmente se esqueceram que na Inglaterra, qualquer coisa marcada para Birmingham, em julho, realiza-se em Birmingham, em julho.

Liverpool, dia 23. Quartas-de-final, vitória bem tranqüila, Brasil 3 x Itália 0.

Liverpool, dia 25. Semifinal, uma partida espetacular. Brasil 4 x Espanha 0.

As quartas-de-final

E Birmingham não conseguiu hospedar 30% dos milhares de torcedores, a maioria da Alemanha e da Espanha. Aqui, porém, poucos ficaram na rua, porque o Colégio São Pedro e a Universidade, bem ou mal, acabaram transformando suas salas de aula em hospedaria. Algumas casas de família também receberam uma parte da gente que veio em busca de futebol.

A Itália, segunda colocada da chave 4, viajou de Sunderland para enfrentar o Brasil, que continuava em Liverpool, como vencedor de sua chave. Essa partida, por ser num sábado — dia 23 — foi à tarde. Era o primeiro jôgo diurno do Brasil.

Até ali, essa foi a melhor atuação do Brasil. Feola resolveu substituir Lima por Dudu. E o palmeirense se entendeu como nunca com Gerson. Os italianos — e já se sabia disso — começaram no **catenaccio**, fechados na defesa, à espera de um contra-ataque que lhes trouxesse a vitória. Mas a defesa do Brasil estava firme demais. Brito dava tapinhas nas costas de Carlos Alberto:

— Vai ser bom no inferno, garotão!

No meio do campo, Dudu e Gerson deram uma aula. Na frente, cada ataque brasileiro

Nos 6 jogos, Gilmar só permitiu 3 gols.

A Inglaterra inteira chorou a derrota.

era uma correria na defesa italiana, com Jairzinho, Coutinho e Pelé desmoralizando o sistema italiano de jôgo.

Aos 10 minutos o Brasil já vencia. Pelé, num vôo espetacular, fêz de cabeça o primeiro gol, o mais bonito até aquela quarta-de-final. Aos 22 minutos, Coutinho (a multidão de Liverpool ria nervosa, como se a perfeição daquela tabelinha fôsse um número de circo) marcava o segundo, e com 2 a 0 acabou o primeiro tempo. Nos 45 minutos finais, os italianos tentaram reagir. Rivera e Mazzola acertaram bons tiros, mas Gilmar não queria deixar escapar o tri. Pegava tudo. Na hora de despachar a bola, sorria:

— Vai, beleza. Vê se entra lá no gol da turma do espaguete.

Com mais um gol de Pelé, a partida chegou ao fim. Desta vez foi de fora da área, e o goleiro italiano ficou sentado no chão, de bôca aberta.

Aquela tarde de sábado teve as 4 quartas-de-final disputadas na mesma hora. Além da vitória do Brasil sôbre a Itália, a Inglaterra derrotou a Alemanha Ocidental por 2 a 0, em Sheffield; a Espanha bateu a França por 3 a 1, em Wembley; e a surprêsa foi Portugal, que derrotou a Rússia em Sunderland, por 1 a 0.

Assim, estavam armadas as semifinais: o Brasil continuaria em Liverpool, onde enfrentaria a Espanha, na noite de 25 e a Inglaterra voltaria a Wembley. Ia jogar no dia 26 contra Portugal.

O Brasil precisava ganhar bem da Espanha, não só para chegar psicològicamente preparado para a finalíssima, mas também porque a vitória por 2 a 1 sôbre os espanhóis em 1962, no Chile, não fôra convincente. Liverpool dificilmente irá assistir a uma partida de futebol como essa do dia 25 de julho de 1966. A goleada foi espetacular. Não saiu nada errado. Pelé abriu a contagem aos 19 dò primeiro tempo. Aos 40, Coutinho aumentou, depois de um **chapéu** no zagueiro espanhol que provocou aplausos e gritos na torcida. A Espanha sumiu do campo, só se via brasileiro com a bola nos pés, uma orquestra que marcou mais dois gols no segundo tempo. Um de Dudu, de fora da área, outro, contra, do quarto zagueiro espanhol.

Um dia depois, Londres festejava a vitória da seleção inglêsa sôbre Portugal: 2 a 1, dois gols de Greaves, artilheiro e estrêla do time inglês. Os portuguêses não sairam da Copa muito tristes. No dia 28, ainda em Wembley, ganhariam da Espanha por 1 a 0 e obtinham o terceiro lugar na Copa, posição honrosa para uma equipe que no início era considerada das fracas do campeonato.

O mêdo de deixar Liverpool

Os brasileiros deixaram Liverpool, rumo a Londres, não sem alguma nostalgia. Tinham se habituado ao jeito bom e franco da cidade dos Beatles e à concentração no estádio do Everton, desde o princípio da Copa.

— Isso não é problema, era o que se dizia aos pessimistas na véspera do embarque. Os campos, na Inglaterra, são todos bons. Mas não era bem isso. Essa desculpa os brasileiros usavam só para argumentar. O que sentiam, mesmo, é que, se tudo estava dando certo em Liverpool, o ideal seria continuar por lá.

Viajaram 4 horas no trem confortável e depois assistiram à vitória da Inglaterra, no dia 26, contra Portugal. No dia 28 foram ver os portuguêses bater os espanhóis. Era antevéspera do grande dia.

Sábado, 30 de julho. A fleugma britânica parecia ter deixado Londres. A imprensa e o povo não falavam em outra coisa. Desde as primeiras horas da manhã, Wembley começou a receber gente. Gente nervosa, carregando bandeirinha inglêsa. O grupo de torcedores brasileiros também chegou cedo, carregando uma bandeira grande que ia ficar sacudindo durante todo o jôgo.

Quando os dois times entraram em campo, lado a lado, houve uma fração de segundo silenciosa, seguida de uma estrondosa salva de palmas. Na tribuna de honra, a rainha Elizabeth acompanhava a torcida delicadamente. Os hinos dos dois países foram executados, os capitães das equipes trocaram cumprimentos. Finalmente o juiz ordenou o início da partida que a imprensa do mundo, desta vez com unanimidade, chamou de "o jôgo do século".

Primeiro tempo sem gols. O nervosismo não deixava nada sair direito. Mas Orlando era um capitão muito tranqüilo e o Brasil tinha Pelé. Segundo tempo: uma corrida de Abel, o drible rápido que deixou seu marcador sentado e o centro rasteiro. A bola bateu na perna do central inglês e sobrou para Pelé, sòzinho diante do arco; êle colocou no canto oposto ao do goleiro: 1 a 0, aos 10 minutos de jôgo. Mais 4 minutos e os inglêses empataram, para o Brasil repicar um minuto depois. Gerson recebeu de Rildo, parecia ter medido o passe para a corrida de Jairzinho que atirou cruzado, forte, fazendo o segundo gol. A festa durou um minuto, os reservas invadiram o campo pulando de alegria, Jairzinho não chegava para os abraços. Os inglêses perseguiram o empate, empurrados pela torcida. E o empate veio, aos 27 minutos. Animados, os inglêses foram para a frente, com o pensamento na vitória. Com isso, descuidaram na marcação a Pelé. Aos 35 Dudu percebeu o Rei correndo, pedindo bola. O passe foi excelente. Pelé levou seu marcador na velocidade, o goleiro deixou a meta desesperado, porém mal teve tempo de olhar a bola indo para o fundo das rêdes. Um silêncio gelado baixou sôbre Wembley, enquanto no gramado os jogadores brasileiros rolavam de alegria, um bôlo em cima de Pelé. A pequena torcida brasileira gritava e agitava a bandeira. Começavam ali, realmente, as comemorações do tri.

Seguiram-se os 10 minutos mais longos da história do futebol brasileiro. Até o apito final do juiz, os jogadores só pensavam no fim daquilo tudo, no 45.º minuto que os faria donos da conquista mais brilhante do futebol mundial em todos os tempos. Fora do campo, os desmaios já davam um trabalhão entre os brasileiros.

A grande figura da copa

Completando a volta olímpica, aquelas mesmas coisas ainda rodavam pela cabeça de Pelé: rico, realizado, a caminho de ser pai, era hora de parar. O futebol já não podia lhe dar mais nada em matéria de glória. Ou será que haveria algum título maior que a conquista definitiva da Taça Jules Rimet, que o tricampeonato mundial?

Meio atordoado, Pelé foi envolvido por abraços e beijos. Foi carregado, arrastado. Não conseguia mais ordenar os pensamentos. Nem era hora disso. Deixou as soluções para quando chegasse a Santos, com a mulher, o futuro filho, os amigos.

Naquele amontoado de gente que gritava e chorava no vestiário do Brasil, só havia uma coisa uniforme: a unanimidade de opiniões sôbre quem tinha sido a grande, a incomparável figura daquela conquista. FIM

Carlos Lacerda

AS REVOLUÇÕES QUE EU VI

A primeira, não vi. A primeira, quem viu foi meu pai, Maurício de Lacerda. Um dia, muitos anos depois, meu pai foi ao nosso pequeno apartamento nas Laranjeiras e aceitou ditar-me suas memórias. Conservo o capítulo em que êle me contou o seu assombro de menino quando o Rio de Janeiro ficou sob o bombardeio da esquadra rebelada contra o presidente Floriano Peixoto; eram as lutas dos começos da República.

A segunda, quem terá visto melhor foi minha mãe. Pois eu estava para nascer e meu pai, junto com Rui Barbosa e outros, estava refugiado em São Paulo. Foi em 1914, no govêrno do marechal Hermes, que, sob estado de sítio, procurava prender os que se opunham ao seu govêrno forte. Começava a primeira guerra mundial, quando nasci.

Da terceira já me lembro melhor. O Forte de Copacabana e uma pequena parte da Escola Militar levantaram-se contra o govêrno do presidente Epitácio Pessoa. A 5 de julho de 1922, por motivos que ninguém explicou, talvez porque também não entenderam, o Forte, que estava atirando no Ministério da Guerra e acertou uma bala no Quartel General, parou de atirar. Na rua, as pessoas passavam, vagarosas, sem mêdo nenhum, comentando "a revolução". Alguém disse: "o Xiru foi prêso". O Xiru era Euclides Hermes da Fonseca, filho do ex-presidente marechal Hermes da Fonseca, em cujo nome se fazia a revolução. Tudo começara com uma carta falsa atribuída a Artur Bernardes candidato à Presidência da República que continha pesados insultos ao Exército, com alusões ao marechal Hermes. Êste reagiu e Epitácio Pessoa mandou prendê-lo. Então, veio a revolta do Forte de Copacabana, comandada por Xiru, filho do ex-presidente prisioneiro. Do meio dos tiros, Xiru saiu para parlamentar. Foi prêso. Então, dentro do Forte os revoltosos decidiram dar um exemplo de sacrifício e sairam de fuzil na mão pela Avenida Atlântica, novinha em fôlha. Repartiram em 18 pedaços uma bandeira brasileira e cada qual guardou um pedaço no dólman. Enquanto caminhavam — ouvi dizer na casa da minha avó — um civil aderiu ao grupo: era um môço milionário e gaúcho, chamava-se Otávio Correia. Foi o primeiro herói da minha meninice.

A tropa do Govêrno fêz fogo. Um a um, os moços foram caindo na areia da praia, na calçada. Alguns se esgueiraram na confusão. Segundo o brigadeiro Eduardo Gomes, último sobrevivente, os 18 do Forte eram menos de 18, o que êle só disse em 1955. Não disse antes — esclareceu — porque nunca lhe perguntaram.

No dia 5 de julho de 1924, veio parar nas minhas mãos uma cópia do manifesto do general Isidoro Dias Lopes que se levantara com o Exército em São Paulo, contra o presidente Artur Bernardes. Aliás, todo mundo fêz revolução contra Bernardes, que governou o tempo todo com estado de sítio. Êsse presidente se tornou uma espécie de bode expiatório lá de casa porque prendeu meu pai quase dois anos e meio, sem que êle tivesse sido interrogado nem ouvido. O manifesto do general Isidoro era durão. Meti a cópia dentro da botina e fui para a escola. A minha classe estava agitada. As notícias de São Paulo eram poucas e confusas. Subi numa carteira, tirei depressa o papel da botina e li o manifesto.

Depois, foi a longa espera. Havia conspiradores na chácara de meu avô. Levaram-me para uma fazenda próxima, onde só chegavam informações esparsas. Às vêzes, eu ouvia dizer, os conspiradores saíam da chácara para estudar um plano de sabotagem na estrada de ferro ou um assalto a uma coletoria, para arrumar dinheiro e continuar a marcha. Meu pai continuava prêso e nós sem licença para vê-lo, até que um dia — meu pai estava agonizante na prisão — o ministro da Justiça deu um cartão permitindo a minha mãe uma visita, uma só, antes de meu pai morrer. Êle não morreu então. Mas morremos nós muitas vêzes com tanta notícia desencontrada, tanta agonia, tanta aflição. Afinal, certa manhã soubemos na fazenda em que estávamos que soldados do Govêrno cavavam trincheiras em volta da casa, na chácara de meu avô. Era o cêrco do Govêrno para prender os conspiradores. Só então meu avô, doente, percebeu que havia uma conspiração na casa dêle, ministro do Supremo Tribunal. Foi até a porta e disse ao major que comandava os soldados: "Antes de entrar na minha casa o senhor terá de me matar". Ou coisa parecida. O major não entrou. Alguns rapazes se entregaram para evitar sacrifícios, outros cairam no mato. Hoje estão por aí, começando a se aposentar. Lembro-me que minha mãe se opôs tenazmente a êsse modo de fazer revolução. Achava, inclusive, ridículo. Eu não. E desconfio que ela tinha era mêdo que acontecesse alguma coisa a alguém. Nas revoluções brasileiras o que mais se procura, em geral, é evitar que aconteça alguma coisa a alguém.

1930: Meu pai e a multidão

A revolução de 30 já não me pegou desprevenido. A longa preparação da Aliança Liberal, frente de oposição contra o presidente Washington Luís, fôra precedida pela epopéia da Coluna Prestes, que encheu de glória e legenda a minha imaginação. Os heróis deviam todos morrer moços ou ser condenados ao heroísmo permanente. Eu recortava, furiosamente, tudo o que se publicava sôbre a Coluna que, a partir de 1924, percorria o interior do Brasil, driblava as tropas do Govêrno, aparecia no Maranhão quando pensavam que estava em Goiás. O môço Luís Carlos Prestes surgiu-me imenso e de barbas, na pessoa de um de seus lugar-tenentes, André Trifino Correia, que acabou se casando com minha prima. De tudo aquilo, só me restou o pente de balas da Coluna Prestes que Trifino me deu. E a lembrança daquelas conversas misteriosas cujo centro era mais ou menos isto, sempre: "Está faltando só o Fulano marcar a data".

Os Fulanos nunca marcam a data. As revoluções só ocorrem por precipitação ou por distração. De propósito, não. As revoluções que eu vi foram, neste sentido, extremamente impontuais, inclusive algumas que foram antecipadas.

Mas naquele ano de 1930, a preparação da opinião pública se fazia a olhos vistos. Os discursos na Câmara eram tremendos. Eu matava aula para ouvi-los. Afinal, mataram João Pessoa numa confeitaria, no Recife. Quando o corpo do governador da Paraíba, candidato à vice-presidência pela oposição, foi trazido para o Rio, a polícia resolveu não deixar passar o cortejo pela avenida Rio Branco. Estávamos perto do caixão: meu pai, a multidão e eu. Na esquina de Rio Branco com Marechal Floriano, um soldado tocou o clarim e a cavalaria formou para carregar contra o povo. Meu pai subiu na carrêta que trazia o corpo e falou. Sua palavra cortava os ares, aguda e fremente, sem microfone. Quando terminou, o povo mais adivinhava que entendia. Era um corisco falando. Uma vibração profunda comoveu o povo, muita gente chorava, vi os punhos levantados, e a massa — atendendo ao apêlo do tribuno — começou a deslocar-se. Estava evitado o conflito, prematuro, com a Polícia Militar. Mas o entêrro de João Pessoa precipitou tudo.

Em tôda revolução há um vizinho. Êste nos disse ter ouvido pelo rádio — o rádio começava — que o Rio Grande do Sul se levantou. Meu pai era deputado mas foi prêso. Uma vez sôlto por um habeas corpus, meu pai redigiu um manifesto recomendando aos reservistas que não se apresentassem para lutar contra os revolucionários. O presidente Washington Luís tinha convocado reservistas. Nós reunimos um bando de meninos e meninas e começamos a distribuir na cidade cópias do manifesto, datilografadas por uma porção de môças, que dizia: "Reservista, não te apresentes!"

Afinal, os generais se reuniram, acharam que aquilo já tinha durado muito e um dêles, que tinha ido combater os rebeldes, aderiu, e voltou membro da Junta Revolucionária. Assim o chefe da repressão num setor militar tornou-se membro da junta que depôs o presidente e se chamou de "Pacificadora". Nós fomos no carro de um homem muito simpá-

"Eu propus que Luís Carlos Prestes fôsse o nosso

tico, que fabricava chocolate, carro aberto e, se não me engano, verde, para defronte dos portões do Palácio Guanabara. Do lado de dentro das grades, os soldados apontavam os fuzis. Do lado de fora, no alto de uma pirâmide humana, meu pai falando a êles: "Baixem as armas! Não atirem no povo, que é vosso irmão!".

Quando meu pai acabou de falar, vi vultos na escada de mármore do Guanabara. Êle entrou no palácio e nós fomos para o Forte de Copacabana. Estávamos na casa-da-guarda, no momento em que chegou um soldado, perfilou-se, e disse ao comandante: "Pronto, meu comandante. O homem chegou".

Minha mãe que estava lá conosco, nos proibiu de ir ver de perto, porque achou que a gente não deve humilhar os vencidos. Pelas frestas da veneziana, vimos caminhar um homem alto e bem vestido, ao lado do cardeal: Washington Luís entrava para a História, na companhia do cardeal Sebastião Leme, que o foi buscar no palácio para levá-lo à prisão.

Depois, foi a orgia cívica. A cidade virou carnaval. O pessoal subiu à redação da **Crítica** e jogou tudo lá de cima, o fogo tomou conta de **O País.** As bobinas de papel de imprensa rolavam pela Avenida Rio Branco enquanto as pessoas cantavam.

Vi chegar Juarez Távora ao Rio, sob o céu tempestuoso, para reclamar a continuação da revolução, que os generais haviam tampado. Em frente ao Palácio do Catete, aquêle homem me pareceu enorme, o colarinho da farda desabotoado para dar espaço a um lenço vermelho, o capitão com as insígnias do seu generalato revolucionário. Depois me apresentaram a êle. Assombrou-me aquêle rosto de divindade asteca.

Lá em casa juntou tanta gente na porta que uma pessoa, num bonde que passava, perguntou se ali era algum centro espírita. Quando correu, então, a notícia de que meu pai ia ser ministro de Viação, a casa ficou intransitável. Para a gente tomar banho era um custo. E almoçar, só de pé, na cozinha. Nunca pensei que tivéssemos tantos amigos.

Em 1932, a notícia da guerra civil em São Paulo me pegou numa caravana de estudantes em Belo Horizonte. Fomos ver a despedida de um batalhão que partia. Um colega não quis se aproximar. Insisti: "Está com mêdo?" Êle confessou, como poucos: "Eu tenho coragem de dizer que estou com mêdo".

Para mim, aquela era uma guerra entre reacionários. No entanto, foi a única verdadeira guerra, de tôdas essas, enquanto a revolução de 1930 fôra o comêço, logo interrompido, de uma transformação social profunda — que está por fazer. Então, as revoluções já tinham adquirido consciência ideológica. Não, aquela guerra não era para nós. Só no dia em que alguns colegas foram presos na Avenida, junto ao café Belas Artes, senti que havia qualquer coisa de meu naquela guerra. Era tarde. A guerra estava perdida e logo começou a conciliação.

1935: PC comanda a esquerda

De 35, haveria muito o que contar. Eu ia entrar para a Juventude Comunista, na Faculdade de Direito. Mas a nova tática dos comunistas, de ampliar no mundo inteiro as bases populares do partido e de suas organizações, determinou a dissolução da Juventude Comunista e a formação de frentes menos sectárias. Estava se formando, com o apoio do presidente Getúlio Vargas, a Aliança Libertadora, que era para ser uma Frente Popular. No dia da instalação da Aliança, no Teatro João Caetano, um major do Exército, comunista sincero — tão sincero que deixou de ser comunista — chegou junto de mim (eu devia falar "pelos estudantes") e sugeriu, como de improviso, que eu propusesse o nome de Luís Carlos Prestes para presidente de honra da ANL. Fiquei honradíssimo. Propus. Então, a surprêsa foi minha: do alto do teatro até em baixo, desenrolaram-se cartazes e faixas aclamando Prestes. Nunca vi discursos produzirem efeito tão rápido...

Quando Getúlio Vargas, uma vez atingido seu objetivo, que era assustar a burguesia, fechou a Aliança, o Partido Comunista, que tinha um sistema de funcionar na ilegalidade, acabou de tomar conta do movimento e passou a comandar a esquerda no Brasil. Tínhamos encontros, em vários apartamentos, com gente que vinha dos Estados. Num dêles, apresentaram-me ao Miranda. E não sei se a minha mão não estava fria com a emoção de apertar a do famoso Miranda, nome de guerra de Antônio Maciel Bonfim, ex-sargento baiano e, então, secretário-geral do Partido Comunista. Êle descreveu como estava o Nordeste, pronto para explodir, como já haviam sido feitas ligações até entre os cangaceiros e a revolução, que já ninguém mais deteria. A história de Miranda está por ser escrita. Poucos homens conheci que tenham sofrido mais. Morreu católico. Sua companheira, uma menina, Elsa Fernandes, foi morta e despedaçada, enterrada num saco, no fundo de um quintal, por decisão dos dirigentes superiores do Partido Comunista.

Dia 23 de novembro de 1935, estourou no Rio a notícia de que Recife e Natal tinham sido ocupadas pela Revolução. Manifesto, boato, mas a cidade calma como se não fôsse com ela. Até que ouvi no rádio a notícia de que tinha havido prisões. Entre elas, a minha. Então ciente de que na confusão teria alguns minutos para evitar que o boato se confirmasse, telefonei a um colega de escola, Adalberto João Pinheiro. Êle me levou para sua casa, na Rua Paulo Freitas, que dava fundos para a Delegacia de Polícia da Rua Hilário de Gouveia. Fui recebido como um filho a quem se perdoa. De lá fui para Santa Teresa onde me acolheu um primo integralista, que me recebeu fraternalmente. Depois, fui para o apartamento de minha mãe, que já tinha sido vasculhado pela polícia. Era no Leme, de frente para o mar. Lá fiquei 4 meses, olhando o mar a noite inteira, até o amanhecer. Em seguida, fui para Ipanema, onde a janela dava para uma parede e meu pai mandava muitos livros e umas conservas, que eu fritava num fogareiro, até que só faltou incendiar a casa — e êle foi prêso.

Um primo meu conhecia um contrabandista de café, que fizera fundo falso no automóvel, uma baratinha, e várias vêzes por dia subia e

Os revoltosos do Forte de Copacabana. O primeiro à esquerda é Eduardo Gomes.
O ex-presidente Washington Luís, após a deposição. Seu caminho era o exílio.

lder: nunca vi discurso produzir tamanho efeito"

descia a Correias, para transportar — no fundo falso — sacas de café. Tal era o impôsto de exportação que compensava êsse esfôrço. O contrabandista aceitou me levar no fundo falso do carro, onde fiquei até passar a barreira da estrada. Depois, na serra, passei para a frente, com o contrabandista — um bom português que mais tarde se suicidou tomando creolina — tendo entre nós uma francesinha mestiça, de Madagascar, com a qual êle vivia sem saber uma palavra de francês. Ela passava trancada os dias todos no Hotel Mem de Sá e à noite descia para entrar no cinema do andar térreo. Vivia como uma prisioneira enquanto êle subia e descia a Correias, trazendo 6 sacas de café de cada vez. O bom contrabandista dava sentido de palavrão a tudo que ela dizia em francês. Servi de intérprete, mas a certa altura calei porque comecei a querer para ela uma vida melhor, mais respeito, mais carinho. Estava me apaixonando ligeiramente. No dia seguinte, fui para a antiga chácara do meu falecido avô.

1937: O Golpe de Estado

Foi o longo e miserável período do estado de sítio e do estado de guerra que, a partir do golpe comunista de 35, desembocou no golpe fascista de 37. Eu lia, mexia nas plantas, ajudei a plantar uma grande horta, escrevia e comecei a amar. Conheci, numa fazenda próxima, onde eu ia com o meu primo, uma mocinha que ensinava as crianças a ler. Quando eu chegava a cavalo, tocava a sinêta da escola na sala de jantar da fazenda, e as crianças iam para o recreio. Pois, embora as professôras fôssem duas, a outra também tinha o que fazer. Namorava o meu primo.

Voltei para o Rio quando a situação melhorou para o nosso lado. Com nome suposto, fui para São Paulo e de lá para Belo Horizonte, onde encontrei uma turma de estudantes que fazia propaganda da candidatura José Américo à Presidência da República. José Américo era apoiado pelo governador Benedito Valadares e, diziam, também pelo presidente Vargas, contra a candidatura de Armando de Sales Oliveira. Sugeri aos estudantes que arranjassem passagem para nós e que fôssemos pelo Rio São Francisco até a Bahia. Arranjaram e fomos. No fim da viagem, em cada cidade havia um telegrama do chefe de polícia de Vargas, Filinto Muler, prevenindo contra os jovens que iam passar, perigosos comunistas, o que muito nos distinguia.

Em Salvador, o Govêrno estadual — que era contra o integralismo — nos hospedou. Mas as coisas começaram a piorar. Quando tudo ficou bem ruim, um irmão do governador obteve uma casa, na Ilha de Itaparica, para eu ficar — até as coisas melhorarem. Era casa modesta, como as dos pescadores em tôrno. Quando me caía na mão um jornal, dava para sentir como se apertava o cêrco. Escrevi ao governador — que, então, não cheguei a conhecer pessoalmente — uma carta na qual dizia, em resumo, o seguinte: "Governador Juraci Magalhães. De recuo em recuo, o senhor chegará ao último, que se chama capitulação".

Uma tarde, voltando da praia, encontrei na casa dois homens de chapéu. Revistaram tudo, apreenderam a máquina de escrever, o volume de **Os Sertões**, de Euclides da Cunha — do qual eu queria extrair uma peça de teatro — e minhas notas de leitura. Por volta das 11 da noite, saí num saveiro que subia e baixava no negrume das ondas. Distante, as luzes da cidade do Salvador. Ia tomar um navio e voltar para o Rio.

Tinha começado o Estado Nôvo. Quando êle foi proclamado e o Congresso foi fechado por Getúlio, eu fui levado à Polícia Central do Rio de Janeiro. Entrava e saía gente na Sala dos Detidos a noite tôda. De madrugada começaram a chegar os judeus. Um foi prêso porque tinha em casa livros de Stephan Zweig. Outro foi espancado não sei por que.

Aquêles dias de ratos e percevejos, de humilhação e feijão aguado com quiabo duro, quem pode esquecê-los? A impressão mais forte que me ficou, no entanto, não foi de nenhum sofrimento lá dentro, a não ser o velho obrigado a ficar sentado numa cadeira, junto à porta aberta da privada, diante de todos nós, sem poder se levantar para nada, sujando a cadeira, desmoralizando-se até chorar como uma criança. Foi a da conformidade geral com o fato consumado. O Congresso fechado, os que não foram presos aderiram logo. Alguns, não. Mas nesses não se falava. Só aparecia no jornal o político bem dócil. Aquela não era uma revolução. Era um golpe de Estado.

Em 1938, eu estava de nôvo no interior, prêso sob palavra, conforme — à minha revelia — um amigo de meu pai negociara com o chefe de polícia, Filinto Muler. Ali fiquei noivo e me casei. Foi nessa época que um grupo de integralistas, liderado por Plínio Salgado, conspirando com um grupo de liberais, invadiu os jardins do Palácio Guanabara, onde os Vargas residiam. Getúlio Vargas se defendeu sòzinho, com uns poucos amigos e a família, pois os militares só chegaram bem depois: O Euclides, homem que se gabava de ter sido do bando de Lampião, depois foi do grupo particular do Tenório Cavalcanti e na época era da Polícia Especial, contou-me mais tarde que, naquela madrugada do Guanabara, dezenas de integralistas sob o comando do tenente Fournier, foram fuzilados a frio na garagem, depois de cessar a luta.

1945: A queda de Getúlio

Em 1945, no mês de outubro, chegava ao auge a campanha que Virgílio de Melo Franco e Otávio Mangabeira, para mencionar apenas dois, haviam articulado contra a ditadura. Antes, em fevereiro, Luís Camilo de Oliveira Neto, que foi demitido do Itamarati desde que assinara o Manifesto dos Mineiros reclamando eleições — e ainda por cima eleições livres — disse-me que José Américo aceitava dar uma entrevista repetindo a exigência do manifesto. Fui fazê-la na varanda de sua casa, no Jardim Botânico. Feita a entrevista, que falava da necessidade de acabar com a ditadura, Luís Camilo ofereceu-a a quase todos os jornais.

Entêrro de um oficial legalista, morto durante a revolta comunista de 1935. Trincheira da linha de frente dos paulistas, na revolução constitucionalista.

E CLAMARAM OS HOMENS POR UM MILAGRE

Precisamos de um nôvo papel, Apóstolo. E terá de ser muito forte. E bom para os mais diversos trabalhos. Ensina-nos a criar êsse nôvo papel. E respondeu-lhes o Apóstolo: filhos, olhai estas árvores. Nelas encontrareis a resposta para vossa inquietação. Assim disse o Apóstolo, mas muitos descreram e foram pelo caminho. Outros, crendo firmemente, suaram o suor dos seus rostos dia e noite. E dia e noite não estremeceu sua fé. Aplicaram o seu saber. Construiram grandes construções. Usaram o fogo e, eis que um dia, deu-se o milagre: surgiu, enrolado em grandes cilindros, o nôvo papel.

A Olinkraft reedita, milhões de vêzes por ano, o grande milagre. São mais de 500 homens que, em Lages, SC, plantam milhares de hectares anuais de pinheiros. Cortam e transformam a madeira em celulose e esta, no melhor papel kraft produzido no Brasil.

Olinkraft CELULOSE E PAPEL LTDA.

RUA D. JÚLIA, 182, 2.º - SÃO PAULO-8 - CX. POSTAL 7877 - TELS. 70-1260, 70-1262
END. TELEG. OLINKRAFT - FÁBRICA EM IGARAÇU (CANOAS) - LAGES - S.C.

pdp propaganda

O Aleijadinho: Apóstolo Pedro, talhado em cedro, uma das figuras da Ceia, primeiro passo da Via Crucis, Congonhas do Campo.

"Jamais alguém mostrou o original da carta de Vargas"

Não adiantava insistir, pensei. Dias depois saía a entrevista no **Correio da Manhã.** De tarde a censura não existia mais e os jornais tomaram coragem, dando o nome do candidato da oposição: brigadeiro Eduardo Gomes.

O ministro da Guerra de Vargas, general Eurico Gaspar Dutra, aceitou ser candidato do Govêrno. Mas Vargas e seus amigos chegados não desistiram de inutilizar as duas candidaturas. Sob a chefia de Hugo Borghi, que acabava de receber do Banco do Brasil o dinheiro (400 milhões de cruzeiros, grande quantia na época) e a incumbência de financiar a safra do algodão, surgiu o movimento queremista: "Queremos Getúlio". As duas candidaturas estavam em perigo. Foi então que homens da oposição conseguiram convencer o general a agir. Êle, mais do que ninguém, tomou a decisão de derrubar a ditadura que havia ajudado a implantar. No dia 29 de outubro o general Cordeiro de Farias, que fôra interventor da ditadura no Rio Grande do Sul, comunicou a Vargas, no Palácio Guanabara, que êle estava deposto. E Dutra foi eleito com apoio de Vargas, que escolheu, para si, dos males o menor.

1954: Morte de Vargas

Em 1950, numa eleição popular, por maioria esmagadora (o brigadeiro Eduardo Gomes mais uma vez foi candidato e as fôrças que poderiam surgir, dividiram-se), Vargas venceu o pleito. Seu prestígio cresceu no govêrno Dutra e sua máquina política ficou intacta. Assim começou a revolução de 1954. Os escândalos sucessivos acabaram cristalizando-se num que envolveu o Banco do Brasil, elementos da família Vargas e de seu séquito: foi o escândalo do jornal **Última Hora.**

O jornalista Carlos Lacerda, que tais escândalos denunciava, passou a ser ameaçado de morte. Um pequeno grupo de oficiais da Aeronáutica, Marinha e Exército dispôs-se a proteger a sua vida. Entre êles, dos mais prudentes e calmos era o major-aviador Rubens Florentino Vaz. No dia 5 de agôsto, de volta de uma conferência, na companhia de meu filho de 15 anos e do major Vaz — que estava desarmado — foi tocaiado na porta do edifício onde morava, no 180 da rua Toneleros. Ferido com uma bala de 45 no peito do pé, reagiu descarregando o revólver, mas já o assassino fugia, depois de matar o major Vaz.

Após um inquérito, que, foi, por si só, um ato revolucionário, tendo sido prêso o chefe da sua guarda pessoal, o famoso Gregório Fortunato, e aproximando-se a hora em que o seu irmão, Benjamim Vargas, ia ter de depor como suspeito de mandante do crime, Getúlio Vargas deu um tiro no coração. Era 24 de agôsto de 1954.

Surgiu então, atribuída a Vargas, uma carta-testamento na qual se falava das fôrças do imperialismo. Segundo alguns, esta carta teria sido escrita por Getúlio, na véspera do suicídio, e mandada datilografar. Mas sua filha, Alzira do Amaral Peixoto, diz que a verdade é outra, bem diversa. Nunca ninguém viu o original desta carta-testamento. Segundo outros, o autor da carta seria o antigo jornalista e industrial José Maciel Filho, muito ligado a Vargas e impregnado de informações e opiniões sôbre o domínio do Brasil por fôrças econômicas estrangeiras.

Com a morte de Vargas, cuja renúncia fôra exigida pelos generais, assumiu a presidência o vice-presidente Café Filho, que encarou a situação como se tudo fôsse absolutamente normal. O poder deslumbrou êsse antigo e delicado deputado de oposição. Acreditava em tudo — menos que tivesse ido ao poder por meio de uma convulsão e de um ato de fôrça. Convocou eleições na data prevista e tentou — como todo presidente — fazer um candidato seu. Não conseguindo, desinteressou-se do assunto. O candidato foi o general Juarez Távora. No PSD e no PTB, ambos reunidos em tôrno da herança de Vargas, impôs-se a candidatura do governador de Minas, Juscelino Kubitschek, homem extremamente dinâmico.

Alguns tentaram adiar as eleições. Depois delas, impedir a posse. Eduardo Gomes, então ministro da Aeronáutica chegou a garantir que "Juscelino não tomará posse". Mas o ministro da Guerra, general Lott, escolhido por indicação de Juarez Távora, passou-se para Kubitschek e, em nome da legalidade, deu um golpe militar apoiado pela esmagadora maioria dos generais.

Kubitschek foi empossado. Durante o seu govêrno, houve duas tentativas de derrubá-lo, ambas com caráter de protesto e ambas comandadas por um bravo e sereno aviador, o major Haroldo Veloso, que comandou as revoltas de Aragarças e de Jacaré-Acanga. Na segunda, que podia servir de motivo para Lott fechar o Congresso, o deputado Carlos Lacerda, líder da oposição — depois de dar tempo a que os revoltosos voassem para a Amazônia — preveniu o Govêrno e foi para a Câmara

Uma reunião de integralistas, os camisas verdes *que tentaram derrubar Getúlio.*

Getúlio Vargas, nas ruas do Rio. As suas costas, o anjo, *Gregório Fortunato.*

SEGUE

"As revoluções que eu vi, não vi"

a fim de impedir o seu fechamento com pretexto na intentona.

Com a eleição de Jânio Quadros em 1960, parecia que afinal se conseguiria uma revolução pelo voto. Mas Quadros, por motivos até hoje não explicados claramente, renunciou. O vice-presidente, João Goulart, estava na China Comunista. Os ministros militares tentaram impedir a posse, mas não tiveram apoio suficiente das Fôrças Armadas. O governador do Rio Grande do Sul e cunhado de Goulart, Leonel Brizola, iniciou a campanha pela posse do vice. Na Câmara, o deputado Adauto Cardoso chegou a pedir a prisão dos ministros militares. E João Goulart tomou posse.

A 31 de março de 1964, em Juiz de Fora, Minas, o general Mourão Filho, de acôrdo com o governador Magalhães Pinto e com o comandante da Guarnição de Belo Horizonte, general Luís Carlos Guedes, deu ordem de partida das suas tropas. "Precipitou-se!" — disseram os que conspiravam no Rio. No meu gabinete do Palácio Guanabara, enquanto mobilizava os recursos do Govêrno carioca para resistir ao cêrco que se armava, comentei: "Se algum dia esta revolução vencer, deve levantar uma estátua ao general Mourão com êsses dizeres — A Mourão Filho, o Precipitado". Pois sem essa precipitação, não teria havido a revolução militar.

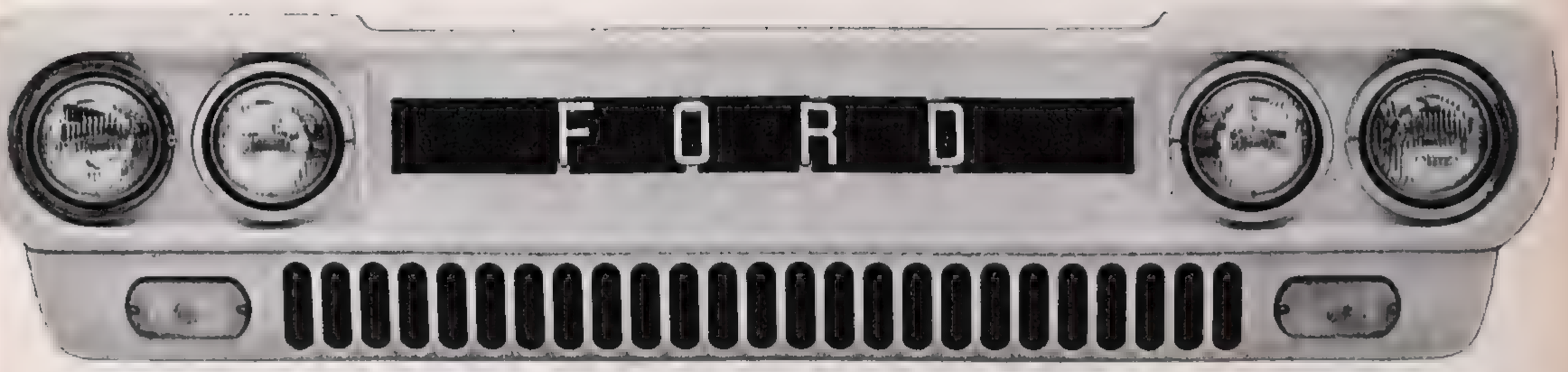
Vitoriosa a revolução, com a saída de João Goulart do País, foi eleito pelo Congresso um dos chefes militares, com o apoio de um pequeno grupo de governadores, o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, que era o chefe do Estado-Maior das Fôrças Armadas.

Uma vez eleito, deu aspecto de absoluta normalidade ao seu govêrno e organizou-o dentro dos moldes clássicos. Celebra-se em abril próximo o segundo aniversário da Revolução. Nessa ocasião todos se lembrarão que houve uma.

Engolfado em preconceitos e dominado por prevenções anacrônicas, o Brasil celebra uma porção de revoluções sem ter feito ainda nenhuma. Mas fará — porque é condição de seu desenvolvimento. Êste está condenado à grandeza. As soluções medíocres retardam e dificultam a sua marcha — mas não a impedem, afinal. Ela virá contra os privilégios de alguns, contra certos grupos e certos abusos. Mas, sobretudo, contra a rotina, a politicagem, a falta de visão e de atividade que sufocam o Brasil impetuoso e estuante. Se não a fizerem para a democracia ela será feita contra a democracia; mas de algum modo se fará, pois uma nação dêste tamanho não pode ser mera economia complementar, país recolonizado; e um povo tão numeroso não pode viver privado de liderança.

Por isto, concluo: as revoluções que eu vi, não vi. Porque não foram revoluções, e sim meros episódios — alguns heróicos, outros cômicos. Só peço a Deus que me deixe ao menos ver a Revolução Brasileira no dia de sua vitória nacional.

Carlos Lacerda



O que está por trás desta grade?

O motor mais perfeito
O motor Ford V-8.
Robusto, possante, poderoso.
Tem 8 pistões de curso reduzido (menos atrito, menos desgaste).
Tem 161 cavalos de fôrça e torque mais elevado. Trabalha com reserva de potência, o que permite aos caminhões Ford andar em "prise direta" a maior parte da viagem. V. sabe que isso economiza combustível e poupa o motor, não sabe? É por isso que os motores Ford duram tanto.

A mais completa linha de caminhões
10 modelos à sua escolha:
F-100 Passeio (com suspensão macia e resistente); F-100 Rancheiro (feito especialmente para trabalhos duros em qualquer estrada); F-100 4x4 (com tração nas 4 rodas, sobe rampas de até 150%); F-350 (o único caminhão de tonelagem média: 3 toneladas); F-600 (6 modelos à sua escolha com chassis de 148, 172 e 194 polegadas entre eixos, à gasolina ou diesel). V. conhece outra linha assim? Simplesmente não existe.

O maior fabricante de caminhões do Brasil
A Ford é a indústria que mais vende caminhões no Brasil, há 10 anos. V. não acha que deve haver bons motivos para isso?

Uma ampla rêde de Revendedores
Ford tem uma ampla rêde de Revendedores, que oferecem assistência técnica especializada e peças legítimas em todo o Brasil. Qualquer que seja o lugar onde V. esteja, V. tem a garantia da presença de um Revendedor Ford. Conheça a mais completa linha de caminhões no seu Revendedor Ford.

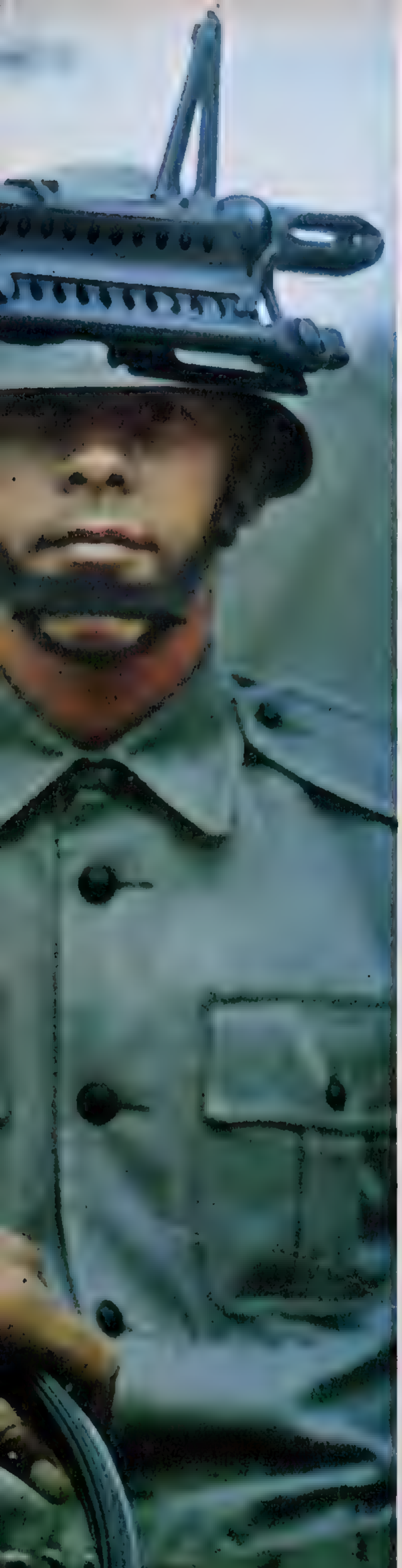
Padronize sua frota. Padronize com Ford.

A ÚNICA LINHA DE CAMINHÕES COM 10 MODELOS À SUA ESCOLHA.

Ford

A ilha de sangue

A história da Ilha Hispaniola é vermelha do sangue de seu povo. Dois terços da ilha, pouco mais que o Estado do Rio, são da República Dominicana. O outro têrço é o Haiti. Desde que Colombo a descobriu, em 1492, a Hispaniola viveu atormentada. São Domingos foi sua primeira cidade e lá, antes de 1550, os espanhóis construíram hospitais, conventos, tribunais e até uma universidade. Mas, atacada por furacões e por piratas holandeses, inglêses e franceses, só sobreviveu pela tenacidade da sua gente. Entre 1795 e 1844, São Domingos foi colônia francesa, voltou ao domínio da Espanha, fêz-se livre sob o nome de Haiti Espanhol, suportou uma invasão e anexação ao Haiti, e depois reconquistou a independência, que durou pouco. De 1861 a 1865 estêve de nôvo sob o domínio espanhol e, a partir de 1869, os presidentes dominicanos começaram a pedir que os Estados Unidos tomassem conta do país. Em 1916, por fim, os americanos assumiram o contrôle da República Dominicana, lá permanecendo até 1924. Seis anos depois, um ex-sargento de nome Rafael Trujillo foi eleito presidente. E governou 32 anos, diretamente ou por meio de títeres, na mais cruel ditadura da história do nosso hemisfério. "Deus e Trujillo" era o seu brasão. Quando tombou assassinado, em 1961, o ditador legara ao país um exército superequipado, uma polícia implacável e as elites manchadas até o fundo pelo seu poder corruptor. O drama que os dominicanos vivem hoje é produto dessa herança sinistra. Em 1962, nas primeiras eleições livres realizadas na República Dominicana, Juan Bosch obteve maioria esmagadora, e deu ao país, através de um Congresso que o apoiava, uma constituição democrática. Sete meses depois da posse, um golpe de Estado derrubou Bosch. Sucederam-se triunviratos civis e militares, até que na tarde de 24 de abril de 1965 um coronel, Francisco Caamaño Deño, destituiu o último dos triunviratos e, à frente de uma revolução, quis restabelecer a constituição de Bosch, reempossá-lo e abrir o Congresso. Foi a guerra civil. No seu quarto dia, 400 marines *norte-americanos desembarcaram em São Domingos, com a finalidade expressa de proteger vidas e bens de estrangeiros ali residentes. Logo depois, afirmando que a revolução estava nas mãos dos comunistas, os EUA enviaram então mais 30 mil soldados. A 6 de maio a Organização dos Estados Americanos aprovou a proposta norte-americana de formar uma Fôrça Interamericana de Paz. Na semana seguinte o Senado brasileiro referendava o envio de nossas tropas a São Domingos: nascia a Faibrás, que ia fazer parte da Fôrça Interamericana de Paz, comandada por um brasileiro, atualmente o general Alvaro Braga. A FIP é integrada por duas brigadas: a norte-americana, com 6 mil homens e a latino-americana, com 220 hondurenhos, 190 paraguaios, 160 nicaraguenses, 50 costa-riquenhos e 1.100 brasileiros. A intervenção da FIP desarmou os militares em choque e garantiu a posse do atual presidente, Hector Godoy. Novas eleições foram marcadas para 1.º de junho e Bosch está entre os candidatos.*



O repórter Luiz Fernando Mercadante e o fotógrafo Walter Firmo viveram três semanas com os nossos pracinhas em S. Domingos. Descobriram que a cidade odeia os "invasores" e que o povo quer ver nossos soldados pelas costas.

BRASILEIROS GO HOME

Faróis acesos ao sol do meio-dia, para que ninguém lhe corte a frente, o comboio brasileiro contorna a catedral de São Domingos — a mais antiga do Nôvo Mundo — e avança por ruas estreitas e vazias. Com um gesto único, os 30 soldados que guardam os caminhões e os jipes engatilham os fuzis automáticos e as metralhadoras de mão, enquanto os seus olhos treinados percorrem telhados, terraços, janelas e balcões: há permanente perigo de serem atingidos por franco-atiradores. Os velhos sobrados de côres berrantes, paredes furadas por balas perdidas, parecem desertos. Mas a cidade, que se faz de morta, ressuscita em cada quarteirão à passagem do comboio. E das casas amarelas, verdes, alaranjadas e azuis explode em gritos roucos um côro de fantasmas:

— Go home! Go home! Invasores, go home!

São Domingos não gosta dos soldados da FIP, Fôrça Interamericana de Paz. Os brasileiros sabem disso desde 26 de maio do ano passado, quando os primeiros chegaram cantando o samba que um pracinha fêz.

"Adeus querida,
Vou partir, não sei se eu volto
E vou levando a bandeira brasileira.
Se São Domingos está em guerra,
Adeus querida, vou levar paz àquela terra".

Os pracinhas encontraram as paredes cobertas de xingamentos, o lixo apodrecendo nas ruas, os homens ameaçadores nos telhados, as mulheres vestidas de luto e até as crianças de punhos fechados. Ficaram tristes. Mas continuaram cantando. E, desde o primeiro dia até hoje, vêm cumprindo o seu dever com responsabilidade, dedicação e coragem exemplares: protegem os civis, patrulham as ruas e zelam pela ordem.

Em São Domingos, a FIP acabou com a guerra sem conseguir a paz. Surgiu a guerrilha urbana, estourou a ação terrorista, e a bela cidade de 450 mil habitantes continua vivendo debaixo de tiros. Pois os fiéis partidários de Caamaño, em ações rápidas e emboscadas fulminantes, hostilizam o Govêrno, o Exército, a polícia e as tropas da FIP a serviço da OEA, entre as quais está o Brasil, com 1.100 homens, 850 da Infantaria do Exército e 250 do Corpo de Fuzileiros Navais.

Na casa mais nova da avenida Sarasota — um palacete de muito mau gôsto onde está

SEGUE

ATRÁS DAS ÁRVORES ESTÃO OS "TIGRES"

parado um Aero-Willys prêto — funciona o comando da Brigada Latino-Americana e da Faibrás, Fôrça Armada Interamericana do Brasil. Ali vive o coronel Meira Matos, comandante da brigada e da Faibrás. A brigada comanda dois batalhões: o 1.º do Regimento Escola de Infantaria, do Rio, e o Fraternidade, formado por uma companhia de fuzileiros navais do Brasil e companhias paraguaias, nicaraguenses e hondurenhas.

O coronel Meira Matos é um paulista de 59 anos, nascido em São Carlos e criado em São Paulo. Pertenceu ao gabinete militar do presidente Castelo Branco e foi seu interventor em Goiás. É tido como político hábil e militar esclarecido. Chegou a São Domingos antes do primeiro contingente brasileiro. E está familiarizado com a crise dominicana.

Há dez minutos explodiu uma bomba a dois quilômetros do palacete. Mas o coronel continua jantando sossegado. Já foi informado dos detalhes: um petardo de fabricação caseira estourou numa praça deserta sem fazer vítimas e uma patrulha brasileira já percorre a área. Chega a hora da sobremesa e o coronel ataca uma pilha de limas. Tem fascinação pela fruta: chupa uma dúzia por dia.

Da última lima, êle passa para os mapas. Seus oficiais lhe expõem o quadro da noite. O coronel dá algumas ordens, manda redobrar a vigilância e se recolhe ao seu gabinete. Vai escrever uma carta para a filha recém-casada. Fora, uma rajada de tiros corta o silêncio da noite. Imperturbável, êle chama o soldado Garcez, encarregado da copa e pergunta:

— Ainda temos limas para amanhã?

O comandante e os tiros

O comandante do 1.º Batalhão do Regimento Escola de Infantaria é o tenente-coronel Paiva, de 42 anos, carioca, louco por uma partida de volei e consumidor habitual de novelas policiais. Com seu jeitão de mocinho de cinema, é um chefe duro e querido ao mesmo tempo. Tem mão firme sôbre as 5 companhias que comanda: 3 de fuzileiros, uma de serviços e a de comando. Seu pensamento está sempre com os homens do batalhão que guardam posições na Plaza Independência, protegem a Rádio Santo Domingo e patrulham ruas escuras onde cada árvore pode abrigar um franco-atirador.

Nas noites pipocadas de tiros, o tenente-coronel Paiva percorre as posições brasileiras e conversa com os seus homens:

— Só atirem se forem hostilizados diretamente. E, assim mesmo, apenas quando localizarem com precisão o agressor.

Numa madrugada recente, quando as balas começaram a picotar as paredes de um edifício ocupado pelos pracinhas, o tenente-coronel Paiva chegou até a sacar a pistola 45 da cinta. Mas sua voz continuava firme e tranqüila, como se estivesse instruindo o seu time de volei:

— Não atirem. Não vamos lutar contra sombras. Primeiro temos que localizar êsses danados.

E os pracinhas obedientes, os corpos colados a sacos de areia, acariciavam os fuzis automáticos e municiavam os pentes de 20 balas. Antes que dessem um tiro, o fogo cessou. Os **tigres** dominicanos — remanescentes das tropas caamañistas — desistiram por aquela noite. Mas nem sempre foi assim: uma vez, os brasileiros deram 17 mil tiros em duas horas e 6 pracinhas cairam feridos.

O menino corneteiro

O Batalhão está acampado em 100 barracas, num antigo campo de hipismo, entre a esplêndida avenida Independência, o luxuoso Hotel Embajador e a miserável favela de Mata Hambre (Mata Fome). São 782 soldados, cabos e sargentos; e 47 oficiais. As sentinelas acabam de ser substituídas. O dia está amanhecendo, deixando para trás mais uma noite de explosões e metralhas. No acampamento, entretanto, "a maré estêve mansa", como diz Itamar, soldado corneteiro de 19 anos, o primeiro a estar de pé por fôrça de sua função. Seis horas em ponto, Itamar capricha o toque de alvorada.

— Alegria de corneteiro é acordar todo mundo. Até o comandante — diz, sorrindo como criança que fêz arte.

Mas a grande alegria de Itamar, confessada quase com lágrimas, será o dia de voltar ao Brasil, beijar os pais e os irmãos e mergulhar despreocupadamente em Copacabana, longe do conflito que não consegue entender. Se ao menos pudeses sair com Dolores, a morena de olhos grandes que flerta com êle nas calçadas da Avenida Independência. Mas Dolores tem mêdo, pois os **tigres** estão vigilantes, prontos para raspar a cabeça das môças que namoram soldados da FIP. E Itamar olha de longe, quase com carinho, os longos cabelos da môça Dolores. Se insistisse, ela talvez arriscasse. Mas Itamar prefere não insistir:

— Gosto dela o bastante para protegê-la.

E, por um instante, parece um velho aquêle menino de 19 anos.

O cabo de Hollywood

Cabo Damião é um prêto desempenado. Saiu de Niterói, com seu metro e 80 de altura e os seus 21 anos, disposto a voltar falando inglês. Passa as horas livres estudando e só ouve rádio norte-americana. Quando encontra um soldado dos Estados Unidos, impressiona os pracinhas da Companhia de Serviços com risonhas saudações em inglês. Ganhou o apelido de **Crioulo de Hollywood**. E até que gosta.

Hoje, Damião está aborrecido porque não vai haver feijão. É dia de ração fria, que os norte-americanos fornecem uma vez por semana. E é um pouco decepcionado que o

SEGUE

Faróis acesos, marcha o comboio brasi

Os dominicanos estão sempre protesto

ruas, a paz é apenas aparente.

rad Yanki"

os e cartazes pintados nos muros.

O ambiente de tensão em São Domingos aumenta com as greves e os repetidos atentados.

AÇÃO É REMÉDIO CONTRA SAUDADE

Crioulo de Hollywood encosta o fuzil num canto e abre a lata grande de ração. De lá, Damião retira 4 latinhas do tamanho das nossas comuns de leite condensado e ataca a primeira: galinha com batatas. Passa para a segunda: pêssegos em calda. Vai para a terceira: bôlo, biscoitos, chocolate e creme de amendoim. Finalmente, a última: café e leite instantâneos, açúcar, cigarros, fósforos, chiclé e alguma coisa que Damião esconde no bolso.

— O que é isso, cabo Damião?

— Hygienic paper, chefe.

— E essa comida enlatada alimenta?

— Alimentar, alimenta. Mas eu bem que pegava um prato de feijão agorinha mesmo. Amanhã eu desforro, chefe.

No dia seguinte, o rancho é farto: arroz, feijão prêto, salada ou creme de batatas ou macarrão e um último prato que pode ser filé de peixe, carne de porco, galinha, carne assada, bife ou ovos.

O feijão prêto e o macarrão foram pedidos pelos brasileiros. Os norte-americanos não os forneciam e a solução foi mandar buscar no Brasil. Na hora da sobremesa não faltam banana, laranja, fruta em calda e queijo. Mas pracinha faz festa é quando aparece uma lata de goiabada brasileira.

Pracinha ganha dólar

O sôldo mensal de um praça, no Brasil, é 17.400 cruzeiros. Em São Domingos, por estar no exterior e em operação de guerra, êle ganha 230 dólares por mês. Com êsse dinheiro, um pracinha pode fazer muitas coisas, até economia: afinal, 230 dólares são 512.820 cruzeiros.

Metade da tropa brasileira junta dinheiro. Retira 50 dólares por mês e manda o resto para casa: ajuda a família ou pede aos pais que comprem letras de câmbio.

— Investir é a solução — diz o soldado Gonzaga.

Mas nem todos pensam assim. Pracinha gasta dinheiro principalmente em dois lugares: no **PX** — uma miniatura de supermercado que os norte-americanos instalaram no acampamento — e nos camelôs.

O **PX** vende tudo sem impostos, a preços de fazer inveja, desde cigarros até cuecas, cerveja ou coca-cola em lata, creme de barbear e pipoca americana, pequenos rádios de pilha e máquinas fotográficas. Por 10 centavos de dólar (220 cruzeiros) compra-se uma lata de cerveja e por 15 uma maço de cigarros. Nos bares da cidade, meia garrafa de cerveja custa 50 centavos e um maço de cigarros dominicanos, dos menos ruins, não menos de 70. Cada pracinha tem direito a 60 maços por mês e a quantas cervejas quiser. Mesmo assim, não há casos de embriaguez: o castigo para um pileque é regressar banido, vergonha que ninguém quer.

Camelô em São Domingos vende tudo: de calicida a aparelho de televisão. Porém, a primeira coisa que os pracinhas compram é um par de óculos escuros:

— A claridade aqui não é mole — garante o soldado Monteiro que já comprou 8 pares de óculos.

Um filme de guerra

Pracinha brasileiro chama a República Dominicana de Répdom, paga um dólar e meio para nadar em piscina de hotel de luxo aos domingos, descobriu que um bom rum com água até parece uísque e se entende com os dominicanos em **portunhol,** mistura improvisada de português e espanhol, suficiente para ser entendida.

Às 9 horas e às 16, pracinha liga o transistor para ouvir a rádio das fôrças armadas norte-americanas, instalada em São Domingos. Tem programa brasileiro, produzido e transmitido pelo tenente Oliveira, que dedica as manhãs ao samba tradicional e as tardes à bossa nova. De manhã tem Ângela Maria. De tarde, Nara Leão. E, nas vitrolas automáticas dos bares da cidade, é fácil encontrar discos de Miltinho. Roberto Carlos ainda não entrou em São Domingos.

De noite há cinema no acampamento. O Brasil contribuiu com algumas comédias do tempo em que Oscarito era um jovem promissor. Os pracinhas protestaram. E agora só vêem filmes americanos. Uma noite destas foi exibido **Intriga Internacional,** com Cary Grant, e, na seguinte, **O Dia Mais Longo da História,** que conta a invasão da Normândia pelos aliados, em 1944. Foi um tiroteio do comêço ao fim. O sargento Tavares, do pelotão de Saúde, reclamou:

— Assim não dá. Filme de guerra é bom assistir na Cinelândia.

Domingo tem carcará

Aos domingos, pracinha fica de ôlho no céu.

— É dia de Carcará — explica o soldado Peixoto.

Carcará é o apelido que os pracinhas deram ao C-119 da FAB que todo domingo chega do Brasil com cartas, revistas, jornais e presentes. Quando o vagão-voador prateado aparece no céu com seu nariz vermelho e o bôjo recheado de notícias de casa, é uma festa.

O soldado Amauri bateu o recorde: recebeu 10 cartas de uma vez só. Da mãe, do pai, dos 3 irmãos, de dois amigos e de 3 namoradas. Segunda-feira o Carcará regressa. Amauri tira a noite para responder as cartas:

"Mãe, a senhora diz que tudo aí vai bem e eu fico muito contente com isso. Logo fico triste porque vejo que a senhora está muito preocupada comigo e que até chora tôdas as noites. Vou contar uma coisa para a senhora: seu filho está levando a vida que pediu a Deus. Pode acreditar que é verdade. Tirando namorada, que aqui é dureza arrumar, o resto eu tenho tudo. E tenho a certeza que eu logo mais

SEGUE

Os brasileiros preparam-se intensamente;

Americano diz que brasileiro é muito bom.

te; as guerrilhas podem estourar na selva.

Soldados do Brasil patrulham dia e noite: no rosto da garotinha, o medo.

m. *Os exercícios nas matas da República Dominicana são feitos com todo o realismo, como esta travessia de um rio.*

PRACINHA NÃO PODE TER NAMORADA

estou de volta, mais homem e mais ajuizado, pode acreditar. Ontem, colocaram um camaleão na minha cama, de gozação. Fingi que não vi, segurei o bicho e despistei. Depois, botei o camaleão dentro do coturno do Ronaldo e tapei com as meias. De manhã foi uma piada: êle calçou a bota com camaleão e tudo. Como a senhora vê, não há motivo para chôro, mãe, e o que eu quero é que a senhora reze para que tudo acabe bem com a ajuda de Deus. Muitos beijos carinhosos do seu filho Amauri.

PS — Não esqueça da fonia no dia 26."

A mãe de Amauri não vai esquecer. Nem êle. Não é todo dia que se consegue licença para falar com a família no Rio, pelo rádio da Faibrás. O encarregado dêsse serviço, tenente Matos, improvisou uma cabina com caixas de papelão e instalou cadeira e ventilador para os pracinhas. O soldado tem a sensação de estar numa cabina telefônica comum e fica mais à vontade do que se tivesse que falar em microfone. Muito sargento durão sai da cabina chorando, limpa os olhos e se queixa do calor.

Além das cartas e da fonia há sempre possibilidade de transmitir mensagem pessoal pelo telégrafo militar. E existem ainda dois recursos extra-oficiais: telegramas, que custam um mínimo de 15 dólares, e telefonemas, que saem por 12 dólares cada 3 minutos.

O feriado do pracinha

O esporte nacional da República Dominicana é o beisebol. Futebol só em alguns colégios religiosos e os pracinhas estão dispostos a desafiá-los todos de uma vez só. Pelé é um nome popular e os dois grandes jornais de São Domingos, o **Listin** e o **Caribe**, deram radiofotos do seu casamento. Mas em futebol os dominicanos ainda são apenas curiosos. Ficam impressionados quando um pracinha pega uma bola e faz **embaixada.** Lá, quem controla 3 vêzes é craque.

Volei e futebol de salão são os dois esportes que os brasileiros praticam no acampamento. Estão procurando um terreno para campo de futebol. Mas ainda não encontraram.

A imensa faixa de pedras que contorna o sul da cidade é batida fortemente pelo mar do Caribe, que próximo à terra aparece vivamente verde. Há bonitas palmeiras, mas nem um metro de areia. E uma infinidade de tubarões afugenta até os banhistas mais audazes. O recurso é seguir para Bôca Chica, um balneário a 30 quilômetros da cidade, onde nas manhãs de domingo aparecem mais brasileiros que dominicanos. Bôca Chica é a capital do futebol na areia, bossa que os brasileiros lançaram e que alguns dominicanos já começam a aceitar.

Depois da praia, o pracinha pode almoçar uma lagosta enorme que vai lhe custar apenas um dólar e meio. Por um filé, teria que pagar 4 dólares ou mais. E a lagosta vai bem com cerveja **Presidente,** dominicana e parecida com a brasileira. Depois, um formidável charuto. E pronto: o pracinha está preparado para mais uma semana de patrulha e vigilância.

Pôrto Rico é passeio

Pracinha traz no pescoço corrente com nome, número e tipo sanguíneo. Tem, em média, 6 camisetas, 6 cuecas, 6 pares de meia, duas fardas de campanha, uma de passeio, um par de sapatos e dois pares de coturnos. Dois calções azuis, regulamentares, e um **short** extra-regulamentar para as grandes ocasiões. Capacetes são dois: um de aço, outro de fibra. E mais o gorrinho verde de sempre.

O traje à paisana só é permitido nas licenças, em São João de Pôrto Rico. Vão duas turmas de 15 pracinhas por semana, em aviões da Fôrça Aérea norte-americana. Cada turma passa 4 dias e o pracinha leva pelo menos 100 dólares para as despesas. São João tem ótimos hotéis, buates alegres, mulheres bonitas, jôgo aberto, comércio muito rico e praias belíssimas.

Cabo Clóvis voltou de São João carregado de um estoque de **lingerie.** Entrou na barraca, vestiu uma camisola e caiu na risada:

— Minha crioula vai ficar um estouro metida nestes luxos.

Em São João ninguém fica sòzinho. É só Hotel Flamboyant, que oferece uma ceia, às 23 horas, por apenas 95 centavos de dólar. Os brasileiros não faltam. Jantam tarde, mas adoram o **slogan** da casa: coma até morrer e pague menos de um dólar. Outro programa bom é alugar um Mustang por 7 dólares diários.

Em São João ninguém fica sòzinho. E só piscar um ôlho e se arruma companhia. Mas de vez em quando um pracinha estrila:

— Quarenta dólares! Que é isso meu bem, você enlouqueceu?

Quando toca a perereca

Barraca de soldado tem 30 metros quadrados. Dá para 8 homens. A cama é de lona, brasileira, igual para todos, até para o comandante. E as paredes da barraca estão sempre cobertas de fotografias: garôtas de biquíni, como se vê em filme de guerra. Entre as estrangeiras, Úrsula Andress ganha longe. Entre as brasileiras, Marivalda está em primeiro.

O toque de recolher é às 9 e se as pererecas não dispararem a noite será de paz. Perereca é o apelido dos telefones de campanha, por causa de sua campainha grave que lembra o coaxar da rã. Mas as pererecas sempre tocam com notícia de rebus. Rebu é encrenca, tiro, complicação. Uma companhia inteira é acordada para reforçar a guarda e sair em patrulhas. Em 3 minutos a companhia está formada.

— Vamos depressa, gente, que Deus é brasileiro e o comandante é uma parada.

SEGUE

Dar amor a pracinha estrangeiro é perigos tig

Carnaval na guerra: pracinhas de biquini e

...só tigres *raspam a cabeça das mulheres.*

Domingo é dia de matar saudades. Carcará, o avião, traz cartas e revistas.

batom.

Os pracinhas falam com o Brasil pelo rádio. Da cabina, muitos saem sorrindo, mas existe sempre uma lagrima.

Foto do banquete de apresentação das "10 mais" e do Itamaraty, publicada em Manchete n.º 712

"Vips" de todo o Brasil foram conhecer o carro nacional fabricado especialmente para êles.

Francamente, nunca vimos gente tão curiosa assim.

Fizemos questão de esconder o veículo até a hora do banquete.

Uma enorme expectativa.

Até aquêle instante, os presentes só sabiam que o carro se chamava Willys-Itamaraty. Nada mais.

Pois bem: bastou mostrar o carro.

Todo mundo queria vê-lo. Tocá-lo. Examiná-lo por dentro e por fora.

Mas parece que todos saíram contentes. Tão contentes que já vimos vários dêles rodando por aí no seu Willys Itamaraty.

ITAMARATY'66

Produto da Willys-Overland
Fabricante de veículos de alta qualidade.

66-1008-ITA - Copyright Willys-Overland

SETE HOMENS EM CINCO SEGUNDOS

Duas horas depois, a companhia é dispensada, sem entrar em fogo ou empreender ação objetiva.

— Êta guerra murrinha — desabafa um pracinha. Vai dar bicho no cano do meu fuzil.

Gordo, baixo e extrovertido, o capitão Lennard, médico do 1.º do RESI, tem sempre um sorriso sob o bigode prêto. Seu orgulho é o pelotão de saúde e êle faz questão de mostrar o consultório médico, farmácia, enfermaria, isolamento para quem está com doença venérea e o gabinete dentário.

Principalmente o gabinete dentário, onde o capitão Paulo, um môço de 27 anos, faz milagres com uma broca movida a pedal.

— Cabo pedalador — grita o médico. Dá uma demonstração de como funciona essa geringonça para a gente. Olhe, vou contar uma coisa: até os norte-americanos vêm tratar os dentes aqui. O capitão Paulo é um artista.

Fora do trabalho, o capitão Lennard está sempre brincando. No Natal fantasiou-se de Papai Noel e num jipe, acenando para os dominicanos surpreendidos, atravessou a cidade e foi levar pacotes de cigarros e latas de cerveja para os pracinhas que estavam nas linhas de frente. Na volta, continuou acenando para os dominicanos e, quando um grupo gritou "go home, brasileño", respondeu com palavrões.

— Muito impróprio para um Papai Noel — reconhece. Mas, afinal de contas, deviam respeitar mais o velhinho.

No ar e na selva

Em dia de treinamento, pracinha não brinca. Sabe que tem muita coisa para aprender: operações aerotransportadas, exercício de montanhas, manobras de salvamento e guerra nas selvas. Em todos êsses treinamentos o pracinha está sempre acima da média e em alguns casos, como nas operações aerotransportadas, deixa até os norte-americanos para trás.

Nas manobras são usados helicópteros a turbo-hélice do Exército norte-americano. Seus pilotos vêm da guerra do Vietnã para descansar em São Domingos e são os primeiros a elogiar os brasileiros.

A operação básica consiste em embarcar ou desembarcar 7 homens do helicóptero em 5 segundos. O último tem que fechar a porta para proteger os pilotos dos tiros dos guerrilheiros. E isto carregando fuzis, uma bazuca e uma metralhadora média. Os brasileiros chegaram aos 5 segundos fàcilmente. Também, o helicóptero estava a 4 metros de altura e já havia gente pulando.

Nas selvas, os pracinhas passam uma semana. Aprendem a sobreviver no mato com os recursos naturais, a escolher água, matar cobra e a encontrar ou se esconder do inimigo.

SEGUE

Nem tudo é ódio em São Domingos. Entre os go home, *um momento de carinho.*

Intervenção na República Dominicana: sim ou não

A partir do momento em que tropas americanas desembarcaram em São Domingos, iniciou-se um grande debate sôbre o envio de soldados brasileiros. E o debate continua:

Lyndon Johnson — "A intervenção torna-se necessária porque o levante foi empolgado por um grupo de conspiradores comunistas."

Charles De Gaulle — "O prolongamento da atual intervenção estrangeira em São Domingos só pode conduzir à extensão de desordens inquietantes para a paz internacional, tanto na República Dominicana quanto no resto da América Latina."

Castelo Branco — "A soberania nacional se define, hoje mais do que nunca, pelo entrosamento de segurança interna e externa. Ao se decidir pelo envio de tropas à República Dominicana, o Govêrno agiu politicamente, pois a defesa do Brasil está também no Caribe."

Jânio Quadros — "A OEA só interveio na República Dominicana para justificar o ato de flagrante agressão cometido pelos Estados Unidos."

Ademar de Barros — "Se eu fôsse presidente dos Estados Unidos interviria na República Dominicana e se eu fôsse presidente do Brasil mandaria tropas para aquela nação para defender a democracia. No mundo atual não cabe mais sentimentalismo, sendo necessária medidas concretas e positivas para a defesa do mundo livre."

Costa e Silva — "O envio de tropas brasileiras é medida justa de solidariedade continental contra o perigo comunista".

Vieira de Melo — "Meu voto consciente é contra o envio de tropas brasileiras, pois não encontro apoio para a medida na Carta da OEA. O caso é de conflito interno e exige mediação diplomática e não solidariedade armada."

Juraci Magalhães — "A ação norte-americana não teve caráter de intervenção mas foi, em vista da participação prévia dos comunistas na crise, uma contra-intervenção".

Juscelino Kubitschek — Merece tôda censura a intervenção unilateral dos Estados Unidos na República Dominicana. Mas, consumado o fato, não se pode deixar de aprovar a participação do Brasil na organização de uma fôrça de paz."

Carta da OEA, art. 15 — "Nenhum Estado ou grupo de Estados tem o direito de intervir, direta ou indiretamente, seja qual fôr o motivo, nos assuntos internos ou externos de qualquer outro. Êste princípio exclui não sòmente a fôrça armada, mas também qualquer outra forma de interferência."

BRASILEIRO INVENTA PARA VIVER

Situada na bôca da Calle El Conde, a mais movimentada rua comercial de São Domingos, a Plaza Independência foi durante tôda a guerra civil um forte reduto caamañista, lugar de comícios e concentrações populares. Lá está, no velho e majestoso portão Del Conde, o altar da pátria, monumento que guarda o corpo dos heróis da independência dominicana: Duarte, Sanchez e Mella. Há 6 meses, os brasileiros a ocuparam, depois de um dia de luta em que 4 pracinhas ficaram feridos.

A Terceira Companhia foi a primeira a chegar à praça, instalando-se nos altos de 3 edifícios. De noite, quando as armas se calaram, os pracinhas cantavam "A praça é nossa". A Terceira, por isso, ganhou a legenda de pioneira.

No carnaval, houve desfile de blocos no acampamento brasileiro. Com jipes servindo de carro alegórico e alguns soldados vestidos de mulher.

A Terceira ganhou o concurso. Foi a melhor a se apresentar.

— Também, vocês viram que morena desfilou no nosso carro? perguntou o sargento Batista.

— Que é isso sargento? brincou um cabo. O môço é decente, está alojado na minha barraca. Eu respondo por êle.

— Ah! Que inveja, cabo. Que inveja...

O espírito improvisador do brasileiro — o mesmo que transformou mosquiteiros em fantasias de fantasma no carnaval — tem valido muito para enfrentar as situações difíceis. Quando um sargento norte-americano foi degolado em uma estrada escura por um arame farpado que varreu seu jipe descoberto, os pracinhas logo se defenderam: colocaram um alto cano vertical no centro do pára-choque dianteiro dos seus veículos e continuaram viajando tranqüilos pelas estradas.

Outra vez, descobriram que os **tigres** passavam por suas casamatas de dia se fazendo de operários e até cumprimentando os pracinhas. Os **trigres** marcavam bem as aberturas nos sacos de areia, a posição dos soldados, amarravam os tiros com mira cuidadosa e de noite atiravam dentro dos abrigos. Agora, os **tigres** perdem seu tempo. Ao cair da noite os pracinhas mudam a posição dos seus abrigos.

Max, Drumond e Oliveira — três pracinhas da Terceira — marcham em patrulha pela Plaza Independência. Um grupo de homens na porta de um bar os desafia com gritos. São uns 50. Os pracinhas não se perturbam. Param diante do grupo e colocam máscaras contra gases. É o bastante. Os manifestantes se dispersam e os pracinhas sorriem:

— Se êles soubessem que nós estamos sem as granadas de gás!

Sorrindo, os pracinhas prosseguem a patrulha. Voltarão à praça muitas vêzes ainda. Há uma campanha eleitoral pela frente e a tensão vai aumentar. Por isso, continuam lá.

FIM

E depois da 3.ª ou 4.ª dose, então. . . todo "whisky" fica bom. Mas no dia seguinte, mesmo, é que você vai saber.

E Old Eight?

Depois de conhecer "Old Eight" você vai entender porque um whisky realmente extra precisa ser envelhecido oito anos. ("Old Eight" é o único no Brasil envelhecido 8 anos). Aliás, a fama dos whiskies escoceses vem daí: seu envelhecimento.

"Old Eight" é produzido com extra "scotch malt whisky" importado das melhores destilarias da Escócia. Não estranhe, pois, que "Old Eight" custe um pouco mais. Êsse pouco mais, faz muita diferença... no dia seguinte.

Old Eight é envelhecido 8 anos ...que quer dizer isso?

Quer dizer que "Old Eight" passou 8 anos na Escócia esperando amadurecer, aprontando-se para o grande dia. "Old Eight" e você vão ficar velhos amigos desde o primeiro encontro. E quem garante o envelhecimento de "Old Eight" é DRURY'S - o maior nome em whisky no Brasil.

Faça a prova

Coloque "Old Eight" num copo e o melhor whisky escocês noutro copo. Convide aquêle seu amigo que diz ser grande conhecedor de whisky. Êle vai achar que você está brincando, que os dois whiskies são escoceses, legítimos. (Seja bonzinho e ensine a êle que "Old Eight" já existe no Brasil).

e...onde está à venda?

Em algumas poucas casas, exatamente aquelas que fazem questão de ter o melhor produto de cada especialidade.

produzido e engarrafado por
Drury's S.A. para:

Fabrizio Fasano & Cia.
Rua Maestro Elias Lôbo, 987
Fone: 8-7521 - São Paulo

O bom whisky você conhece no dia seguinte...

Com pneus Pirelli v. pode "largar brasa" em qualquer percurso. Ou melhor, em quase todos.

Os mais impacientes na balsa são os que equipam seus carros com Stelvio "Spalla di Sicurezza". A explicação é simples: êles estão acostumados a chegar sempre na frente. É que a Pirelli aproveitou a experiência das pistas de corrida para fazer do Stelvio "Spalla" um pneu que de convencional só tem o preço.

Sempione e Stelvio "Spalla di Sicurezza" Cinturato – o primeiro pneu radial fabricado no Brasil.

PIRELLI é mais pneu

publitec 29-127

Em alguns países, quem quer um telefone consegue na hora. Os aparelhos com televisão já estão em funcionamento na Inglaterra e nos Estados Unidos. Chegaremos lá? Por enquanto, estamos implorando:

LINHA, FAZ FAVOR

— É da companhia telefônica? Por favor, senhorita, eu preciso de um telefone azul e quero que seja instalado hoje, no nôvo apartamento que aluguei. Mas só vou estar lá às 15 para as 6.

— Pois não, cavalheiro. O senhor precisa de um aparelho de mesa ou de parede? E por que não coloca extensões no banheiro e na cozinha?

Êsse diálogo é normal hoje em qualquer cidade da Suécia ou dos Estados Unidos.

No Brasil, o coronel Dirceu Coutinho foi obrigado a esperar mais de um mês para conseguir a instalação de uma única linha nos escritórios de sua emprêsa. O coronel Coutinho é presidente da Emprêsa Brasileira de Telecomunicações, companhia estatal que agora vai cuidar dos serviços telefônicos no País.

A Embratel, criada para comprar a Companhia Telefônica Brasileira e cuidar das linhas interestaduais, quer fazer o Brasil chegar aos padrões mais modernos no que diz respeito a telecomunicação. Pelo menos nas ligações interurbanas, e na área onde opera a Cia. Telefônica Brasileira.

SEGUE 51

Dom Pedro II, quando experimentou o telefone, na Feira de Filadélfia, em 1876.

TELEFONES CONTINUAÇÃO

SONHO DO BRASIL VAI DEMORAR 30 ANOS

O plano da Embratel é encontrar recursos para isso criando uma sociedade por cotas. Quem tiver telefone será cotista e também proprietário, com interêsse direto no sucesso da companhia e o direito de escolher seus dirigentes.

Tempo ao tempo

Um brasileiro está em Viena. Do hotel disca para um amigo. Ouve uma voz estranha, dizendo coisas estranhas. "Foi engano", pensa. Desliga, disca de nôvo. Vem a mesma voz, com as mesmas palavras.

Tenta mais uma vez, tudo igualzinho. Sem entender nada, pede que um funcionário do hotel faça a ligação. Êste faz e explica: o amigo mudou de telefone e aquela voz é uma gravação colocada na própria central telefônica, dizendo o nôvo número do assinante.

— Para o Brasil sair da sua atual pobreza de telecomunicação e chegar aos aparelhos que gravam recados, aos telefones com televisão, aos interurbanos instantâneos, às centrais que gastam uma fração do tempo agora necessário para uma ligação normal, precisaremos de aproximadamente 30 anos — diz o presidente da Embratel. Mas quem já tem o seu pedido de telefones na CTB pode ter esperanças de conseguir o aparelho no máximo em cinco anos.

Em São Paulo estão sendo atendidos os inscritos de 7 a 15 anos atrás, pelo sistema de autofinanciamento, num total de 100 mil linhas para os próximos dois anos. Na Guanabara, o atendimento começará êste ano. Mas, nos cinco anos necessários para dar telefones à atual fila, o número de pedidos aumentará numa base de 20 mil por ano em cada uma das grandes capitais. Calcula-se, portanto, que em sete anos a situação estará **apenas normalizada.**

O pouco que existe

A Guanabara tem atualmente 368 mil telefones e uma fila de 217 mil cidadãos querendo o seu aparelho. A situação em São Paulo, que tem maior atividade econômica e maior população, é mais grave: 296 mil telefones instalados e 273 mil esperando a vez. A CTB calcula que outros 300 mil, tanto no Rio como em São Paulo, também precisam de telefones mas acham que não adianta pedir. Assim, sòmente nessas duas cidades, há mais de um milhão de pessoas sem telefones, que usam os aparelhos dos outros. Por isso, às vêzes, espera-se até meia hora com o fone fora do gancho, para chegar o ruído de discar.

Chicago, nos Estados Unidos, cidade de população aproximada às de São Paulo e Rio, tem dois milhões de telefones, 57 para cada 100 habitantes.

Na Guanabara há 10 aparelhos para cada 100 cariocas. Em São Paulo essa média desce a 7 por 100. Para o Brasil inteiro temos 1,6 telefone por 100 habitantes. Nova Iorque tem 62 aparelhos para cada 100 pessoas. Em Estocolmo, na Suécia, a média é de 72. Em Punta del Este existem 32 por 100, a maior média da América do Sul. Em Montevidéu, 11. Cada 100 habitantes de Buenos Aires têm 24 telefones. Em tôda a Argentina, 6,5. O pior é que, no ano de 1964, enquanto no Brasil foram completadas 6,5 bilhões de ligações, na Argentina houve apenas 4 bilhões de conversas telefônicas.

D. Pedro II, em 1876, estava visitando a Feira de Filadélfia, Estados Unidos, quando encontrou num "stand" o professor Graham Bell, expondo um invento. Mas Bell estava esquecido pelos juízes da exposição. Dom Pedro chamou a atenção da comissão julgadora, Bell fêz uma demonstração, os juízes ficaram espantados e o imperador do Brasil mais ainda:

— Meu Deus, isto fala!

No ano seguinte o govêrno imperial já facilitava a instalação no Brasil de casas de importação de artigos elétricos, que conseguiram também concessão para explorar os primeiros serviços públicos de telefones.

Em 1905, depois de vários concessionários, os serviços da cidade do Rio de Janeiro estavam por conta da **Brazilian Traction, Light and Power Co. Ltd.,** a proprietária da CTB. Dois anos mais tarde, essa companhia expandiu-se para quase tôda a área em que opera ainda hoje. E, por 30 anos, ninguém reclamou da falta de telefones. Ao contrário, a companhia é que sofria com seus poucos assinantes sendo obrigada, por volta de 1930, a estabelecer um prêmio de cinco a oito mil réis ao funcionário que trouxesse novos clientes.

— Isso custa dinheiro e vai me acordar de noite — era a resposta que os agenciadores da CTB ouviam da maior parte das pessoas que procuravam.

E a companhia, naquele tempo, deixava o telefone na casa do assinante por três meses "para experiência", sem cobrar nada, nem os interurbanos.

De repente, no período que coincidiu com a segunda guerra, o povo começou a sentir a utilidade do serviço e todos já desejavam o seu aparelho. Mas a inflação começava. E a "demagogia oficial" não permitia o necessário reajuste de tarifas. Êsses dois fatôres desencorajaram os acionistas da CTB em fazer maiores investimentos e assim impediram que nossas comunicações telefônicas acompanhassem o ritmo de outros países. Mesmo assim, São Paulo passou de 54 mil telefones em 1940 para 260 mil em 1960. O progresso foi equivalente no Rio.

Onde tudo foi bem

— Por favor, telefonista, eu preciso localizar o sr. Antônio da Silva, que está em viagem pelo estado do Colorado.

Com essas informações, uma telefonista da **American Telephone and Telegraph,** ATT, concessionária de 83% dos telefones dos Estados Unidos, pode achar, em alguns dias (ou em poucos minutos se tiver sorte), a pessoa que procuramos mas não sabemos onde está.

O Brasil e os Estados Unidos começaram a ter telefones na mesma época, logo depois da invenção de Bell. A ATT tem hoje um capital de 28 bilhões de dólares, mais que os da General Motors, General Eletric e US Steel, as três maiores emprêsas dos EUA, juntos. Paga anualmente 4 bilhões de dólares para seus 733 mil empregados. E opera com 67 milhões de telefones (o país todo tem 84 milhões). No Brasil há pouco mais de 1,2 milhões de telefones.

A ATT é uma emprêsa privada cujos lucros são regulados pelo govêrno, mas mesmo assim encontra soluções para ampliar os sistemas e desenvolver pesquisas de novos meios de comunicação.

Os 2.800.000 acionistas da ATT têm tanta confiança na sua direção que, quando foi anunciado um aumento de capital, milhares enviaram cheques em branco, para a própria companhia preencher no valor das ações a que tivessem direito. São tantos os acionistas que 25 mil dêles chamam-se Smith. O capital da emprêsa é democratizado: três quartos dos acionistas têm menos de 100 ações e o maior proprietário tem menos de 1% do total das ações.

Fred Kappel, o seu atual presidente, começou na companhia como cavador de buracos para postes.

Para falar no futuro

A cada dia que passa, a ATT instala 11.500 novos telefones e completa 300 milhões de chamadas. Já instalou 17 mil telefones em automóveis e trens, cobrando de 55 a 77 mil cruzeiros por mês. E, do jeito que vão as pesquisas nos seus laboratórios, não está longe o dia em que uma senhora de Nova Iorque chamará Chicago só para dizer:

— Oh, Marjorie, eu estava tão curiosa para ver seu nôvo penteado que não agüentei sem telefonar.

O aparelho **veja-e-fale-ao-mesmo-tempo,** ou visofone, ou telefone com televisão, já funciona normalmente entre Nova Iorque, Chicago e Washington. Uma ligação custa, pelos primeiros três minutos, de 35 a 59 mil cruzeiros. Por enquanto cara, porque para se transmitir a imagem usam-se 125 circuitos, enquanto uma ligação normal precisa apenas de um.

Um nôvo sistema, lançado agora pela ATT, está ameaçando todos os atuais aparelhos: em lugar de discar, aperta-se um botão para cada número e uma ligação, antes feita em nove segundos, pode ser completada em apenas quatro. Um telefone dêsses pode ser instalado pelo equivalente a 11 mil cruzeiros, mais uma taxa de Cr$ 3.300 por mês. Outra novidade da ATT é o **cartão discador.** Uma loja liga para

Tudo isto já existe

Os telefones dos EUA são quase ficção científica para nós: 1) êste aparelho transmite um eletrocardiograma a um computador e recebe o diagnóstico de volta; 2) telefone experimental, que permitirá o pagamento de contas através do banco só com um cartão e alguns toques nos botões; 3) para ligações mais freqüentes: roda-se o índice até o nome desejado, aperta-se um botão e esta memória completa a chamada; 4) aparelho que, em qualquer lugar, avisa o portador de que está sendo chamado: basta, no telefone mais próximo, discar um código, para receber a ligação, 5) mais rapidez: em vez de discar usam-se cartões perfurados.

CORRIDA PARA ALCANÇAR O PRESENTE

seu depósito pelo menos de meia em meia hora. Com um cartão plástico perfurado que se coloca na base do aparelho, o tempo de discar fica diminuído para dois segundos. A instalação custa 33 mil cruzeiros, com direito a 40 cartões, livres de despesas, mais uma taxa extra de Cr$ 7.700 por mês. Os laboratórios da ATT, que o presidente da emprêsa chama de "fazedores de sonhos", têm 4.575 cientistas, pensando em como melhorar as comunicações no mundo.

— Estamos iniciando uma corrida para alcançar o progresso do País em outros setores — é a frase do presidente da Embratel, quando fala do seu trabalho. Justifica a encampação da Companhia Telefônica Brasileira com o artigo 5.º da Constituição, que atribui à União a responsabilidade das telecomunicações interestaduais e conclui que "a compra foi boa para o Brasil".

A CTB vai custar 26 milhões de dólares. O Govêrno responsabilizou-se por uma velha dívida de 70 milhões de dólares e o total ficou em 96 milhões (em cruzeiros, 211,2 bilhões). Mas 75% dêsse dinheiro serão, por contrato, reinvestidos no Brasil.

Para as comunicações municipais, o plano da Embratel é apenas conseguir capital para executar os projetos anteriores da CTB. E promete que dentro de três anos São Paulo e Rio começarão a sentir os primeiros efeitos. Mas, para atender aos pedidos em atraso e aos novos que vão surgir, só em sete anos.

As comunicações interestaduais serão atacadas já pela emprêsa estatal. O coronel Dirceu Coutinho determinou estudos para a instalação de um tronco Pôrto Alegre-Curitiba-São Paulo, com capacidade para 600 ligações simultâneas, dentro dos padrões internacionais. O tempo previsto para seu funcionamento é de três anos.

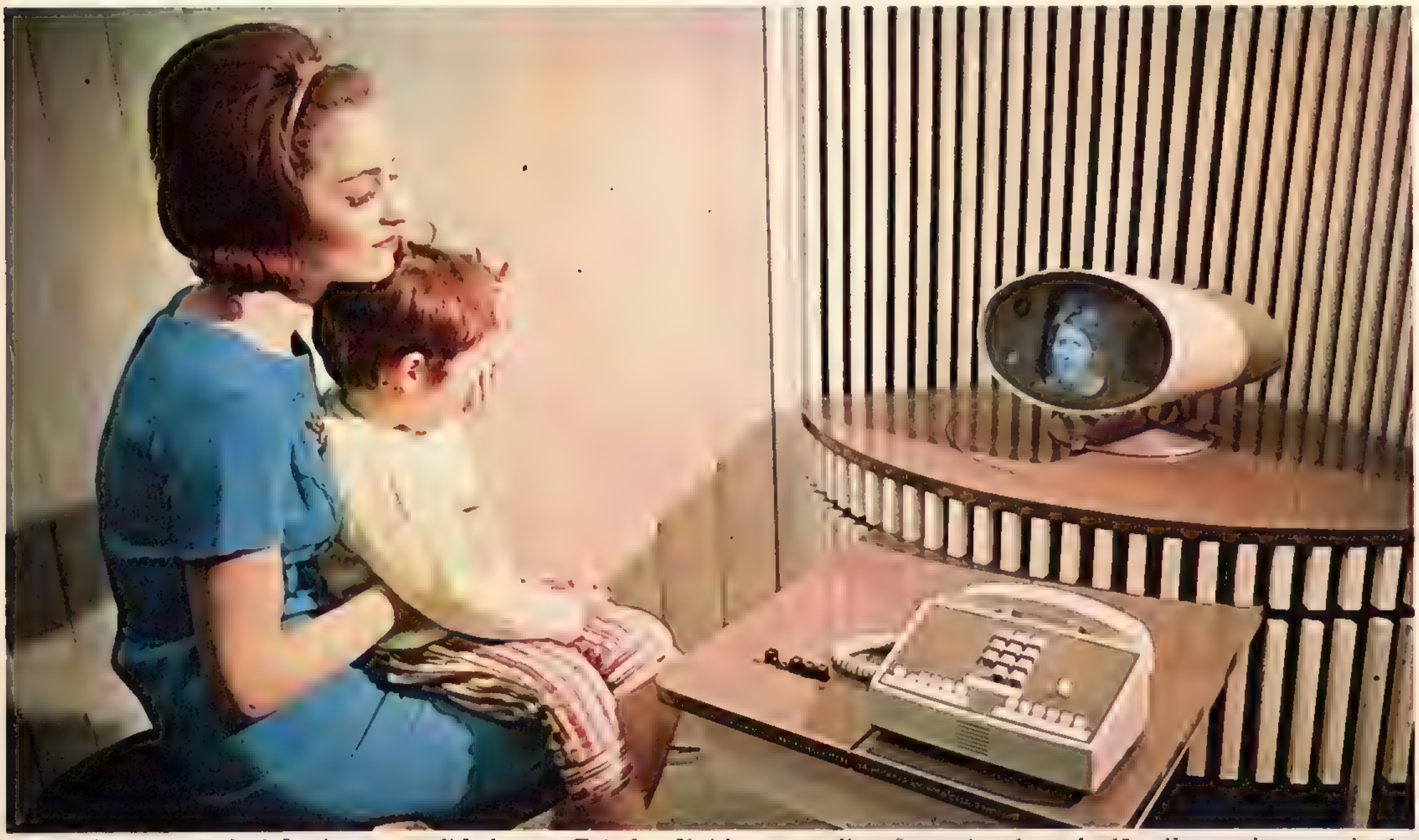
Outro plano imediato é ligar o Rio a Brasília também com um sistema de 600 ligações simultâneas e transferir o atual equipamento (que permite 128 ligações) para unir São Paulo e Campo Grande, no Mato Grosso. Iniciará, depois, a ligação Belo Horizonte-Salvador-Recife, para acabar unindo o Brasil todo num sistema moderno de comunicações telefônicas que irá terminar na Amazônia.

Do programa dêste ano consta também o estudo para a instalação da nossa estação terrestre do sistema internacional de comunicações por satélites.

Compre seu telefone

A instalação de centenas de milhares de telefones nas grandes cidades obrigará a Embratel a ampliar tôda a rêde interurbana nacional.

— Mas a situação não poderá ser normalizada em menos de 7 anos. Pois, além da enorme complexidade da tarefa, é preciso



O telefone com televisão é uma realidade nos Estados Unidos: uma ligação custa cêrca de 15 mil cruzeiros o minuto.

lembrar — diz o coronel Coutinho — que todo o equipamento será fornecido por fábricas nacionais, de produção ainda pequena.

Enquanto os novos aparelhos não chegam, quem precisa urgentemente de telefone cai nas mãos dos "agenciadores". Em São Paulo, um certo **mr. Bell,** em anúncios de jornais, em quatro línguas, oferece linhas telefônicas e diz que consegue telefones de qualquer estação, "a preços módicos".

No Rio, aparece anunciando um **professor,** também chamado **Bell.** Os preços dos "agenciadores" em São Paulo são de Cr$ 1.800.000 para linhas de 32 a 37; Cr$ 1.900.000 para linhas 51 e 52; e Cr$ 2.200.000 para linhas 8 e 80 (bairros ricos). No Rio, Cr$ 1.600.000 por linha da estação 22, no centro.

Com as coisas assim, às vêzes é preciso esperar seis horas por uma ligação para uma cidade onde se chega de automóvel em cinco horas. E é preciso fazer fila para telefonar no bar da esquina, porque os poucos telefones públicos que existem quase nunca funcionam.

O fim feliz

A Embratel tem muita fé no futuro. Mostra o exemplo do Japão, onde o problema de telefones era igual ao brasileiro, e agora já está com metade da questão resolvida. A NTT **(Nippon Telephone and Telegraph),** criada em 1952, elaborou quatro planos qüinqüenais para transformar o Japão num país bem servido por telefones. Estão agora no terceiro qüinqüênio e os japonêses têm 10 milhões de telefones, com 12,5 aparelhos por 100 habitantes, 8 vêzes o índice brasileiro.

A Embratel prevê, não 20, mas 30 anos como prazo indispensável para que as nossas comunicações sejam perfeitas, para que haja mais linhas do que gente querendo telefones, e para que estejamos em condições de progredir junto com os outros países.

Nosso potencial técnico permite otimismos: as fábricas brasileiras, além de centrais modernas, cabos, fios, já produzem telefones com amplificador de som, que possibilitam ouvir e falar sem se aproximar do aparelho. Produzem também o telefone que em vez de disco tem botões, mas só serve ainda para sistemas internos que tenham centrais especiais. Êsses aparelhos estão à venda nas lojas e custam entre 100 e 200 mil cruzeiros, pelo sistema do crediário.

E, no fim dos programados 30 anos, quando o serviço, provàvelmente, fôr propriedade de inúmeros cotistas e administrado por particulares, estaremos usando telefones de bôlso ou de pulso. As brasileiras poderão **ver** penteados por telefone -e será possível discar diretamente de qualquer cidade do interior para Buenos Aires, Paris ou Tóquio. Mas é possível que, em alguns casos, ainda precisemos da telefonista:

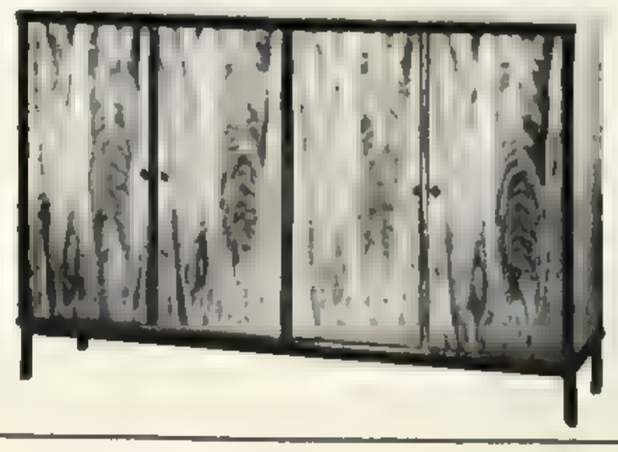
— Senhorita, qual é a demora para Marte?

FIM

categoria
que perdura através dos anos

poltrona giratória com
mola da amortecimento
e regulador de
altura e inclinação

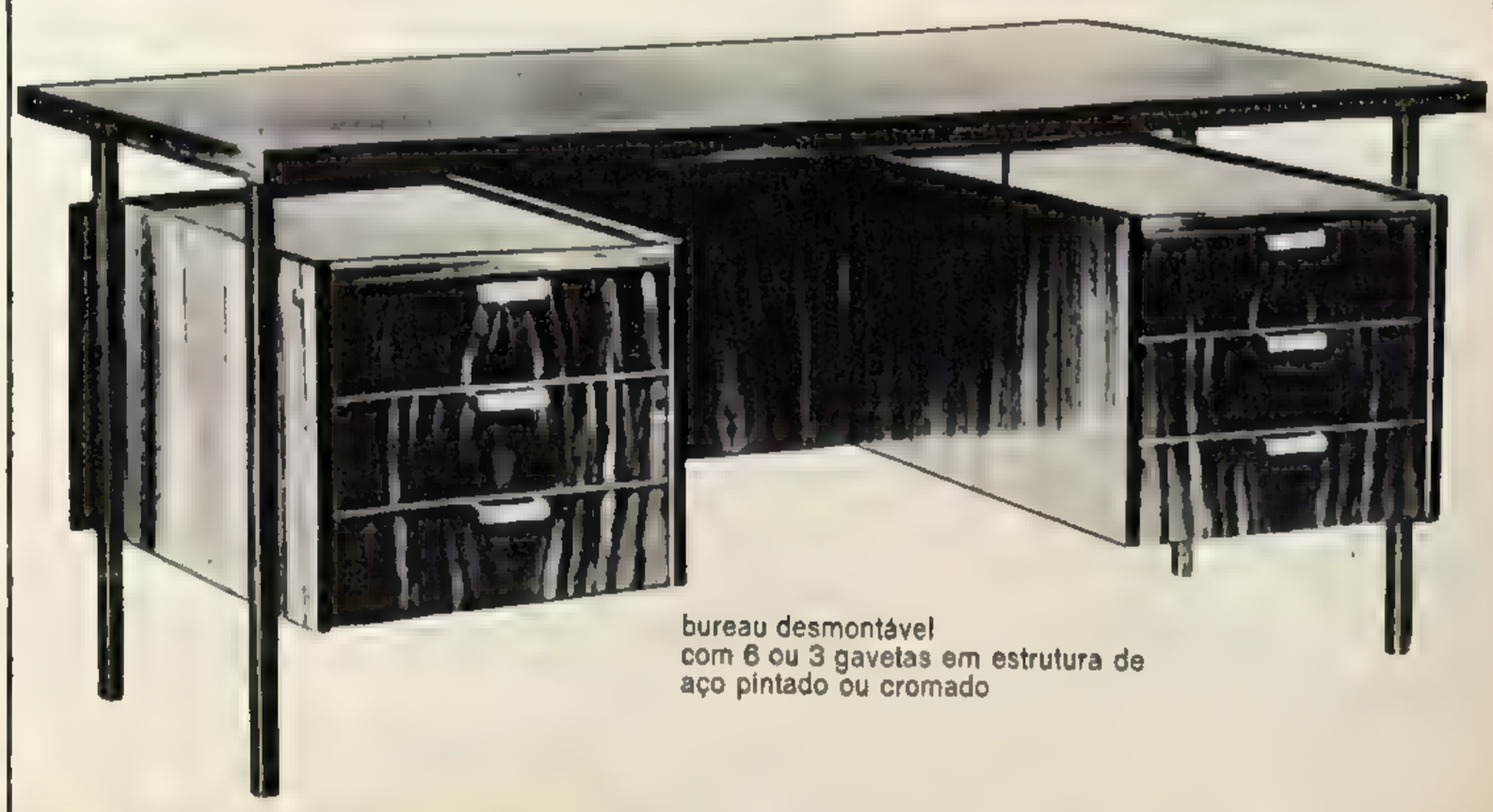
sofá em plastispuma
revestido em plástico
ou cromo.
estrutura de aço pintado
ou cromado



armário com 4 vãos ou
em 2 vãos com corpo
aberto no centro para
pastas ou livros

sobriedade com beleza
comodidade com distinção
aço e madeira de lei

fergo S.A.
Linha moderna
série 5.000



bureau desmontável
com 6 ou 3 gavetas em estrutura de
aço pintado ou cromado

fergo S.A.

MATRIZ SÃO PAULO:
R. Hipólito Soares, 158
Fone: 63-3191 (rêde interna)
Caixa Postal, 12 313
FILIAIS:
SÃO PAULO:
SUPERLOJA
Rua Aurora, 753
Fones: 35-8805 e 36-4040
FERGOLAR
Rua da Consolação, 2 207
MÓVEIS E EQUIPAMENTOS TIMONEIROS LTDA.
Av. Dr. Vieira de Carvalho, 63
Fone: 35-6466

RIO DE JANEIRO
SADIME
Av. Graça Aranha, 19-A
Fone: 32-6389
BAMBI
Av. N. S. de Copacabana, 1.302-B
Fone: 27-1681
B. HORIZONTE:
BELFERGO
Rua São Paulo, 279
Fone; 2-9853
DEMOMINAS
Av. Augusto de Lima, 1.718
Fone: 2-2476 (favor)

CALÇAS DOESKIN CAMISA VEE CARD

Inverno é estação de elegância. Todo mundo sabe disso - o que é mais uma razão para V. ser bem exigente. E pensando em pessoas bem exigentes e de extremo bom-gôsto é que McGregor criou sua nova Coleção de Inverno para 66. Tudo foi cuidadosamente planejado: o corte, o acabamento, os padrões são inéditos e o estilo é inconfundível! Veja as calças; repare nas camisas - note as jaquetas! Estão aí as armas secretas que McGregor lhe oferece para vencer o inverno.
. Escolha a sua.

(e só depois conte aos amigos)

CALÇAS MONTAUK CAMISA TOPE

escolha as armas para vencer o inverno com elegância!

coleçã

CALÇAS CORD TYROL JAQUETA ANTARSIA

CALÇAS CORD TYROL CAMISA PINCORD

CALÇAS MONTAUK JAQUETA WOOLTONA

CALÇAS DUO I CAMISA FINECORD

CALÇAS MONTAUK JAQUETA TRUE CORD

CALÇAS DUO I JAQUETA COMMANDER

CALÇAS CORD TYROL JAQUETA CONE CORD

CAMISA TARAGON

CALÇAS LAKELAND

McGREGOR Winter Style

SEBASTIÃO JADER SARKIS S.A. - Av. São Luis, 50 - 27.º andar - Conj. 271 - Edifício Itália - São Paulo

Na cidadezinha de Aparecida, milhões de fiéis repetem:

A BÊNÇÃO, SENHORA!

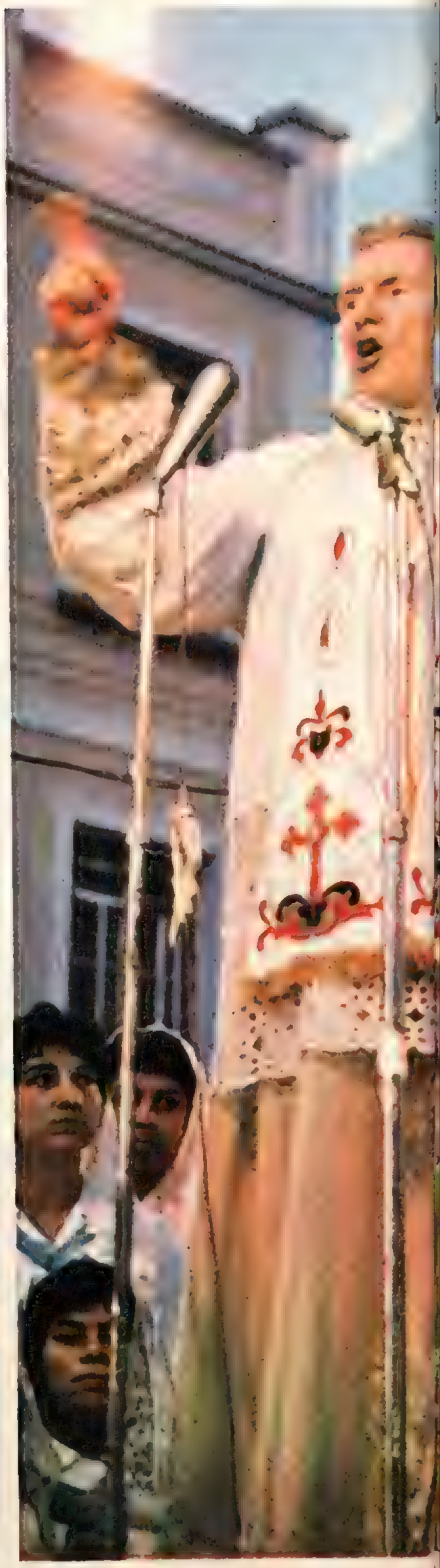
No meio da noite a igreja está fechada e a cidade é um deserto. Há só um velho homem, sentado na calçada da Farmácia Nossa Senhora Aparecida. No Brasil existem mais de duzentas farmácias Nossa Senhora Aparecida. Nenhuma, porém, merece tanto o nome: esta é a Farmácia Nossa Senhora Aparecida da Praça Nossa Senhora Aparecida, em frente à Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida, na cidade de Aparecida. E o velho não está apenas sentado na calçada da Farmácia. O velho está rezando num têrço de contas pretas e graúdas.

— Vou dormir, não — diz. Vou velar. Vim de quase mil quilômetros e não foi para dormir. Tenho promessa de atravessar tôda a noite em vigilância e oração. E cumprirei o certo, conforme o prometido. Amanhã volto para minha terra, Teófilo Otôni. Não sem antes deixar uma vela da minha altura para a Santa. Que ela merece mais de uma: consertou os meus negócios, arrumou minha saúde e desenguiçou questão de terras, de vinte anos, em que eu já estava desesperançado. Minha causa aqui é só de agradecer. Nada tenho de pedir. Só perdão de alguns pecados.

E Pedro Cerqueira das Neves, sitiante em Teófilo Otôni, Minas Gerais, volta às suas ave-marias. Sessenta e três anos de idade, nenhum cabelo branco, mãos grandes e calosas, pele tostada, terno de brim e camisa listrada — Pedro é um dos três milhões de romeiros que, no ano passado, visitaram a pequena imagem pretinha, encontrada no rio Paraíba há 248 anos por pescadores e transformada, através do tempo, na mais popular e mais nacional devoção do país: Nossa Senhora da Conceição Aparecida

É um culto permanente, que se estende pelos 365 dias do ano; que traz ao santuário de Aparecida humildes colonos, equipes de futebol e chefes de govêrno; que arrebata

SEGUE



Cada rosto é a expressão da fé quando o padre levanta a imagem da Santa.

A imagem surgiu na peixada do conde

multidões com vivas e hinos em procissões coloridas; que já deu a Nossa Senhora Aparecida os títulos de padroeira do Brasil e de Brasília; e que, a 7 de Setembro próximo, na Capital Federal, vai lhe valer a patente de "Generalíssima das Fôrças Armadas Brasileiras".

O conde e os peixes

Era uma vez um conde que gostava muito de peixes. Chamava-se D. Pedro de Almeida Portugal, conde de Assumar, general e governador de São Paulo e Minas, que formavam, então, uma só província. Em dia indeterminado, entre 17 e 31 de outubro do ano de 1717, o conde que gostava de peixes passou por Guaratinguetá, vindo de São Paulo e a caminho de Minas. A Câmara quis, então, agradá-lo, com uma peixada que ficasse na história. Ficou.

Para a peixada do conde, todos os pescadores da redondeza correram o Paraíba em suas canoas, com ordem de trazer tanto peixe quanto encontrassem. Mas o dia não andava para peixe e as rêdes iam e vinham vazias. Foi aí que três pescadores — Domingos Garcia, João Alves e Felipe Pedroso — decidiram rezar para pedir melhor sorte no trabalho. E rezando com muita fé, atiraram as rêdes com nova esperança.

O que aconteceu virou história: João Alves lançou a rêde e tirou a imagem de uma Senhora, sem a cabeça; outra vez, e recolheu a cabeça, que se ajustou perfeitamente ao corpo; e na terceira vez, e nas outras, veio peixe, muito peixe, tanto peixe como nunca se viu. A peixada do conde estava garantida.

O pescador e as velas

Passado o espanto, os pescadores levaram a imagem, com muito respeito, para o Morro dos Coqueiros, onde moravam. Felipe Pedroso foi escolhido para guardá-la. Mais tarde, entregou-a a seu filho Atanásio, também pescador. Êste lhe armou um altar tôsco, lhe acendeu velas e iniciou o hábito de fazer rezas aos seus pés nas noites de sábado. Foi em uma dessas rezas. Sem que houvesse vento as velas se apagaram e, antes que aparecesse fogo para reacendê-las, voltaram a luzir sòzinhas, para surprêsa de todos, sem que pessoa alguma interviesse.

E vieram outros milagres. O caçador que, sem munição que prestasse, deu com uma onça do tamanho de um bezerro: o homem pediu socorro a Nossa Senhora Aparecida e a onça ficou mansa igual cachorro. O menino que ia se afogando: a mãe implorou à Senhora e a criança boiou até ser salva. O escravo condenado à morte: prostrou-se aos pés da imagem, as correntes que o prendiam se partiram e os soldados o libertaram.

A moça ceguinha que queria muito ver a Santa: tanto queria que, diante dela, recobrou a visão para sempre. O carreiro que caiu sob as rodas do seu carro-de-boi: gritou "Mãe Aparecida" e nada lhe sucedeu. E o cavaleiro embriagado que quis entrar na igreja a cavalo: o animal estacou nas quatro patas e deixou marca de uma ferradura no primeiro degrau do templo.

Êstes milagres e muitos outros conduziram a um prodígio maior. Gente de tôda parte começou a chegar em visita à Senhora do Morro dos Coqueiros. E o tôsco altar virou capela, as poucas casas cresceram em vila, a capela se fêz igreja e a vila se tornou cidade. Uma cidade chamada Aparecida.

A cidade e as rezas

É uma cidade de muitas rezas. Acorda todos os dias, invariàvelmente, às quatro e meia, com as vozes de seis sinos de bronze misturadas aos cânticos e orações dos romeiros madrugadores. A igreja se abre e começa a primeira das dez missas diárias. Os 1.200 lugares da velha basílica já estão tomados. A nova, em construção, acomodará 20 mil pessoas. Maior que ela, só a de São Pedro, em Roma.

No seu nicho de ouro, atrás do altar principal, a imagem de terracota, de 39 centímetros de altura, quatro quilos de pêso, manto azul com as armas do Brasil e do Vaticano, cabeça cingida por uma coroa cravejada de pedras preciosas, recebe as primeiras visitas. A fila que se forma para passar diante dela é permanente.

Ali, o ritual é um só: o romeiro lança um olhar para a imagem ao alto, faz o sinal da cruz, coloca com a mão um beijo na parede ao pé do nicho, deixa uma esmola no cofre logo abaixo, repete o olhar, o sinal da cruz, e vai saindo. Há lágrimas, sorrisos, suspiros e, às vêzes, desmaios. Mas a fila parece sempre a mesma fila e tem sempre os mesmos gestos.

Só as crianças quebram o ritual. Com perguntas:

— Por que ela é preta?

— Acharam no rio mas não está molhada?

— A coroa dela é maior do que a cabeça?

— Esta é a santa de verdade?

A fábrica e os operários

Na igreja o movimento corre em ritmo de fábrica. No ano passado foram distribuídas 800 mil comunhões, efetuados 18 mil batizados e celebrados três mil casamentos, movimento maior que o do Estado de Mato Grosso. Para atender a tudo isso há dez padres redentoristas trabalhando das quatro e meia da manhã às nove da noite, auxilia-

Bem cedo, a multidão começa a chegar.

Depois cai de joelhos aos pés da Santa. No domingo, todo o movimento se transfere para a nova basílica, ainda inacabada.

Futebol da cidade não tem nome feio

dos por seis irmãs missionárias que encaminham os romeiros para os sacramentos.

— Já fiz mais de 300 batizados num só dia — conta padre Fré, o vigário. Fiquei uma semana com chôro de criança no ouvido. Mas aqui não há escolha. O romeiro vem e volta. Não se pode deixar para o dia seguinte.

De cada três meninas batizadas na basílica, uma recebe o nome de Aparecida. Bebês Aparecidos são poucos: um em cada cem e, em geral, como segundo nome. Um casal da cidade quis chamar à filha Aparecida de Aparecida. Os padres acharam exagêro. Cortaram para uma Aparecida só.

Os casamentos são tradicionais. Antigamente vinham de carro-de-boi e o povo da cidade sabia que era casamento só de ouvir o carreiro cantar os nomes dos bois: Luar, Cascata, Marfim, Algodão. Carros comuns eram puxados por bois chamados Melado, Rapadura, Caninha, Sete-e-Meio. Hoje não há mais carros-de-boi, mas os casamentos se enfileiram. Gente rica da região e roceiros da redondeza se encontram na sacristia. Há também os que vêm de longe se casar em Aparecida por promessa.

Os padres experimentados, quando estão diante de noivos caboclos, pedem pelas "memórias" em lugar das alianças. Padre Fré, um dia dêsses, pediu as memórias a um casal da roça. O caboclo se empertigou, fêz um ar de superioridade e perguntou com um sorriso sabido:

— O senhor está querendo as alianças, **seu** padre?

Os vizinhos da santa

São 18 mil habitantes na cidade, mais quatro mil no resto do município, os vizinhos da Santa. Vivem numa cidade diferente, onde nunca houve baile de carnaval, concurso de beleza ou casa de jôgo. As mulheres se vestem com discrição. Diz um cartaz na porta da igreja: "Os direitos de Deus estão acima dos direitos da moda." E elas seguem a recomendação, dentro e fora da basílica.

O técnico de futebol do Esporte Clube Aparecida instrui os jogadores para que não digam palavrões no gramado: não fica bem para a cidade. E os jogadores obedecem. Os rapazes mais afoitos esbarram sempre numa mesma frase que as namoradas trazem pronta há gerações, para uso eventual:

— O que é que Nossa Senhora Aparecida vai pensar da gente?

O delegado Arnaldo Boquino, com seus 25 soldados; tem só um grande problema: o trânsito. Certos dias chegam 400 ônibus, 200 caminhões e três mil automóveis.

O prefeito Aristeu Vieira se contenta em ser a quinta pessoa da cidade em importância: a Santa, o cardeal, o arcebispo e o vigário são, para êle, as quatro primeiras.

Nos rádios da cidade, um locutor anuncia:

— Na Capital Espiritual do Brasil são exatamente sete horas.

A rádio é dos padres, o jornal é dos padres, um dos dois cinemas é dos padres. A rádio se chama Aparecida. É a mais ouvida do interior do Brasil, segundo as pesquisas do IBOPE. Oitenta mil pessoas pagam de Cr$ 1 mil a 5 mil anuais, só para serem seus associados-contribuintes. Faz alguns meses, lançou campanha pedindo cartas aos ouvintes que estivessem rezando para o Concílio. Recebeu 315 mil.

O jornal, semanal, é o "Santuário de Aparecida". Tem 66 anos e 40 mil assinantes.

O cinema, Cine Aparecida, só passa filmes aprovados pelos padres. O outro, particular, permite que os padres coloquem a cotação moral dos filmes em sua porta.

Os bonés azuis

O comércio de Aparecida abre o ano inteiro, sem guardar sábados, domingos ou feriados. Só fecha a 17 de dezembro, dia do município, quando nem bar fica aberto. Das seis da manhã às dez da noite, as lojas estão funcionando: 400 estabelecimentos, 200 vendendo só velas, santinhos, terços, medalhas, imagens da Santa e lembranças da cidade, que vão desde xícaras com a efígie da Senhora até toalhas de mesa com orações bordadas. A rua principal, que desce da basílica até a praça da igreja de São Benedito, tem exclusivamente lojas de santinhos e hotéis.

Nos noventa hotéis e pensões sempre cabe mais um. A maioria mantém agenciadores, homens de uniforme branco e boné azul que caem em cima dos romeiros assim que desembarcam. Alguns tomam a mala do recém-chegado à fôrça e arrastam o visitante para a pensão que lhes paga comissão por cabeça. De vez em quando, um romeiro, assustado quando lhe tomam a mala, grita:

— Pega ladrão!

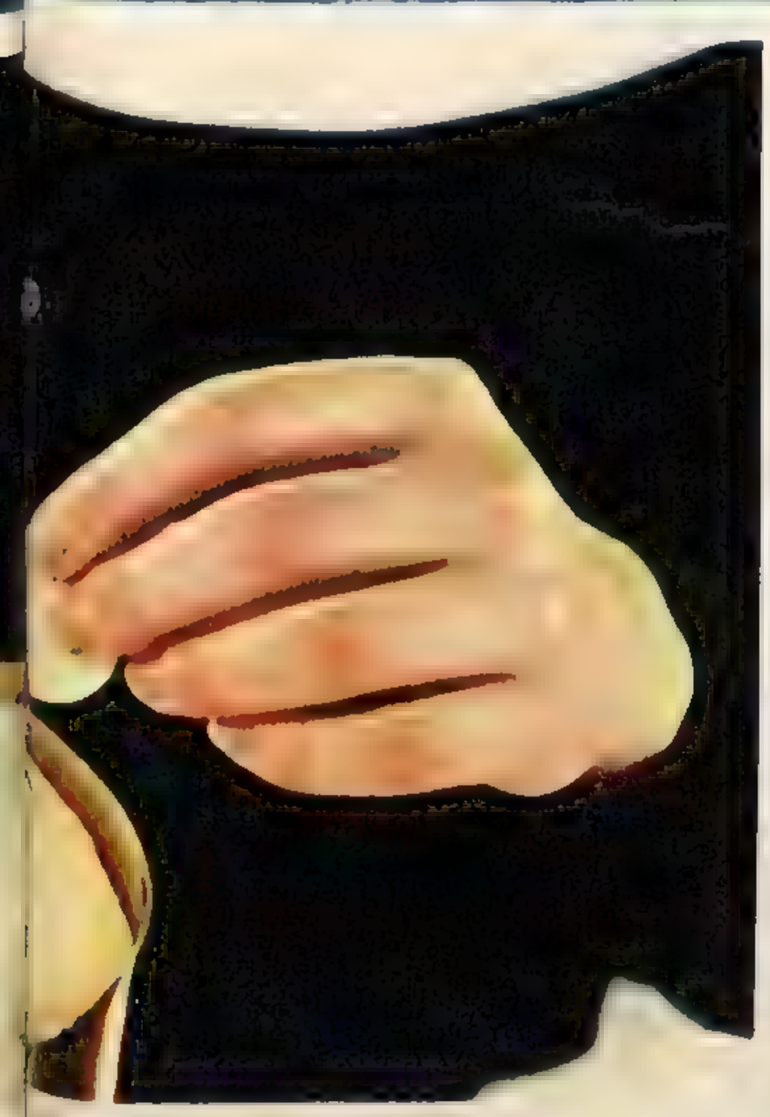
Menos agressivos são os 80 fotógrafos. No tempo dos carros-de-boi faziam todos os fotografados olhar firme para a objetiva. Até mesmo os bois, como asseguram testemunhas.

E os 20 vendedores de bilhetes de loteria vão andando e vendendo sem fazer barulho porque a sugestão de sorte é muito grande. Mas, já se passam dez anos que ali não sai um prêmio grande. É um argumento:

— Está na hora de sair grande prêmio, anunciam.

Nos 100 quilômetros quadrados que formam o município de Aparecida não existe igreja protestante, centro espírita ou tenda de Umbanda. É provàvelmente a única cidade do Brasil onde funciona apenas uma religião pública. Nas cidades vizinhas, os praticantes de outras religiões tratam a San-

Festa a Aparecida é dia de procissão.



E por isso, as freiras têm que redobrar a fabricação de hóstias e as filas para ver a imagem são ainda bem mais compridas.

Histórias de gente simples contam que a santa é do povo

Ninguém escapa de posar para os fotógrafos com a velha basílica ao fundo. O retrato é recordação obrigatória.

ta com respeito e não se tem notícia de atritos. Uma vez houve um, muito sério, na cidade de Guaratinguetá, a seis quilômetros de Aparecida.

Foi o caso do pastor João de Deus, da seita Assembléia de Deus. Entusiasmado com seus sucessos oratórios e com o crescente número de fiéis que arrebanhava, o pastor João de Deus começou o ano de 1962 desacatando os padres e os católicos pelos alto-falantes do seu templo.

Vai dia, vem dia, o homem faz a ofensa suprema:

— Nossa Senhora Aparecida é uma negrinha à-toa.

No dia seguinte, às seis da tarde, a cidade inteira cercava o templo. Queriam linchar o pastor. Veio polícia e mais polícia, reforços de Taubaté, grandes cães policiais e fizeram um cordão de isolamento para conter o povo. No que um bem falante vereador, por nome Rogério Lacaz, tomou a palavra:

— O povo civilizado e culto de Guaratinguetá não vai depredar o templo. Estou certo de que todos darão um exemplo de dignidade e respeito se recolhendo a suas casas. A polícia que se retire e o povo ordeiro voltará aos lares.

Foi além: se responsabilizou pelo que desse e viesse.

A polícia tomou o discurso ao pé da letra. Recolheu os cães e abriu o cordão de isolamento.

Não ficou pedra sôbre pedra. Não sobrou um tijolo. Nem nunca mais houve notícia do pastor João de Deus, àquela altura sumido, para nunca mais aparecer.

Bem-Aventurados os simples

Num sobradão branco da praça da igreja de Nossa Senhora Aparecida mora um homem de 76 anos, sôbre cujos ombros franzinos pesa a responsabilidade de dirigir a arquidiocese de Aparecida e a construção da nova e grandiosa basílica. De uma janela discreta êle passa os momentos livres observando o movimento de romeiros. Numa posição estratégica, na calçada fronteira, é possível surpreender à janela a figura magra e tranqüila de D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, primeiro cardeal arcebispo de Aparecida, após ter sido, durante 20 anos, arcebispo de São Paulo. D. Carlos tem por coadjutor o arcebispo e vigário geral D. Antônio Francisco de Macedo. Ambos nutrem grande amor pela Santa e imensa ternura pelos romeiros.

— É a Santa do povo. Surgiu com os pescadores e o seu culto se propagou entre os humildes. E bem-aventurados os que são simples — sentencia D. Carlos Carmelo.

Essa simplicidade faz lendas. Como tôda basílica, a igreja de Aparecida tem as suas insígnias. Há, por exemplo, dois "gonfalones", pavilhões de sêda, em forma de guarda-sol entreaberto. O maior fica num armário; o outro, menor, está permanentemente dependurado sôbre o altar. O povo simples costuma contar que "aquela sombrinha amarela suspensa no teto da igreja era de uma bailarina que entrou no templo com o guarda-chuva aberto". A sombrinha foi-lhe arrancada das mãos e lá ficou pendurada "para castigar o desrespeito."

Pagadores de promessas

Dez anos atrás, a ladeira que leva à igreja ainda era percorrida por romeiros ajoelhados que, assim, pagavam promessas. Outros, cingiam a cabeça com velas acesas e subiam a ladeira com os cabelos em fogo. Hoje, os padres já venceram a teimosia dos penitentes e aconselham promessas mais leves. Mas ainda há penosas e extravagantes.

Numa tarde, padre Galvão estava no confessionário quando notou uma môça que tirava os sapatos em plena basílica. Depois, foram as meias. Em seguida, o vestido. Padre Galvão precipitou-se ao encontro da môça que já ia tirando a combinação. Pai e mãe da jovem explicaram aflitos: quando ela era pequena, esteve desenganada e tinham feito promessa de apresentá-la nua à Santa. Não fôra possível vir antes, a môça já estava com 17 anos e só agora podiam cumprir a promessa. Padre Galvão explicou pacientemente que a intenção e a visita bastavam, que não era preciso levar a coisa ao extremo e que a jovem devia se vestir e bem depressa. O que foi feito, ainda que os três ficassem meio desconsolados.

O mesmo padre Galvão estava uma noite na rádio, quando se apresentou um roceiro de chapelão e maleta, com um assunto muito urgente:

— Quero deixar um dinheirinho para a Santa, disse o homem.

— Amanhã na igreja o senhor entrega.

— Não, eu vou indo agora mesmo. O senhor pode guardar.

O padre aceitou e estendeu a mão. Em vez de cédula ou envelope, o visitante entregou a maleta. E deu boas noites. Dentro da maleta havia Cr$ 350 mil, em dinheiro miúdo.

Vem como vai essa multidão de romeiros, fluindo o ano inteiro por Aparecida. Gente que chega de caminhão, ônibus, automóvel e trem, que reza, chora e ri, que faz piquenique na praça, leva água para benzer. Gente que compra nos ambulantes o "Famoso Bálsamo Nossa Senhora Aparecida", pois por Cr$ 200 êle é capaz de curar "tôdas as moléstias, até as mais graves". Gente que é solicitada por vários cartazes anunciando choques de peixe-elétrico, zoológico com urso e tudo, aranha com corpo de mulher, mulher com cabeça de cobra, mas que passa indiferente, pois o que vale para ela é a Santa.

A senhora Aparecida

Porque apareceu no rio, a imagem foi chamada Aparecida. Alguns a apresentam como uma Nossa Senhora da Conceição. Sabe-se que na região existiam índios, hábeis escultores em terracota, material de que é feita a imagem. O que não se sabe é como a imagem foi parar nas águas do Paraíba.

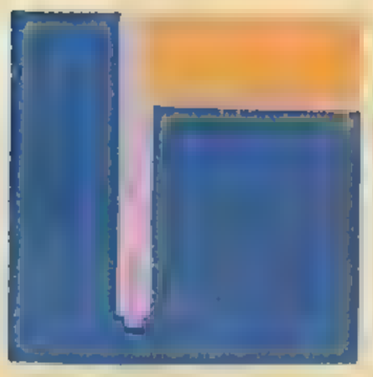
Mas há hipóteses, que são três: a imagem foi lançada ao rio pelos seus primeiros donos, depois de quebrada acidentalmente; as enchentes arrastaram-na da casa de seus proprietários originais para o rio; ou teria sido atirada ao rio por mãos sacrílegas.

O sacrilégio tem fôrça de lenda. Dizem até que os milagres operados por meio da imagem seriam reparação e desagravo pela ofensa recebida. Mas para o povo, para o velho que passou a noite na calçada da Farmácia Nossa Senhora Aparecida, não importa a origem da Santa. O importante é que ela está lá.

— A bênção, Senhora!

FIM

Se disserem que você comprou Fiel Linea apenas porque são os mais bonitos móveis para escritórios, não ligue.
Depois de alguns anos, todos vão ver que os móveis que você escolheu são também os mais duráveis e resistentes.



Os pés têm ponteiras reguláveis, que permitem absoluta estabilidade das mesas, assim como variação na altura.

Tôdas as gavetas e gavetões deslizam silenciosamente em corrediças sôbre patins de nylon com amortecedores de borracha. Há lugar nos gavetões para pastas formato "carta" e "ofício".

Não bastaria fabricarmos apenas os mais bonitos móveis para escritórios.

Porque em escritórios costumam acontecer coisas assim: gavetas que são abertas e fechadas quase ininterruptamente, xícaras que entornam, derramando café sôbre o tampo das mesas, e até mesmo a gente gosta de descansar os pés sôbre os móveis, de vez em quando.

Por essas e outras coisas, móveis de escritório devem ser principalmente resistentes. Devem ser Fiel Linea.

Que significa atualização de linhas, acompanhando as arrojadas formas da arquitetura contemporânea.

Fiel Linea é fornecida em seis novas côres, tôdas escolhidas pela sua harmonia com as côres dos tampos de laminado plástico, que são: jacarandá, caviúna e branco.

E Fiel Linea também é o conjunto de móveis mais funcionais.

FIEL LINEA

MÓVEIS DE AÇO FIEL S. A.
São Paulo: Rua Xavier de Toledo, 157 - Fone: 37-7551
Guanabara: Av. Nilo Peçanha, 26 - 10.º - Fone: 32-8120
Brasília: Super Quadra, 307 - SCL 34/35
Fones: 2-4453 e 2-6445

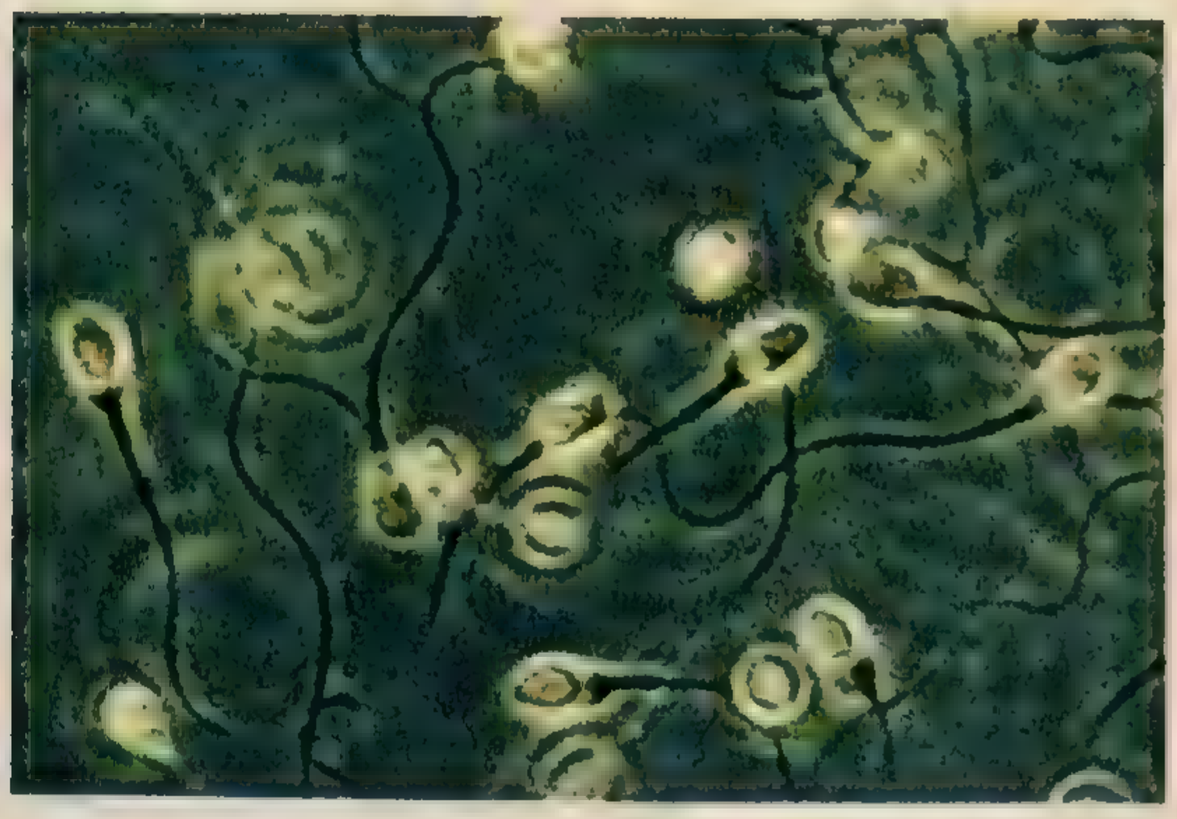
REVENDEDORES EM TODO O BRASIL

O homem antes de nascer.
Esta é a sua história,
pela primeira vez
contada em fotografias

OS DIAS DA CRIAÇÃO

Esta fotografia é a de um ser humano antes de nascer. Talvez ela seja mais importante do que a própria invenção da fotografia. Faz parte de uma série de imagens em côres, minuciosas, estranhas e belas, que mostram como cresce e evolui o embrião no ventre da mãe, durante o período de gestação. O fotógrafo sueco Lennart Nilsson demorou 7 anos para terminar êste trabalho. Usou uma objetiva especial, superangular, e um *flash* pequenissimo, montados na ponta de um histeroscópio, aparelho médico usado para examinar o útero. Com isso conseguiu fazer esta foto, de um embrião de 3 meses e 3 semanas, a apenas dois centímetros de distância. Este embrião e os outros que aparecem nas páginas seguintes foram, depois das fotos, extraídos cirùrgicamente, por várias razões médicas. No Ocidente, nós contamos a idade das pessoas a partir do dia em que elas nascem. Mas os chineses colocam mais 3 meses nos seus cálculos e consideram a criança já com um ano de idade, quando nasce, por causa de sua existência cheia de atividades durante a gestação. E talvez tenham razão. Nos 9 meses que vão da concepção ao nascimento, o ôvo fecundado se converte num organismo espantosamente complexo, de quase 200 milhões de células e com um peso de um bilhão de vêzes maior que o óvulo inicial. O desenvolvimento do embrião fascina Nilsson há muito tempo. Trabalhando com cirurgiões de 5 hospitais de Estocolmo, conseguiu documentar as diversas etapas pré-natais. O resultado, para nós, é uma apresentação maravilhosa da vida antes de nascer. Para os medicos, é um material que poderá acrescentar coisas novas no estudo da Embriologia.

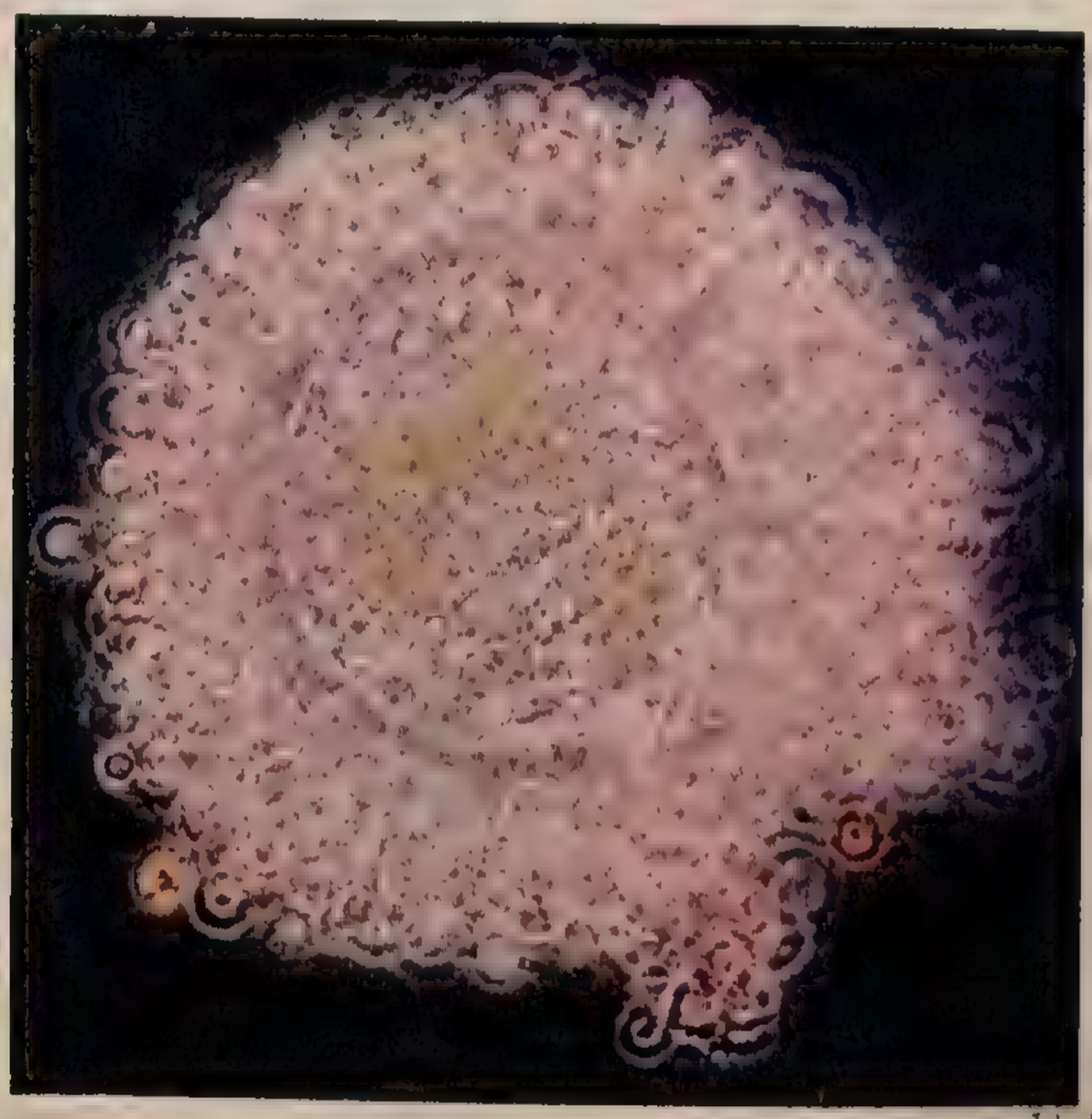
NA CORRIDA DOS ESPERMATOZÓIDES O PRÊMIO É A VIDA



A fecundação

A vida de uma pessoa começa quando o óvulo da mãe é fertilizado por um dos espermatozóides do pai. O óvulo maduro (abaixo) sai do ovário e desce lentamente pela trompa de Falópio até o útero, arrastado por uma corrente líquida especial. Umas células pequenas, que desaparecem pouco antes da fecundação, juntam-se em volta do óvulo e o alimentam. Os 200 milhões de espermatozóides sentem logo a atração do óvulo. Na ausência dêle, vagueiam sem rumo, como na foto acima. Mas quando o óvulo está presente, dirigem-se resolutamente para êle, foto à esquerda. Vibrando a cauda, os espermatozóides conseguem nadar contra a corrente, para encontrar o óvulo. É o começo da vida.

SEGUE



25 dias

A cabeça e a face de uma pessoa desenvolvem-se assim, como na foto. Se bem que o embrião, neste caso, é imperfeito: o tecido azul, à direita, está desgarrado. Na parte superior se vê a cabeça em formação, com duas saliências que serão a parte frontal do cérebro. Embaixo está o esbôço do que será a mandíbula inferior nos dois primeiros meses de gestação. As 4 protuberâncias rodeiam uma cavidade central que se converterá em bôca. O embrião é tão pequeno — cêrca de 3 milímetros de comprimento — que a mãe pode perfeitamente ignorar que está grávida. Mas o desenvolvimento é já impressionante: o embrião tem esboçados os olhos, a medula espinhal, o sistema nervoso, tiróide, pulmões, estômago, rins, fígado e intestinos. O coração rudimentar começou a bater aos 18 dias. Agora, já trabalha com mais firmeza. Na região que corresponde ao peito, os braços estão se formando, mas ainda invisíveis.

Um mês

Êste é o perfil de uma criança com um mês de gestação. A saliência vermelha, à esquerda, é o coração. A linha vermelha do centro, que caminha para o coração, é sua grande artéria, a aorta. Em proporção ao resto do corpo, o coração do embrião é duas vêzes maior que o de um adulto. Êle precisa ter muita fôrça, para fazer circular o sangue não só pelo embrião, como pelo cordão umbilical e pela placenta, uma massa carnuda que se forma no útero durante a gravidez e serve para nutrir e comunicar o feto com a mãe, por intermédio do cordão umbilical. Para a região avermelhada entre o coração e a aorta convergem os grandes yasos sanguíneos. A saliência superior é o que será a frente da parte de dentro da cabeça. Embaixo dela, há duas esferas avermelhadas. A da esquerda é a futura mandíbula inferior. A outra, menor, é o ossinho a que estará ligada a língua. Estas estruturas são parecidas com os arcos bronquiais, como o dos peixes. Cientistas admitem que são vestígios de fase primitiva da evolução da espécie humana.

CABEÇA TRONCO E MEMBROS COMEÇAM ASSIM

Um mês e 7 dias

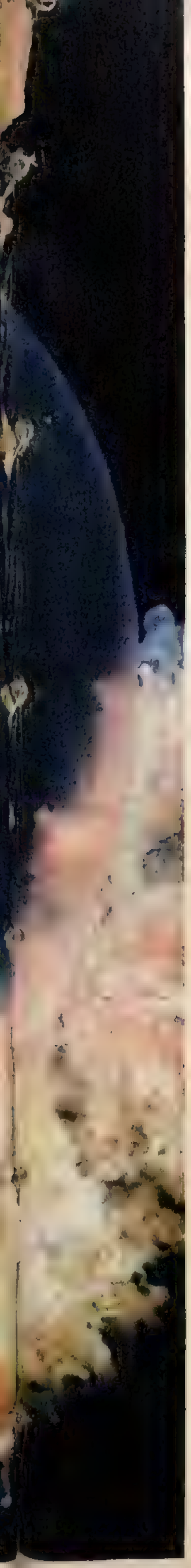
Quando começa o seu segundo mês de vida, o embrião já está com nove milímetros de comprimento, mais ou menos. A cabeça é quase um têrço do volume total. Dá para ver bem o círculo dos olhos: o pigmento negro da retina e o círculo interior mais delicado, o cristalino. À direita do ôlho há um sulco vertical que formará parte da orelha. Em tom mais escuro, se salientam os **côtos** dos braços e pernas. Os braços vão desenvolver-se mais ràpidamente que as pernas, como acontece com tôdas as partes que estão mais próximas da cabeça. Está começando a formar-se o esqueleto. Na linha das costas já há as saliências das vértebras. Não há ossos ainda. Só cartilagens. A cauda pontiaguda vai desaparecer dentro do corpo. O apêndice visto sôbre ela é o cordão umbilical, que, neste caso, foi cortado. Esta é uma etapa em que ainda é difícil distinguir o embrião humano do de outros mamíferos. O momento é decisivo: as células, que se multiplicam com rapidez, são sensíveis a certas substâncias químicas. Dos 28 aos 42 dias, os braços e as pernas podem ser deformados por substâncias tóxicas, como a talidomida.

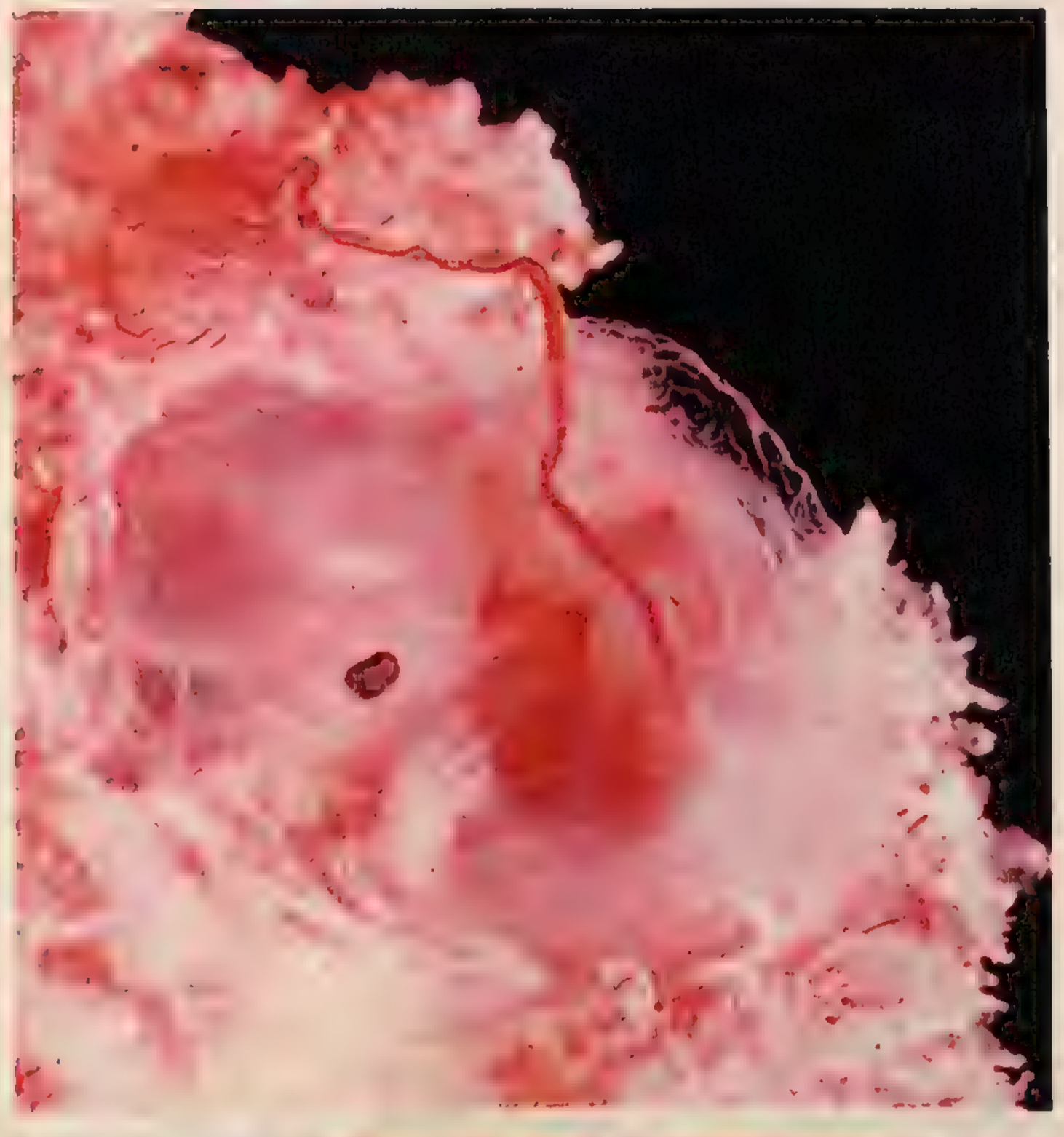
SEGUE

EMBALO NA RÊDE DE SEGURANÇA

Um mês e meio

A fotografia mostra a parte posterior do embrião, dentro da membrana transparente chamada âmnio, que não aparecia nas fotos anteriores. O âmnio está cheio de uma solução salina que banha as células do pequeno organismo. Num processo complexo, que ninguém ainda conhece muito bem, o corpo **trabalha** o líquido, ingerindo uma parte, absorvendo outra pelos intestinos e eliminando ainda outra, juntamente com diversos resíduos. Ao mesmo tempo, fabrica mais líquido. O embrião flutua dentro dêle, onde fica protegido de golpes ou vibrações, e não precisa lutar contra a fôrça da gravidade. A bôlsa, à esquerda, é a vesícula umbilical, unida ao cordão, que produz os glóbulos sanguíneos. O material esponjoso, à direita, embaixo, é a placenta.





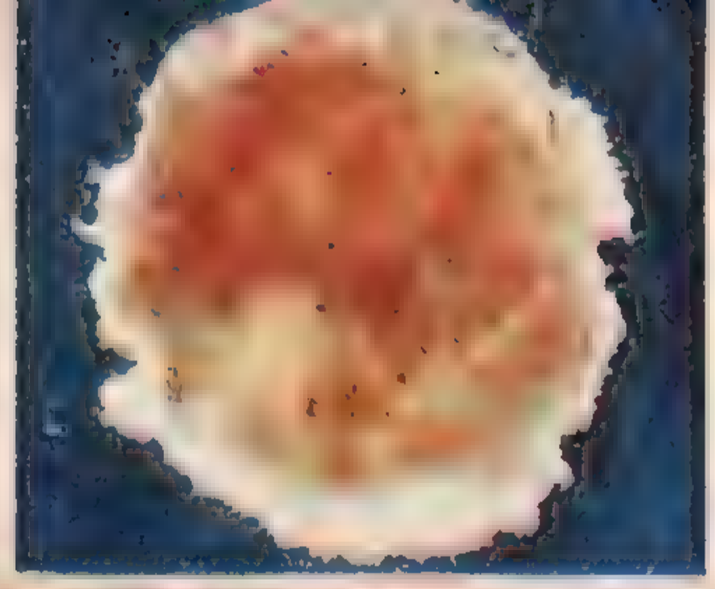
Um mês e 18 dias

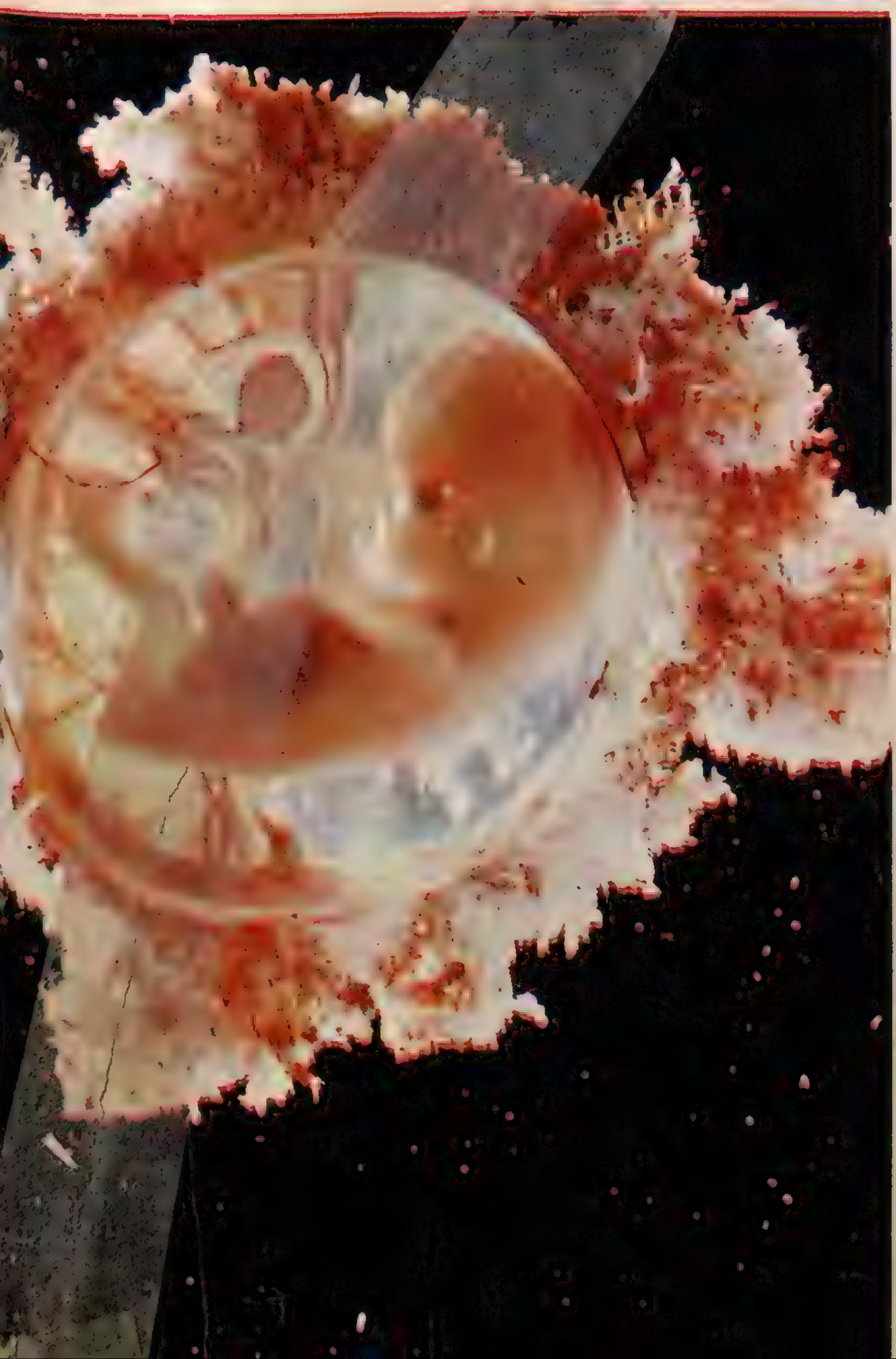
Com a cabeça inclinada sôbre o peito, o embrião mede já 13 milímetros. A placenta, rêde esponjosa de vasos sanguíneos que se formou em tôrno do corpinho e que transporta substâncias vitais entre a mãe e o embrião, foi cortada, para dar visibilidade a esta foto. O âmnio está enrugado porque parte do líquido escapou para fora. Sôbre a cabeça está a vesícula umbilical, cruzada por veias e unida por seu conduto carregado de sangue. Os olhos estão agora bem abertos, embora ainda não tenham nem a íris nem as pálpebras. A côr preta é reflexo da retina, que fica ao fundo. Os dedos crescem com rapidez e já têm a primeira articulação. Ficam espalmados, tanto os dos pés como os das mãos. Ver foto acima. Partindo da massa obscura do fígado, foto de baixo, o cordão umbilical sobe até a placenta com suas duas artérias e sua única veia, cheias de sangue, nìtidamente destacadas. A veia traz elementos nutritivos, oxigênio e outras substâncias químicas, que a mãe envia. As artérias levam os resíduos que a mãe elimina. Apesar do seu pêso, 9 gramas, o embrião já tem uma bôca pequena, com lábios e os 20 dentes de leite. Seus órgãos sexuais começam a brotar. O embrião, agora, está menos exposto aos danos causados por agentes vindos do exterior

UMA PEQUENA MUDANÇA E O EMBRIÃO VIRA FETO

Dois meses

Daqui para a frente, o embrião passa a ser feto. Embrião, do grego, quer dizer brotar, germinar. Feto vem do latim, significa criatura. O que faz a mudança é a formação de verdadeiras células ósseas, que, aos poucos, vão substituindo as cartilaginosas, como já se pode ver no detalhe dos pés. Na foto ao lado, muito aumentada, pode-se ver o ôlho, ainda aberto, mas já com algumas dobras nos bordos, que logo fecharão a cavidade, para protegê-lo bem, até o sétimo mês. Nesta fase, os orifícios nasais, vistos como sombras esmaecidas, estão fechados por uma matéria protetora





Dois meses e 21 dias

O feto, nesta idade, está pràticamente envolvido na massa placentária, rica em sangue (foto menor, acima). Separada a placenta e iluminado o interior do âmnio (foto maior), vê-se o feto, agora com quase 6,5 centímetros, flutuando no líquido amniótico. A vesícula umbilical ficou inutilizada e os pontinhos brancos sôbre o fundo escuro são apenas borbulhas do líquido usado pelo fotógrafo para sustentar o âmnio. Mesmo totalmente submerso, o feto aspira e expira o suficiente para enviar o líquido salino aos pulmões e expeli-lo. Não se afoga porque recebe o oxigênio do sangue que lhe traz o cordão umbilical. Os ossos formam-se ràpidamente, inclusive os das costelas. O envoltório corporal cresceu da espinha para a frente e se fecha como uma jaqueta que se abotoa. Os sistemas do organismo já estão todos funcionando. Nervos e músculos sincronizam-se com os ossos recém-formados, para que os braços e pernas possam iniciar seus movimentos. Quando o feto tiver fôrças, a mãe começará a sentir os primeiros pontapés do filho.

Três meses

Nos dias que ficaram entre a foto anterior e esta, o tamanho do feto aumentou de 6,5 centímetros para 14. O corpo já está adimiràvelmente modelado. Vê-se, perfeitamente, um ser humano, que já não cabe onde está. Cabeça, colo e espinha ficam curvados, para adaptar-se à cavidade uterina. Distendido pelo feto, o útero ocupa todo o espaço da pélvis materna. A placenta, agora pequena para envolver o âmnio caiu de lado, mas ainda executa sua função. O cordão umbilical ondula entre os braços e as pernas do menino. A primeira capa transparente de pele começa a tomar o lugar da membrana protetora temporária. Os olhos estão fechados e ainda incompletos. O nariz, os lábios e as orelhas estão formados, como se pode ver na fotografia acima.

JUNTO COM A PELE UM ROSTINHO DE GENTE

Quatro meses

Êste é o processo de formação dos ossos dos braços e das mãos. Bem visível na foto. No embrião, a maior parte do esqueleto inicial consistia de cartilagens, como a parte mole do nariz adulto. Mas na altura dos dois meses, começa a formar-se o esqueleto permanente, de tecido ósseo, disposto em rígidas camadas de cálcio. A cartilagem apenas serviu de molde para o osso, cujas células invadem ativamente o tecido mole e lhe tomam o lugar. Na foto, as sombras indicam lugares em que se estão formando zonas ósseas. Os contornos difusos mostram cartilagens ainda não substituídas por ossos. Nos grandes ossos dos braços e das pernas o crescimento começa no centro e se estende para fora.

SEGUE

DEDO NA BŌCA PARA APRENDER A VIVER

Quatro meses e meio

O menino, com menos de 5 meses, já põe o dedo na bôca. É exercício, que o prepara para alimentar-se espontâneamente logo que nasça. Sua pele é tão delicada e transparente, que a rêde de vasos sanguíneos parece estar na superfície. Por ser delicada, a pele é vulnerável ao contato das unhas. Elas crescem ràpidamente e podem até causar pequenos arranhões antes do nascimento. Às vêzes, uma das primeiras tarefas da enfermeira que assiste no parto é cortar as unhas já bem compridas do bebê, para que não se machuque. Aos quatro meses e meio, o feto é vigoroso e ativo. Faz freqüentes flexões. Pode fechar o punho, dar socos e pontapés. Consegue até fazer os movimentos do chôro. Tem as cordas vocais mas não pode emitir som, porque não existe ar. Está com 16 centímetros. Ainda vive submerso, mas, enquanto cresce, vai tomando conta de todo o âmnio e deixa cada vez menos espaço para o líquido. O que sobra é levado pelo sangue, através do cordão umbilical e da placenta, ao organismo da mãe, para ser eliminado. Dez semanas depois, o desenvolvimento do feto está pràticamente concluído. Algumas crianças nascem prematuramente nessa época. Porém, o resto do tempo em que o feto permanece no útero lhe dá mais fôrças e lhe permite receber da mãe importante imunidade contra várias doenças, nos primeiros meses de vida.

SEGUE

DO CALOR DO NINHO PARA O MUNDO HOSTIL

Depois de passar 266 dias, mais ou menos, na tranqüilidade no ventre da mãe, a criança sente-se empurrada bruscamente para fora por uma fôrça equivalente a 45 quilos, e sai para um mundo hostil, em condições espantosamente estranhas. O primeiro choque é o frio. Do calor do útero aproximadamente 36,7 graus centígrados, para um ambiente que pode ser quase fresco, com temperatura 6 ou 7 graus mais baixa. Seus olhos, que só se abriam para uma escuridão acolhedora, são surpreendidos, de repente, por uma claridade intensa.

Passa de um ambiente úmido para outro sêco. Antes, recebia oxigênio no sangue que a mãe lhe mandava pelo cordão umbilical. Agora, precisa respirar para retirá-lo do ar. As primeiras inspirações têm de ser fortes, para encher todos os alvéolos dos seus pulmões e eliminar a mucosidade ali acumulada. É bom se a criança der um grito forte, pois fica forçada a respirar com mais rapidez. Por isso, às vêzes, logo ao nascer, leva uma boa palmada do médico ou da enfermeira. Grita, mas não chora, porque os canais que conduzem as lágrimas só vão funcionar depois de algumas semanas. As orelhas ainda estão tapadas de mucosidade. Do nariz, goteja o líquido amniótico.

A tarefa mais difícil de adaptação é a do coração e do aparelho circulatório.

Até o momento de nascer, o cordão umbilical lhe trazia sangue arterial ou oxigenado e levava sangue venoso, com seus resíduos, para que a mãe eliminasse. Agora, o bebê tem de se preparar para separar, êle mesmo, o sangue puro do impuro. O coração deve poder enviar pelas artérias o sangue oxigenado e receber de volta pelas veias, o sangue impuro. Enquanto isso, os resíduos terão de ser eliminados por filtração ou excreção, pela ação de seus próprios órgãos.

Pouco depois de nascer, cortaram-lhe o cordão umbilical. Os pais não precisam ter mêdo. A criança não vai esvair-se em sangue: o cordão é feito de uma substância gelatinosa que se dilata logo que fique exposta ao ar. Os vasos se contraem e fecham instantâneamente a passagem de sangue. Depois de cortado o cordão, a última coisa a sair são a placenta e as membranas, que pesam cêrca de meio quilo. A placenta é um órgão extraordinário, dos mais úteis e mais poderosos que a natureza criou. Faz pouco tempo que a ciência começou a estudar suas várias funções.

A placenta dá ao embrião tudo o que êle precisa, recolhe seus resíduos e o protege de muitas maneiras contra invasões nocivas. Não há contato direto entre a circulação da mãe e do feto, como muita gente pensa. Na placenta, há dois grupos distintos de vasos, um perto do outro, mas sem comunicação entre si. Um dos grupos vai à mãe. O outro ao embrião. Mas as paredes dos vasos são permeáveis e por elas se realiza uma troca constante de oxigênio, alimentos dissolvidos e outras substâncias. Isso pode parecer uma forma indireta e pouco eficaz de trocas entre mãe e filho. Mas a única possível, porque o filho é como um parasita.

Desde o dia da fecundação, o embrião passa a ser uma matéria estranha. Se seu sistema circulatório estivesse unido diretamente ao da mãe, o organismo dela o repeliria. Em virtude do seu sistema imunizador, o corpo trata sempre de repelir todo elemento estranho e êsse é o grande obstáculo em que esbarram as recentes tentativas de transplantar órgãos de uma pessoa para outra. Tanto que quando, depois do parto, se enxerta um pedaço de pele da criança em sua mãe, ela o repele. Entretanto, seu organismo tolera durante nove meses êsse corpo estranho graças à aptidão da placenta para superar as defesas da mãe. Esta capacidade era pouco conhecida e compreendida até época recente, quando os investigadores do transplante cirúrgico de órgãos começaram a dedicar-lhe mais atenção. Se conseguirem descobrir o segrêdo da placenta, talvez possam aproveitá-lo para evitar a repulsa a órgãos transplantados.

O óvulo, no seu pequeno núcleo, contém tôdas as **instruções** genéticas para construir um organismo humano, além de um **manual completo** sôbre como fabricar a intrincada armação protetora que possibilita a existência do feto no útero: placenta, âmnio, cordão umbilical etc. Desde os primeiros dias dentro do útero, o embrião possui células que vão formar a placenta. Uma das primeiras coisas que essas células fazem é invadir a parede do útero, a fim de construir um pequeno ninho para o embrião. A parede do útero é feita de uma matéria densa e esponjosa, na qual penetram essas células para destruir as células uterinas, tomar elementos nutritivos do sangue e levá-los às primeiras células do embrião. Logo utilizam o tecido cicatrizado, da ferida que elas mesmas abriram, para servir de cápsula ao parasita de dimensões ainda microscópicas.

O útero, por sua vez, tem que proteger-se contra a invasão de outras células chamadas trofoblastos. É um mistério ainda como êle consegue defender-se. Se um trofoblasto chega a qualquer outro lugar do organismo, destrói logo o tecido com que entre em contato. Há pouco tempo, descobriram que os trofoblastos comem até as células cancerosas. Isso deu aos cancerologistas uma pista que está sendo seguida cuidadosamente. Quando o embrião está firmemente implantado começa a segregar um hormônio, que ajuda a manter em seu lugar o revestimento uterino o tempo em que deve abrigar o **parasita.**

Se não fôsse êsse hormônio, seria produzida a menstruação, e o embrião não poderia sobreviver.

Conforme o tempo vai passando, o embrião agarra-se firmemente à parede do útero. Os trofoblastos desenvolvem-se até formar a placenta, órgão dinâmico que muda constantemente para adaptar-se às sucessivas necessidades da nova vida em formação. Entre suas muitas funções, estão as de fígado, rins, pulmões, intestinos e glândulas endócrinas. Tudo isso é executado por uma massa carnuda, que não passa de uma complexa rêde de vasos e membranas. Embora chegue a ter 20 centímetros de diâmetro, não se compreende ainda como uma estrutura destas adquire tantas aptidões bioquímicas.

Com função de pulmão, a placenta extrai oxigênio do sangue materno e o deposita no sangue do embrião. Leva ao embrião elementos nutritivos de tôda espécie e quase sempre digere os alimentos antes de entregá-los. É tão eficiente que, uma ou duas horas depois da mãe alimentar-se, o embrião já recebe a sua parte. Se a mãe bebe ou fuma muito, parte do fumo e do álcool também chegam até êle. Além de trocar oxigênio por gás carbônico e alimentos por resíduos, a placenta protege o embrião, levando-lhe anticorpos que o imunizem contra várias doenças. E ainda fabrica, para a mãe, hormônios que a compensam de algumas coisas que o embrião lhe tirou.

Com tôdas essas virtudes, a placenta tem, também, seus pontos vulneráveis. Nem sempre pode barrar elementos nocivos. Às vêzes alguns vírus, como o da rubéola, passam por ela e acabam causando deformações. Certas drogas perigosas também conseguem enganar a placenta e causam lesões na criança.

Depois que desempenha suas múltiplas e prodigiosas funções a placenta morre. Mas ainda depois de morta e esquecida, seus efeitos subsistem durante algum tempo. O bebê nasce, por exemplo, com seus órgãos sexuais externos inflamados, pelo efeito passageiro dos hormônios que compartilhou com sua mãe através da placenta. Alguns dêsses hormônios produzem o leite materno, e o recém-nascido também tem leite, que chega a gotejar de seus mamilos. Porém, passados alguns dias, todos êsses efeitos desaparecem e o único que a placenta deixa é a imunidade contra uma série de doenças. A criança ficará protegida contra tôdas as enfermidades a que era imune a mãe, e êsse benefício dura mais ou menos seis meses, ou seja, o período de maior vulnerabilidade. Quando chega o momento de terminar essa imunidade, a criança terá obtido alguma fôrça e o suficiente contato com o mundo para começar a formar suas próprias defesas. Êste é o último presente da placenta. E o mais valioso.

FIM

Bellini, Gilmar, Nilton Santos, Flávio e Altair receberam 10 amostras da nova e revolucionária lâmina Gillette *Super* Azul

Sabe o que êles acharam?

Só teve um que não gostou: foi Altair.
Êle não recebeu a lâmina, porque mora longe.
(Não deu para o presente chegar a tempo.)
Depois de experimentar a Super Azul,
Bellini disse que nunca tinha visto lamina tão suave.
Flávio bancou o espertinho. Disse que
a Super Azul era otima. Mas que só podia
falar se a gente lhe mandasse mais
umas dez, para êle experimentar mais um pouco.
Gilmar disse apenas isto: "A Super Azul
é uma beleza! Parece até que não tem lâmina no aparelho".
Nilton Santos, depois de escanhoado "Fiquei dez anos mais moço!"

A velha sonda furou a terra e o petróleo jorrou, misturando-se ao suor dos homens de Carmópolis. Daí veio a alegria, na frase que é de todos:

ESTE

PETRÓLEO É MEU

TEXTO DE CARLOS AZEVEDO

HOMENS FAZEM A VELHA SONDA VIBRAR

Naquela noite no Bar Caranguejo (Carmópolis, Sergipe) o assunto foi o susto do Zero Sete. Claro que êle não estava lá, com seu jeito de **playboy,** chapèuzinho mole na cabeça, senão ia dar briga. Zero Sete é um sondador inexperiente que logo no primeiro dia de perfuração de um nôvo poço causou confusão na sonda. Houve uma gritaria e Agá, o chefe, teve de sair correndo para a plataforma. Lá encontrou Zero Sete pisando frenèticamente o freio e berrando:

— Não tem breque, não tem breque!

Os homens estavam pulando longe, tudo porque o elevador, que pesa 10 toneladas, perdera o breque descendo descontrolado. Agá deu um sôco na alavanca de **subir devagar,** a marcha entrou e o elevador estacou a um metro da plataforma, balançando. Antes que o elevador começasse a subir, o chefe engrenou outra marcha, e o fêz baixar suavemente sôbre o assoalho de aço. Agá parou os motores, deu uma olhada feroz para Zero Sete, que continuava de ôlho arregalado, e chamou o mecânico:

— Vamos consertar o breque, José.

Quando a 41 perfura, é sempre assim: aparece novidade. A 41 é uma sonda de 10 anos, uma das mais velhas entre as 61 da Petrobrás, de tôrre torta porque caiu numa caverna, motores cansados, material gasto. Mas ela é operada por uma equipe combativa. A 41 já furou 102 poços em Alagoas e Sergipe: é a recordista do Nordeste. Descobriu o petróleo de Carmópolis, uma reserva que vai enriquecer em 30% a produção da Petrobrás. Avariada, ainda concorre com as novas sondas rumenas, operadas por americanos. Como elas, perfura um poço em 8 dias. E tem um fama muito especial: poço da 41 é bom, é bem furado.

Agá ensina a dançar

A tôrre é o símbolo tradicional do petróleo, mas além da tôrre, uma sonda tem também os 6 motores do guincho, os motores da energia elétrica, da água e da **lama,** a talha, cabos, carretilhas e uma imensidão de tubos e brocas que são movimentados sôbre uma plataforma de 15 metros por 10 de largura. Mas, sobretudo, a sonda é a gente que a opera, que faz êsses motores roncar e a broca descer ao encontro do petróleo.

Em Carmópolis, na sonda 41, há pelo menos um homem que sabe disso. Seu nome de batismo é só a letra **H** acompanhada do sobrenome português: Vasconcelos Costa. Um homem robusto caminhando para os 40 anos, rebelde, falante. Capaz de reclamar violentamente se a comida de seus homens não vem boa, se êles estão trabalhando sem luvas ou sem capacete, se a assistência técnica à sonda não chega a tempo. E que pelos seus modos agressivos já sofreu duas advertências, além das 4 vêzes em que pediu demissão. Mas a Petrobrás não aceitou. Agá não se poupa e não poupa ninguém. Êle é o **pusher** (o mestre-sondador) da sonda 41.

Na noite do terceiro dia de perfuração do poço 67, que já tinha 273 metros, Agá estava na plataforma olhando o trabalho. Aquela turma tinha dois novatos e o serviço não estava rendendo. Estavam tirando os tubos de dentro do poço para trocar a broca, que se gastara. O **pusher** quis saber o que se passava. Camarão Donzelo, um veterano, lhe respondeu:

— Dois homens novos na plataforma, Agá, temos que ajudar senão se matam.

O **pusher** afastou o sondador dos comandos e avisou:

— Vou tocar. Ninguém pode fazer o serviço do outro. Só se aprende fazendo.

E recomeçou tudo com gestos precisos, retirando tubos ràpidamente, acelerando o trabalho aos poucos. Os plataformistas, sem altefnativa, tiveram de ir também embalando. No comêço, preocupados com cabos e tubos, com os ferros se batendo, mas, depois, pegando ritmo. Passada uma hora, a broca já estava fora do poço e os novatos, cansados, mas excitados, se movimentavam com segurança.

Agá é duro na plataforma, mas no dia em que foi transferido provisòriamente para outra sonda, o pessoal fêz abaixo-assinado pedindo sua volta. E quando lhe perguntam se o pessoal gosta dêle, Agá responde:

— Não sei. Eu gosto dêles.

A sua roupa está tão suja quanto a de qualquer de seus homens. Os cabelos cheios de poeira e os olhos vermelhos. O **pusher** fica na sonda todo o tempo que dura a perfuração, enquanto as turmas (de 8 homens) vão sendo substituídas a cada 8 horas. O trabalho não pára, **pusher** não tem horário para descanso, só dorme sono curto, e quando o trabalho vai bem. Agá já trabalhou na sonda 25 dias sem sair. E sua família mora a uma hora de viagem.

Êle acha que não existe equipe ruim. A da sonda 41 é um bom exemplo. Um grupo de alagoanos rebeldes transformado no pessoal mais brilhante da perfuração em Sergi-

A sonda 41 já furou 22 poços em Carmópol[illegible]

ste é o velho Alcino na hora do cansaço.

O óleo vem vindo, Au-Au brinca em serviço.

alango, Mané Bagre, Nêgo Cão, Magrinho e Alma de Gato num passo da sua dança.

pe. Mas Agá enfrentou problemas para limpar a equipe de maus elementos. Um de seus homens está passando e êle se recorda:

— Êste homem foi agredido na plataforma por um arruaceiro que tinha sobrado por aqui. Pedi seu afastamento na hora. Ameaçou me matar. Os companheiros disseram: **então vamos moê-lo logo de pau.** Eu não deixei, mandei o homem embora dizendo que não tinha mêdo do seu revólver nem carregado com 30 balas.

Agá está observando o trabalho de Mané Bagre e diz:

— Sondador sensível, rápido. O sondador faz a turma. E o Bagre faz bem. Quando eu era sondador, disseram que produzia mais porque tinha a melhor turma. Era verdade. Mas então eu pedi ao **pusher** os piores homens do acampamento e êle me deu Zé Bacana, que só queria dormir, Baiacu, Josué e Bastião Prêto, ruindades.

Sorri, coça a perna que mosquito picou:

— Fui avisando. Atenção no trabalho e cuidado com a vida. E mandei ferramenta. Tiveram de trabalhar. Eu dizia: cuidado, só dou o tempo do companheiro fazer sua parte. Se atrasar fica agarrado no elevador ou leva esfolão. Zé Bacana dormiu, dei-lhe um banho de lama. Bastião Prêto, que ninguém queria, comigo ficou bom. No balanço dos cabos lhe dei dois tombos. Bom. Em 30 dias era uma das melhores turmas.

Tira os óculos escuros para limpar o suor.

— Fui plataformista de sondador americano. Aprendi com êle que quem não anda o gringo deixa esfolar. Eu tinha entrado na Petrobrás para aprender inglês com os americanos porque tinha levado pau num vestibular de Direito e queria tentar de nôvo. Descobri que os **pushers** americanos não sabiam inglês, só sabiam grunhir, virei fera, comecei na plataforma, fiz cursos e aqui estou como mestre-sondador.

Na roda de luz

A sonda é bonita de noite. A tôrre tôda iluminada e, lá embaixo, entre as suas quatro pernas de aço, holofotes voltados sôbre o trabalho dos homens na plataforma. Êles se agitam, seus movimentos parecem um bailado violento, dentro da roda de luz.

A turmá de Mané Bagre está enfiando os tubos de perfuração no poço. Na sonda vive-se tirando e colocando êsses tubos. Para trocar brocas gastas, para reparar desvios no furo, para tapar as cavernas que aparecem embaixo da terra. A plataforma cheia de água e lama, escorregadia. Quatro plataformistas entram em cena juntos, como num passo ensaiado. Prendem um tubo a outro e pulam para trás. Os cabos puxados pelo motor apertam as emendas e dão chicotadas no ar, a um palmo de suas cabeças.

Saltando de um lado a outro, usam dois alicates-gigantes que estão suspensos por cabos presos à tôrre e que depois de rosquear os tubos ficam balançando no meio dos homens, tudo num mesmo ritmo perigoso, apressado. Nivaldo Magrinho, Enoch, o Alma de Gato, Nêgo Cão e Calango avançam e recuam juntos. Os corpos sem cami-

SEGUE

Bebê Johnson 65

Ana Helena, Bebê Johnson 65, é o símbolo de uma nova geração, símbolo do Brasil de amanhã. Geração que a Johnson & Johnson ajuda a crescer sadia, como tem ajudado outras gerações, desde 1934. A Johnson & Johnson está sempre ao lado da criança brasileira, desde antes de nascer. E pela vida inteira. A grande tarefa e principal preocupação da Johnson & Johnson é exatamente esta. Tarefa cumprida com seriedade e entusiasmo. Na Johnson & Johnson, técnicos e cientistas brasileiros, em seus laboratórios de pesquisas e contrôle de qualidade, investigam novos produtos, para dar sua contribuição ao desenvolvimento do País, justamente em um setor fundamental: a saúde do seu povo.

Johnson & Johnson

EMBAIXO DA TÔRRE, UM DURO BAILADO

sa brilham de suor, no duro compasso marcado pelos ferros se batendo.

Quando terminarem de descer os 420 metros de tubos, o centro da plataforma, que se chama mesa rotativa, voltará a girar movida pelo guincho e com ela girarão os tubos e a broca cheia de dentes. Ligado por uma haste de aço aos tubos o elevador apoiará sôbre êles seus 10 mil quilos e os empurrará para o fundo. Através dêsses tubos, que são todos ocos, circulará a **lama química,** uma mistura densa que é injetada no poço. Sua função é tirar os detritos de rocha e manter o petróleo prêso lá no fundo. Sempre que a haste também desaparecer dentro do poço será colocado um nôvo tubo de 9 metros para continuar a perfuração.

O **pusher** *Agá sabe muito de petróleo. E ensina a lição dura no balanço dos cabos.*

Nêgo Cão no Caranguejo

Tudo começou porque a noite estava muito quente e ninguém conseguia ficar nas casinhas de madeira e cobertura de zinco do acampamento da Petrobrás em Carmópolis. Nêgo Cão, Alma de Gato e Calango jantaram arroz, feijão, macarrão, farinha de mandioca e bife. De sobremesa, goiabada e uma caneca de café. A comida que vai para a sonda é a mesma, mas vai só um prato de papel aluminizado para cada um, sem sobremesa e sem café.

Era a folga da turma e os 3 foram beber no Caranguejo. Nêgo Cão queria mais era dançar com Nicinha: "aquela magrela feiosa e convencida, mas que dança como o diabo". Atravessaram o povoado e começaram jogando sinuca e bebendo cerveja. Logo Nêgo Cão achou Nicinha, pediu para ligar a vitrola, e foi dançar.

Estava muito bom até o Brasil chegar. De camisa xadrez vermelha e branca, calça de brim, sapatões grossos e um chapéu esportivo com uma pena atrás. Na bôca um imenso e finíssimo charuto Panatela Suerdieck. Pediu cerveja em inglês, mas o menino do bar sabia que êle queria cerveja mesmo. Brasil é apelido de um **pusher** americano que está trabalhando em Carmópolis. Passa as folgas no Caranguejo, onde já chega bêbado e continua bebendo a noite inteira. De vez em quando sai dançando acompanhado ou sòzinho, não vê diferença. Começa a pular no salão e diz que está dançando samba. Mas o que incomoda quando o Brasil chega é que as mulheres aban-

O trabalho se aproxima do fim, o petróleo começa a escapar, logo vai virar jôrro.

tinta propaganda

o que seria do azul...

se todos gostassem do vermelho?

Gôsto não se discute. O importante (em tôdas as côres) é a qualidade. E em tintas qualidade é rendimento (você pinta mais com menos tinta). É durabilidade (você pinta e esquece). É lavabilidade (você lava com água e sabão). É firmeza de côres (você tem sempre a côr que escolheu). Tudo testado, constante e cuidadosamente, eis porque

tinta é Coral

ÔLEO JORRA QUANDO CANHÃO DÁ TIRO

donam qualquer um para ir beber cerveja, sentadas no seu colo.

Por isso, naquela noite, quando êle entrou cambaleando e dizendo "alô", Nêgo Cão, que não é nada bôbo, deixou a Nicinha ir abraçar o americano e falou para Alma de Gato e Calango:

— Vamos enfrentar o calor do barraco, meus companheiros. Nossa freguesia por hoje já mixou.

Dia de tomar banho

No oitavo dia a broca da 41 alcançou 828 metros. Mais um poço chegara ao fim. No mesmo dia o poço recebeu revestimento de aço definitivo e os tubos foram cimentados dentro do furo. Prometia ser muito potente, a broca tinha atravessado uma rocha portadora de petróleo de 132 metros de espessura (o petróleo não se encontra em lençóis, mas prêso nas porosidades das rochas sedimentares). Por isso, quando a Cacareco, que é o apelido da sonda de produção UL-20, chegou no dia seguinte para limpar o poço e prepará-lo para produzir, Bagre gritou para Calhambeque, o sondador da UL-20.

— Cuidado, menino, que êsse poço tem a marca da 41.

O pessoal da Cacareco retirou a lama química, injetou petróleo no pôço para evitar jôrro antes da hora e começou a dar tiros de **canhão.** Chamam canhão a um tubo que dá tiros para os lados, e cujas balas furam o revestimento de aço, a camada de cimento e penetram na rocha, abrindo buracos para o petróleo brotar.

Nesse poço deram 1.300 tiros, mas depois de terem dado os 20 primeiros já começou a vir um ronco de dentro da terra. Macarrão, Zé Algazarra, Filé e Au-Au davam gritos. Se a pressão aumentava, soltavam um pouco o gás que se acumula junto com o petróleo e está sempre forçando para sair. Abriam a válvula de segurança, saía gás e quando vinha óleo junto o sondador gritava: "fecha, fecha!" e o pessoal corria para fechar.

O trabalho começou a ficar difícil. Quando abriam a bôca do poço para recarregar o canhão, êle roncava, o gás saía assobiando e nem bem iniciavam a retirada dos tubos e já o petróleo borbulhava, esguichava um pouco, mas sem subir. Apressavam o tra-

Depois dos tiros é preciso abrir o poço e retirar o canhão. É a hora do banho.

Ronco do petróleo jorrando ainda assusta os bois-de-carro da fazenda de açúcar.

NO FIM, A ALEGRIA DE UM BANHO

Amanhã, mais um jôrro e outra vitória.

balho, o corpo já grosso de óleo, as mãos e pés escorregando na plataforma e o petróleo formando uma lagoa em redor da sonda. Macarrão deu um grito:

— Êsse vai dar trabalho!

Mais uma porção de tiros e os homens ficaram sérios. A cada abertura da válvula o petróleo jorrava alto, cobria os homens, lavava a tôrre. Num raio de 20 metros, sôbre a sonda e no chão, ficou tudo prêto. O **pusher** Cícero saiu às pressas para buscar mais gente no acampamento. Aí a notícia correu: o nôvo poço estava dando banho.

Os plataformistas, cansados, foram trocados por uma nova turma. Agora é preciso retirar os tubos e o canhão para encerrar o trabalho. Não é fácil, o nôvo pessoal fica logo todo pretinho, o jôrro arranca o capacete de um, outro escorrega e cai sentado no meio do óleo. Volta a turma antiga — há ainda muitos metros de cano dentro do poço — o petróleo faz um barulhão jorrando, alcança 20 metros de altura.

A plataforma é um inferno. Filé está agachado procurando o alicate que escorregou da sua mão e se perdeu no meio do óleo visguento. Macarrão se afasta aos tropeções, ficou tonto. É meio novato no serviço e o gás o derrubou. Tem o corpo todo negro e o **pusher** lhe joga uma lata de óleo diesel em cima. Estão no fim: em Carmópolis há um nôvo poço para produzir e fala-se em 500 a 700 barris por dia. Meia dúzia de homens se lavam no óleo diesel, exaustos, nem conversam, exceto Zé Algazarra, que nunca pára de brincar. A única coisa branca que êle ainda tem é o branco dos olhos e dentes quando sorri, dizendo:

— Numa hora dessa não dá nem vontade de receber salário.

Petróleo quase nosso

A Petrobrás de hoje é muito mais do que o campo de Carmópolis: tem 50 mil empregados, explora 1.500 poços, opera 3 refinarias e fatura 200 milhões de cruzeiros por hora. Em apenas 13 anos — foi criada em 3 de outubro de 1953 — ela se tornou a maior emprêsa da América Latina. Já produziu 265 milhões de barris de petróleo bruto, construiu 140 km de oleodutos e está instalando mais 530 km, montou uma frota de 42 navios petroleiros levou o progresso ao interior da Bahia e agora o está estendendo ao Nordeste e ao Norte do Brasil.

Com tudo isso, a Petrobrás só produz 30% dos combustíveis que o Brasil consome. Extraiu 36 milhões de barris em 1965 (100 mil barris por dia), e importou mais 70 milhões, tendo as suas refinarias e as de iniciativa privada refinado 106 milhões de barris no último ano. Mas no dia em que o oleoduto Carmópolis-Aracaju ficar pronto (e isso deve acontecer ainda em 1966), a Petrobrás passará a produzir a metade do petróleo que o Brasil consome.

E tem mais: em Barreirinhas, no Maranhão, as primeiras perfurações confirmaram a existência de outra grande reserva. Enquanto isso, os 1.200 poços produtores de óleo da Bahia continuarão aumentando de produção. Daí as estimativas otimistas que prevêem a Petrobrás produzindo 150 mil barris por dia antes de 1966 terminar.

UM SABUGO VISIONÁRIO

Na década dos 30, Monteiro Lobato, escrevendo livros violentos contra a mentalidade existente, iniciou a longa luta pelo petróleo brasileiro. O escritor insistia em que **sem petróleo nunca sairemos da miséria.** Em 1937 estendia até às crianças a sua indignação num livro infantil chamado **O Poço do Visconde**. Nesse livro o seu sabugo-cientista, o Visconde de Sabugosa, anunciava que na **Bahia, em Lobato, nos subúrbios da Capital, se abririam poços de excelente petróleo.**

Dois anos depois, em 21 de janeiro de 1939, o petróleo jorrava em Lobato, de um poço perfurado pelo baiano Oscar Cordeiro com uma sonda do Conselho Nacional de Petróleo. O primeiro petróleo do Brasil foi recebido pelo País com a mesma manchete em todos os jornais: **Jorrou petróleo na Bahia!** Mas a exploração não começou aí, pois o Código de Minas dificultava muito a iniciativa privada, e principalmente a de capitais estrangeiros.

A LUTA PELA PETROBRAS

O Brasil só começaria a marchar para aproveitar seu petróleo em 1953, quando o presidente Getúlio Vargas assinou a lei 2004 de criação da Petrobrás, o monopólio estatal do petróleo. Apesar de tenazmente combatida pela imprensa e por políticos conservadores, que não acreditavam na eficácia econômica do monopólio estatal, a Petrobrás foi cercada de imenso apoio popular e começou a se desenvolver no meio de muita atribulação.

Em 1955, pouco depois do suicídio de Getúlio Vargas, foi proposto ao Congresso um nôvo Estatuto do Petróleo, pelo qual o monopólio deixava de existir. O presidente Café Filho pendia a seu favor quando viu erguer-se pelo País uma vigorosa campanha. O **petróleo é nosso** empolgou a Nação e garantiu a existência da Petrobrás. Nesse mesmo ano a Petrobrás produziu 2 milhões de barris e descobriu petróleo em Nova Olinda, Amazonas. Em 1957 produziu 11 milhões de barris; em 1960, 30 milhões; em 1961, quase 35 milhões; em 1963, 35,8 milhões; em 1964 caiu para 33,3 milhões; e em 1965 alcançou 36 milhões.

Um barril de petróleo, de 159 litros, rende, aproximadamente, 58 litros de gasolina, 60 de óleos combustíveis, 28 de gases, asfalto, produtos químicos, 8 de querosene e 5 de lubrificantes. Com a gasolina extraída de um barril, um automóvel roda cêrca de 500 quilômetros.

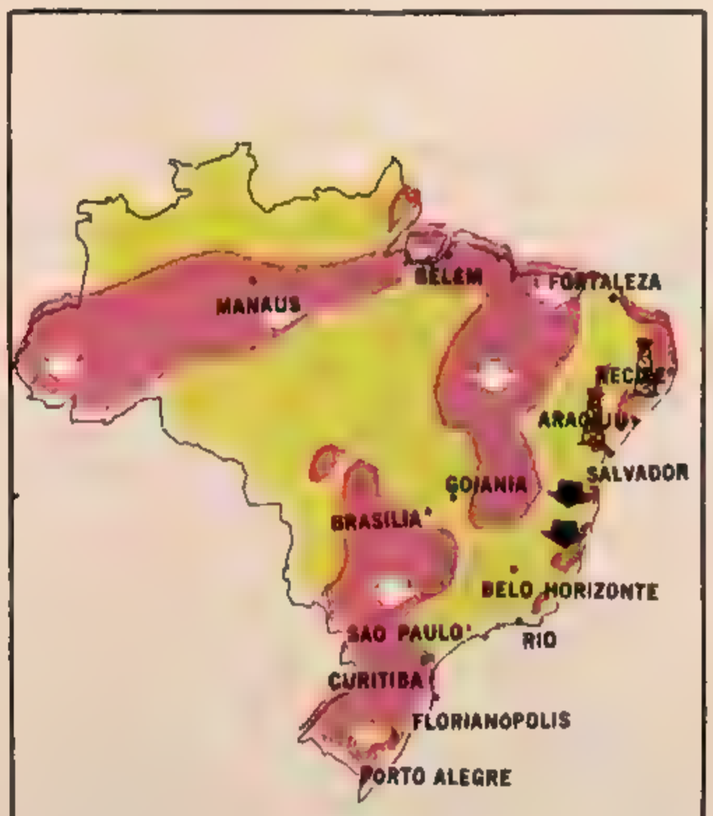
PETRÓLEO POR TODA PARTE

As crises políticas que agitaram o País nos últimos anos perturbaram a produção. Mas os novos campos encontrados dão ao nosso petróleo perspectivas de uma arrancada sem precedentes.

Por enquanto, a Petrobrás só conhece bem mesmo as bacias do Recôncavo Baiano e a de Alagoas-Sergipe, a primeira com 55 mil km2 e a outra com 16 mil km2. No total, suas reservas aproveitáveis são estimadas em 680 milhões de barris. Ainda se conhece muito pouco sôbre as bacias da Amazônia, de 1 milhão de km2, a do Maranhão, de 800 mil km2, a do Espírito Santo-Tucano, de 25 mil km2 e a do Sul do Brasil, no Paraná, de 1 milhão de km2.

Para um país onde há 30 anos se garantia não existir petróleo, o Brasil não está nada mal.

Como dizem os técnicos da Petrobrás, é **só furar.**



O petróleo no Brasil: em violeta, as bacias sedimentares, onde potencialmente existe óleo. Flechas indicam as zonas onde operam as sondas da Petrobrás e as tôrres marcam os campos de produção.

FIM

Os copos variam, mas todo mundo concorda que St. Raphaël é um ótimo aperitivo

Este é o copo para quem gosta de tomar puro (toma-se bem gelado com uma casquinha de limão).

Como "long drink" com gêlo, soda e algumas gôtas de suco de limão (há quem prefira St. Raphaël a uísque).

"On the Rocks" em copos médios, redondos ou não (com alguns cubos de gêlo e uma casca de limão ou laranja).

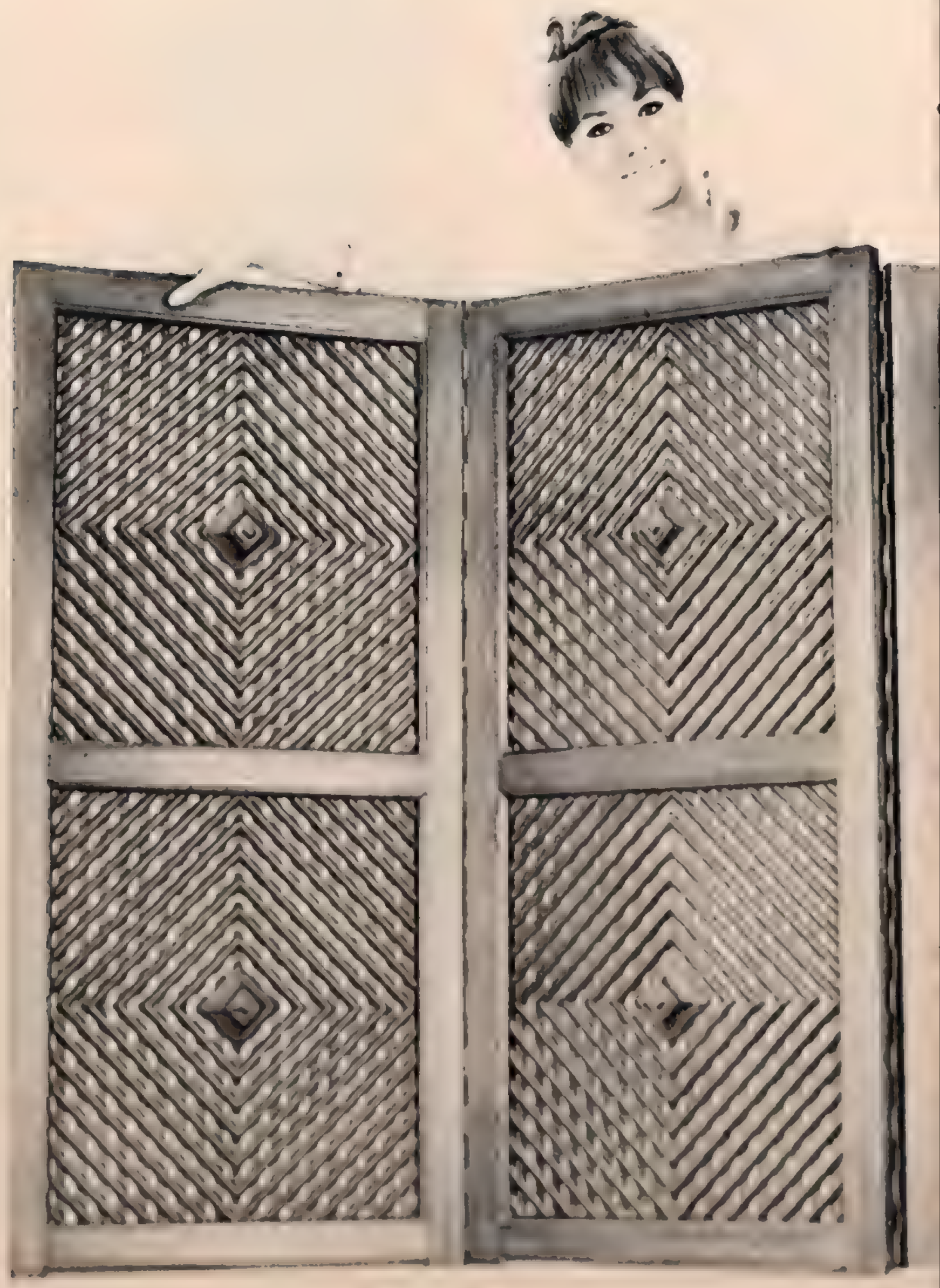
E impróprio beber da garrafa. Mas é de bom-tom tê-la sempre à mão para servir aos amigos.

St Raphaël L'APÉRITIF DE FRANCE

Aperitivo. Mas também pode ser tomado longe das refeições

PRODUZIDO POR MARTINI & ROSSI S A., MEDIANTE LICENÇA E SOB SUPERVISÃO DIRETA DE SOCIETÉ ST. RAPHAËL. 8 RUE DU PARK-ROYAL – PARIS. 3.o

Elas estão esperando a coleção



NESTE ANO O
"SHOW-ROOM"
DA MODA

PUL—
SPORT

de inverno PULL-SPORT

Prêto mais branco—em qualquer proporção—dá mulher bonita, como mostra o fotógrafo Walter Firmo, com o seu

ENSAIO EM CÔR MULATA

Tudo nela é natural e com jeito de agrado
Uma bela mulata é como uma flor
aberta a tôdas as carícias do vento.
Para ela o amor é um ato tão natural
como comer ou dormir: de preferência sempre a dois.
Sua pele íntegra, de divina côr,
é a coisa mais lisa e flagrante da Criação.
Ela é a paixão em ritmo de samba,
pois o samba é uma imanência
da sua condição e do seu temperamento.
É na ginga do seu molejo
e na distribuição
do seu sapateado que ela conquista o homem

Eu amo a mulata brasileira:
e a carioca com especialidade.
A mim me dá vontade de celebrá-las
na poesia mais rasgada do samba mais delirante,
mais sem peias. Dizer, por exemplo,
que ela é essa palavra com
que tanto antipatizo
na bôca dos economistas: conjuntura.
"Mulatas — eu lhes diria — vós sois uma conjuntura".
Porque, reparem,
tudo na mulata é isto: coisa gostosa,
balanço certo, articulação
perfeita no amor.

Vinícius de Morais, poeta.

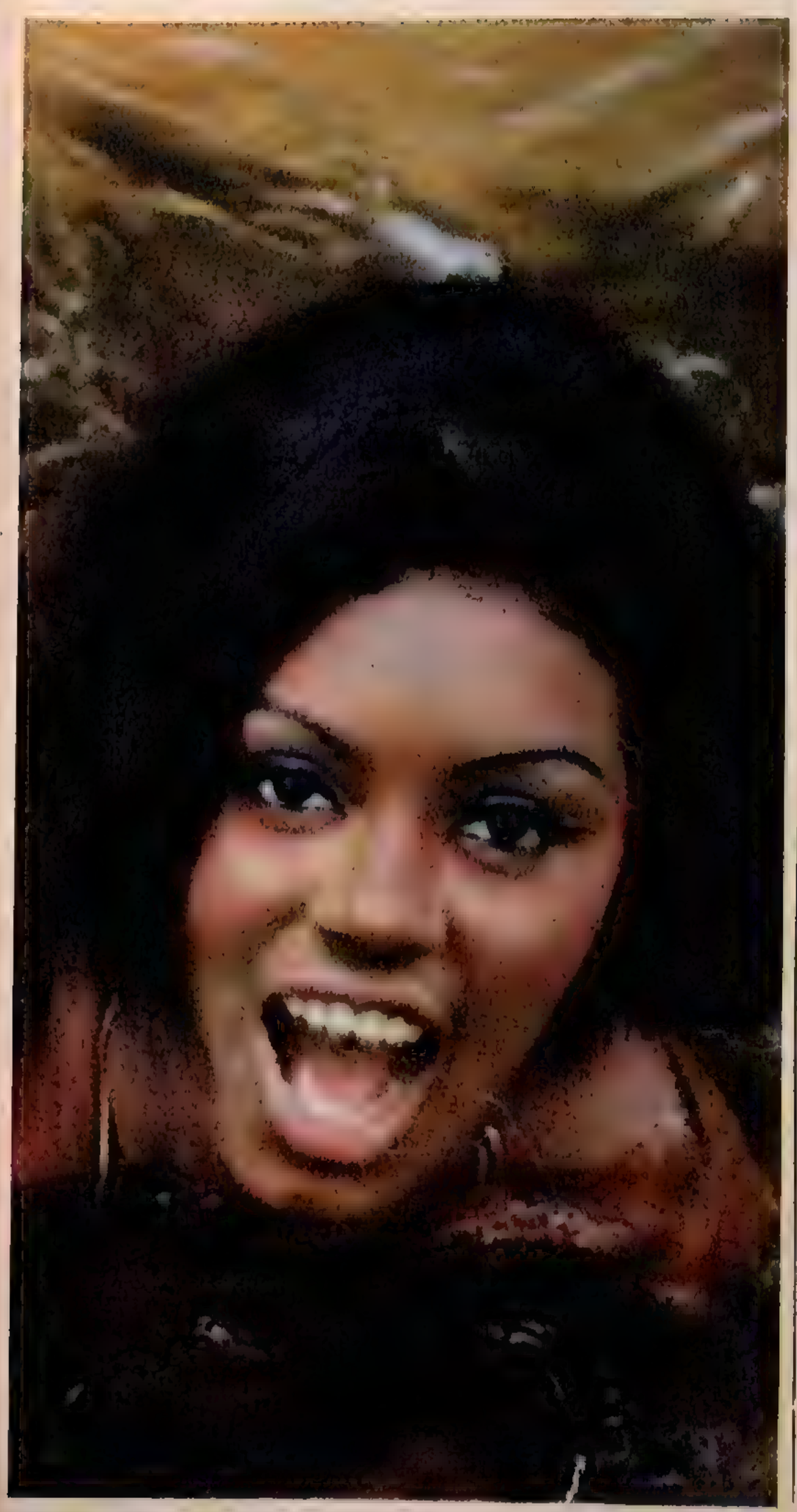
A MISTURA MAIS BEM DOSADA

A mulata é um prazer de ver. Até caminhando,
com aquêle passinho que a garôta de Ipanema,
por mais de Ipanema que seja,
não consegue ser igual.
E quando o poeta cantou o caminhar da garôta
devia ter cantado antes, por um dever de justiça,
o caminhar da mulata que, na sua ginga,
já leva meio samba.
Em batucada, mulata é fogo, fica pairando no ar,
numa levitação que só o samba tem poder de criar,
especialmente para ela.
É por essas coisas (e muitas outras que prefiro não citar)
que a mulata é o primeiro produto híbrido
a ter grande aceitação popular.

Sérgio Pôrto, humorista.

Tenho notado uma ausência no society: a mulata.
Vocês já imaginaram uma Carmem Mayrink Veiga mulata?
Seria produto de exportação, reclamado pelo mundo inteiro.
Com minha longa experiência de viajante
internacional, pude observar que
nenhuma mistura de raças foi mais bem dosada
do que a que deu origem
à mulata brasileira.
E isso devemos aos nossos irmãos portuguêses,
mentores intelectuais e físicos
dêsse fabuloso invento
que vem sendo assunto de profundos
estudos etnológicos.

Ibrahim Sued, cronista social.



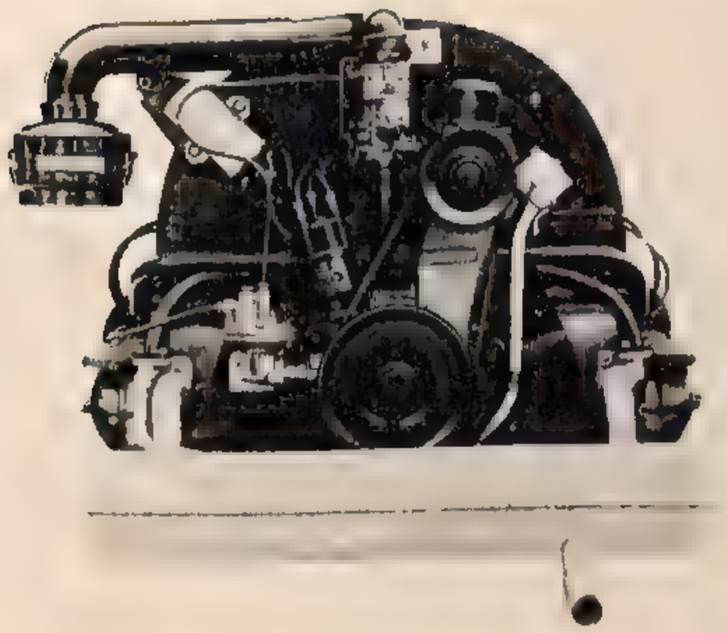
A DIFERENÇA ESTÁ NO JEITO DE OLHAR

A mulata é a maior obra de Portugal.
Muita gente diz por aí que português é burro,
mas, vamos e venhamos,
inventar a mulata é tão importante como
inventar a penicilina ou mandar um foguete à Lua.
E a mulata inventada pelo português
tem um jeitinho que ninguém consegue imitar.
Americanos, italianos e até suecos
fazem tudo para conseguir um produto igual,
mas nunca se aproximam do produto genuíno.
A diferença está no jeito de olhar e andar.
Por isso, sou jacobino:
em matéria de mulata e bagaceira, viva Portugal!

Joaquim Ferreira, dono de bar em Madureira, Rio.

FIM

Se v. tiver uma Kombi já tem, no mínimo, 8 razões para comprar uma fazenda.



Vá contando:
A Kombi não precisa parar para colocar água no motor.
Ela é refrigerada a ar. E ar, no campo, tem de sobra.
Uma razão.
Ela leva 9 pessoas de uma vez só.
Numa fazenda há sempre muita gente para transportar.
Duas.

Sem os bancos, o compartimento de carga mede 4,83 m³. Para carregar caixas de frutas, de legumes, ferramentas, mantimentos etc.
Três.

Para facilitar o trabalho de carga e descarga, a Kombi tem duas amplas portas laterais. (Além da porta que fica atrás.)
Quatro.

A carga fica entre os eixos, na melhor zona de suspensão. Por isso viaja bem mais segura.
Cinco.

Para proteger mercadoria e passageiros, a Kombi já vem com teto de aço. Nada de gastar dinheiro improvisando capotas.
Seis.
E como nem sempre as estradas são boas, a Kombi tem suspensão independente, nas quatro rodas. Em vez de molas, tem barras de torção, pràticamente inquebráveis.
Sete.
A Kombi tem um vão livre de 24 cm. V. vai perceber a importância dêle quando passar por uma estrada lamacenta. Não há diferencial saliente para enterrar na lama ou "facões" da estrada.
Oito.
Um litro de gasolina dá para a Kombi andar 10,5 km. E ela só troca óleo a cada 2.500 km.

Mas isso já é uma nona razão. Como tem uma décima. Ou uma décima primeira...

Estamos lançando um nôvo produto para o cabelo do homem:

Êle não empasta nem endurece o cabelo.

Êle não dá brilho excessivo.

Tem perfume muito discreto.

E assenta o cabelo naturalmente.

Trim para o cabelo do homem

Trim é exatamente o que os homens esperam de um produto para o cabelo.

Se você é homem e tem cabelo, parabéns.

Iintas publicidade internacional

Com base em testemunhos, lembranças inéditas e surpreendentes confissões do protagonista, êste é o retrato sem sombra de um dos mais discutidos e menos conhecidos homens públicos brasileiros

EIS ROBERTO CAMPOS

Texto de Alessandro Porro e fotos de Nélson Di Rago

O casal entrou na sala do Cinema Leblon, no Rio, num domingo à noite. A sessão já havia começado. Em cartaz, "As Bonecas", uma comédia italiana. Êle, de camisa esporte, a mulher num *chemisier* florido. Acharam lugar bem na frente, quase embaixo da tela. A platéia em volta observava atentamente as pernas de Virna Lisi e as olhadelas maliciosas de Nino Manfredi, esperando a senha para a primeira gargalhada geral. O sinal chegou do casal retardatário e foi decisivo. Êle, principalmente, lançava risadas irresistíveis, que encontravam eco entusiasmado, às vêzes exagerado, no cinema repleto. O filme acabou, e as luzes surpreenderam a multidão já esvaziando a sala. Mas ainda havia alguém rindo: e muita gente virou-se para observar, com simpatia, o alegre cidadão. Uma voz disse: "Não é possível, não pode ser êle". Outra voz: "É êle mesmo, juro". E outra: "Mas como; êle também ri?" E mais uma: "É sinal de que está satisfeito. Eu, no seu lugar, choraria". Roberto Campos e a espôsa, dona Estela, deixaram o cinema percorrendo lentamente a fila de gente e de cadeiras, dentro de uma espêssa nuvem de comentários. Ela, serena, com o olhar pacífico de sempre; êle ao contrário, vítima de um ataque de pudor, acanhado atrás dos óculos emoldurados de prêto, as mãos disfarçadamente levadas até o nariz. Era tentativa de esconder o rubor provocado pelo cochicho dos que descobriram que o Ministro Extraordinário para o Planejamento e a Coordenação Econômica, o tão falado e detestado Roberto de Oliveira Campos, também sabia rir.

SEGUE

adotamos nova linguagem...

Uma linguagem moderna... mais prática, mais eficiente. A linguagem do nôvo computador eletrônico IBM, em pleno funcionamento para tôdas as agências do seu

BANCO DE CRÉDITO REAL
DE MINAS GERAIS S. A.

MAS COMO, ÊLE TAMBÉM RI?

Os dias tranqüilos são raros. Geralmente, o ministro trabalha até meia-noite.

Na realidade, Roberto Campos, dotado de um riso aberto que quase nunca chega a ser estrepitoso, limita as manifestações de alegria a poucos íntimos e a determinados momentos. Mas também não é um ranzinza, como a maioria suspeita, acostumada como é a ligar seu nome aos mais intrincados problemas do País. Êle sabe muito bem o que se pensa dêle. E não fôsse essa espécie de irresistível pudor, que na maioria das vêzes endurece seu rosto já austero, estaria disposto a gritar a todo mundo: "Não sou uma máquina de calcular, não sou um cérebro eletrônico". São estas acusações que mais o amarguram, e que num jôgo psicológico paradoxal, mais lhe provocam o rosto fechado, impenetrável às vêzes.

Com os colaboradores, ou quando tem que falar em público, Roberto Campos tenta começar seu discurso com uma frase hilariante. Mas seu tipo de humor é muito sofisticado para satisfazer a todo mundo e acontece, às vêzes, que quem o escuta acha mais graça nos números e nos dados que êle cita com perfeita familiaridade do que na piada introdutória.

O humor "oficial" de Campos é quase sempre do tipo acadêmico, lembra o dos professôres de colégio em dia de passeio coletivo. Ninguém, a não ser a espôsa, os filhos e seus (poucos) amigos, espera na palavra do ministro um brilho diferente. É por isso que muitas vêzes, chegam a obter gargalhadas impetuosas, frases de tranqüila facilidade, como esta, que Roberto Campos pronunciou dias atrás, quando teve que falar de improviso após um banquete: "Senhores, apesar de ser ministro do planejamento, não planejei discurso nenhum..."

A sala quase desmoronou. Outras vêzes, Campos não consegue esconder seu espírito crítico, e uma sutil fôrça de vingança leva-o a dizer coisas duma exemplar aspereza. Aconteceu no comêço do ano, depois de outro banquete que, iniciado ao meio-dia, parecia, por volta das três horas, destinado a ser mais comprido do que repasto dos antigos romanos. Falaram 7 pessoas. E cada uma tentou superar, em eloqüência e brilho, a que havia discursado anteriormente. Afinal, chegou a vez de Roberto Campos:

— Antes de mais nada — disse o ministro num sorriso cansado — quero lembrar aos senhores o caso de um pequeno candidato a uma prefeitura do interior que, por ocasião do seu primeiro comício, convidou para o palanque oficial tôdas as autoridades da região. Estas pediram e obtiveram a palavra para elogiar o candidato, mas o fizeram com tanto capricho, e com tanto entusiasmo, que todo mundo ficou esgotado. Finalmente, o humilde candidato tomou a palavra e disse: "E agora, amigos, agradeço a oportunidade, e tentarei eu também, expressar minhas modestas burrices...".

Campos falou mais dez minutos, e depois o banquete acabou, em atmosfera de mal-estar. Ao deixar a sala, um dos convidados comentou: "O professor nos deu uma boa lição, não há dúvida".

Professor, embaixador, ministro

Professor. Muita gente, a maioria, chama-o assim. E êle no fundo prefere êsse título ao de embaixador ou ministro. Um título que representou, para Roberto Campos, pouco menos de 30 anos atrás, o coroamento do esfôrço que resumia tôdas as suas aspirações: professor de latim, no Colégio São José, de Batatais, a pequena cidade paulista surgida entre campos de café que enriqueciam a região de Franca e Ribeirão Prêto.

Vale a pena saber como Roberto Campos chegou a Batatais, e lembrar os caminhos, amarguras (muitas) e alegrias (poucas) que o levaram até lá.

Nasceu em Cuiabá, capital de Mato Grosso, em 17 de abril de 1917, há exatamente quarenta e nove anos. O pai, Waldemiro, natural de Campinas (São Paulo), diretor de escola primária; a mãe, dona Onorina uma mulher religiosa e calada, que costurava com extrema perícia tôda a roupa do marido, de Robertinho e da filha, Catarina, nascida em 1919. Os silenciosos e tórridos verões mato-grossenses, a modesta situação econômica, as saudades de dona Onorina por São Paulo, sua cidade natal, os poucos e pobres brinquedos, os amiguinhos muito mais ágeis e robustos do que êle, o desejo, às vêzes incontrolável, de gêlo ralado com polpa de tamarindo, os papagaios que nunca subiam e a grande tragédia, a morte súbita do pai, e a triste viagem de volta para São Paulo, dêle, menino de 5 anos, da mãe e da irmã, Catitinha como êle a chama ainda hoje: eis o que Roberto Campos lembra de sua primeira infância.

Em São Paulo, dona Onorina instalou-se em um pequeno apartamento e, com o auxílio de uma máquina de costura, começou a cuidar da elegância das senhoras da vizinhança. Para pagar o aluguel, para comer, para matricular Roberto num colégio em Poços de Caldas, era o suficiente. E ninguém pretendia mais do que isto.

Aos 9 anos, Roberto fêz nova viagem: em companhia da mãe, até o Seminário de Guaxupé, no Sul de Minas.

— Quando eu fôr padre — disse — a senhora terá de bordar para mim os paramentos e os adornos do altar de minha igreja.

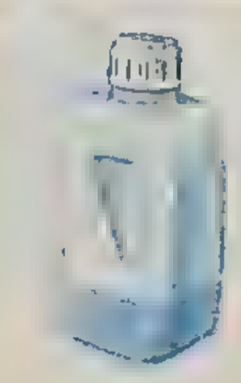
Apenas 9 anos, levava tudo a sério, planejava seu futuro com jeitinho modesto, mas resoluto. Foi um seminarista exemplar. Às vêzes, os professôres o acusavam de falta de humildade, pela sua capacidade de querer e saber aprender também o que ninguém lhe pedia.

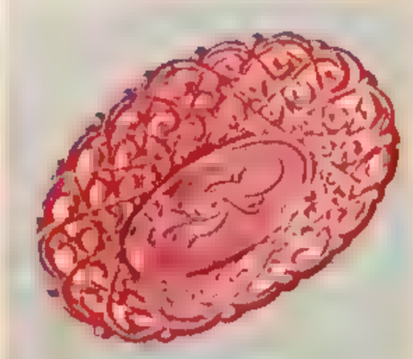
Se, por exemplo, o dever era traduzir do latim para o português um dificílimo trecho de "Flores et fructus spirituales", o discípulo Roberto Campos chegava à aula com ar de triunfo. Todos já desconfiavam. E, de fato, êle apresentava não sòmente a tradução em português, mas o mesmo texto traduzido em grego antigo, com notas e observações.

Uma vez (Roberto tinha 13 anos) pergun-

SEGUE

EU SOU MAIS DURÁVEL SOU FLEX-A Carioca





JÔGO COMPLETO COM 5 PEÇAS

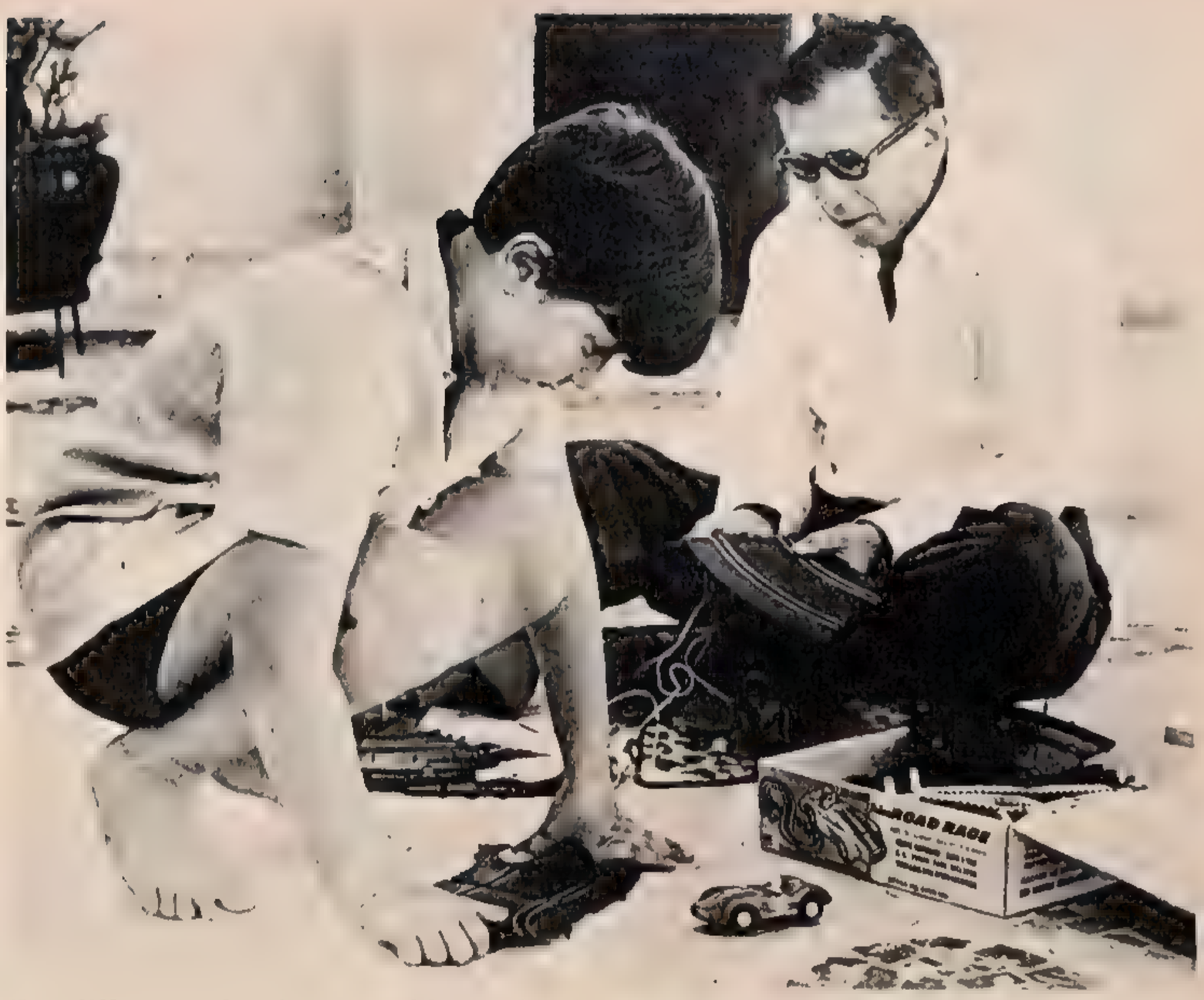
Mais duráveis, porque realmente inquebráveis e flexíveis, as Utilidades Plásticas FLEX-A CARIOCA ainda lhe oferecem o que há de mais moderno em côres e formas. Economize, embelezando o seu lar Exija a garantia de qualidade FLEX-A CARIOCA

UTILIDADES DOMÉSTICAS

FLEX-A Carioca

MAIS DE 400 PRODUTOS EM SEU LAR PARA USAR E DURAR

UM PEQUENO SONHO: TORNAR-SE PAPA



Seu filho caçula vive o problema de tôda criança: o pai que gosta de trenzinho.

tou a um seminarista dos cursos superiores, com a maior naturalidade, qual era a idade mínima para um padre tornar-se Papa. "Irmão, o que você está pensando?" respondeu-lhe o colega assustado. E foi correndo aos superiores, denunciar a intenção talvez sacrílega do pequeno seminarista. O reitor disfarçou sua hilaridade, e repreendeu o rapaz. Mas a partir dêsse dia, e até quando Roberto Campos deixou o seminário, ninguém resistia à tentação de chamá-lo de "nosso irmão papável".

Aos 20 anos, em 1937, Roberto de Oliveira Campos já tinha conseguido os graus das 4 ordens menores: **Ostiarato, Leitorado, Exorcitado** e **Acolitato.** Mas precisaria ter, no mínimo, 22 anos para ser **subdiácono,** segundo as leis severas do Direito Canônico. E assim, Roberto encontrou-se um dia no escritório do reitor, que lhe mostrou a seguinte situação: se êle conseguisse arranjar o dinheiro para uma viagem de ida e volta à Itália, o Vaticano ofereceria uma bôlsa de estudos destinada ao melhor aluno do seminário, isto é, êle, Roberto Campos, que tinha acabado o curso com tôdas as notas máximas. Caso contrário, não estando o seminário em condições de lhe arranjar êsse dinheiro, Roberto teria de passar fora dois anos, talvez dando aulas de latim, sua matéria preferida, e voltar em 1939. Só então êle poderia fazer os votos de castidade, e continuar, como subdiácono, sua carreira eclesiástica.

Roberto Campos não arranjou o dinheiro da viagem e nunca mais voltou a Guaxupé. Dizia Pascal, filósofo francês, que existem três maneiras para haver fé: a razão, o hábito e a inspiração. Quando o seminarista voltou para São Paulo, ainda de batina, pensando no que fazer até 1939, descobriu que sua fé tinha fundamento principalmente no hábito. E resolveu procurar outros caminhos.

A situação econômica da família não havia progredido muito. Dona Onorina continuava sendo a costureira do bairro, ajudada por Catitinha. Êle precisava arrumar emprêgo. A oferta chegou de um colégio de Batatais: o Instituto São José procurava um professor de latim, jovem, bom, com modestas pretenções. Roberto Campos aceitou. Professor Roberto de Oliveira Campos. Como o pai.

Batatais, além do passeio aos domingos à tarde, na praça Cônego Joaquim Alves, ou na frente da Igreja Matriz, não oferecia, nessa época, outras diversões. Mas Roberto gostava daquela calma provinciana, da serenidade que lembrava o pátio do seminário de Guaxupé.

Amor começa na praça

Foi na praça, poucos dias depois de sua chegada, que um colega lhe apresentou uma môça do lugar, Estela Tambellini, considerada uma das mais bonitas de Batatais. Roberto, que os colegas consideravam um brilhante conversador, um rapaz de inteligência e cultura excepcionais, calava repentinamente quando Estela chegava. Mas o namôro começou logo e o casamento não ia demorar muito.

Com a experiência na província terminada, Roberto agora queria tentar a sorte na cidade grande. Na capital federal, se possível. Aproveitando as férias, foi ao Rio de Janeiro, e alugou uma cama num quarto de pensão na Rua Frei Caneca: 80 cruzeiros por mês, adiantados. No mesmo quarto, outros dois rapazes, um estudante e um mecânico. Roberto Campos deixava a pensão às 8 da manhã e voltava à noite, cansado. Nenhuma possibilidade concreta, apenas empregos sem futuro, muitas promessas, mas nada de consistente. Depois de 15 dias, encontrou-se diante da opção entre três possibilidades: um emprêgo de escriturário no Ministério do Trabalho, um concurso para inspetor de ensino ou um concurso para a carreira diplomática, no Itamarati. Escriturário (tentou, porque achou o mais simples e o mais imediato) não pôde ser: precisava ter diploma de datilografia. Inspetor de ensino, também não: faltavam os títulos necessários; os cursos do seminário nada valiam para o Ministério da Educação e Cultura. Restava sòmente o Itamarati, a última chance. Passou nos exames de admissão (primeiro da turma) e em 1.º de abril de 1939 recebeu das mãos do ministro Osvaldo Aranha a nomeação de terceiro secretário.

Em 1940 casou-se com Estela e inaugurou, no Rio de Janeiro, seu primeiro apartamento: uma sala e dois quartos, alugados na Rua Álvaro Ramos, em Botafogo.

Agora é o próprio Roberto Campos que fala:

— Não conhecia ninguém no Ministério, ninguém me conhecia, e me confiaram o cargo mais chato: funcionário da Divisão de Material, uma espécie de almoxarifado, onde chegavam os pedidos de mesas, sofás, borrachas para máquina de escrever, canetas, papel etc., das embaixadas e dos consulados brasileiros espalhados no mundo. E eu tinha que quebrar os galhos, providenciar o envio dos objetos mais curiosos, satisfazer a impaciência dos embaixadores e dos outros diplomatas.

E a Economia? E o planejamento? E as ciências político-sociais?

— Nem pensava nisso: gostava mesmo era de literatura, de filosofia, de latim e de grego, que nunca deixei de estudar.

Depois de um ano dessa vida, finalmente uma tarefa interessante: a redação dos novos códigos secretos do Itamarati. Em pouco tempo, revelou-se um criptógrafo de primeira classe, mestre na arte de decifrar e inventar combinações de letras e números, pràticamente infalíveis. Como prêmio, deram-lhe a possibilidade de fazer a primeira viagem ao exterior, com a missão de entregar pessoalmente os novos códigos às embaixadas brasileiras no Sul da América Latina. Viajou com uma mala cheia de papéis supersecretos, que nunca perdia de vista: talvez por isso êle hoje goste tanto de James Bond.

— Em 1942, quando fui removido para Washington — lembra Campos — como terceiro secretário de embaixada e com o cargo de adido comercial, comecei a interessar-me

SEGUE

B·S

Ferramentas de precisão Brown & Sharpe

AS MELHORES EM SUA ESPECIALIDADE!

Conheça a completa linha de ferramentas BROWN & SHARPE - de fama mundial pela sua alta precisão, durabilidade e eficiência comprovadas

Mesbla

Emprêsa 100% nacional, há mais de meio século a serviço do país.

RIO - S. PAULO - P. ALEGRE - B. HORIZONTE - RECIFE - SALVADOR - BELÉM
NITERÓI - PELOTAS - FORTALEZA - MARÍLIA - VITÓRIA

LÊ JAMES BOND, TOCA BEETHOVEN

As 7 Roberto Campos está na praia do Arpoador, à esquerda do Castelinho.

por Economia: o contato com os problemas de importação e exportação, com os assuntos de alta finança, fizeram com que eu abrisse os olhos para um mundo nôvo e fascinante. Tomei, então, uma vacina pragmática, e dei uma guinada de 180 graus à minha nau cultural.

Durante o dia trabalhava na embaixada, e à noite freqüentava os cursos da George Washington University. Licenciou-se em Economia com o grau de **master of arts,** e a seguir freqüentou o curso de pós-graduação da Columbia University, em Nova Iorque, chegando a laurear-se com o título de doutor, com a votação máxima e a homenagem de todo o corpo acadêmico.

O anuário do Ministério das Relações Exteriores contém mais de 150 linhas dedicadas à formidável **carrière** de Roberto de Oliveira Campos, atualmente à disposição da Presidência da República, com o cargo de Ministro de Estado Extraordinário para o Planejamento e a Coordenação Econômica. Trata-se de uma das fôlhas-corridas mais ricas dos últimos tempos. "O que êle é efetivamente", disse uma vez o marechal Castelo Branco, "é um grande servidor do povo".

Roberto Campos, que chegou ao cargo de embaixador aos 44 anos, sendo imediatamente removido para Washington, sem escalar, como de hábito, nas praças de menor importância, foi promovido sempre por merecimento e nunca por antigüidade. Êle se vangloria de ter inaugurado, na diplomacia brasileira, o tipo de **itamaratiano-economista.** Hoje existem mais de 30 diplomatas que, seguindo o rumo indicado por Roberto Campos, dedicam-se profundamente ao estudo das doutrinas econômicas, sem se deixar empolgar sòmente pelas doutrinas políticas.

Agora, êste ministro (**extraordinário,** êle faz questão de frisar) êste embaixador brilhante, êste economista conhecido em todos os ambientes especializados do mundo, eleito em 1965 Economista do Ano; êste homem que muita gente se obstina em rotular como de extrema direita, mas que é recebido em Moscou com grande simpatia e a quem o **cassado** Celso Furtado, em voluntário exílio na Europa, assim se refere: "É um grande homem, pode ser a salvação do Brasil"; êste homem, que ainda não tem 50 anos, e que às vêzes parece ter dez menos, e em outras, dez mais; êste monstro de conhecimentos técnicos, êste humanista pedante, que sabe de cor, na versão portuguêsa e no original italiano **A Divina Comédia** de Dante, e que escreve cartas aos amigos intelectuais em grego antigo, que no piano toca Beethoven e Bach com extrema facilidade, que tem memória fora do comum, e a quem no mínimo 50 por cento de brasileiros apontam como responsável pelo aumento do preço da carne e de outras calamidades parecidas; êste político tão popular por sua própria impopularidade; êste homem nôvo do cenário político nacional, como é, como vive, como fala, o que diz quando está no refúgio do seu apartamento, longe dos olhos curiosos, protegido pela presença da espôsa e dos filhos?

Levanta-se às seis horas. Lê os jornais, em seu escritório no segundo andar do apartamento duplex de sua propriedade, na Rua Francisco Otaviano, 140, a meio caminho entre o Pôsto 6 de Copacabana e a Vieira Souto. Às 7 horas, está na praia do Arpoador, à esquerda do Castelinho. Não é hora de biquini, mas de raros halterofilistas ou dirigentes de emprêsas persuadidos de que 3 ou 4 quilômetros a pé, na beira da praia, servem para liquidar barrigas. O ministro não anda. Com sua pilha de jornais, depois de um rápido mergulho, senta-se na areia, para continuar a leitura. Às 8, volta para casa. Dona Estela o espera, já com o café pronto. Na realidade, é um chá com torradas e queijo ricota: ordem médica, para prevenir o colesterol. Às 8 e 15, entra em seu quarto para vestir-se. Ou melhor, cobrir-se: porque Roberto Campos (êle mesmo diz, e não faz questão de disfarçar) não tem jeito de diplomata elegante. Enfia a mão no armário, e o que acontece, acontece: sai um terno, sai uma camisa, sai uma gravata. Tratando-se de um enxoval monótono, que vai do cinza ao cinza-escuro e ao prêto, nunca há perigo de contrastes violentos. Mas o corte dos ternos, e os desenhos das gravatas, se bem que tôdas escuras, chegam a espantar. O que há de melhor foi comprado nos Estados Unidos, já pronto. Aqui, um alfaiate português, o Fonseca, cuida da elegância do ministro: o primeiro quer caprichar, o outro não deixa tempo para a segunda prova, tal é a pressa que tem, e aí está o resultado.

Às 8 e 30 em ponto, toca a campainha da porta, e chega Artur Amorim, seu chefe de gabinete, antigo colaborador, ex-superintendente comercial de Furnas. Enquanto Campos acaba de dar o nó na gravata, Amorim toma apontamentos na agenda de trabalho.

6 telefones falam, um não

A corrida até o ministério, no Aero-Willys, é rápida, 20 ou 25 minutos. O prédio é o do Ministério da Fazenda, que hospeda em algumas salas também o de Planejamento e Coordenação Econômica. Roberto Campos sobe por um elevador privativo e, através de um labirinto de pequenos corredores, no sexto andar, chega até seu escritório: uma sala espaçosa, com dois aparelhos de ar condicionado, uma mesa retangular simples, com um vidro que fica quase escondido pelo amontoado de papéis. Além da poltrona do ministro, existem na sala, em volta da mesa, mais quatro cadeiras e, em frente, um sofá de plástico cinza-azulado com duas poltronas iguais, que se confundem com o tapête quase da mesma côr. Em cima da porta da secretaria, um relógio redondo, elétrico, que marca minutos e segundos. À direita da mesa, uma mesinha com 7 telefones e um telespiquer. São 5 linhas diretas e uma ligada ao gabinete do ministro da Fazenda, Gouveia de Bulhões. Outro telefone, o sétimo, não funciona.

— Nunca funcionou, — diz o ministro —

SEGUE

QUE AS SENHORAS NÃO OUÇAM AS PIADAS

A decoração do apartamento é cheia de contrastes, com seu dono. Entra de tudo.

Está aí a título puramente decorativo.

Conjugada com a sala do ministro, uma outra, a de reunião. Pequena, cheia de luz lembra o refeitório de um seminário. Nas paredes, gráficos estatísticos.

Neste ambiente, Roberto Campos vive seu dia. Na hora do almôço, sobe até o 14.º andar para um rápido lanche. Gosta muito de bife mal passado ou rosbife. Mas o que o faz feliz à mesa são os incomparáveis **cannelloni** que dona Estela prepara. Se é um dia tranqüilo — mas isto acontece raramente — o ministro, às 7 horas da noite, volta para casa. Do contrário, Roberto Campos fica no escritório até meia-noite, trabalhando sòzinho, ou com um assistente.

Se o presidente está em Brasília, é diferente. Às vêzes, Castelo o chama ao meio-dia, e pergunta quase com carinho: "O senhor poderia dar um pulinho aqui, digamos assim, às 5 e 15 da tarde?" E Roberto Campos dá o pulinho de 900 quilômetros, num avião comercial, ou no avião de seis lugares do Ministério da Fazenda, que nunca aterra em Brasília, antes de 3 horas e 15 minutos de vôo. Não precisa bagagem: em Brasília, o ministro tem um pequeno apartamento, com tudo o que precisar.

Mas quando êle consegue deixar o Ministério às 7 horas, já providenciou **shorts** e esteiras. E o casal vai à praia com o filho caçula, Luís Fernando, de 9 anos, que então vibra de contentamento. Os 3 ficam brincando na areia, caindo na água, e voltam só quando a noitinha começa a encher de sombras a pedra do Arpoador.

O filho não segue o pai

Em casa, já chegou ou está para chegar da faculdade, Roberto Campos Júnior, nascido em Washington a 12 de abril de 1945, no dia da morte de Franklin Delano Roosevelt. Roberto Júnior (Bob) estuda engenharia.

— Não quis ser diplomata: êle acha que neste trabalho viaja-se muito, ganha-se pouco e mente-se demais — diz Roberto Campos, sorrindo numa atitude mansa, quase justificando a filosofia do filho, sem chegar, porém, a participar dela.

Freqüentemente, fazem parte do jantar do ministro dona Sandra (Sandrina), a filha de 21 anos, também nascida em Washington, casada no ano passado com o médico Arnaldo de Moraes Filho, e a irmã Catitinha, casada com Tito Lemos, assessor econômico das Indústrias Klabin. Durante 6 meses no ano, dona Onorina, a mãe do ministro, agora com 75 anos, é hóspede no apartamento da Rua Francisco Otaviano. Outros 6 meses, ela passa em São Paulo, na casa de uma irmã.

Em família, com os amigos íntimos, com o cunhado, Flávio Tambellini, diretor do Geicine e com os companheiros de praia, Paulo Albuquerque, Paulo Gaya, Antônio Galotti, o ministro volta a ser o rapaz aberto, divertido, bom falador que nunca foi, mas que sempre desejou ser. As piadas que Roberto Campos conta aos amigos, no terraço, não são para ser escutadas pelas senhoras que ficam na sala, mas depois cada um conta para a espôsa, na intimidade, e assim todo mundo sabe que o ministro é bom também nesse setor, sempre informado com as novidades que amigos lhe escrevem do exterior.

A sala do apartamento dos Campos não teve um decorador para ajeitá-la, e isso se percebe no primeiro olhar. É cheia de contrastes, como o dono. E, como o dono, tem de tudo: aqui um Luís XV, lá um abajur colonial americano; nas paredes, a pintura ingênua de Lucy Calenda e os tapêtes de Genaro se misturam com um afresco paisagista. Num canto, o piano, no melhor estilo burguês, e, na frente, perto da varanda, uma mesa turca com um conjunto em cobre; à direita, um móvel de espelhos, e poltronas estilo Napoleão, e sofás de vários tipos e bibelôs chegados da China ou do Rio Grande do Sul, e flôres de papel, coloridas, aqui e ali.

Assim é Roberto Campos. Simples, com raízes populares muito fortes e extremos requintes intelectuais. Se êle recita, sem errar uma pausa, os monólogos de Shakespeare, em inglês, logo depois ataca **A Receita de Mulher,** de Vinícius de Morais, e isso nêle fica parecendo muito natural. Gosta de Beethoven, já sabemos, mas gosta também de **Kalu** ("Kalu, Kalu, tira o verde dêsses óio de riba de eu"), que canta de manhã, quando faz a barba, ou quando está passeando no barco de um amigo. Fumar, fuma: mas não traga. Beber, bebe: uísque, mas sòmente quando está em companhia de amigos. Tem 3 mil volumes, no seu escritório, na maior parte de Literatura, Filosofia, Política Econômica, Sociologia.

Sua aparente negligência estética, que o faz andar como anda e que não o deixa perceber o contraste entre o Luís XV e o colonial americano, entre a faca gaúcha (lembrança de Pôrto Alegre) e o vaso chinês Ming, não são sintomas de mau gôsto. Ao contrário, denunciam em Roberto Campos a capacidade de ver o todo, o universal, sem parar nos detalhes. Em casa, quem planeja a vida doméstica é dona Estela: uma senhora de rosto cordial, e grande espontaneidade. Às vêzes, aceita as justificações do marido, quando, por exemplo, a carne aumenta. Outras, mostra-se cética: e isto acontece quando volta da feira, que ela faz, pessoalmente, cada semana. Mas Roberto Campos não fala de política nem de Economia em família ou com os amigos. Prefere cantar Kalu, contar piadas, bater papo, ou ler **Os Mil Dias,** um livro sôbre a vida de Kennedy que recebeu recentemente dos Estados Unidos. Nunca vai dormir antes da meia-noite. Acompanha a visitas que constantemente recebe em casa, até o elevador. Seu apêrto de mão é cordial, mas não puxa a mão para si, como fazem os cardeais, nem a empurra para longe, como fazem os grandes leigos: é um apêrto bem firme, sólido, demorado, conjugado com um quase imperceptível reclinar da cabeça. É o embaixador, desta vez, que leva os amigos até a saída.

FIM

um ideal, transformado em

REALIDADE

Os êxitos dos raides aéreos durante a I Guerra Mundial e o lançamento da aviação comercial em outros países criaram, no Rio Grande do Sul, um clima favorável ao estabelecimento de uma emprêsa de navegação aérea. Em 1926, êsse movimento tomava consistência e, sob a liderança de Otto Ernst Labastille, observador aeronáutico da I Grande Guerra, conseguia a adesão do Sr. Alberto Bins, Presidente da Associação Comercial de Pôrto Alegre, que, por sua vez, atraiu a cooperação dos homens de negócio e o estímulo oficial através da Assembléia dos Representantes e do Presidente do Estado, Antonio Augusto Borges de Medeiros, para a constituição de uma companhia de aviação. Enquanto se processava a tomada de ações, a Condor Syndikat, emprêsa alemã, concéssionária da venda de material aeronáutico na área das Caraibas e na América do Sul, era convidada a trazer para Pôrto Alegre um hidro-avião para vôos de demonstração. Tratava-se de um Dornier-Wall, bi-motor para 9 passageiros, batizado com o nome de "Atlântico", que foi adquirido para a companhia em organização. Seu primeiro vôo, a serviço da Varig, com passagens pagas, foi executado a 3 de Fevereiro de 1.927 sob a responsabilidade da firma vendedora, levantando de Pôrto Alegre com destino a Pelotas. Marca êle o início de operação da aviação comercial no Brasil e a inauguração da primeira linha aérea regular entre nós, conhecida como "Linha da Lagoa", que unia Pôrto Alegre, Pelotas e Rio Grande, sôbre as águas da Lagoa dos Patos, num percurso de 270 km. O Dornier-Wall "Atlântico", instrumento dêsse acontecimento histórico, abre a Fôlha 1, do livro n.º 1, do Registro Aeronáutico Brasileiro, comprovando o título de "pioneira", de que se orgulha a Varig. A absoluta falta de pousos, forçava a Varig a limitar-se à rota sôbre a Lagoa dos Patos. Em 1932, quando sob seu incentivo rasgavam-se os primeiros campos rústicos, suas linhas eram imediatamente ampliadas para o interior. Estruturada a sua rêde no sul do país avança a rota internacional, em 1952, de Montevidéu até Buenos Aires, passando, em 1954, a atender, também, o norte do país. Hoje suas rotas, além de cobrirem todo o Território Nacional, alcançam os principais países das 3 Américas. Europa e África, atendendo cêrca de 132 localidades.

Isto é um pouco da história da décima emprêsa aérea do mundo, nascida de um ideal, logo transformado em explêndida REALIDADE.

VARIG

A PIONEIRA

AS SUECAS AMAM POR AMOR

As palavras amor e sexo têm hoje, para os suecos, um sentido nôvo. Quando a atriz Ingrid Thulin, neste depoimento, diz que não entende como uma mulher possa casar-se virgem, repete apenas uma das muitas opiniões revolucionárias que, na Suécia estão abalando a velha moral.

No dia em que a conheci em Estocolmo, há 3 ou 4 anos, lutava para que fôsse permitido às mulheres tornarem-se sacerdotes: "É injusto, absurdo, que uma mulher não possa vestir batina e pregar do púlpito". Ao dizer isso, Ingrid Thulin preocupava-se com o princípio, pois, na verdade, ela nem era religiosa. Seu marido, o industrial e escritor Harry Schein, sorria orgulhosamente para mim:

— Você tem diante de si a mulher mais moderna da Europa. Mais do que pela beleza, inteligência e talento de atriz, Ingrid seduz pelo modernismo.

Quando revi Ingrid Thulin em Roma, sua batalha em favor das pregadoras era vitoriosa: na Suécia igrejas protestantes já permitem à mulher celebrar atos religiosos e dirigir paróquias. Ingrid, porém, não ficou nisso. Depois de participar de um filme que perturbou até os mais cínicos — **O Silêncio,** de Ingmar Bergman — quer iniciar uma campanha para induzir as mulheres a não ter filhos antes dos 40 anos. Sôbre o assunto, esta sueca nascida junto à Lapônia, numa cidade feita de frio e neve, pode escrever um livro:

— Lá, o sol desaparece de repente, cortado pela montanha. E, quando a noite chega, o que pode uma criatura fazer senão o amor?

Dêsse lugar onde brincava, criança, sem se envergonhar de sua nudez e sem se espantar com a nudez dos outros, partiu com 19 anos para Estocolmo, onde ia viver e estudar teatro.

Na capital sueca, casou-se primeiro com um fotógrafo, depois com o atual marido, que é agora presidente da Film Industriert, e tornou-se uma deusa do teatro e do cinema. Dirigiu também muitas comédias, um filme de curta-metragem e está para rodar outro filme na Itália. Fora do cinema faz outros papéis: a espôsa, a inscrita no Partido Social Democrático, a sindicalista. Já a ouviram falar numa reunião no Dia do Trabalho. Ela fala a todos, sôbre tudo. Aqui fala da moral sueca.

A moral sueca é hoje a mais controvertida e observada. Dois jornalistas americanos, definiram-na como uma espécie de laboratório onde se prova um sistema de vida, pelo qual deverá passar a civilização de amanhã. São discutidas as jovens suecas: as famosas jovens que o homem latino olha com gulodice e ilusão, a ilusão de que basta desembarcar em Estócolmo para sentir-se num leito. O que definimos pudicamente como experiência pré-matrimonial, ali é um costume tão normal como banhar-se nu em um rio. Aquela que tem um filho ilegítimo, não é marginalizada. Ao contrário, é protegida pelas leis do Estado, que ainda lhe concede uma pensão. Uma sueca, mesmo casada, pode renunciar ao sobrenome do marido, muitas esquecem de se casar, e embora uma minoria fique aflita com o pesadelo da má reputação — há padres prevendo uma nova Sodoma e Gomorra — a revolução sueca é fecunda.

Mas, como pensam as mulheres suecas? Essas famosas suecas que há anos triunfam com seu mito? Pensam como Ingrid Thulin, mais ou menos. Vamos ouvi-la, enquanto diz suas verdades desconcertantes com uma voz que não se imagina no rosto sensual. Uma voz baixa, muito doce. Uma voz feminina como eu nunca tinha ouvido. Talvez daqui a 50 anos nossas netas digam as mesmas coisas, com a mesma voz.

Vamos falar de liberdade sexual

Oriana Fallaci — Quem não teme o progresso olha a Suécia como uma promessa, como um

SEGUE

"Meus pais me ensinaram a não ter vergo

sistema de vida ao qual deveremos todos chegar, antes ou depois, de um modo ou de outro. Democracia sem imposições. Laicismo, riqueza, liberdade sexual. Falemos desta última, sra. Thulin, e principalmente da liberdade sexual das mulheres suecas. Para quem não é sueco, será como falar do próprio futuro.

Ingrid Thulin — Há alguns dias encontrei uma amiga, mãe de uma jovem de 20 anos. Estava tôda contente e me disse: "Sou avó, temos um menino. Não temos o pai, mas temos o menino que é uma beleza, com grandes olhos negros e cabelos escuros, porque o pai é estrangeiro". Sua alegria era tão pura, tão espontânea, tão anticonvencional que pensei: estou orgulhosa, realmente orgulhosa de viver nesta sociedade. Em Estocolmo vi um filme divertido. Em certo momento da história o rapaz e a môça vão se amar num apartamento. O carro dêles passa diante de um cartaz de propaganda anticoncepcional que diz: "Êle pode confiar em você?" O automóvel pára, o rapaz desce e caminha para uma daquelas máquinas automáticas onde nós compramos anticoncepcionais. O rapaz bate no bôlso procurando moedas. Não as encontra e pede à môça: "Me empresta duas coroas?". A jovem sorri e diz: "Não é necessário, pode confiar em mim". Uma cena estranha, honesta, elegante que de nôvo fêz-me sentir orgulhosa de viver nesta sociedade. Porém, é preciso ter cuidado para não se considerar a Suécia como o país onde tudo é permitido e onde todos pensam assim. Esta revolução moral é recente. Há ainda môças que querem se casar virgens, associações religiosas que gritam contra **o escândalo** e velhos que temem **a má reputação.** Os suecos vão longe, mas ao mesmo tempo se preocupam de ir longe, de serem julgados imorais. Sei o que acontecerá quando esta entrevista fôr publicada na Suécia: eis a única atriz, dirão, que vai longe contando que fazemos o amor com facilidade, colocamos no mundo filhos ilegítimos e compramos anticoncepcionais como compramos cigarros.

O.F. — Eu sei. Lembro-me da declaração de 3 bispos suecos que condenavam as relações pré-matrimoniais como pecado mortal. E do documento assinado por 140 médicos que denunciavam o afrouxamento dos costumes sexuais como "ameaça à vitalidade e à saúde da nação". As revoluções trazem sempre angústias e mêdo.

As 600 mulheres indignadas

I.T. — Não basta uma geração para superar o conformismo dos séculos, o pesadelo do **que vão dizer os outros.** Não podemos mudar os suecos que temem a má reputação porque muitas vêzes se sentem julgados imorais. Meu último filme com Ingmar Bergman, **O Silêncio,** foi recebido na Noruega por 600 assinaturas de mulheres indignadas. Na Alemanha, um jornal convidou os leitores a manifestar sua desaprovação a mim. Todos conhecem a história do filme: uma história de amor entre duas mulheres. Na fita a protagonista, como direi, ama-se a si mesma. Uma jornalista alemã me perguntou: "Não sente vergonha revendo-se em tal cena?" Respondi perguntando porque haveria de sentir vergonha. Sou atriz e, se para interpretar qualquer papel, é necessário usar meu corpo, uso o meu corpo. Naquela cena eu interpretava uma mulher que morre sem ter ninguém mais para amar e então ama-se a si mesma. Acontece a muita gente tímida ou amedrontada, ou doente, amar-se a si mesma. Mas a jornalista não estava satisfeita: "Recebeu mais dinheiro para rodar aquela cena suja?" E eu: "Fui paga para fazer um filme. A cena a que se refere não é suja, é sòmente triste". E ela: "Não ficou vermelha em filmar aquilo diante do grupo?" E eu: "Não tenho tabu, não fiquei vermelha". A jornalista ficou muito surprêsa por não encontrar em mim nenhum senso de culpa. O título do artigo que escreveu, dizia mais ou menos isto: "Não tenho tabu, declara a cínica atriz sueca". Somos muitas vêzes maltratados, pode estar certa.

O.F. — Quem não está habituado com a liberdade tem sempre mêdo da liberdade, e a expressão **sem-preconceito,** à qual muitos não estão acostumados, chega a ser considerada uma espécie de palavrão. O mito que faz da Suécia o país do pecado deve ser desfeito, como o mito que pinta as jovens suecas sempre dispostas a oferecer noites supereróticas ao primeiro estrangeiro que pise Estocolmo.

A jovem e o arquiteto francês

I.T. — Uma vez me diverti assistindo ao encontro de uma jovem sueca com um arquiteto francês. Viram-se num restaurante. Ela lhe sorriu primeiro. Porque tinha vontade de sorrir ou, não sei, porque o homem lhe agradava. Êle tomou aquilo como uma promessa e, quando ela lhe virou as costas, ficou louco de raiva. Alberto Sordi fêz um filme bem fiel sôbre as experiências de um italiano na Suécia. Há um trecho em que uma môça vai ao quarto do rapaz para tomar um uísque. Depois do uísque, a jovem diz boa-noite e vai embora. Talvez ela tivesse mudado de idéia bebendo o uísque, talvez não tivesse nenhuma intenção de dormir com êle, talvez quisesse pensar antes de decidir: mas êle não entende. É italiano e não entende que a nossa moral é esta. Pode-se ir ao quarto de um homem para tomar um uísque sem ir para a cama. Ou ir, quem sabe? Hoje, amanhã, ou nunca. Os nossos homens sabem disso e não lhes passa pela cabeça que uísque deve ser pago com uma noite de amor. Sair com êles não é uma promessa.

Receita para ser feliz

O.F. — Agora a pergunta é outra, Ingrid: se essa racionalização do sexo e a idéia de considerá-lo um fato comum da vida, traz a felicidade. É inteligente comportar-se assim, é honesto, isso ajuda realmente a viver melhor?

I.T. — Eu sei que muitos perguntam isso. A gente gosta sempre das complicações, talvez porque quando se procura simplificar não há mais graça. A meu ver, esta racionalização do sexo, como a denomina você, traz ou ao menos facilita a possibilidade de a gente ser feliz. Fundamentalmente eu sou uma mulher feliz e o sou porque superei muitas incertezas, porque me sinto equilibrada. É isso: equilibrada. Não concebo outro modo de ser, não conseguirei viver fora do meu sistema de vida. E não creio que isto me tenha sido dado pela sociedade depois de ter estudado numa carteira escolar: foi conquistado por mim, como escolha. Nasci no norte, onde a primeira coisa que se ensinava a uma menina era encontrar um marido. Se tivesse ficado lá, teria me casado com um belo tenente da guarnição local, como fazem tôdas, e a esta hora falaria de outro modo.

O.F. — Não acredito, Ingrid, que sua educação tenha sido puritana.

I.T. — Puritana não. Como tôda criança sueca, comecei a ouvir falar de sexo na escola, em têrmos clínicos e não morais. Duas vêzes por semana um professor de biologia nos ex-

...a da nudez. O pecado não é um corpo nu"

plicava no quadro-negro aquilo que geralmente se aprende em sussurros. Tive pais inteligentes que me ensinaram a não me envergonhar da nudez — o pecado não é um corpo nu. Lembro-me do dia em que vi no meio do rio um homem e uma mulher nus. Eu tinha 7 anos. Corri para casa e perguntei a minha mãe: "Há um homem e uma mulher, nus, no rio. Está certo?" Ela respondeu: "Depende do que êles decidiram e qualquer coisa que tenham decidido não diz respeito a você". Mas também cresci como membro de uma igreja — todo cidadão sueco pertence, automàticamente, logo que nasce, a uma igreja. E, duas vêzes por semana, havia as lições do padre na escola. Elas destruíam o que o professor de biologia havia explicado. Não só na Itália, ou na França, ou na Espanha, mas também na Suécia, a Igreja imprime culpa ao ato do amor.

O.F. — Por isso, Ingrid, você deixou a Igreja?

I.T. — Não exatamente. Deixei-a como protesto diante do regulamento que impedia as mulheres de serem sacerdotes. Faz dois ou três anos o regulamento caiu e, na Suécia, muitos pastores protestantes são mulheres. Chegaram a desenhar uma túnica especial para elas: uma túnica preta, acompanhada de saia ou calças. E digo mais: as paróquias dirigidas por mulheres são as mais concorridas. Mas quando eu tinha 21 ou 22 anos, o sacerdócio era um sonho a ser alcançado e eu saí da Igreja dizendo: "Recuso-me a ficar com gente tão atrasada, que me impede de ser sacerdote, se isso me agrada e se eu acredito". O problema do amor para mim nunca foi um problema central, dramático. E duvido, que para uma mulher de hoje, verdadeiramente livre, possa ser central, dramático. É um problema como os outros: como a miséria, a injustiça.

O aspecto importante para mim e, creio, para as mulheres de hoje é outro. É tentar conciliar o cérebro e o coração. As duas coisas são tão diversas que não estão nunca de acôrdo. Quantas vêzes se gosta de um homem com o cérebro e não com o coração e vice-versa. Mas isto preocupa também aos homens, não?

A escolha do homem certo

O.F. — Li sôbre uma pesquisa qualquer, feita na Suécia, que "a vida é muito mais complicada do que os problemas sexuais". Parece que os suecos repetem sempre esta frase, junto com a palavra virgindade. Vamos enfrentar o tema?

I.T. — Mas é simples, normal. Não entendo como pode uma mulher escolher um homem sem haver conhecido outro. Nunca entendi como uma mulher pode casar-se virgem e como pode um homem casar com uma virgem. Ora, é desonesto um homem casar sem ter estado antes com a mulher. O casamento é uma

A "onda" da TV Record
não é curta, nem média,
nem longa. É a maior.

Canal 7 TV Record

"Casar é para os que não sabem viver só"

coisa séria que se supõe deva durar para sempre. E o que se pode fazer, quando depois de casada se percebe não existir, sexualmente, acôrdo com o homem?

O.F. — Deve ser embaraçoso para uma mulher assim, isenta de hipocrisia, viver longe de sua sociedade. Em confronto com a Suécia, a estrutura ética dos outros países está distante. Certo?

I.T. — Quando estou fora da Suécia sinto-me sempre indefesa porque existem muitas coisas que não entendo. Por exemplo, o hábito de não chamar nunca as coisas pelos seus próprios nomes. O hábito de ocultar tudo e de não dizer nunca a verdade. Como no dia em que entrei numa farmácia, em Paris, para comprar certo anticoncepcional. "Não vendo", respondeu o farmacêutico. "Como não?", perguntei surprêsa. "Não", insistiu êle. "Por que não?". "Porque não". E fechou-se num obstinado mutismo: estava embaraçado, e eu furiosa. Enfureço-me quando me faço passar por uma estúpida sueca. Recentemente fiquei dois meses na Inglaterra. Qualquer coisa me dizia que me olhavam de modo muito estranho. Como na vez em que contei a história dos gêmeos. Na Suécia, uma mãe solteira pode pedir ao pai de seu filho para mantê-lo até a idade de 16 anos. Cabe ao govêrno cuidar do caso, desde que o pai seja conhecido, entenda-se. Bem, faz algum tempo, uma môça sueca teve filhos gêmeos mas ignorava quem fôsse o pai, porque na mesma época tinha estado com 3 homens diferentes. Indicou os 3 homens aos médicos do govêrno, pediu o exame de sangue dos 3, as impressões digitais e saiu dizendo: os médicos não foram capazes de estabelecer qual dos 3 era o pai. Um médico chegou a afirmar que um gêmeo podia ser de um pai e o outro gêmeo de outro pai. Então a môça declarou aos jornais, irritada: que sociedade é esta, que se vangloria de ser tão adiantada, de ter eliminado a pobreza e a desocupação, mas não sabe achar o pai de meus filhos? Divertido, não? De fato, ri contando a história aos inglêses. Porém, quando terminei, um silêncio de gêlo me esperava. Por quê?

O.F. — Porque você é mulher. Se um homem contasse a história, êles teriam aceitado, rindo. A mulher que fala abertamente de certas coisas é julgada inconveniente em alguns países. Se do ponto de vista material a igualdade entre os sexos é atingida, do ponto de vista formal não é ainda. Faz-se, mas não se fala: eis a velha moral da hipocrisia.

Homem e mulher são iguais

I.T. — Essa é outra palavra que não entendo: igualdade. Ser igual a um homem é tão óbvio para mim, mulher livre, que até acho supérfluo lembrar esta palavra igualdade. Eu, quando estou na Suécia, mais que uma mulher livre, me sinto uma criatura livre. É diferente, é muito mais. Quero dizer, ando só na rua de noite, na Suécia, e sou uma pessoa que caminha só pela rua à noite. Em outro lugar, ao contrário, sou uma mulher que caminha só pela rua à noite. Talvez uma pecadora. Por que esta diferença, por quê? Outro dia, em Roma, fui ao cabeleireiro e eis que entra um sujeito para vender a **Enciclopédia Para a Mulher.** "Interessa?", perguntou-me. "Não, quero a **Enciclopédia Para o Homem"**, respondi. "Não há", disse. "Senhora — acrescentou — para o homem há a cultura completa". Não sei, não entendo. O resultado é que a mulher sente uma espécie de culpa de ser mulher. Por causa dêsse contínuo recordar-lhe de que ela é mulher. Na Suécia, chamamos alguém pelo nome e pronto. Em outros lugares há sempre necessidade de lembrar a que sexo pertence. Senhor, senhora. Monsieur, madame. Sir, madam. Señor, señora. Herr, frau...

O.F. — E pior. Há senhora e senhorita, madam e miss, madame e mademoiselle, señora e señorita, frau e fraulein. Alguém vai comprar, por exemplo, uma passagem aérea e, no momento de dar o nome, uma voz de Juízo Universal pergunta-lhe: senhora ou senhorita? Quase que o estado civil, a virgindade formal ou real, incide sôbre o preço da passagem. Se você responde bem, está certo. Se não, olham-na e talvez pensem: mal criada, sem pudor. A propósito, Ingrid, você crê no matrimônio?

Uma história de casamento

I.T. — Um conceito que eu não entendo é o da igualdade. Ser igual a um homem é tão óbvio digamos que creio em duas pessoas que vivem juntas. Mas você é casada, responderá. Bem, a história do meu casamento é bastante divertida. Nós não pensávamos de fato em nos casar. Entre gente moderna a cerimônia não conta. Vivíamos juntos. Juntos é modo de dizer, cada um tinha seu apartamento e uma vez eu ia dormir com êle, outra, êle vinha dormir comigo. Então fomos para Londres e ficamos no Hotel Berkeley. Para ter o mesmo quarto dissemos que éramos casados e, no dia seguinte, o que aconteceu? Um jornalista me pergunta: desde quando está casada, **miss** Thulin? Desde ontem, respondi para contentá-lo. E a notícia voa a Estocolmo onde os jornais transcrevem com grande destaque: "Ingrid Thulin em viagem de núpcias". Voltando a Estocolmo, eu e Harry encontramos um mundo de telegramas, de presentes, de flôres, e Harry disse: devemos casar de verdade, minha querida. E assim nos casamos: mais pela sua reputação do que pela minha. Tinha uma porção de dependentes e sabe como é. Mas não fomos imediatamente viver juntos, continuamos a viver nos respectivos apartamentos. Às vêzes eu dormia em sua casa, outras, êle dormia na minha. O fato é que a mim me agradava mais o meu apartamento, a êle, o seu próprio, e nenhum queria renunciar em favor do outro. Quando finalmente nos decidimos, a solução foi salomônica: deixamos ambos os apartamentos e encontramos um terceiro que não mudasse os respectivos hábitos.

O.F. — Um hábito foi mudado, Ingrid: o sobrenome. Antes do casamento era Thulin e depois tornou-se Schein. E êsse é um detalhe, embora formal, que tem o seu significado e que limita a independência da mulher de hoje. De resto, estamos tão habituados ao respeito a certas regras, conformismos, conveniências, que não perguntamos sequer se o detalhe é justo.

I.T. — Na sociedade sueca perguntamos. Uma mulher casada pode manter seu próprio sobrenome se quiser. Basta fazer um pedido ao juiz. Eu o fiz e não uso o sobrenome do meu marido, uso sempre o meu. Assino com meu sobrenome, apresento-me com êle e na lista telefônica está o meu nome. Ou melhor:

SEGUE

de 3 em 3 dias!

Garantimos que isso você não sabia: a Shell vem inaugurando dois Postos por semana! Não acredita? Mas é a pura verdade. Talvez não dê para você percebê-lo. Mas não temos culpa... o Brasil é tão grande! E o que estamos tentando fazer é algo que se equipare a tal grandeza! É por isso que inauguramos êsses Postos, embelezando-os, modernizando-os, procurando sempre lhe oferecer um serviço melhor. Você pode confiar na Shell. Pare num Pôsto Shell e verifique. Há sempre...

ALGO MAIS QUE SHELL LHE DÁ

"Pôr filho no mundo é um ato de escolha"

há o meu nome e o do meu marido, separados, embora o número seja o mesmo. Na porta de casa há o meu nome e o do meu marido. O mais divertido é que meu marido queria adotar meu sobrenome. Chamar-se Harry Thulin lhe agradava mais que chamar-se Harry Schein. Mas não foi possível, precisava perder tempo com um mundo de complicações jurídicas. Em outras palavras, não há nenhuma submissão entre nós: nem da minha parte, nem da parte dêle. Somos dois indivíduos livres. Até as nossas economias são separadas. As roupas, as viagens, as despesas decorrentes do meu trabalho eu pago. Às vêzes êle me oferece uma viagem, ou eu a ofereço a êle. Quando foi à América, por exemplo, era meu hóspede. Mas as contas são sempre divididas, cada um tem o seu automóvel. Em casa, eu pago um têrço das despesas e êle, dois terços. Pago um têrço porque fico pouco, estou sempre viajando pelo mundo e êle, ao contrário, está sempre lá. O importante é que não voltarei nunca a depender econômicamente de um homem: a liberdade econômica é a primeira condição da mulher de hoje. Como pode ser livre uma mulher, se pede dinheiro ao marido? Responderá que uma mulher deve fazer funcionar a casa. A esta resposta pergunto: por que especialmente a mulher? Pode-se contratar uma empregada, um criado e há lavanderias, tinturarias e restaurantes. Durante séculos se tem dito que é bom ficar em casa olhando as crianças e preparando refeições para o marido. Mas hoje descobrimos que as crianças são mais felizes quando não crescem prêsas à saia da mãe e que comer em restaurante não é mais uma desgraça. Sei que isto parece um discurso eleitoreiro, mas não está certo que eu fique a pregar que as mulheres devam lavar pratos. Devem lavá-los, se isto as diverte, mas se querem ter uma profissão é justo que não fiquem prêsas à pia. Dêsse modo se resolve o dualismo da mulher casada que trabalha. Isto é, se o homem concorda: meu marido me oferece essa condição. Até me disse que não sabe lidar com uma mulher-copeira ou uma mulher-cozinheira.

O.F. — Diga, Ingrid: se você vai jantar com um amigo, um colega, quem paga a conta?

Paga a conta quem pode

I.T. — Umas vêzes pago eu, outras êles: depende de quem fêz o convite e também de quem está melhor de bôlso. Podemos dividir as despesas ou eu pago o jantar e êles o teatro. As mulheres suecas procedem assim e os homens suecos não se sentem diminuídos na sua virilidade. Ser viril não significa pagar conta. E depois, que igualdade haveria, se em tal igualdade as mulheres usufruíssem de privilégios? A iguais direitos correspondem iguais deveres, no bem e no mal. Na Suécia, quando um casal se divorcia, nem sempre é o marido quem deve pagar pensão alimentar à mulher. Se ela ganha mais, ela é quem deve pagar ao marido. A situação é a mesma em relação à segurança dos filhos depois do divórcio. Pode ser que você ache paradoxal, mas há mais homens na Suécia que reclamam a posse dos

filhos do que mulheres, nos casos de separação. E os juízes consentem nisso, quando não se trata de um recém-nascido, pois o homem pode educar tão bem uma criança quanto uma mulher. Parece-me justo e não entendo quem diz não a isto. De outro lado, tenho uma teoria sôbre os filhos: estou convencida de que o sistema de pôr filhos no mundo quando se é muito jovem está errado. Uma mulher não deveria ter filhos antes dos 40 anos, antes de ter vivido a vida, de haver esgotado a sua curiosidade pelas coisas do mundo. É aos 40 anos que uma mulher se sente madura para ficar em casa, ter filhos, educá-los com a sua experiência.

Filho, só aos 40 anos

O.F. — Isto, Ingrid, é um problema que não pode ser resolvido nem por nós, nem pela sociedade, Deus já o resolveu impondo uma cadência precisa à fertilidade. Não há nada a fazer, com 40 anos uma mulher é velha para ter filhos ou, pelo menos, para ter o primeiro filho. Começa a envelhecer nessa idade e êsse obstáculo é insuperável.

I.T. — Oh, como lhes preocupam as convenções, o mêdo de envelhecer! Então é só esta mitologia da juventude, reconhecida aos 20 anos, e basta? Eu conheço um punhado de mulheres que tiveram o primeiro filho aos 40 anos, depois de terem vivido a vida. A decadência de que fala você é um problema médico, cabe aos médicos resolvê-lo. Tudo se pode resolver, basta pensar, usar o cérebro. Eu lutarei sempre para convencer as mulheres a não se tornarem mães antes dos 40 anos, a não desperdiçar os anos ativos da juventude alimentando crianças, a não envelhecer precocemente por elas. E me baterei sempre pela livre interrupção da maternidade.

O.F. — Mas na Suécia isso já existe!

I.T. — Oh, não! É cheia de limites absurdos. Na Suécia deve-se ter a permissão de dois médicos e de um psicanalista para interromper a gravidez. E basta que um dos 3 diga não para que o filho tenha garantida a sua possibilidade de nascer. Como nem o Estado nem a sociedade complicam a vida de uma mulher que tenha um filho ilegítimo, todo mundo lhe diz: você é jovem e forte, ganha bem e pode criar seu filho etc. etc. Se a coitada tenta livrar-se da criança, vê-se tratada como uma assassina, no hospital. Muitas vão à Polônia, onde ninguém as reprova por tomar essa decisão. Mas veja! Pôr um filho no mundo é um ato de escolha, é uma decisão gravíssima, não é uma atitude de conveniência! Como se pode amar um filho que não se desejava? E o argumento vale para tôdas, suecas, chinesas, congolesas, italianas, americanas, mexicanas, japonêsas. Se não se entende isso é inútil falar de outros assuntos. Olhe, com 40 anos eu quero ter um filho, espero que seja uma filha, para dizer-lhe estas coisas, ensiná-la a não hesitar. Porque a culpa mais grave da mulher de hoje é esta: hesitar.

Mudando a moral dos séculos

O.F. — Você disse, Ingrid, que não basta uma geração para pôr fim aos conceitos de educação de séculos, às convenções que herdamos com a raça, o grupo sanguíneo, as doenças. Concordo em que o mundo muda e nós com êle, que se transformam os meios de

SEGUE

"Os meninos suecos riem da virgindade"

locomóção e se transforma a moral. Mas as mudanças são lentas e conciliar o cérebro com o coração, você já disse, é muito difícil. Mudemos de assunto e voltemos à instituição do casamento, assim como é hoje e como deveria ser. O seu trabalho a obriga a longas ausências...

I.T. — A liberdade da mulher leva, inevitàvelmente, também a isso e você não deve esquecer que o sentido de família em nós é muito menos marcante. Algumas semanas atrás encontrei um senhor no avião. De 40 anos, pai de um filho de 15 e de uma filha de 16. Disse-me, um pouco triste: "Organizei umas belas férias na Dinamarca para a minha família. O lugar era perfeito para os jovens. Telefonei à minha mulher e ela respondeu: Eu não irei, tenho o que fazer, e êles também não irão. A menina vai a uma festa e o rapaz vai passar o fim de semana com a namorada". E assim, disse o pobre senhor, devo passar as férias sòzinho. Sofri por êle ao escutá-lo. Mas sofri com o coração não com o cérebro. Meu cérebro entendia que sua espôsa e filhos tinham o direito de fazer-lhe uma descortesia. No momento não desejavam passear na Dinamarca. A família, para nós, não é nunca um liame de ferro e nós nos desligamos dela muito depressa, para enfrentar a vida sòzinhos, com liberdade e sacrifício. Quanto a mim, tenho sangue lapão, sangue de nômade. Agrada-me viajar, conhecer novos países, e meu marido não é o último a saber disso. Certamente é um homem inteligente e também um homem com o qual se pode viver. Não é fácil encontrar um homem com o qual se pode viver. Conheci muitos homens, muitos. E quase todos inteligentes. Alguns me agradavam, outros me divertiam. Mas para viver juntos... Vejamos: só dois ou três.

A mulher de hoje e a paixão

O.F. — Talvez porque também para você seja difícil apaixonar-se. A conclusão a que cheguei, numa entrevista com a atriz Elsa Martinelli, se reduzia a esta frase breve e desconsoladora: "A mulher moderna não se apaixona!"

I.T. — Não estou de acôrdo desde que, até na Suécia, mulheres se suicidam por amor. Hoje é mais difícil apaixonar-se, concordo. A mulher sabe mais coisas, tem mais experiência e exige muito mais de um homem que no tempo das nossas avós. Apaixonar-se me parece um processo lento, fatigante, cheio de suspeita. Mas quando o amor está sedimentado, resiste: porque é uma tábua de salvação na vida que levamos. Veja: no fiorde onde nasci não existe horizonte. De repente, o sol desaparece, cortado pela montanha, e a escuridão se abate como uma rajada sôbre quem está lá longe, ao nível do mar. É uma coisa terrível. Tôda a gente se reúne a essa hora e quem fica só cai numa crise de melancolia. Chega a pensar se a vida vale a pena ser vivida. Nestas crises, uma pessoa anda por quilômetros e quilômetros, horas e horas, sem encontrar alguém, uma casa. O deserto não existe só na África, existe também no Norte, e para consolar-se daquela solidão, daquela escuridão e daquele frio, daquele deserto, não há outra coisa senão o amor. O sexo e o amor. A vida moderna é um fiorde onde o sol desaparece de golpe e o amor é a única salvação.

Eu li a entrevista de Elsa Martinelli, ela afirma que hoje se trai muito depressa, que permanecer fiel parece muito difícil. Sim, é verdade, para as nossas avós era mais raro trair, o seu mundo era a casa. Mas se uma mulher de hoje é fiel, livre e fiel, quer dizer que está apaixonada mesmo. Não é uma "Don Juan". Conheço tantas mulheres que não são "Don Juans"... Mas como chegou à conclusão de que a mulher moderna não se apaixona?

Renúncia à igualdade

O.F. — Do ponto de vista de Elsa Martinelli, que pode ser discutível, a mulher assimila mais depressa as mudanças e o homem permanece reacionário. Tanto é verdade, que o homem, e não a mulher, continua preocupado com um costume anacrônico como o da côrte.

I.T. — A mim nunca me importou o Natal, nunca lhe dei importância. Mas eu o tenho celebrado sempre. Isso porque o celebram todos, porque é um hábito inocente, um divertimento inocente, um rito gentil. A côrte é como o Natal e não creio que o homem permaneça atrasado porque celebre a côrte, o Natal, ou ambos. Tipos como o meu marido — e êle não é uma exceção — desmentem a afirmação de que o homem tenha ficado atrasado. Renuncie à condenada palavra igualdade e verá que a evolução das mulheres segue passo a passo a do homem. Em Estocolmo, foi feito um teste entre os rapazes de escola secundária, todos entre 14, 15 e 16 anos. A um por um foram perguntando: "Você não acredita que lhe daria maior prazer casar-se com uma virgem?" Um por um, êles caíram na risada. E um por um respondeu: "Que conversa é essa? Existe disso na Suécia?" Qual homem evoluído e moderno exige a virgindade?

O.F. — Tantos, Ingrid, tantos.

A prisão de todos os tabus

I.T. — Sim, tem razão, sim. Quando se fala de certas coisas, referimo-nos sempre às nossas experiências diretas, às pessoas que conhecemos e são esquecidas as demais. A maior parte das mulheres que você conhece são como eu, a maior parte das mulheres que eu conheço são como você. Para nós tudo está bom, mas para cada mulher igual a nós há milhares, centenas de milhares de mulheres recalcadas. Não nos esqueçamos que nos filmes de James Bond, os que agradam hoje, as mulheres não são criaturas humanas, mas objetos de equipamento de um homem. Livres, sexualmente, mas privadas de estima. A maior parte das mulheres deixa-se ficar sob os tabus e não procura saída, não lê jornais, envergonha-se de falar em público e não viaja. Quantas vêzes, viajando de avião, percebo que sou a única mulher em um avião cheio de homens. Para encorajar as mulheres a tomar avião, as linhas nacionais suecas cobram menos para as mulheres do que para os homens. Somos um pouco como os negros, somos vítimas de preconceitos. Há uma grande confusão, uma grande confusão. FIM

Usamos água filtrada

Bom, e daí? Daí que roupa lavada em água filtrada só pode ser roupa mais limpa.

E só Brastemp tem filtro, por onde circula continuamente a água em que está sendo lavada a roupa.

O filtro retém tôda a sujeira e fiapos que se desprendem dos tecidos durante a lavagem, deixando a água sempre limpa.

Não vamos ao exagêro de dizer que é água potável...

Acabada a lavagem retire o filtro.

Viu?

Você vê as impurezas retidas. Isso comprova a eficiência do filtro e sua enorme vantagem.

lavadora

Brastemp

– um orgulho para sempre

© gerem propaganda sp

HA-JA PINGA

A cachaça fabricada no Brasil dá 13 garrafas por ano para cada um de nós. E' a bebida nacional, celebrada em prosa de botequim e verso de cantador.

Da pura, branquinha ou da amarelinha, tratada *com-pau-dentro* ou da temperada, da adoçada ou *sem doce*, da misturada com limão, côco ou caju, quem nunca tomou uma que atire a primeira pedra. A *marvada pinga*, que o diabo tirou da cana, logo depois de Nosso Senhor ter inventado o açúcar, só precisou ser provada para receber o título de bebida nacional brasileira. — "Quem não bebeu não viveu" é a sábia opinião dos mais respeitados bebedores, ouvida todo dia nas sérias reuniões de qualquer botequim dêste País. Mas a frase é velha, pois a cachaça começou junto com o Brasil, nos primeiros engenhos, lá por 1540.

Na época já fêz das suas, a ponto de ser considerada, pelos senhores governadores-gerais e vice-reis, um grave obstáculo para o bom andamento da colônia. Conseguiram até uma provisão régia, de 13 de setembro de 1649, proibindo o uso de aguardente de cana em todo o território do Brasil. Mas ninguém ligou. Com a idade que tem, a pinga sempre serviu para o que serve hoje: esquentar no frio, refrescar no calor, afogar saudade, curar doença ou para suicida tomar com veneno. Possui mais de 120 sinônimos, algumas lendas, vários padroeiros, 20 mil marcas, além de um lugarzinho na História do Brasil.

Texto de José Carlos Marão

TEA-TEIMA

O PRIMEIRO GOLE É DO SANTO

Cachaça, pinga, caninha ou aquela-que-matou-o-guarda, essa certamente é a bebida que mais nomes tem no mundo. Mas também deve ser a única que pode ser pedida sem nome. Chegue alguém em qualquer botequim do Brasil e diga:

— Me dá uma.

Vem pinga, e da boa, que quem pede assim é gente entendida.

Também vem pinga, em qualquer lugar que se pedir tira-teima, chora-menina, suor-de-alambique, martelada, cobertor-de-pobre, mamadeira, imaculada, santinha, pé-de-briga, assina-ponto, forra-peito, leite-de-onça, ou obrigação-de-pobre.

O bebedor desconhecido que chega num botequim tem que ser **pagão** ou **paganini** (conforme a região) pelo menos uma vez, para fazer amizade. Precisa saber convidar: "Vamos empinar o cotovêlo?" Ou então outra fórmula: molhar a goela, ficar em dia, olhar o fundo do copo, matar o bicho, beijar o copo, trocar o óleo, ficar mais leve.

Depois de usar uma dessas frases e pagar algumas vêzes, o nôvo bebedor entra na roda e, se fôr cidade pequena, fica até com cadastro feito no banco. Pois quando alguém pedir informação dêle, os respeitáveis senhores do comércio local vão responder:

— Hómi de muita confiança. Nóis toma pinga no mesmo bar.

Jeitinho de beber

"Entrou, pediu, bebeu, cuspiu, pagou, saiu, voltou, repetiu, tropeçou, caiu, levantou, sumiu." Um letreiro espalhado pelas prateleiras de muitos bares diz que pau-d'água que se preza, senhor da arte de virar o copo, faz assim. Pede a pinga, derrama a dose **do santo,** engole tudo de uma vez, faz cara feia, pigarreia, cospe, paga e muda de bar. Dêsse costume há uma dúvida na cabeça dos pingueiros:

— Afinal, que santo é êsse que bebe tanta pinga?

Para cachaceiros dos mais cuidadosos é Santo Onofre, que na Bahia já foi padroeiro de mulatas que queriam se casar com português. Outros, não menos criteriosos, derramam suas gôtas para São Martinho, São Plácido, São Romano ou São Décio. Há quem prefira como padroeira Santa Joana D'Arc, porque morreu no fogo, ou São Jorge, que matou o bicho. E em Piracicaba, São Paulo, onde se produz muita pinga, João Chiarini, bem conhecido na cidade pelas histórias que conta, jura que ouviu numa loja um caboclo pedir imagem de São Risal.

O bebedor que fica

Quando o cachaceiro não muda de bar está enquadrado em outro tipo, o que **encosta o umbigo no balcão** para contar mentira. Que ninguém duvide nunca de história contada à beira do balcão, pois tudo que ali se diz é **causo verdadeiro.** Tomador de aperitivo que não tem caso para contar não é bom companheiro. Quanto mais fala, e quanto **melhor** sua história, mais bem recebido o bebedor:

— Então, fui na fazenda e tratei o serviço. Fazer 100 buracos no chão pro homem levantar uma cêrca.

E o contador, honrado pau-d'água, marido estremoso e pai dedicado, diz que prometeu entregar os 100 buracos em uma hora. E ficou matutando. Como fazer 100 buracos em uma hora? Aí, passou um tatu. Pegou o bicho, amarrou pelo rabo, e foi enfiando em cada lugar que devia ser esburacado. Saía um buraco a cada meio minuto.

— E o tatu não esquentava?

— Ah, mas de vez em quando eu dava uma cuspida na cara dêle.

Ninguém diz nada e se alguém ousa levantar um olhar de dúvida, o contador encerra, sem admitir réplica:

— Verdade verdadeira.

Cure-se pela cachaça

"Pegue uma raiz de 4 dedos de jurubeba, uma semente da vagem mais alta do pé. Junte com 7 fôlhas de mangueira (que têm de ser cortadas no meio e pisadas na pedra). Ponha raspa de raiz, uma xícara de vinho tinto, meio litro de água serenada e cheiro de limão à vontade. Leve tudo para um canecão de pinga, misture bem e guarde num litro que precisa ser lavado antes. Deixe o litro virado de bôca perto do pote da casa, com ordem para ninguém mexer."

Depois de 4 dias nessa posição, dizem as senhoras mais experientes do interior, não há remédio melhor para aliviar o peito de catarro e curar tosse **braba,** desde que se tome todo dia duas colheres das de sopa, em jejum ao se levantar.

As lendas e tradições populares dizem mais: para reumatismo, nada melhor que pinga com sassafraz ou machucho. Para qualquer tumor, pinga com sucupira. Aguardente com flor de sabugueiro cura resfriado teimoso. Se alguma mulher estiver com problema de **falta-de-tempo** (suspensão de regra), a solução folclórica é cachaça com pau-brasil. Com galho sêco de catingueira ou catuaba é afrodisíaco e "não há velho que não tome".

E "ensina" mais o folclore: pinga com cabeça-de-negro ou com capim buti é um santo remédio para **sangue sujo,** a sífilis. Com laranja é diurético, com carquejo ajuda o estômago, com café evita resfriado, para dor de dente pode ser pura ou com pólvora, aplicada no local.

E para a garganta, pinga com sal, remédio que o Curió, personagem de Jorge Amado, usava sempre quando suas funções de camelô de loja lhe cansavam a garganta. Só que não usava o sal.

Mário de Andrade dizia que pinga com jasmim do campo fazia até com que criança pudesse sair na chuva. Noutras regiões, essa mistura é muito usada para rebentar sarampo de criança. O jasmim do campo, qualquer pessoa do interior de São Paulo ou de Minas sabe, é o cocô de cachorro, que, envelhecido, fica branquinho.

E, para acabar, reza a tradição: a pinga é boa mesmo para curar mordida de cobra. Tem que ser tomada do jeito certo, goles grandes e rápidos, um atrás do outro. Depois de um litro, a mordida não dói mais.

A palavra do bar

Na opinião dos mais capacitados paus d'água do País, é mentira que os donos de bar estimulem a beber mais, com aquêles cartazes na parede, elogiando a pinga. Mas, quando ninguém mais tem um caso para contar, entra em cena o dono, e conta o seu, para segurar a turma.

O proprietário do pequeno botequim de esquina é, muitas vêzes, um pingueiro a mais, que nem se preocupa em esconder o seu copo atrás do balcão.

Preocupa-se muito, isso sim, com o bôlso dos fregueses, que podem ter esquecido a carteira em casa, e coloca coisas assim, na prateleira: "Aqui dentro tem da boa. O freguês que tem dinheiro beberá, com muito gôsto, desta pinga o ano inteiro." Ou outra mais agressiva, que precisa ser lida em voz alta para ser entendida: "**1** bêbado **60** no bar, **70** beber, **100** pagar, **1** guarda lhe diz **20** prender."

Se acaba o dinheiro de alguns, o dono do bar sempre procura achar alguém da turma para ser o **cristo, paganini** ou **pagão** da "penúltima" (a última só na hora da morte). Propõe um joguinho de palitos, e o **perdigueiro** paga a **saideira.**

Todo dono de bar e também muitos bebedores estão contra a letra da **Moda da Pinga,** quando ela diz que "a marvada pinga é que me atrapaia". Que se pergunte nos botequins do interior dêste País, e a resposta, sempre um pouco irônica, vem depressa:

— Me-me-mé reverterê, hómi bão num si atrapaia.

De Deus ou do diabo

Os dedicados bebedores não têm certeza ainda se a pinga foi mesmo feita por Deus ou pelo diabo. A história que mais corre é a de que Jesus Cristo Nosso Senhor, quando andou pelo mundo, descansou uma vez num canavial, "onde as fôlhas lhe deram sombra e a cana lhe matou a sêde". Quando saiu, abençoou à planta: dela ia sair açúcar e rapadura.

O diabo que estava por perto e viu Jesus achou que devia ser um lugar muito gostoso e foi lá tirar uma soneca. Arranhado pelas fôlhas, não gostou e inventou a pinga.

Outros dizem que, numa sêca muito grande, o homem matou um macaco, para regar sua plantação de cana com o sangue do bicho. Não choveu, matou um leão e usou o sangue. Por último, regou com sangue de porco. Por isso é que o homem quando bebe faz macaquice, fica bravo como leão e depois dorme na sarjeta como um porco.

A sabedoria popular, porém, não concorda que cachaça seja do diabo e faça mal; e uma poesia popular, de controvertida autoria, depois de dizer que todos bebem (mulher solteira atrás da porta, casada embaixo da cama) conclui: Bebe o chefe de polícia/ particular escondido/ o padre por mais sabido/toma seu trago na missa/ eu também tive notiça/ ou por outra ouvi dizer/ e tanto que posso crer/ no dizer de certa gente/ que bebendo o presidente/ não é defeito beber.

Cachaça cura cachaça

Mas os cachaceiros reconhecem que a boa pinga faz mal em certos casos:

— Nunca se tome pinga com pepino, pode até matar. Pinga com manga azeda o estômago e pinga com farinha encharca a gente. Sem falar na pinga com melancia, que derruba qualquer um na hora.

O que não convence o cachaceiro é a quadrinha inimiga: Cachorro que morde bode/ mulher que erra uma vez/ homem que bebe cachaça/ não há remédio pros três.

Pois êles acreditam muito nas lendas do folclore e nas receitas de velhas e veneradas curandeiras: se fôr só uma bebedeira, uns pingos de limão no ouvido do paciente deixam o homem completamente sóbrio.

E se é para acabar com o vício de uma vez cachaça se cura assim: mistura-se na pinga do beberrão 3 gôtas de sangue de urubu, ou um pouco de terra de cova de anjinho, ou bucho de baiacu, ou fel de paca, minhoca, bicho de cana torrado e até cavalo marinho, que êle deixará de beber. Em todos êsses remédios, o paciente não pode saber o que está bebendo, senão quebra o encanto. Enterrar no cemitério uma garrafa de que o viciado tenha bebido também é muito bom remédio, porque enterra o vício.

Porém, o remédio mais seguro é outro. O povo garante que beberrão que tomar pinga misturada com areia de cemitério, uma pena torrada de urubu e um pouco de cocô de galinha, tudo de uma vez e sem saber o que é, nunca mais vai querer ver cachaça na vida.

A corrida do nome

Quem tiver na cabeça um bom nome para pinga (de santo e de bicho não, que não sobrou nenhum) corra a registrar, antes que outro o faça. No dia seguinte ao do Lunik ter pousado na Lua, entraram no serviço de marcas e patentes, logo de manhã, cinco pedidos de registro da marca Lunik, para pinga. Quando a música **Calhambeque** ganhou pela primeira vez nas paradas de sucesso, a corrida foi a mesma.

Existem hoje no Brasil 20 mil marcas de pinga. Entre elas a Atitude, a Peituda, a Vergonha, a Chora na Rampa, a Providência, a Velhaca, a Amansa Côrno, a Manda Brasa. Outra, a Zero Quilômetro, teve seu nome aprovado, mas o rótulo não: era uma môça vestida de noiva, com um velocímetro na mão. A pinga **De Cabeça**

SEGUE

Para Baixo foi aprovada, registrada e vendida por muito tempo na Bahia. Depois perceberam e proibiram: virando a garrafa de cabeça para baixo, o desenho do rótulo (uma môça de copo na mão) transformava-se numa figura obscena.

Os engarrafadores de pinga têm o cuidado de alegrar os seus fregueses com rótulos divertidos. A caninha **De Pulá** tem na etiquêta uma briga de bar. A **Segrêdo da Cana** tem um macaco perto de uma plantação bebendo pinga de canudinho. A pinga BB (**beber,** seria a intenção do nome) tem o desenho de uma loura, que devia ser Brigitte Bardot. Quando a bebida tem nome de bicho, peixe ou ave, o rótulo mostra o animal, em geral mal desenhado mas engraçado.

A velha aguardente

Ninguém sabe quem inventou o processo de destilar aguardente. Para uns foram os árabes, para outros o alquimista catalão Arnaldo de Vilanova, que obteve de algumas frutas um líquido muito bom para curar a peste, no século XIV. Mas o remédio virou vício e a Igreja o perseguiu, como invenção do diabo.

Não se sabe quem teve a idéia de destilar caldo de cana no Brasil, mas foi uma idéia de sucesso: a produção estimada, em 1965, foi de 300 milhões de litros. Que representam 300 doses por ano para cada brasileiro maior de idade. Nossa pinga atinge 20% da produção nacional de bebidas alcoólicas e já foi exportada para a Itália, Antilhas Britânicas e Alemanha.

As marcas mais vendidas são **Tatuzinho** e **3 Fazendas.** Disputando o terceiro lugar estão **Oncinha, Cavalinho e Caquira. A Pitu,** pinga mais famosa do Norte, vem em sexto.

Quem quiser fabricar pinga agora não pode apenas comprar equipamento e começar a trabalhar. Tem de comprar a concessão de algum velho alambique, pois o Instituto do Açúcar e do Álcool não dá mais licenças novas. O comprador pode "ampliar as instalações" à vontade.

A boa bebida

Dizem que a boa pinga se vê pelo **colar,** aquelas bolinhas de ar formadas no gargalo quando se sacode a garrafa. Mas muito cuidado: é só misturar uma pouco de amoníaco em pinga ruim que ela faz colar mais bonito que as outras.

A boa pinga se faz da destilação do caldo de cana fermentado, que se chama **vinho de cana,** e deve ser logo levada ao alambique, para se evitar a evaporação do álcool. Da destilação saem 3 tipos de pinga: da

CUIDADO: O COLAR PODE SER FALSO

cabeça, do **coração** e do **rabo.** A da cabeça contém pouco álcool, mas é rica em substâncias que dão gôsto. A do coração é aquela que se bebe. E a da cauda só tem óleo e tóxicos.

Na hora que sai do alambique, a pinga tem gôsto de álcool. Para ficar cheirosa e amarelinha, da côr de ouro velho, deve ser envelhecida em madeira, pelo menos por um ano. O tonel de madeira pode ser de bálsamo, araruva, carvalho ou vinhático. Segundo mandam os cachaceiros, a pinga tratada (envelhecida) deve ser bebida pura, saboreada e nunca ser usada em batida.

Outra maneira de **tratar** a pinga é colocar dentro a madeira que vai dar o aroma. São mais usadas o sassafraz, sucupira e carquejo, que deixam a cachaça amarga.

A pinga misturada e fervida também se usa. O **quentão,** bebida oficial das festas de junho, é a mais comum nessa classe. Nêle entram, fundamentalmente, gengibre e açúcar, que se misturam na pinga para depois ferver. Mas a folclorista Jamile Japur, num trabalho sôbre cozinha tradicional, recolheu, em fazendas do Vale do Paraíba e do Tietê, 8 maneiras diferentes de fazer quentão, onde até laranja azêda entra como ingrediente.

A **rosa-sol** — pinga, erva-doce, canela em pau e cravos, com calda grossa de açúcar — e a **canelinha,** pinga com canela em pó, gengibre e açúcar, bem fervida, também são bebidas típicas das festas de São João.

Na festa e no entêrro

A cachaça está em tôda reunião de gente brasileira. Faz parte ativa de qualquer ritual de terreiro. Entra nos despachos, nos candomblés, nas escolas de samba do Rio.

Estêve também na Revolução de 32. Os paulistas justificavam derrotas dizendo que a turma do Getúlio bebia pinga com pólvora.

A pinga tem até importante participação nos **guardamentos,** nome que no interior se dá aos velórios. Sem ela "quase ninguém aguenta guardar um morto até a hora do entêrro".

A pinga ganhou o carinho do Brasil. É reverenciada como remédio, como companhia, como amiga. E o folclore já deixou até a oração dos cachaceiros, recolhida em cartazes de bar:

"Santa cana que está na roça, aguardente sem mistura, venha a nós o vosso líquido, prá ser bebido à nossa vontade, assim no boteco como em qualquer lugar. O garrafão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai as vêzes que bebemos menos, assim como perdoamos o mal que ela nos faz, não nos deixeis cair atordoados, livrai-nos da rádio-patrulha, amém."

Pinga muito batida

Eis aqui 6 batidas, feitas com uma pinga só: a branquinha, nova, que não tenha um ano de tonel e seja forte de 21 graus, no mínimo. Não basta misturar, é preciso bater muito, na coqueteleira, apesar de batida não ser coquetel. Sejam os copos sempre gelados, os sucos de frutas muito frescos, o açúcar refinado e o gêlo de bolinhas. Batida não se faz nunca de véspera. É para beber na hora.

1 — Amendoim.
Da pasta de amendoim,
que vem nos potes,
uma colherona.
Ou, para quem
preferir,
uma paçoquinha,
bem doce.
Uma dose de pinga.
Uma colherinha
de leite de côco,
que suaviza,
e uma maiorzinha
de leite condensado,
que dispensa
o açúcar.
Liquidificador
e coador,
indispensáveis.
Meia hora
de geladeira, sim.
Misturar gêlo, nunca.

2 — Caju.
Uma dose de suco
de caju. Cachaça,
só meia dose,
com 6 gôtas de rum
e algumas de gim,
para dar gôsto.
Uma colherinha
de açúcar
e o gêlo, moído.
Bate, bate.
A castanha de caju,
torrada,
acompanha bem.

3 — Tomate.
É uma dose só
de pinga
para duas de suco
de tomate,
com 3 gôtas de suco
de limão,
para agradar,
e 3 pingos de môlho
inglês,
para requintar.
Bater com gêlo,
que deve
ser retirado antes
de se temperar
com sal e pimenta.

4 — Côco.
Uma colher grande
de côco ralado,
uma colherinha
de açúcar.
Duas doses de
cachaça, gêlo
picado à vontade.
O liquidificador
deve ser usado,
por um minuto,
até vir a espuma.
Uns pedacinhos
de côco
maduro vão bem,
dentro do copo.
Para quem preferir,
em vez do ralado,
duas colheres
de leite de côco.

5 — Maracujá.
Tanto de pinga, como
de suco de
maracujá
concentrado,
uma dose. Outro
tanto de água
mineral e gêlo
sem moer.
Depois de bater,
tirar o gêlo
e servir
com canudinho.

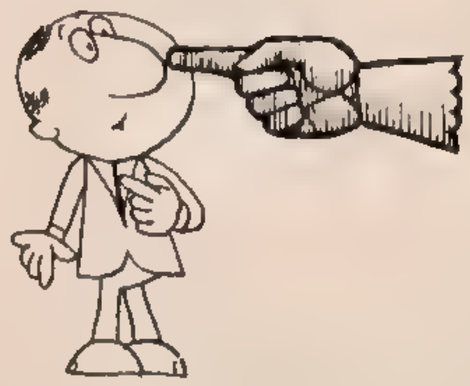
6 — Caipirinha.
Em fatias no fundo
do copo,
um limão inteiro,
se fôr pequeno,
metade
se grande, mas
sempre galego.
Açúcar,
duas colherinhas.
E o segrêdo:
amassar bem,
com um cabo
de madeira
ou colher de pau.
Colher de metal
nunca entra.
Uma dose de pinga,
e gêlo
para quem quiser.
Mexer
sempre com madeira
E colocar mais pinga,
até encher o copo.

FIM

Impôsto de renda no Brasil já foi questão de opinião. Alguns até pagavam. Agora, porém, as coisas mudaram e o fisco está à sua espera até o dia 29 de abril. Só há uma saída: apresente uma declaração correta, deduza o máximo e pague o mínimo, pois o Govêrno quer saber, exatamente,

O QUE VOCÊ TEM A DECLARAR

Quem deve pagar?



Quem mora nó Brasil, e tem renda líquida anual superior a 1,5 milhão de cruzeiros, é obrigado a pagar o impôsto de renda. Homem, mulher, casado, solteiro, velho, môço, brasileiro, estrangeiro, de qualquer profissão. Até 1964, professôres e jornalistas não pagavam impôsto de renda, mas o privilégio foi abolido.

Paga-se sôbre tudo que se ganha?

Não, o impôsto é cobrado apenas sôbre a renda líquida anual. **Renda líquida** quer dizer todo o dinheiro ganho pelo cidadão durante o ano menos os abatimentos e deduções permitidos pela lei.

Como se calcula a renda líquida?

O primeiro passo é saber o que se pode deduzir.

No impresso da declaração, o dinheiro ganho **(rendimento bruto)** é classificado em 8 divisões (cédulas) de **A** a **H.** A fim de estabelecer o rendimento líquido de cada cédula, a lei prevê como necessárias certas despesas. E autoriza que essas despesas sejam abatidas do **rendimento bruto,** nas cédulas correspondentes. Por exemplo: da cédula **C,** em que se classificam os rendimentos do trabalho assalariado, são permitidas as seguintes deduções: 1) as contribuições para os IAPs ou outros fundos de beneficência; 2) o impôsto sindical e outras contribuições para o respectivo sindicato: 3) as contribuições para associações científicas e o dinheiro gasto com livros, revistas e jornais técnicos, ou com o aluguel ou compra de objetos indispensáveis ao desempenho de funções técnicas; 4) certos gastos pessoais de viagens; 5) as diárias e ajudas de custo recebidas; 6) as despesas de representação; 7) o dinheiro da compra de uniformes exigidos pelo trabalho, quando não fornecidos pelo empregador; 8) as diferenças de caixa e as perdas pagas por empregados que trabalham com valores; 9) os juros de amortizações dos empréstimos feitos pelo assalariado para pagar a sua educação, treinamento ou aperfeiçoamento; 10) as despesas com ação judicial necessária ao recebimento de rendimentos, quando não indenizadas.

Feitas as deduções das cédulas, ficam estabelecidos os **rendimentos líquidos** de cada uma. A soma dêsses **rendimentos líquidos** forma — o nome é êste mesmo — a renda **bruta.** Para obter a renda **líquida** é então imprescindível um segundo passo: proceder aos abatimentos da **renda bruta** permitidos pela lei.

Dessa renda, pode-se abater inicialmente: 1) os juros de dívidas pessoais, menos os já incluídos nas deduções das cédulas; 2) os prêmios de seguros de vida e de acidentes pessoais; 3) as perdas extraordinárias, decorrentes de casos fortuitos (roubo, revolução, enchentes etc.); 4) as contribuições feitas a instituições filantrópicas e de cultura; 5) os gastos com prospeção de jazidas minerais; 6) as despesas com instrução; 7) os prêmios de estímulo à produção intelectual e bôlsas de estudo; 8) incentivos fiscais; por exemplo, 20% do dinheiro aplicado na compra de

Desenhos de Hamilton de Souza

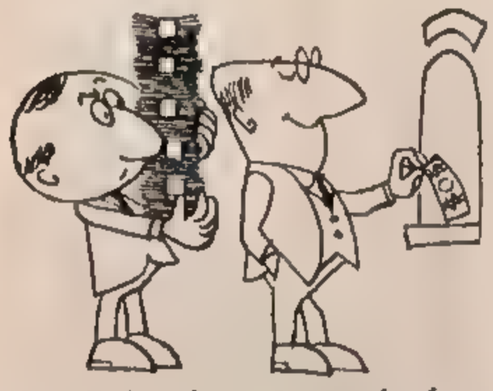
títulos do Tesouro Nacional; 15% do aplicado na compra de ações de sociedades anônimas de capital aberto ou de letras no Banco Nacional de Habitação, ou ainda a importância integral investida no Nordeste ou na Amazônia.

A soma de todos êsses abatimentos não pode passar de 50% da **renda bruta.**

Sem limite podem ainda ser abatidos, desde que comprovados, os pagamentos feitos a médicos, dentistas e hospitais, e os encargos de família. São encargos de família além do cônjuge: 1) os filhos menores ou inválidos e os maiores até 24 anos de idade que estejam cursando escola superior, sejam filhos legítimos, ligitimados, naturais reconhecidos ou adotivos; 2) os menores de 21 anos, pobres, que o cidadão comprovadamente crie e eduque, embora não tenha adotado, ou maiores até 24 anos de idade, nas mesmas condições, que estejam cursando escola superior; 3) as filhas solteiras, viúvas sem arrimo e as abandonadas, sem recursos, pelo marido; 4) os descendentes, menores ou inválidos, sem arrimo dos pais; 5) os ascendentes, os irmãos e irmãs, incapacitados para o trabalho. Para cada um dêsses dependentes, e o cônjuge, a lei autoriza o abatimento anual de 750 mil cruzeiros.

Depois dos abatimentos e deduções chega-se a um total. Dêsse total se despreza fração inferior a 1.000 cruzeiros. O resultado é a **renda líquida.**

Todos pagam a mesma coisa?



Não. O impôsto de renda é cobrado de acôrdo com taxas percentuais, chamadas alíquotas. Existe uma taxa para cada classe de renda; quanto maior a renda, maior é a taxa do impôsto.

Em 1966, o impôsto será cobrado de acôrdo com as seguintes taxas percentuais, ou alíquotas:

Classe de renda líquida em milhares de cruzeiros				alíquota
Até			1.500	isento
Entre	1.501	e	1.800	3%
Entre	1.801	e	2.400	5%
Entre	2.401	e	3.300	8%
Entre	3.301	e	4.800	12%
Entre	4.801	e	6.600	16%
Entre	6.601	e	9.000	20%
Entre	9.001	e	12.000	25%
Entre	12.001	e	18.000	30%
Entre	18.001	e	24.000	35%
Entre	24.001	e	36.000	40%
Entre	36.001	e	48.000	45%
Acima de	48.001			50%

Quanto pagar, então?

O Departamento do Impôsto de Renda, para facilitar o cálculo, preparou a seguinte tabela:

Tabela para o cálculo prático do Impôsto das pessoas físicas

classes de renda líquida em milhares de cruzeiros				taxas multiplicadoras	dedução
Até			1.500	—	—
De	1.501	a	1.800	3,3	49.500
De	1.801	a	2.400	5,5	89.100
De	2.401	a	3.300	8,8	168.300
De	3.301	a	4.800	13,2	313.500
De	4.801	a	6.600	17,6	524.700
De	6.601	a	9.000	22,0	815.100
De	9.001	a	12.000	27,5	1.310.100
De	12.001	a	18.000	33,0	1.970.100
De	18.001	a	24.000	38,5	2.960.100
De	24.001	a	36.000	44,0	4.280.100
De	36.001	a	48.000	49,5	6.260.100
Acima de			48.001	55,0	8.900.100

*) As taxas multiplicadoras correspondem às alíquotas, mais 10%, adicional criado pela lei 4.863, de novembro de 1965.

Calcular o impôsto por esta tabela é fácil.

Localizada a renda líquida na faixa respectiva das classes de renda (primeira coluna), multiplica-se a renda líquida pela taxa correspondente à sua faixa (segunda coluna).

Divide-se o resultado por 100. Dêsse resultado diminui-se a quantia indicada na terceira coluna. O resultado final é o impôsto a ser pago.

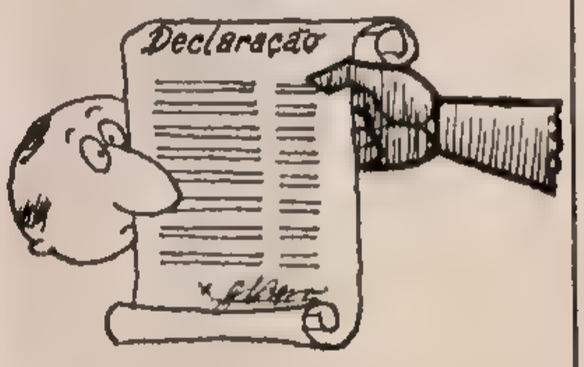
Por exemplo: a renda líquida de João da Silva foi de Cr$ 4.800.700 em 1965. Desprezada a fração (700), multiplica-se 4.800.000 por 13,2. Obtém-se o total de..... 63.360.000, que, dividido por 100, dá 633.600. Subtraindo-se 313.500, dêsse resultado, encontra-se o impôsto a ser pago: Cr$ ... 320.100.

Como pagar menos?

Existe alguma forma de pagar legalmente o menos possível? Existe. É suficiente lembrar que o impôsto se cobra sôbre a renda líquida e não sôbre a renda bruta ou sôbre os rendimentos brutos.

Sendo assim, o meio legal de pagar o mínimo possível é reduzir ao mínimo a renda líquida. Para tanto é preciso fazer cuidadosamente as deduções nas cédulas e não esquecer nenhum abatimento possível da renda bruta. Isto exige uma declaração de renda feita com tôda precisão. Guardar notas e recibos é também um hábito indispensável. Quem perseverar até o fim, pagará menos no ano seguinte. E já que o jeito é pagar, por que não pagar menos?

Todos têm que declarar?



Em princípio, sim. Há casos, porém, em que os que pagam impôsto mediante desconto na fonte são dispensados da obrigação de declarar.

Há duas formas de pagamento: o pagamento do impôsto pelo próprio contribuinte e o desconto do impôsto na fonte pagadora do rendimento. A hipótese mais comum de impôsto descontado na fonte é relativa aos rendimentos do trabalho assalariado. Nessa hipótese, o contribuinte fica desobrigado de apresentar declaração se recebeu, durante o ano anterior, rendimentos exclusivamente do trabalho assalariado em importância global até Cr$ 7.560.000. Se o cidadão receber, juntamente com os do trabalho assalariado, rendimentos de outra natureza, ainda assim estará dispensado de apresentar declaração, desde que a importância global ganha não passe dos Cr$ 7.560.000 e a parcela dos rendimentos de outra natureza não exceda a 3% dos rendimentos do trabalho assalariado. Em compensação, se êle recebeu apenas rendimentos do trabalho assalariado, porém pagos por mais de uma fonte, será obrigado a apresentar declaração quando a soma dos seus rendimentos brutos, durante o ano, ultrapassar Cr$ 1.500.000. Mas ainda neste caso ficará desobrigada de apresentar declaração se tiver sofrido, em qualquer das fontes, o desconto do impôsto.

Fora dessas hipóteses, todo contribuinte tem que fazer a declaração. E convém que apresentem declaração mesmo os que não estão obrigados a fazê-lo, pois pode acontecer que, na fonte, tenha sido descontado mais do que deveriam pagar de acôrdo com sua **renda líquida anual,** e só comprovando êsse resultado negativo por meio da declaração é que estarão habilitados a requerer a devolução do excesso.

Como fazer a declaração?

O formulário necessário se encontra à venda nas livrarias e papelarias. Nêle se encontram numerosas instruções e esclarecimentos; com atenção e cuidado, o trabalho de preenchê-lo pode ser concluído sem maior dificuldade. O essencial é que se disponha dos dados necessários.

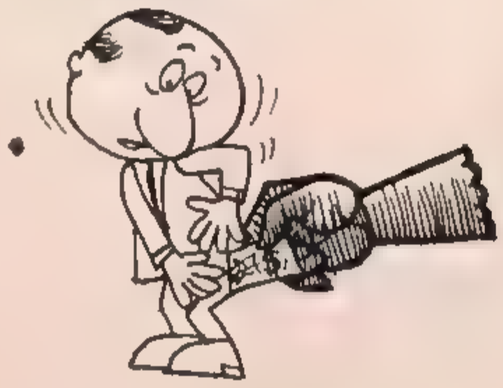
Preenchido, o formulário deve ser entregue nas repartições do Departamento do Impôsto de Renda. Se o contribuinte mora em cidade do interior onde não exista repartição lançadora do impôsto, pode enviar sua declaração pelo correio: deve fazê-lo, porém, por meio de carta registrada.

Quando a declaração deve ser feita?

As declarações de rendimentos devem ser apresentadas de janeiro até o último dia útil de abril, que êste ano é o dia 29. Ao contribuinte que apresenta sua declaração e efetua o pagamento integral do impôsto, é concedido desconto de 8%, se o pagamento é efetuado em janeiro; 6%, se efetuado em fevereiro; 4%, se efetuado em março; 2%, se efetuado em abril.

SEGUE

Quando se deve pagar?

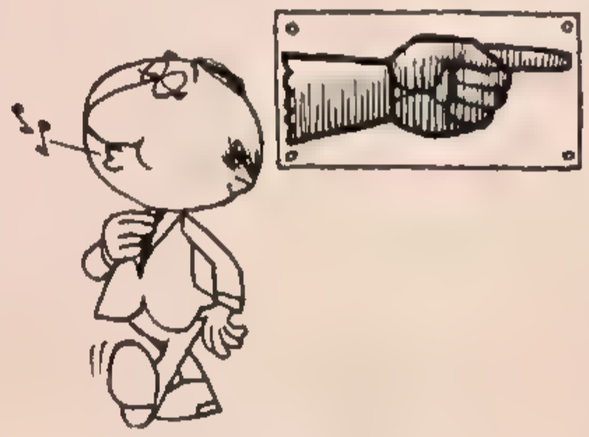


Aos que pagam por meio de declaração anual, o impôsto é cobrado sôbre os rendimentos do ano anterior. Mas para os que são descontados na fonte, o impôsto é cobrado à medida que os rendimentos vão sendo recebidos. Na hipótese do impôsto de renda sôbre salários, por exemplo, o impôsto é descontado mensalmente, ficando a fonte pagadora obrigada a recolher, no mês seguinte, o impôsto retido.

Quem paga por meio de declaração anual recebe um aviso-recibo, que fixa o prazo do pagamento. Se a importância a ser paga é igual ou inferior a Cr$ 21 mil, o impôsto deve ser pago de uma só vez e na data prevista no aviso. Se ultrapassa Cr$ 21 mil, o impôsto é desdobrado em parcelas de prestações iguais, num máximo de 8, e nunca inferiores a Cr$ 10.500. As prestações e as datas de vencimento vêm indicadas no aviso-recibo.

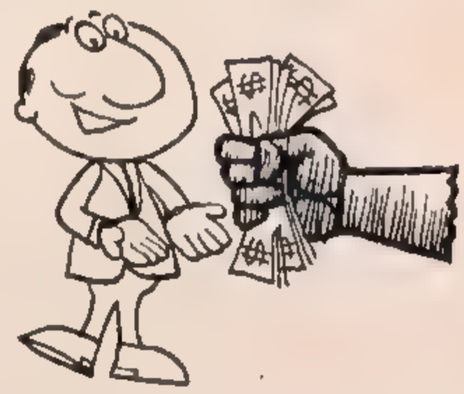
É importante cumprir os prazos sob pena de se expor, entre outras penalidades, a juros de mora, e, na hipótese de prestação vencida que não é paga até o vencimento da seguinte, à obrigação de pagar de uma só vez a dívida global.

Onde se pode pagar?



O impôsto de renda pode ser pago ou nas repartições federais arrecadadoras de impostos ou nos bancos especialmente autorizados pelo Banco Central.

Se pagar a mais, o Govêrno devolve?



É possível que, ao invés de receber, o Govêrno tenha de pagar?

Sim, é possível. Ou porque o impôsto foi lançado a mais do que o devido, e o contribuinte, obrigado a recolher, pleiteia em seguida a retificação do lançamento e a devolução do excesso indevidamente pago; ou porque o impôsto descontado na fonte, em confronto com a declaração de rendimentos feita no ano seguinte, apresenta resultado negativo. Em ambos os casos, o contribuinte pode solicitar a restituição do excesso, mediante requerimento formulado por êle próprio ou por seu procurador, juntando a declaração de rendimentos.

Mas o Govêrno devolverá mes-

mo? Orlando Travancas, diretor do Departamento do Impôsto de Renda, garante que sim — e no máximo dentro de 6 meses.

Há quem pague muito?

Sim. Em 1965, 10 pessoas pagaram, cada uma, mais de 100 milhões de cruzeiros de impôsto de renda; duas pagaram mais de 200 milhões. E a Volkswagen ganhou o título de maior emprêsa contribuinte do País com 12 bilhões de cruzeiros. Outras 10 firmas pagaram quantias superiores a 5 bilhões.

Em contraposição, os sonegadores não são poucos. Segundo o Departamento do Impôsto de Renda, existem 4 milhões de pessoas no Brasil que estão na faixa de contribuição obrigatória. Mas sòmente 2,5 milhões (cêrca de meio milhão faz declaração e 2 milhões pagam na fonte) estão contribuindo efetivamente. Aritmética: há 1,5 milhão de sonegadores. Pelos elementos de que dispõe o Departamento do Impôsto de Renda — produto nacional bruto, número de automóveis, viagens ao exterior — calcula-se que a sonegação do impôsto de renda em 1965 tenha chegado perto dos 500 bilhões de cruzeiros, pouco menos da metade da arrecadação total.

E se não pagar, o que acontece?

Primeiro, há as penalidades legais. Hoje elas vão desde as multas com correção monetária até temporadas na cadeia.

Mas de nada adiantariam essas sanções legais sem um eficiente e seguro aparelho de fiscalização e contrôle. É êsse aparelho que o Departamento do Impôsto de Renda está procurando criar. Com processamento eletrônico de dados. Com a criação do Registro das Pessoas Físicas e seu número cadastral para cada contribuinte. Com a Lei de Ostentação e de Sonegação que permite a tributação pelos sinais exteriores de riqueza. Com as novas penalidades para os agentes fiscais que não cumprirem rigorosamente seus deveres.

Restaurantes, bares e farmácias que vinham apresentando declarações irrisórias vão ficar sob o ôlho dos computadores eletrônicos. Êstes permitirão realizar o levantamento das compras de mercadorias, impostos, contas de gás e fôrça, aluguéis, fôlhas de pagamento. Assim, com muitos cálculos em poucos segundos, se poderá fàcilmente caracterizar a sonegação.

Não haverá mais lugar nem mesmo para os que tinham o hábito muito legal e rendoso de não sonegar, mas atrasar. No ritmo disparado da inflação, o negócio era ir adiando o pagamento das dívidas, inclusive as do impôsto de renda. Agora, com a correção monetária, atrasar não é mais vantagem.

Afinal de contas, vale a pena pagar?

Vale. Antes de mais nada, porque é melhor ser bom pagador que pagar com multas pesadas, correção monetária e ainda por cima ameaça de cadeia.

Vale, além disso, porque quanto maior a arrecadação, menor o espaço de tempo necessário para contarmos com estradas, escolas, hospitais e hidrelétricas.

Vale ainda porque, pagando o impôsto de renda, cumprindo seu dever, o brasileiro terá condições de exigir o seu direito — até hoje pouco exercido — de opinar e criticar, de sugerir e fiscalizar.

Mas vale, sobretudo, porque quando todos pagarem, quando aquêle milhão e meio de sonegadores fôr recuperado, a arrecadação aumentará — e os impostos poderão ser reduzidos. FIM

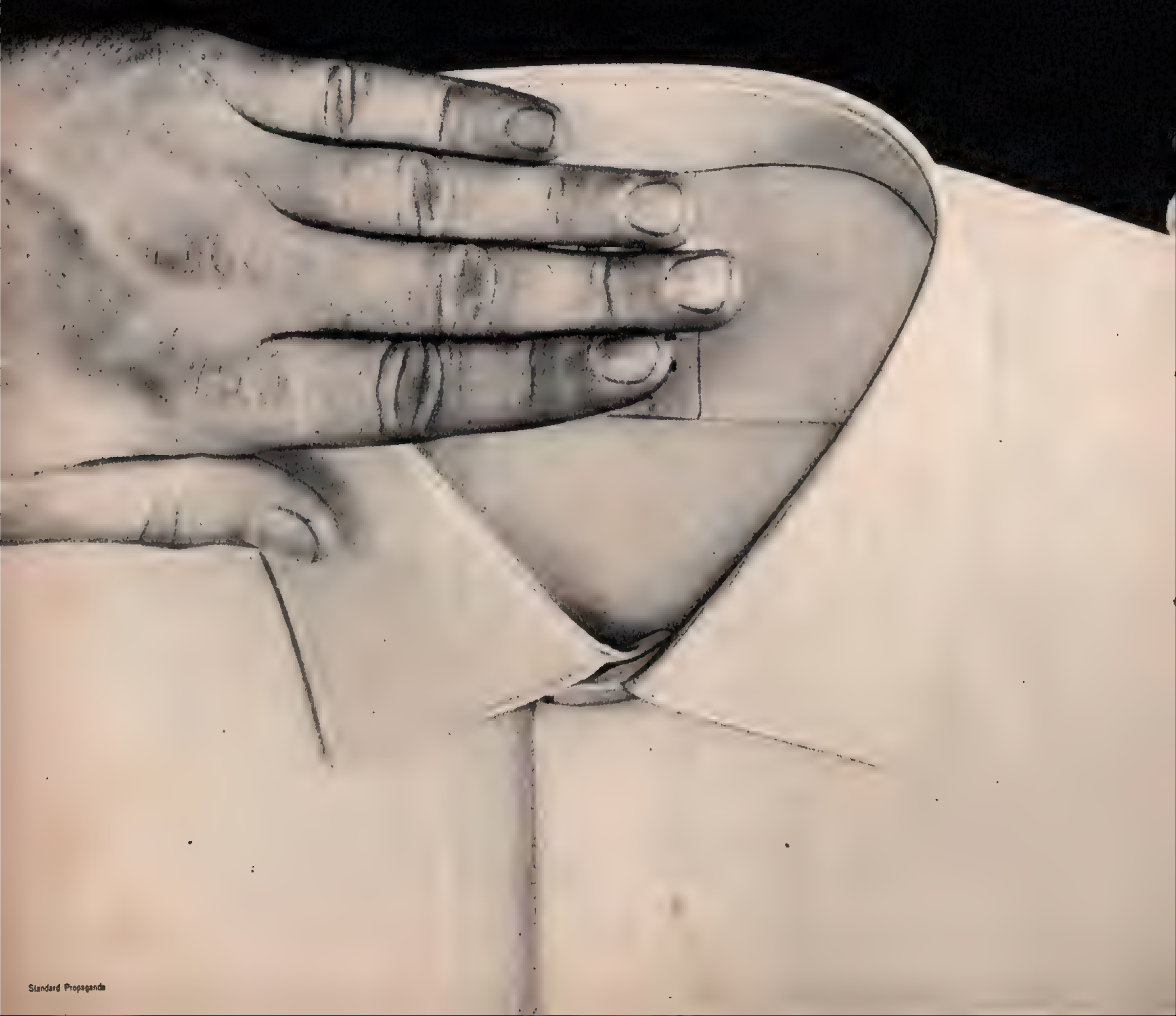
flamatic
exclusivo de
WALLIG
O FOGÃO

Escolha uma das bôcas e gire o botão indicado. Viu? O queimador acende, sem fósforos nem eletricidade. É a vantagem do Flamatic, acendimento automático.

Conheça quanta coisa boa - e exclusiva - Wallig lhe reserva. Flamatic, Grelha Integral, Tampo Bandeja, entre outras. Tudo somado à beleza de linhas, côres e acabamento.

COMPRE WALLIG E VEJA O QUE É FOGÃO

É Volta ao Mundo? Parece.

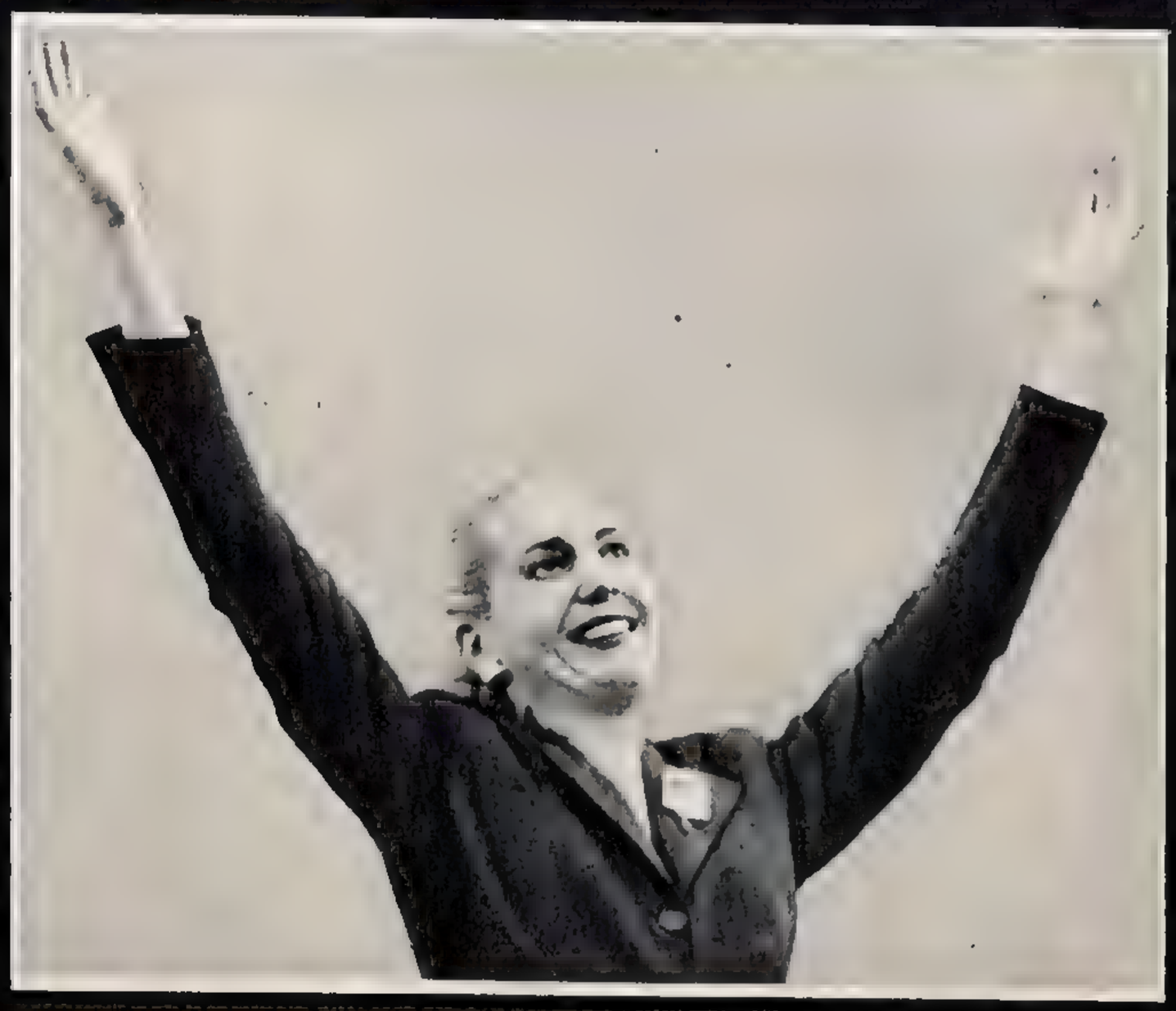


É Volta ao Mundo? Certamente!

Como saber que está adquirindo a legítima camisa Volta ao Mundo Valisère? Exija a etiquêta! V. levará dois segundos para identificá-la - mas receberá o melhor pelo seu dinheiro!

Valisère

antissèpticamente pura, graças ao processo Sanitized.



O cadáver de Evita foi embalsamado. E depois desapareceu. Agora

— Os senhores estão loucos! O professor Pedro Ara estava indignado:

— Como pretendem que aceite desde já o encargo de embalsamá-la se ainda anda, ainda respira? É absurdo querer contratar meus serviços: ela está viva. Procurem-me quando ela tiver deixado de existir.

Dizendo isso, Ara abriu a porta e despachou os emissários de Peron.

O professor estava diante do caso mais estranho de sua longa carreira: aceitar antecipadamente à responsabilidade de embalsamar o corpo da mulher do presidente da República Argentina.

No dia 1.º de maio de 1952, algum tempo depois da conversa entre os emissários do presidente e o professor Ara, Eva Peron apareceu no balcão da Casa Rosada, la fazer seu último discurso. O general Peron a sustentava pela cintura. Eva tinha os membros endurecidos, a bôca crispada e todo o corpo febril. Tomara 3 injeções para se manter de pé, mas o câncer a consumia. Ao deixar o balcão, sob os aplausos do povo, tinha 40 graus de febre.

Quase 3 meses depois, em 26 de julho, uma sombra de tragédia cobriu a Argentina, quando Eva Peron **entrou para a imortalidade**, no dizer da imprensa oficial. Passada meia hora do falecimento, um personagem ativo e nervoso trabalhava o cadáver; o professor Pedro Ara.

Durante várias semanas, o processo de embalsamamento se resumiu à imersão do corpo em diferentes substâncias, a temperaturas especiais, que o iam desidratando. Para aplicar seu método, o cientista limitou-se a fazer dois cortes no corpo: um na orelha direita, outro no pé esquerdo.

Numa fria tarde de outubro, Peron visitou o professor Ara. Quase desfaleceu ao ver o corpo de sua mulher pendurado no teto, com os braços em cruz. Passado algum tempo procurou novamente o professor. Mas não conseguiu olhar para o cadáver. E não voltou nunca mais.

Após um ano de trabalho, o embalsamamento entrou na etapa final. E o corpo de Eva Peron foi guardado na CGT — Confederação Geral do Trabalho — transformado numa boneca do tamanho de uma menina de 12 anos, já que tanto a doença como os banhos posteriores à morte, haviam encolhido todo o seu corpo. A polícia interna da CGT montava guarda ao caixão.

Um cadáver coberto apenas por um lençol

Ainda que o embalsamamento tenha terminado em 1953, Ara periòdicamente dava um retoque no cadáver para prevenir a mínima deterioração. Assim foi até setembro de 1955, quando Peron caiu.

— Esse corpo deve receber sepultamento cristão, disse o católico presidente Edoardo Lonardi assim que assumiu o govêrno. Ele via o perigo da idolatria pagã que os peronistas devotavam a Evita.

Exilado precipitadamente, Peron não tardou a fazer uso do valor político do cadáver: despachou um telegrama ao jornal **El Lider**, de Buenos Aires, em que transferia ao presidente da **Comissão pró-recuperação dos restos mortais de Eva Peron** todos os direitos sôbre o corpo.

— Nos tempos de Lonardi — recorda hoje o capitão Francisco Manrique, que foi secretário-geral da Presidência no govêrno de Aramburu — houve acôrdo de gabinete para que se sepultasse Eva Peron. Posteriormente, Lonardi renunciou, e o corpo continuou na CGT. Eu o vi — continua o capitão — estendido sôbre a mesa forrada de veludo azul, apenas coberto por um lençol. Tudo me parecia muito sem pudor. Eva estava maquilada irreverentemente, parecendo um manequim.

Em 13 de novembro, com a renúncia de Lonardi, Aramburu e Rojas assumiram o poder. O tenente-coronel Koenig passou à chefia do Serviço de Informações do Exército. Era Koenig que guardava oficialmente o corpo de Evita durante o govêrno de Lonardi. Com Aramburu, êle continuou mantendo o incômodo encargo.

A situação começou a se agravar. Oficiais da Marinha propunham que o cadáver desaparecesse de uma vez por tôdas. O govêrno mudara de orientação passando a perseguir violentamente os peronistas; a resistência operária crescia e a temperatura política subia perigosamente.

— O corpo podia ser profanado ou servir como bandeira para uma guerra civil — diz Koenig — e por isso cheguei a uma conclusão: tinha que retirá-lo depressa do CGT, que já estava nas mãos da Marinha.

De armas em punho, oficiais tomam o corpo de Evita

Na noite de 22 de dezembro de 1955, a tensão ameaçou chegar a uma explosão. Koenig, então, reuniu-se com 3 oficiais do Exército. Nessa mesma noite, o edifício da Central Operária estava sob a guarda de 10 marinheiros comandados por um capitão.

Às 22 horas, um caminhão do Exército se aproximou lentamente da porta do prédio

ONDE ESTÁ O CORPO DE EVA PERON?

Após 13 anos, revela-se a incrível história do seu destino final.

da CGT. Dirigia-o o capitão Rodolfo Frascoli. Em seu interior, silenciosos, viajavam Koenig, o major Arandia e o capitão Arroso. Todos em trajes civis. Empunhando metralhadoras, os 4 saltaram do caminhão e entraram no prédio.

— Cumprimos ordens do govêrno provisório — disse Koenig.

Os marinheiros, surpresos, abriram caminho.

O grupo chegou ao salão onde estava Evita. Dependuradas por todo o teto, brilhavam as 8 mil fitas com letras douradas das coroas oferecidas a Eva Peron. Antes de levar o cadáver, Koenig explicou:

— Vamos retirar o corpo de Evita para dar-lhe sepultamento cristão. Êste não é um ato político. Queremos evitar atropelos, profanação ou violências. Agimos com todo o respeito que merece um morto, seja quem fôr.

Frascoli, o que vinha dirigindo o caminhão, cobriu o pequeno corpo com um sudário. O rosário presenteado pelo Papa Pio XII cobria as brancas mãos cruzadas de Evita.

E o caixão foi carregado para o caminhão.

Essa **operação-comando** realizada pelo Exército foi feita por determinação do presidente Aramburu.

Mario Amadeo, um dos homens que participaram daquela reunião de gabinete em que a equipe do então presidente Lonardi decidiu dar sepultamento cristão a Eva Peron, disse que a decisão era entregar o corpo a Juana Ibarguren de Duarte, mãe de Evita. Dias depois, porém, caiu o govêrno e tudo mudou. O próprio Koenig afirma que a intenção oficial era enterrar o cadáver e não fazê-lo desaparecer. A incerteza sôbre o destino do corpo começava e haveria de prolongar-se por vários anos.

O caminhão guiado por Rodolfo Frascoli chegou depressa ao Regimento de Infantaria da Marinha. O sonolento oficial de guarda deu passagem ao veículo. Já era madrugada e, na saída, procurando não expor o rosto, Koenig disse:

— Amanhã viremos buscar o caminhão.

O oficial de guarda não perguntou nada. O mais difícil havia passado.

O corpo entra num jôgo de esconde-esconde

Durante os 20 dias seguintes, o cadáver estêve em vários lugares. Tratava-se de evitar, com essas transferências, que os peronistas localizassem o corpo de Eva Peron.

Cada vez que a situação política piorava, o cadáver mudava de lugar, para evitar problemas. Por último, o caixão foi parar na sede central do Serviço de Informações do Exército. Depositaram-no no quarto andar, junto a dois caixotes, diante do escritório de Koenig, o chefe. Sôbre o caixão de Evita, um papel dizia: **Peças de rádio.** Só quatro oficiais sabiam seu verdadeiro conteúdo.

Em fevereiro de 1956, Koenig estêve 5 dias no Chile, enviado por Aramburu. Sua missão era obter da mãe de Eva Peron uma autorização que permitisse ao govêrno dispor do corpo de sua filha. Isso para ter uma contrapartida legal ao fato de Peron ter confiado, do exílio, a guarda do corpo à **Comissão pró-recuperação dos restos mortais de Eva Peron.** Com a autorização de Juana Ibarguren Duarte, o govêrno prevenia uma possível exploração do corpo de Evita.

Juana concordou. Passados dois meses, Arminia Duarte, irmã de Eva, voltava a Buenos Aires; o govêrno levantara a interdição dos bens da família Duarte. Era a compensação pela colaboração dada pela mãe de Eva.

Nessa ocasião, Arminia foi à estância dos Duarte, em Monte, perto da capital, e isso levantou a suspeita de que, sob nome falso, Eva estaria enterrada ali. Mais tarde, alguns camponeses contaram ter visto um grupo de militares enterrando um volume estranho em terras da estância. As mesmas testemunhas disseram, dias depois, que um outro grupo, agora de civis, desenterrara do mesmo lugar um caixão. Mas que estava vazio.

Nos primeiros dias de junho de 1956, um fato modificou tôda a situação. Inesperadamente, o tenente-coronel Koenig foi destituído de seu cargo e prêso, por ordem do comandante-chefe do Exército. Coincidentemente, foram também presos dois grandes colaboradores de Koenig: os oficiais de Informações Frascoli e Arandia. A imprensa explicou que isso se deveu a **problemas disciplinares internos.**

Em 9 de junho ocorreu um levante peronista que terminou com o fuzilamento dos conspiradores; a temperatura política voltou a elevar-se e o problema do cadáver de Eva Peron se converteu numa brasa.

Ao mesmo tempo, o Serviço de Informações do Exército ganhou nôvo chefe, o coronel Mario Cabanillas. Sua primeira providência foi percorrer tôdas as instalações do prédio. No depósito do 4.º andar, notou um caixão de dimensões diferentes das dos outros ali depositados. A curiosidade o levou a descobrir, em presença de outros oficiais, o corpo embalsamado de Eva Peron.

— O coronel Cabanillas ficou aterrorizado — comentou um militar — e começou

PARA A EUROPA

OS MAIS MODERNOS AVIÕES A JATO SÔBRE O ATLÂNTICO SUL

Faça como a maioria. Vá a Londres pela BRITISH UNITED - a mais avançada frota aérea da Europa. Desfrute da tradicional cortesia britânica e participe da alegria triunfal de viajar pelo VC 10, o jato comercial mais moderno que se conhece, equipado com possantes motores Rolls-Royce, o que lhe dá suavidade excepcional.

Esteja certo de aproveitar sua estada em Londres e lembre-se que a BRITISH UNITED oferece conexões com tôdas as principais capitais da Europa.

E a partir do momento em que você entrar no VC 10 estarão à sua espera três etapas de prazer a viagem, a visita às cidades européias que você deseja conhecer e, depois... bem, depois a satisfação renovada na viagem de volta pelo VC 10 da BRITISH UNITED

Passageiros de São Paulo serão transportados para o Rio em vôo especial pelos "Dart Herald" da Sadia

BRITISH UNITED

Consulte seu Agente de Viagens ou nossos escritórios - Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 251-B · Tel.: 42-4046; São Paulo: Rua São Luiz, 258 Lojas 32/33 - Tels.: 33-7715 e 37-5788

NEM PERON SABE A VERDADE

o êrro de notificar seu achado de forma oficial, quando tudo havia sido uma manobra secreta.

Êste acontecimento obrigou o govêrno a procurar uma solução definitiva para o caso.

Existe um jôgo que provém da Idade Média: pratica-se com 4 meias casacas de noz e um grão-de-bico. Enquanto o **mágico** movimenta as cascas com incrível habilidade manual, o espectador trata de adivinhar debaixo de qual delas está o grão-de-bico. Na realidade, o grão permanece oculto na mão do **mágico** durante boa parte do tempo. O espectador fica, em determinado momento, absolutamente convencido de que o grão-de-bico se encontra debaixo de uma das cascas. Tem a certeza de havê-lo visto e, todavia, se engana.

Algo parecido aconteceu à medida em que se investigava o caso do desaparecimento do corpo de Eva Peron. Numerosas pessoas asseguravam ter sido testemunhas de cenas significativas. E inclusive estavam dispostas a provar sua participação no entêrro.

— Eu participei do entêrro de Evita — foi uma frase repetida várias vêzes.

As pistas se dividem: Bélgica, Alemanha, Itália

Para que surgisse a supreendente revelação final, foi preciso examinar cuidadosamente tôdas as pistas, e segui-las até o fim.

Em 1957, o subchefe do Serviço de Informações do Exército, coronel Gustavo Ortiz, e um major viajaram para a Europa em **missão secreta.** Levavam 3 envelopes lacrados cujo conteúdo era de **vital importância:** iam tentar conseguir na Bélgica, Alemanha e Itália a entrada do caixão com os restos mortais da espôsa de Peron. O então embaixador argentino na Alemanha Ocidental, despachou para Buenos Aires uma mensagem onde dizia:

— Não obedecerei às instruções. Não participarei do sinistro plano até que o ordene minha Chancelaria.

Na Bélgica também ocorreu um incidente: o embaixador argentino negou-se a colaborar. Na Itália, não houve o alarma dos casos anteriores, mas também não houve acôrdo. Os enviados do Serviço de Informações do Exército tentaram levar **um** cadáver a **três** países da Europa.

Mas as **evidências** não acabam aí. Até fins de 1957, um navio de guerra estêve ancorado na zona sul do pôrto de Buenos Aires. Os estivadores estranharam quando 3 caixotes de madeira muito semelhantes a caixões de defunto, foram carregados para bordo. Um oficial da Marinha que acredita saber a verdade, disse que "enviaram 3 caixões à Europa e, de fato, um dêles continha o cadáver de Eva."

Incinerado, dissolvido em ácido ou enterrado?

Durante muitos anos, a imprensa do mundo inteiro insistiu em investigar o caso. A última informação, de outubro de 1965, assegura que um enviado especial de **France Soir** conhecia o destino final do corpo de Eva Peron. Sua versão era de que o cadáver fôra enterrado em Roma, por um diplomata.

Até êste ponto, parecia provável que Eva Peron estava sepultada na Itália, havia muitas provas a êsse respeito e as peças do quebra-cabeças se encaixavam quase com perfeição. Surgiram, porém, novas pistas. Desconcertantes testemunhas garantiam que o corpo de Eva Peron havia sido enterrado muito perto de Buenos Aires. Outras falavam que o cadáver estava no Chile. E outras ainda no Uruguai.

Diego Luís Molinari, que foi ministro peronista, estêve certa ocasião com o Papa João XXIII e perguntou-lhe se havia conhecido Peron. Com um sorriso, o Papa respondeu: "Êle não, mas ela sim". E revelou seu interêsse pelo destino final dos restos mortais da mulher do ditador. Quando Molinari disse que não sabia, um auxiliar do Papa interveio:

— Como! Não o enterraram na Ilha de Martin Garcia? O Santo Padre se ocupou em averiguá-lo e sempre obteve essa resposta.

Não só João XXIII teve como certa essa versão. Blanca Duarte, outra irmã de Eva Peron, assegura que Arturo Frondizi lhe confessou o lugar onde haviam enterrado o corpo: a Ilha de Martin Garcia. Mas ficou claro que as provas a êsse respeito eram tão boas quanto as que existiam a propósito do entêrro na Europa.

Outra versão explosiva surgiu quando um membro do movimento peronista feminino contou uma história acontecida em 1964. Mulher alta, morena e muito atraente, ela foi encarregada de investigar o paradeiro do corpo de Evita. Seu relatório deixa poucas dúvidas quanto à autenticidade.

— Minhas companheiras haviam encontrado um oficial da Marinha, que segundo tudo indicava, sabia onde haviam enterrado Evita. Minha tarefa foi conseguir que êsse oficial me confiasse a verdade. Eu o vi durante um ano, até que aparecesse uma boa ocasião para lhe perguntar o que haviam feito com os restos de Eva. Êle respondeu: "Queimamos o corpo na Escola de Mecânica e atiramos as cinzas ao Rio da Prata".

Suspeitou-se que o testemunho dessa agente peronista fôsse uma fantasia. Acabou mesmo sendo ignorado, mas coincidia fortemente com fontes vinculadas à Marinha de Guerra.

Assim, até que a verdade aparecesse, 3 grandes possibilidades predominavam: a do entêrro na Europa, a da Ilha de Martin Garcia e a da incineração. As provas se acumulavam por igual nestas 3 pistas. Mas havia muitas centenas de indícios isolados, versões que suge-

SEGUE

A última foto de Eva Peron, já à morte.

25 CAIXÕES PARA ENTERRAR EVITA

riam desenlaces completamente diferentes.

Um grupo da juventude peronista afirma ter entrevistado Arturo Frondizi, para perguntar-lhe onde estava o cadáver de Evita.

— Queimaram-no com ácido — teria respondido o ex-presidente — e os restos foram sepultados na Europa.

Um diplomata chileno estava disposto a provar. que Eva Peron havia sido sepultada no Chile. Para certos setôres do Exército, aparentemente bem informados, o corpo está enterrado na estância La Primavera ou em Buenos Aires, no jazigo dos Duarte, onde fôra colocado um misterioso caixão de tamanho correspondente ao corpo de uma menina.

Quanto aos responsáveis pela desaparição do cadáver, existia confusão semelhante. Testemunhas autorizadas garantiam que o general Cabanillas, quando chefe do Serviço de Informações do Exército, teria em seu poder uma pasta com tôda a documentação sôbre o caso.

Outras fontes preferiam dirigir sua atenção para o capitão Francisco Manrique. Em fins de 1956, êsse oficial teria recebido de Aramburu a ordem de resolver o problema.

Consta que até o presidente Frondizi deu 3 versões diferentes do enigma. As 3 de boa fé, porque na realidade, nem Frondizi, nem Aramburu, nem nenhum outro presidente argentino foi informado do destino do cadáver de Eva Peron. Sabiam sòmente que havia sido sepultado. No Congresso circulou a idéia de interrogar o Poder Executivo sôbre a questão. Mas tampouco os legisladores sabem a verdade. Nem o próprio Peron tem noção exata do lugar onde foi enterrado o corpo de Eva.

A conclusão aparente é de que Eva Peron foi enterrada muitas vêzes. Um grande número de pessoas acredita ter assistido ao entêrro. Mas tôdas são vítimas de um lôgro. Pois os documentos e depoimentos recolhidos em Buenos Aires, Paris, Roma, Nova Iorque, Montevidéu e Santiago provam: existiu uma gigantesca manobra que enganou o mundo durante 10 anos. Um grupo de 4 homens criou, deliberadamente, uma série de pistas falsas para esconder o verdadeiro destino do corpo de Eva Peron. E só êles sabiam a verdade.

Quatro homens, um cadáver, muitos caixões: segrêdo total

Em janeiro de 1957, o presidente Aramburu selecionou 4 homens de sua inteira confiança. Dois oficiais do Exército, um oficial da Marinha, e um padre católico. Em seu gabinete, Aramburu deu ao grupo instruções precisas:

— Vocês 4 deverão resolver o destino final dos restos de Eva Peron. O govêrno deseja solucionar de uma vez por tôdas êste problema e acabar com uma tensão que prejudica nossa estabilidade política. Existem dois requisitos importantes: que essa mulher receba sepultura cristã, e que absolutamente ninguém saiba do lugar onde fôr enterrada. Não contem nada, nem mesmo a mim.

Os 4 acataram a ordem. Começaram alugando um apartamento para reunir-se em segrêdo e procurar uma solução. No fim de fevereiro, depois de 4 noites, surgiram duas possibilidades. A primeira era combatida pelo sacerdote: incinerar os restos de Eva Peron. A segunda parecia perigosa: jogar o caixão ao mar. Foi então que conceberam a idéia que dominaria todo o plano: a **Operação-Noz.** Foram confeccionados 25 caixões de 1 metro e 25 centímetros de comprimento. Enquanto isso, no mais absoluto segrêdo, 25 figuras políticas de diferentes tendências eram convocacadas separadamente. A cada uma se deu a missão de enterrar os supostos restos mortais de Eva Peron, de forma reservadíssima, sem deixar vestígios e por seus próprios meios. Nenhum dêsses 25 convocados suspeitava que existiam os outros 24. Entre fevereiro e março de 1957, Eva Peron foi **enterrada** 25 vêzes, por homens que — apesar de haverem jurado segrêdo — foram deixando pistas.

Durante êsses primeiros meses de 1957, os 4 homens que traçaram o plano espalharam uma onda de rumores por todo o país. Os jornalistas vigiavam navios, revistavam cemitérios, perseguiam personagens militares para arrancar-lhes uma só palavra que servisse de pista. Às vêzes, conseguiam encontrar o rastro de algum dos 25 enterradores, afundando-se em caminhos que não levavam a nada.

A confusa cortina de fumaça estava criada e, ao terminar o mês de março de 1957, o quarteto responsável partiu para a ação final.

De madrugada, numa camioneta azul que se dirigiu ao cais do rio Tigre, viajavam os 3 militares, o padre e um pequeno caixão que continha — realmente — o corpo de Eva Peron: o mesmo embalsamado por Pedro Ara, o mesmo que foi exibido na CGT, o mesmo que a imprensa, investigadores particulares e comandos militares buscaram durante anos. Ia debaixo de uma lona e sôbre ela se acumulavam apetrechos de pesca.

O Clube Náutico de San Isidro estava deserto às 4 da manhã. O silencioso quarteto levou suas varas e anzóis para um iate amarrado perto do prédio central do clube. O oficial da Marinha havia pedido o barco emprestado a um amigo para uma "pescaria". Quando o iate partiu, já alguns reflexos de luz mostravam o horizonte plano do rio.

Na hora em que o sol se levantou sôbre a superfície do rio Tigre, iluminando o iate de elegantes linhas, mostrou 3 homens em posição de sentido, na coberta do barco.

Depois de alguns minutos, pela escada que dava aos camarotes, surgia a figura do sacerdote. O caixão estava sôbre uma tábua que servia de improvisada prancha de deslizamento. Em meio ao silêncio dos outros 3, o padre oficializou a cerimônia. Depois do **amém** final, o caixão escorregou pela borda do iate, bateu na água com um estalo, flutuou alguns instantes e afundou lentamente. A sonda indicava naquele ponto do rio 25 metros de profundidade.

O presidente Aramburu conserva, certamente, uma mensagem lacônica, num papel sem timbre, datada de abril de 1957: **Cumprimos nosso dever.** FIM

A Argentina chorou, mas Evita jamais foi sepultada, apesar dos seus 25 caixões.

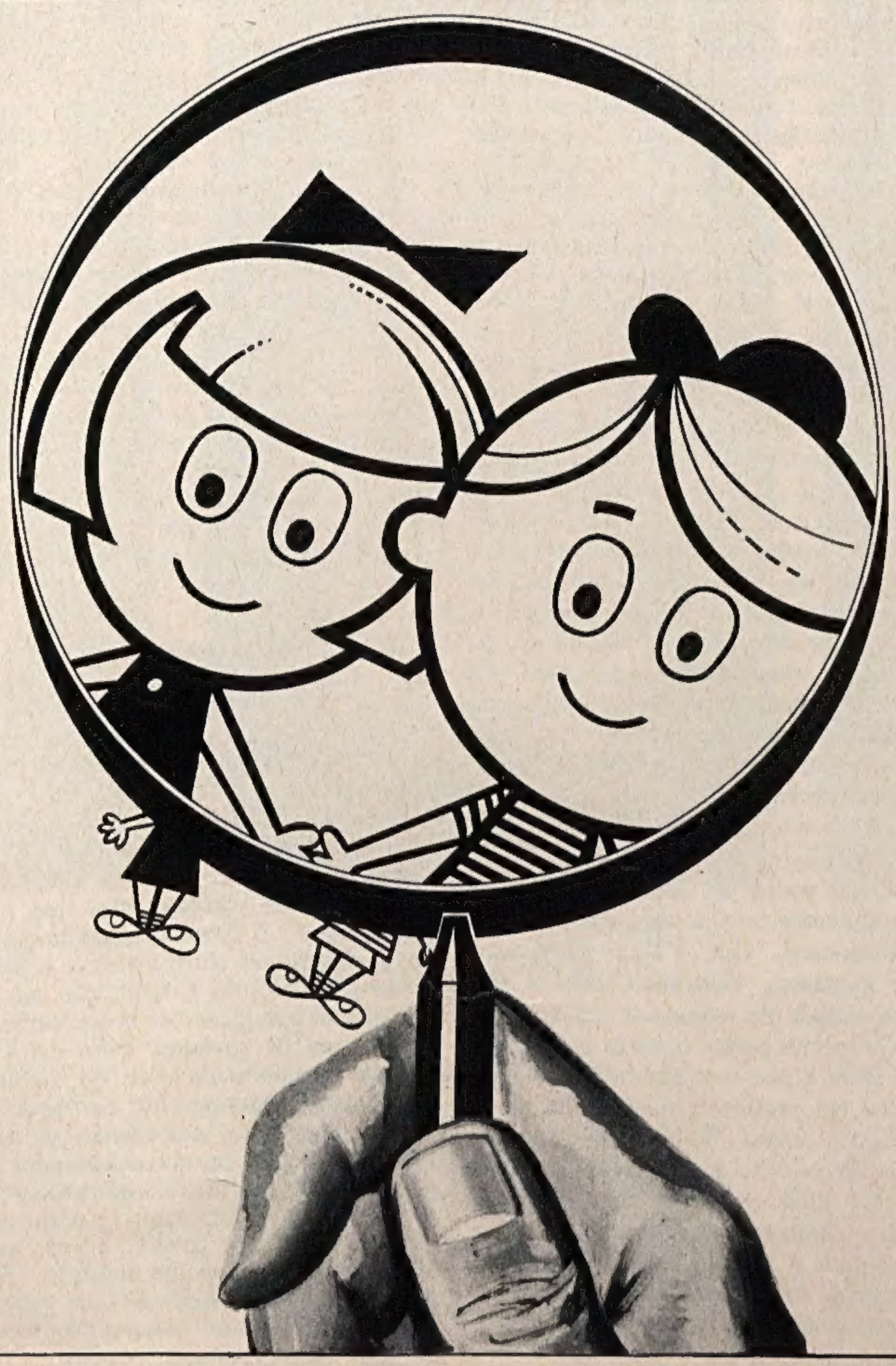
quem nos conhece, conhece bem

Dia a dia, graças as muitas estações retransmissoras que se fazem construir por êste Brasil a fora, nossa imagem vai mais longe. E aonde vai, vai bem, muito melhor, com nitidez. É assim que a programação, campeã de audiência, da TV Excelsior Rio-S.Paulo, é sucesso aqui e lá longe. Estamos dispostos a ir sempre em frente. Com o apôio, o prestigio e a simpatia dos telespectadores, nos municiamos para um futuro brilhante.

TELEVISÃO EXCELSIOR CANAL 9

COBERTURA TV EXCELSIOR - SÃO PAULO

TV excelsior - canal 9 - são paulo TV vila rica - canal 7 - belo horizonte TV excelsior - canal 2 - rio de janeiro
TV triângulo - canal 8 - uberlândia TV gaucha - canal 12 - pôrto alegre



TVT

ESTA ÚLTIMA PÁGINA É DE DEBATE. AQUI, RESPONDENDO AOS LEITORES, PERSONALIDADES ENTRAM EM CHOQUE, DISCUTINDO PROBLEMAS NACIONAIS.

ELEIÇÕES INDIRETAS SÃO DEMOCRÁTICAS?

NÃO

Deputado
Vieira de Melo

Em tese, sim. Nos regimes parlamentaristas (Inglaterra, França, Itália etc.), a democracia convive perfeitamente com o sufrágio indireto, isto porque, sendo o executivo, sob tal sistema, uma mera projeção do legislativo, que é realmente quem governa, através de um gabinete da sua confiança, não há por que convocar o povo para a eleição do chefe de estado. O eleitorado traça sua orientação na escolha dos seus representantes no parlamento. Nas repúblicas presidencialistas (tipo Estados Unidos), como a nossa, o voto indireto desfigura por inteiro o regime. É que, nas repúblicas presidencialistas, quem governa, de fato, é o presidente e, nestas condições, para ser legítimo, seu poder, ou superpoder, há de emanar diretamente do povo. No caso brasileiro, particularmente na conjuntura atual, a eleição do primeiro mandatário da Nação pelo Congresso representa apenas uma tentativa para mascarar a imposição ditatorial dos que tomaram o poder pela fôrça e nêle prentedem continuar. E aí vão as razões. Ainda que distorcendo a forma republicana e presidencialista de govêrno, o Congresso Nacional (Câmara e Senado reunidos conjuntamente), para eleger um presidente da República, teria, necessàriamente, de: 1 — Ter sido eleito pelo povo com aquela atribuição específica e depois de tomar conhecimento prévio dos candidatos ao pôsto, de suas idéias e de seus programas, de modo a funcionar, como nos Estados Unidos, como colégio eleitoral do presidente, de tal modo que o eleitor, ao votar num senador ou num deputado, tivesse amplo conhecimento de sua posição em relação aos candidatos; 2 — Ter ampla, irrestrita, inconteste liberdade de escolha entre os eventuais postulantes do cargo, o que é totalmente impossível quando o corpo votante está sob ameaça de cassações de mandatos e suspensão de direitos políticos, que podem ser adotadas pelo atual presidente da República, independentemente de acusação, defesa, prova e julgamento (atos institucionais). Ora, o atual Congresso, além de envelhecido (fim de mandato), violentado, com a sua constituição inicial alterada em virtude de cassações, debilitado e oprimido, foi eleito para legislar e não eleger o chefe da Nação. Não tem autenticidade, não é atual e não tem autoridade. Nestas condições, vai fingir que escolhe um presidente quando, na realidade, apenas cumpre, indefeso, uma ordem. Se houvesse boa fé e lisura por parte dos que "estão defendendo a democracia", cuidariam êles de eleger um Congresso atual, consciente da conjuntura nacional, e lhe restituiriam, com a eliminação das ameaças, a liberdade de escolha. Assim, confrontada a tese com a realidade brasileira, direi que a eleição indireta, sob as condições apontadas, não se compatibiliza com a democracia, antes liquida o pensamento democrático brasileiro.

SIM

Ministro
Juraci Magalhães

A eleição indireta dêste ou daquêle mandatário está perfeitamente de acôrdo com o princípio da delegação de poderes, desde que tal eleição seja procedida por representantes do povo. A controvérsia que hoje se prentende sustentar no Brasil sôbre a compatibilidade do regime democrático com as eleições indiretas tem contra si o fato de, aparentemente, desconhecer ou esquecer que a caracterização de um regime não depende apenas da forma de escolha dos seus agentes mas também da autenticidade da fonte e dos beneficiários da autoridade exercida. Para que um regime seja democrático é tão indispensável que o govêrno seja exercido pelo povo quanto que o govêrno seja do povo e a êle sirva. E não é absolutamente necessário que todos os mandatários populares sejam escolhidos diretamente. Afirmo, pois, haver perfeita compatibilidade entre o regime democrático e as eleições indiretas. E não tenho a menor dúvida de que a delegação de poderes aos representantes do povo, consagrada pelo Ato Institucional n.º 2, é a que mais se ajusta à presente realidade nacional e a que melhor assegurará ao Brasil a manutenção do govêrno do povo, para o povo e pelo povo.

Deputado
Raimundo Padilha

Numa fase de transição revolucionária, esta pergunta seria o mesmo que se inquirir sôbre se a revolução foi constitucional ou não. O povo vota indiretamente durante 4 anos na Câmara dos Deputados e também vota indiretamente no Senado. Não há originalidade alguma na eleição indireta de um chefe de Estado, ou seja, pelos representantes que o povo elegeu. A êstes foram outorgados poderes mais altos, inclusive o de reformar a própria Constituição menos quanto à mudança da nossa forma republicana de govêrno. Fora daí é extenso o âmbito de ação do legislador ordinário, que pode se transformar, legìtimamente, em legislador constituinte. Não se conceberia, entretanto, uma Câmara ou um Senado auto-eleito ou auto-reeleito, hipótese em que o legislador ultrapassaria o prazo do próprio mandato que lhe foi outorgado pelo povo. Portanto, duas condições apenas se impõem ao parlamento, quais sejam a de que não altere o sistema de govêrno e a de que não ultrapasse o prazo do mandato que o povo lhe outorgou. Esta não é uma posição política, mas uma convicção de bom senso, inspirada no senso comum, pois é perfeitamente possível obter com a eleição indireta a legitimação da manifestação popular.

1 Bastante gêlo no copo

2 Chá Tender Leaf quente, duplamente forte

3 E acabou-se o calor

Chá Tender Leaf

Mais um produto de qualidade F&R Fleischmann-Royal

Produtos Alimenticios
Fleischmann e Royal Ltda

Premiado: chá prêto brasileiro de exportação

não queima

As superfícies metálicas mais polidas, quando examinadas ao microscópio, apresentam picos e vales. E quando o motor de seu carro está em funcionamento, há um forte atrito entre êsses picos microscópicos das superfícies metálicas. Durante frações de segundos, a temperatura nesses picos alcança até 1.000 graus centígrados. E o lubrificante comum, que só resiste até 287 graus, queima.
Ao queimar-se, não só produz carvões (que são abrasivos) como deixa de lubrificar. E o atrito dá-se então a sêco. É isto que provoca o desgaste. Atualmente a única forma de você proteger o seu carro com uma película lubrificante que resista até 800 graus é aditivar o óleo do cárter com VELOZ HP. Isto mesmo: até 800 graus!

É a mais alta proteção existente no mercado. Tôda a faixa de desproteção que fica entre 287 e 800 graus, deixada pelos lubrificantes comuns, é assumida pelo super-aditivo VELOZ HP. Falemos com franqueza: ainda não existe o lubrificante capaz de resistir a 1.000 graus, o que tornaria virtualmente eterno o motor do seu carro, visto que eliminaria totalmente as consequências do atrito. (Mas no dia que existir, êsse lubrificante absoluto será produzido por VELOZ HP, que conta com os laboratórios de pesquisa da Gedol, a maior organização européia em super lubrificantes.)
O que existe é VELOZ HP, que vai até 800 graus. É o que resiste mais. E por isso protege mais. Aditive o óleo do cárter com VELOZ HP — uma nova proteção para o seu carro!

VELOZ HP®
O SUPER ADITIVO
MAIS COMPLETO NO MUNDO

Reclam

IMPR. S.A.I.B. — SÃO PAULO